

Versão aprovada pelo Comitê de Integração de Planos de Manejo em
14/05/2024

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CAJATI

PLANO DE MANEJO

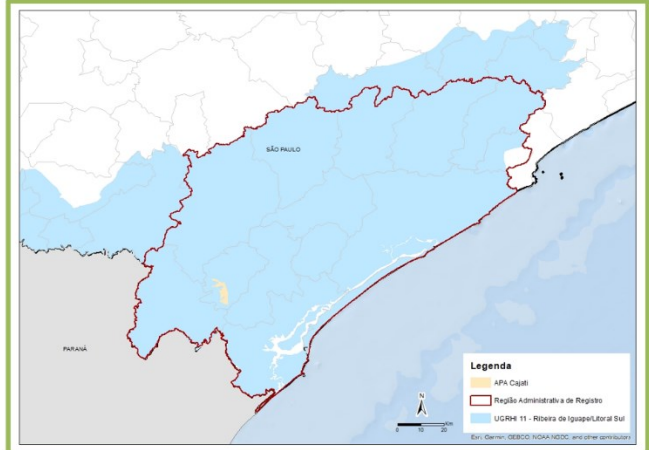




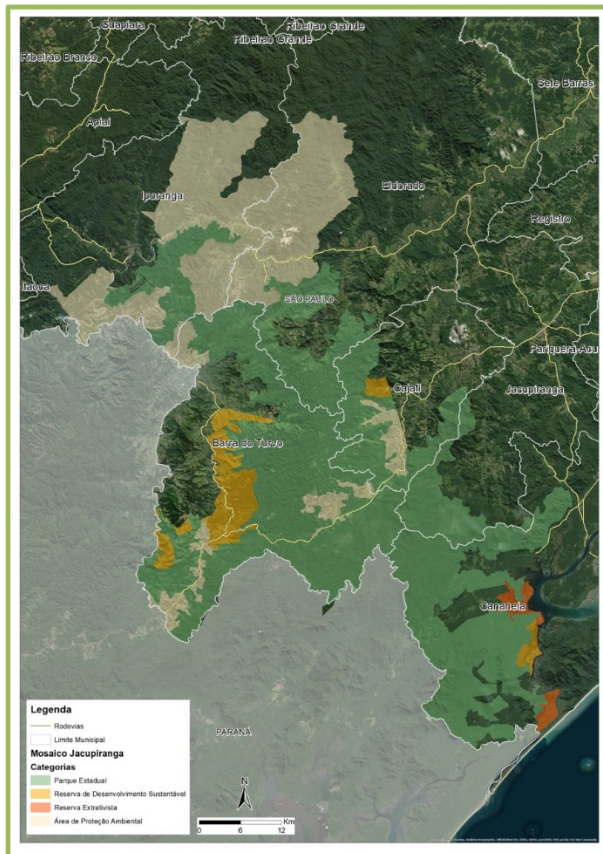
FUNDAÇÃO FLORESTAL

Área de Proteção Ambiental de Cajati

Grupo da UC	Categoria da UC	Localização Organizacional
Uso Sustentável	Área de Proteção Ambiental	Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo Fundação Florestal Diretoria Litoral Sul, Vale do Ribeira e Alto Paranapanema



Área da UC	Municípios abrangidos	Região Administrativa	Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRHI)	Acesso à Unidade de Conservação
2.975,71 hectares	Cajati	Região Administrativa de Registro	11 - Ribeira de Iguape/Litoral Sul	Rodovia Regis Bittencourt, km 506 ao 517



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA
FUNDAÇÃO FLORESTAL

PLANO DE MANEJO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL CAJATÍ

1ª Edição

São Paulo, xxxxx de 202x.

**INSERIR FICHA CATALOGRÁFICA
APÓS REGISTRO**



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Tarcísio Gomes de Freitas

**SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE,
INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA**
Natália Resende

SUBSECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
Jônatas Souza da Trindade

Fundação Florestal

PRESIDENTE
Mario Mantovani

DIRETORIA EXECUTIVA
Rodrigo Levkovicz

DIRETORIA LITORAL SUL
Danilo Angelucci de Amorim

**GERÊNCIA REGIONAL DO VALE DO RIBEIRA E ALTO DO
PARANAPANEMA**
Donizetti Barbosa

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CAJATI
Domingos Aparecido de Oliveira

NÚCLEO PLANOS DE MANEJO
Fernanda Lemes de Santana

CRÉDITOS¹
CARACTERIZAÇÃO
INFORMAÇÕES GERAIS DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO
ATOS NORMATIVOS, GESTÃO, INFRAESTRUTURAS, ATIVIDADES PROMOVIDAS PELA UC.
<p>Adriana de Arruda Bueno, FF Aleph Bönecker da Palma, FF César Juliano dos Santos Alves, FF Danilo Angelucci de Amorim, FF Domingos Aparecido de Oliveira, Gestor da UC/FF Fernanda Lemes de Santana, coordenação NPM/FF Lucas Guedes de Azevedo, FF Suellen França de Oliveira Lima, FF Tatiana Yamauchi Ashino, FF</p>
ASPECTOS FUNDIÁRIOS
<p>Tatiana Vieira Bressan, coordenação NRF/FF Ana Carolina Palumbo Rodrigues, FF Jorge Luiz Vargas Iembo, FF Maria Aparecida Candido Salles Resende, FF Vivian Tiemi Sugano, FF</p>
MEIO BIÓTICO
VEGETAÇÃO
<p>Adriana de Arruda Bueno, FF Mônica Pavão, IPA Marcos Nalon, IPA (conectividade estrutural)</p>
FAUNA
<p>Alexsander Zamorano Antunes, IPA Cybele de Oliveira Araujo, IPA Gláucia Cortez Ramos de Paula, IPA Marina Mitsue Kanashiro, IPA</p>
MEIO FÍSICO
GEOLOGIA

¹ Os órgãos indicados são aqueles em que os técnicos estão alocados no momento da presente edição. Os nomes sem indicação da instituição são colaboradores que atualmente não compõem os quadros de técnicos, pesquisadores e estagiários do Sistema Ambiental Paulista.

GEOMORFOLOGIA
Alethea Ernandes Martins Sallun, IPA William Sallun Filho, IPA
RECURSOS HÍDRICOS SUPERFICIAIS
Processo FF 1036/2018 (NIS2113675). Contratação de Serviços de Apoio Técnico para Elaboração dos Planos de Manejo das Unidades de Conservação de Proteção Integral que compõe o Mosaico do Jacupiranga. Sistematização: Adriana de Arruda Bueno, FF; Tatiana Yamauchi Ashino, FF
RECURSOS HÍDRICOS SUBTERRÂNEOS
Mara Akie Iritani, IPA Marta Teresa Deucher, IPA
PEDOLOGIA e FRAGILIDADE DOS SOLOS À EROSÃO
Marcio Rossi, IPA Marina Mitsue Kanashiro, IPA Victor Kenzo Hirokado
PERIGO, VULNERABILIDADE E RISCO A ESCORREGAMENTO E INUNDAÇÃO
Cláudio José Ferreira, IPA Denise Rossini Penteadó, IPA
MEIO ANTRÓPICO
HISTÓRIA E PATRIMÔNIO
Isadora Parada, CPLA/SIMA Danilo Ferreira dos Reis, estagiário, CPLA/SIMA Danielle Truzzi, CPLA/SIMA Marina Balestero dos Santos, coordenadora CPLA/SEMIL Tatiana Camolez Morales Ferreira, CPLA/SIMA
DINÂMICA SOCIAL, DEMOGRÁFICA E ECONÔMICA
Adriana de Arruda Bueno, FF Domingos Aparecido de Oliveira, FF Isadora Parada, CPLA/SIMA Danielle Truzzi, CPLA/SIMA Marina Balestero dos Santos, coordenadora CPLA/SEMIL Tatiana Camolez Morales Ferreira, CPLA/SIMA
DINÂMICA TERRITORIAL
Ciro Koiti Matsukuma, IPA/SIMA Clarissa Lie Endo Takeichi, CFB/SIMA Danielle Truzz, CPLA/SIMA

Dimas Antônio da Silva, IPA/SIMA
Domingos Aparecido de Oliveira, FF
Fabio Deodato, ILEM/CETESB
Iraci Xavier da Silva, I/CETESB
Isadora Parada, CPLA/SIMA
Juliana Baladin Caporalin, CFB/SIMA
Juliana Takeishi Giorgi, ILEM/CETESB
Mônica Pavão IPA/SIMA
Ocimar José Baptista Bim, IPA/SIMA
Pedro Carlos Sztajn Lotfi, CFB/SIMA
Rafael Galdino Siqueira Nunes, CFB/SIMA
Tatiana Camolez Morales Ferreira, CPLA/SIMA
Vinicius Travalini, AICG/CETESB
Wagner Nistardo Lima, CFB/SIMA

JURÍDICO INSTITUCIONAL

Isadora Parada, CPLA/SIMA
Danielle Truzzi, CPLA/SIMA
Tatiana Camolez Morales Ferreira, CPLA/SIMA

ZONEAMENTO

PROGRAMAS DE GESTÃO

CONSOLIDAÇÃO DO RELATÓRIO

Adriana de Arruda Bueno, FF
Lucas Guedes de Azevedo, FF
Tatiana Yamauchi Ashino, FF

SUMÁRIO

1.	INFORMAÇÕES GERAIS DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (UC)	1
2.	MEIO BIÓTICO	10
2.1.	Vegetação	10
2.1.1.	Fitofisionomia e estágio sucessional	10
2.1.2.	Conectividade Estrutural	10
2.2.	Fauna	10
2.2.1.	A Riqueza de fauna	10
2.2.2.	Espécies migratórias	11
2.2.3.	Espécies endêmicas/raras locais	11
2.2.4.	Espécies em extinção de acordo com listas vermelhas (SP, BR, IUCN)	11
2.2.5.	Espécies exóticas/invasoras/sinantrópicas	12
2.2.6.	Espécies que sofrem pressão de caça/pesca/manejo	12
2.2.7.	Espécies indicadoras (de áreas conservadas e degradadas)	13
2.2.8.	Impactos da Rodovia Régis Bittencourt-BR116	14
2.3.	Referências bibliográficas	16
3.	MEIO FÍSICO	24
3.1.	Geologia	24
3.2.	Geomorfologia	24
3.3.	Recursos hídricos superficiais	28
3.4.	Recursos hídricos subterrâneos	43
3.5.	Pedologia	50
3.6.	Fragilidade dos solos à erosão	55
3.7.	Perigo, Vulnerabilidade e Risco a Escorregamento e Inundação	55
3.8.	Referências bibliográficas	57
4.	MEIO ANTRÓPICO	63
4.1.	História e patrimônio	63
4.1.1.	Histórico de ocupação da área de estudo	63
4.1.2.	Patrimônio histórico, cultural e artístico	66
4.1.3.	Sítios arqueológicos	67
4.1.4.	Patrimônio imaterial	68

4.2.	Ocupação Humana.....	70
4.3.	Dinâmica Demográfica (preliminar, será atualizado com dados do censo 2022)	71
4.3.1.	População, densidade demográfica e grau de urbanização	71
4.3.2.	Crescimento populacional.....	73
4.4.	Dinâmica econômica.....	74
4.4.1.	Produção	74
4.4.2.	Empregos	76
4.4.3.	Atividades Econômicas.....	77
4.4.3.1.	Turismo.....	77
4.4.3.2.	Agropecuária	78
4.4.3.3.	Extração Mineral.....	80
4.5.	Dinâmica social	81
4.5.1.	Condições de vida	81
4.5.2.	Saneamento Básico	83
4.5.3.	Matriz Social.....	86
4.6.	Dinâmica territorial.....	87
4.6.1.	Cobertura e uso do solo	87
4.6.2.	Infraestrutura linear	89
4.6.3.	Infraestrutura de saneamento ambiental	90
4.6.3.1.	Resíduos Sólidos	90
4.6.3.2.	Abastecimento de água e esgotamento sanitário	94
4.6.4.	Consumo de Energia	98
4.6.5.	Empreendimentos e autorizações de supressão de vegetação	98
4.6.5.1.	Empreendimentos licenciados e em processo de licenciamento com avaliação de impacto ambiental	98
4.6.5.2.	Autorizações de supressão de vegetação.....	98
4.6.5.3.	Mineração.....	99
4.6.6.	Ambientes em restauração	100
4.6.7.	Ocorrências e infrações ambientais	101
4.6.7.1.	Obras irregulares e atividades ilegais	101
4.6.7.2.	Autos de infração ambiental.....	101
4.7.	Referências Bibliográficas	102

5.	JURÍDICO-INSTITUCIONAL.....	108
5.1.	Instrumentos de ordenamento territorial	108
5.1.1.	Gerenciamento costeiro.....	108
5.1.2.	Planos diretores	108
5.1.2.1.	Cajati.....	108
5.1.2.2.	Jacupiranga.....	109
5.1.3.	Áreas Protegidas	109
5.1.3.1.	Plano de utilização da RDS de Lavras.....	111
5.1.4.	Outros Títulos.....	111
5.1.5.	Plano de Bacia	111
5.2.	Políticas públicas.....	112
5.2.1.	Sistema Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável.....	112
5.2.2.	Programa Município Verde Azul.....	113
5.2.3.	Programa Vale do Futuro	113
5.2.4.	Áreas Prioritárias para Compensação Ambiental.....	113
5.2.5.	Áreas Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade	114
5.2.6.	Apoio ao Escoamento da Produção Agropecuária.....	115
5.2.7.	ICMs Ambiental	115
5.3.	Referências Bibliográficas	116
6.	ANALISE INTEGRADA.....	117
7.	ZONEAMENTO	117
7.1.	Objetivo geral.....	118
7.2.	Do zoneamento.....	118
7.3.	Normas gerais para zoneamento	118
7.4.	Zoneamento - tipologia de zonas.....	118
7.5.	Zoneamento - tipologia de áreas	118
7.6.	Item 1 – mapa do zoneamento (zonas e áreas).....	119
8.	PROGRAMAS DE GESTÃO.....	119
8.1.	Apresentação	119
8.2.	Programa de manejo e recuperação.....	119
8.3.	Programa de interação socioambiental	119

8.4. Programa de proteção e fiscalização	119
8.5. Programa de pesquisa e monitoramento	119
8.6. Programa de Desenvolvimento sustentável	119
ANEXO I – INFORMAÇÕES GERAIS DA UC	121
ANEXO II – MEIO BIÓTICO	129
2.1 Vegetação.....	129
2.2 Fauna.....	130
ANEXO III – MEIO FÍSICO	160
3.1. Geologia	160
3.2. Geomorfologia	160
3.3. Recursos Hídricos Superficiais.....	164
3.5. Recursos Hídricos Subterrâneos	165
3.6. Pedologia	170
3.6. Fragilidade dos solos à erosão	178
3.7. Perigo, Vulnerabilidade e Risco a Escorregamento e Inundação	182
ANEXO IV – MEIO ANTRÓPICO	192
4.1. História e Patrimônio	195
4.2. Ocupação humana	198
4.3. Dinâmica demográfica	198
4.4. Dinâmica econômica.....	201
4.5. Dinâmica social	209
4.6 Dinâmica territorial.....	212
ANEXO V – JURÍDICO INSTITUCIONAL	218

1. INFORMAÇÕES GERAIS DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (UC)

Nome da UC	Área de Proteção Ambiental de Cajati
Código do CNUC	000.35.1697
Nome do Órgão Gestor	Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo
Categoria de Manejo	De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), a Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.
Bioma	Mata Atlântica
Objetivos da UC	Proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais
Atributos da UC	Beleza cênica da Serra da Anta Gorda, importantes maciços de floresta ombrófila densa e rica hidrografia como os Rios Vila Lucas, Queimado, Jacupiranguinha e Capelinha, além de Ribeirões como do Açúcar e Grota Funda.
Município abrangido	Cajati (SP)
UGRHI	Bacia hidrográfica do Ribeira de Iguape (UGRHI 11)
Conselho da Unidade	Conselho Consultivo, instituído pela Resolução SIMA Nº 96, de 01 de setembro de 2021, em fase de renovação
Plano de Manejo	Em elaboração
Mosaico	Mosaico do Jacupiranga (Lei Estadual nº 12.810, de 21 de fevereiro de 2008)
Conselho de Mosaico	Conselho Consultivo, criado pela Resolução SMA nº 209, de 29/12/2018. Ativo – Biênio 2022-2024 (Resolução SIMA nº 070/2022)

Instrumentos de Planejamento e Gestão Incidentes na UC	<ul style="list-style-type: none"> ●Plano Estadual de Gerenciamento Costeiro (PEGC), por meio da Lei Estadual nº 10.019, de 3 de julho de 1998 ●Plano Diretor de Cajati ●Reserva da Biosfera da Mata Atlântica ●Sítio do Patrimônio Mundial ●Plano da Bacia Hidrográfica da UGRHI 11
Situação quanto à conformidade ao SNUC	Unidade de Conservação em conformidade com os artigos 14 e 15 da Lei Federal 9985/2000– SNUC
Ações existentes de manejo e gestão	<p>As principais ações de manejo e gestão são autorizações de roças de subsistências, tanques de piscicultura, construções e reformas de edificações, aproveitamento de madeira morta aos cadastrados e ocupantes de Posses das APAs. São também realizadas ações de educação e de comunicação social, de capacitação e de proteção ambiental, seja por intermédio do Conselho ou por parcerias com outros órgãos públicos, entidades da sociedade civil e comunidades locais. Algumas ações já realizadas são citadas abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Semeadura de sementes de palmito juçara; -Instalações de 200 fossas; -Apoio aos Viveiros Comunitários; -Realocações de Moradores do Parque para as APAs; -Projeto e Parcerias com a SPVS – Projeto de Conservação do Papagaio de Cara Roxa; - Restauração de Áreas em parceria com ONG Iniciativa Verde; -Parceria com Ong Soft - Formação coletiva e fortalecimento dos movimentos sociais com a mulheres das APAs.
Endereço da Unidade	Avenida Wild José de Souza nº 456
CEP	11900-000
Bairro	Vila Tupy
UF	São Paulo
Município (s)	Registro SP
Site da UC	https://guiadeareasprotegidas.sp.gov.br/ap/area-de-protecao-ambiental-cajati/
Telefone da UC	(13) 21304117 e (13) 21304124
E-mail da UC	domingosoliveira@fflorestal.sp.gov.br

ACESSOS À UC	
Entradas	São cinco (5) Bairros e nove (9) estradas rurais internas com aproximadamente 50 km partindo sempre da Rodovia Regis Bittencourt, km 506 ao 517 Pista Sul e Pista Norte.
Endereço	Pista sul e pista norte da Rodovia Rergis Bittencourt, entre km 506 e km 517.

CRIAÇÃO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	
Instrumento legal	Lei nº12.810, de 21 de fevereiro de 2008
Ementa	Altera os limites do Parque Estadual de Jacupiranga, criado pelo Decreto-lei n. 145, de 8 de agosto de 1969, e atribui novas denominações por subdivisão, reclassifica, exclui e inclui áreas que especifica, institui o Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga e dá outras providências.
Instrumento de Publicação	Diário Oficial – Executivo, 22/02/2008
Área da UC	2.975,71 ha
Memorial Descritivo	ANEXO 14 da Lei nº12.810, de 21 de fevereiro de 2008

ASPECTOS FUNDIÁRIOS As áreas são aproximadas	
Situação fundiária da Unidade	Regularizada
Consistência dos dados do limite da UC	Não georreferenciado
Percentual de área pública	100%
Percentual de área com dominialidade desconhecida	0%
Situação da área quanto à ocupação	Ocupada.
Demarcação dos limites	0%
Área da poligonal da UC	Datum: Sirgas 2000. Projeção: Albers ajustada para o Estado de SP OBS: Esses parâmetros passaram a ser adotados em 2022. Até 2022, eram utilizados como parâmetros o Datum Sirgas 2000 e projeção UTM.

GESTÃO E INFRAESTRUTURA DA UC	
Edificações e estruturas	Não existem edificações pertencentes à gestão dentro dos limites da unidade. A Gestão da APA usufrui de estruturas do Parque Rio Turvo desde a sua criação, fevereiro de 2008.
Comunicação	A APA Cajati possui Sede no Escritório Regional da Fundação Florestal em Registro com: <ul style="list-style-type: none"> ● Telefonia; ● Acesso à Internet; ● Rede de dados (computadores, impressoras e servidores). Obs. No interior da UC não há infraestrutura de Telecomunicações.
Meio de Transporte em Operação	A Gestão possui uma caminhonete Toro que atende as APAs Cajati, Planalto do Turvo e Rio Pardinho Rio Vermelho.
Energia	As edificações do Parque Estadal do Rio Turvo e da APA Cajati possuem energia proveniente de concessionária Elektro Neoenergia.
Saneamento Básico	A Sede possui saneamento básico instalado pela SABESP e as edificações da UC no PERT possuem fossas sépticas.
Recursos Humanos	Um gestor concursado.

LINHAS DE PESQUISA	
Temas prioritários	Biodiversidade, recursos hídricos, restauração, agrofloresta e saneamento básico
Temas correlatos	Sistemas produtivos sustentáveis
Pesquisas concluídas	
Tema	Ano
Herpetofauna do mosaico de unidades de conservação do Jacupiranga (SP)	2008
O programa Luz para Todos: metas e resultados.	2008
Pteridófitas do Parque Estadual do Jacupiranga, SP, Brasil	2008

Os Mosaicos De Unidades De Conservação na região do Vale Do Ribeira, São Paulo: considerações sobre os processos de criação	2011
Conflitos fundiários e meio ambiente: estudo de caso do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga Vale do Ribeira-SP	2012
O Estado da arte dos projetos de Restauração Florestal em Áreas Degradadas no Mosaico Jacupiranga	2015
Mosaico do Jacupiranga - Vale do Ribeira/SP: Conservação, Conflitos e Soluções Socioambientais.	2012
Técnicas de geoprocessamento aplicados à análise da evolução de 38 anos de cobertura vegetal no Mosaico do Jacupiranga - Vale do Ribeira/SP	2015
Análise dos Mosaicos de Unidades de Conservação no Estado de São Paulo	2017
Diagnóstico dos desafios enfrentados pelas Unidades de Conservação do Estado de São Paulo na perspectiva de seus gestores	2019
Restauração passiva de espécies nativas em bananais abandonados: uma contribuição para análise espacial dos regenerantes	2020
Repovoamento da Palmeira Juçara, <i>Euterpe edulis</i> Mart. No Vale do Ribeira	2021

Gestão Participativa - Conselho Consultivo

O Conselho Consultivo da APA Cajati foi instituído pela Resolução SMA nº 96, de 01 de setembro de 2021. É composto por 12 representantes, titulares e suplentes, do poder público, da sociedade civil organizada da UC, com a seguinte composição:

- Do poder público: Fundação Florestal, Instituto de Pesquisas Ambientais da Secretaria de Estado de Infraestrutura e Meio Ambiente – IPA/SIMA, Prefeitura de Cajati (tendo obras, educação e saúde), Câmara dos Vereadores e Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável da Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento – CDRS/SAA;
- Pela Sociedade Civil: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cajati – STR, Associação dos Agricultores Familiares de Cajati, População Tradicional residente no Bairro Anta Gorda/Vila Lucas, Braço Feio, Capelinha e Bairro Queimado.

A composição do Conselho Consultivo do biênio 2021/2023 foi designada através da Portaria FF nº 096, de 01 de setembro de 2021. O Conselho se reúne de forma bimestral, adaptando as datas e frequência das reuniões com a demanda de trabalho e disponibilidade de seus membros.

Mosaico de Unidades de Conservação

Breve Histórico do Parque Estadual do Jacupiranga

O Parque Estadual de Jacupiranga (PEJ) era uma Unidade de Conservação singular em todo o sistema de áreas protegidas do país. Ao abranger desde florestas de baixas altitudes na encosta próxima ao mar até formações mistas com araucárias, formando um contínuo ecológico com outras Unidades de Conservação da Natureza, protegendo formações florestais da Mata Atlântica e ecossistemas associados. Tais sistemas são integrados às florestas do norte do Estado do Paraná, e configuram o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica preservada do país. Pela sua importância ambiental foi tombado pelo CONDEPHAAT e declarado pela UNESCO como zona núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, em 1991, e Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade em 2000.

Nessa região, toda área protegida era, e ainda é atravessada pela Rodovia Régis Bittencourt (BR 116), num trecho aproximado de 60 km, construída no período de 1957 a 1961, a qual, seccionou e fragmentou um remanescente contínuo de floresta, sem que houvesse a adoção de medidas mitigatórias frente às alterações ambientais decorrentes do impacto dessa obra. As normas de licenciamento só vieram a regulamentar tais impactos, efetivamente, a partir da década de 80.

Pelo Decreto-lei nº 145, de 08 de agosto de 1969, o Parque Estadual de Jacupiranga foi criado com 150.000 hectares, abrangendo áreas dos municípios de Barra do Turvo, Cajati, Cananeia, Eldorado, Jacupiranga e Iporanga.

Ressalte-se que o Parque configura um elo entre as Unidades de Conservação da Natureza do Vale do Ribeira e Litoral Sul, formando um contínuo com o PE Ilha do Cardoso - SP, APA Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe - SP, APA Federal Guaraqueçaba - PR e o Parque Nacional (PN) Superagüi – PR, PE das Lauráceas - PR, PE Turístico do Alto Ribeira — SP (PETAR), PE Intervalos - SP e APA Estadual da Serra do Mar - SP. Ainda protege formações florestais que, integradas às florestas do norte do Estado do Paraná, configura o maior remanescente de Mata Atlântica preservada no país, protegendo ecossistemas naturais de grande relevância ecológica, conhecidos internacionalmente como “hot spots” de biodiversidade (Arzolla & de Paula, 2002; Olmos, 2003; de Paula et al., 2004).

Em 1973, o Grupo de Trabalho instituído pelo Decreto nº 981, apontou como um dos problemas observados na região, a entrada de invasores às margens da Rodovia Régis Bittencourt. Essa região permaneceu preservada até pouco mais de uma década após a construção da rodovia, ou seja, até o início da década de 70, primando pela ausência de qualquer centro urbano. A análise da cobertura vegetal revelou que 95% mantinha-se preservada, com poucas ocupações nos vales de alguns rios e ao longo da rodovia (São Paulo, 1973).

Nas décadas de 80 e 90, a BR 116 favoreceu a ampliação e abertura de diversas frentes de ações ilegais sobre o patrimônio natural protegido, com a formação de bairros

ao longo do trecho no interior do Parque com graves prejuízos aos ecossistemas locais. Segundo a Fundação SOS Mata Atlântica, aproximadamente 60% da ocupação humana no interior do Parque concentra-se ao longo do trecho de influência da rodovia.

As populações inseridas no Parque à época eram em sua maioria recentes e não podem ser caracterizadas como tradicionais, pois chegaram ao local após a criação do Parque. Assim, não apresentam vínculos histórico-culturais com a região (que são passados de geração a geração). Constituem uma frente de ocupação irregular do território, causando o desmatamento dessas áreas da Mata Atlântica, pela urbanização, agropecuária e o extrativismo, a exemplo das localidades conhecidas por Bairros Conchas, Descampado, Cedro, Paraíso do Cedro, Rio Turvo, Paraíso, Bela Vista, dentre outras.

Em 2006, a aprovação pela Assembleia Legislativa de um projeto de lei, excluindo grandes áreas do Parque Estadual de Jacupiranga, sem os devidos estudos técnicos e diretrizes pertinentes, levou o Governo do Estado de São Paulo a vetá-lo e a criar um Grupo de Trabalho Intersecretarial do Parque Estadual de Jacupiranga – GT-PEJ que desenvolveu um dos mais participativos processos de revisão de limites de UC já realizados no País.

O Decreto-lei de 1969 instituiu o Parque Estadual do Jacupiranga com área de aproximadamente 150.000 hectares. Apesar das imprecisões do memorial descritivo, trabalhos técnicos posteriores constataram que o Parque abrangia uma área de 149.249 ha. Em 2001, a partir da Lei no 10.850, foram excluídos do Parque 9.419 ha, destinados ao reconhecimento das comunidades quilombolas de André Lopes, Sapatu e Nhunguara. Outros 411,7 hectares estavam previstos para a exclusão por força da área reconhecida para o Quilombo do Mandira, no município de Cananeia. Assim, a área do Parque no início dos trabalhos do GT-PEJ estava reduzida a 139.418,3 hectares.

Esse grupo de trabalho elaborou um novo PL com a proposta de exclusão e inclusão de áreas ao então PEJ, e a criação do Mosaico do Jacupiranga, com três Parques, cinco Reservas de Desenvolvimento Sustentável, duas Reservas Extrativas e quatro Áreas de Proteção Ambiental, além de reconhecer áreas de interesse quilombola e estabelecer zonas de amortecimento. Essa proposta apresentou ganhos ambientais e sociais.

O Mosaico do Jacupiranga – Mojac

O Mosaico do Jacupiranga – MOJAC foi criado pela Lei 12.810, de 21 de fevereiro de 2008, que redefiniu os limites do antigo Parque Estadual do Jacupiranga excluindo algumas áreas e incorporando outras, totalizando uma área de 244.352,92 hectares de áreas protegidas, a partir dos estudos técnicos e sociais do Grupo de Trabalho Intersecretarial do Parque Estadual de Jacupiranga – GT-PEJ, que identificaram áreas de outras cinco comunidades quilombolas (Cedro, Pedra Preta, Reginaldo, Ribeirão Grande e Terra Seca), e áreas de comunidades tradicionais situadas próximas às divisas do Parque, que deveriam ser reclassificadas em outras categorias de manejo mais

adequadas, além de procurar corrigir as imprecisões do memorial descritivo, trabalhos técnicos posteriores constatados no memorial descritivo do Parque Estadual do Jacupiranga.

Assim, com a criação do MOJAC foram criadas 14 unidades de conservação, tanto do grupo de proteção integral quanto do grupo de uso sustentável, com o objetivo de atender algumas demandas de comunidades tradicionais e quilombolas que vivem na região.

Conselho do Mosaico

O Conselho Consultivo do MOJAC foi criado pela Resolução SMA nº 209, de 28 de dezembro de 2018, após a Deliberação Normativa CONSEMA 04/2018, que estabeleceu diretrizes e procedimentos para a instituição e funcionamento de Conselhos de Mosaicos de Unidades de Conservação no estado de São Paulo. Está em seu primeiro mandato e seus membros foram designados através da Resolução SIMA nº 29, de 06/05/2019.

O conselho é composto por 24 representantes, titulares e suplentes, de órgãos públicos e da sociedade civil, conforme descrito abaixo:

I - Do Poder Público:

- a) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados pela Fundação Florestal;
- b) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados pela Fundação Florestal, dentre os gestores das UCs de proteção integral que compõem o MOJAC;
- c) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados pela Fundação Florestal, dentre os gestores das UCs de Uso Sustentável que compõem o MOJAC;
- d) 1 (um) representante indicado pela CETESB, na qualidade de titular, e 1 (um) representante indicado pela Polícia Militar Ambiental do Estado de São Paulo, na qualidade de suplente;
- e) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados pelo Gabinete da Secretaria de Estado do Meio Ambiente;
- f) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados pelo Instituto Florestal;
- g) 1 (um) representante indicado pela Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, na qualidade de titular, e 1 (um) representante indicado pelo ICMBio, na qualidade de suplente;
- h) 1 (um) representante indicado pelo ITESP, na qualidade de titular, e 1 (um) representante indicado pela Procuradoria Geral do Estado, na qualidade de suplente;
- i) 3 (três) representantes titulares e 3 (três) representantes suplentes, indicados pelos Municípios de Barra do Turvo, Cajati, Cananeia, Eldorado, Iporanga e Jacupiranga;

j) 1 (um) representante indicado pela Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento/Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI, na qualidade de titular, e 1 (um) representante indicado pela Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão, na qualidade de suplente.

II - Da Sociedade Civil:

a) 6 (seis) representantes titulares e 6 (seis) representantes suplentes da população tradicional residente e/ou beneficiária das UCs, indicados pelos Conselhos das unidades de conservação que compõem o MOJAC;

b) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados por entidades do segmento de ensino e pesquisa de atuação no território do MOJAC;

c) 1 (um) representante titular e 1 (um) representante suplente indicados por entidades do segmento de ecoturismo de atuação no território do MOJAC;

d) 2 (dois) representantes titulares e 2 (dois) representantes suplentes indicados por entidades do segmento de associações e sindicatos do setor rural e empresarial de atuação no território do MOJAC;

e) 2 (dois) representantes titulares e 2 (dois) representantes suplentes indicados por entidades do segmento socioambientalista de atuação no território do MOJAC.

O conselho do MOJAC tem as atribuições de: propor diretrizes e ações para compatibilizar e integrar os usos na fronteira entre unidades; o acesso às UCs; questões ligadas à fiscalização, à pesquisa científica, à utilização de recursos advindos de compensação ambiental, ao monitoramento e avaliação dos Planos de Manejo e outras manifestações competentes.

Nas reuniões já realizadas o conselho elaborou e aprovou seu regimento interno e deu início aos trabalhos de elaboração dos Planos de Manejo.

1.1 Referência Bibliográficas

ARZOLLA, F.A.R.D.P. & de PAULA, G.C.R. 2002. Parque Estadual de Jacupiranga: desafios à sua implantação (um sinal de alerta). In: III Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Anais, V.I, Fortaleza. p. 234-243. Rede Nacional Pró-Unidades de Conservação/ Fundação O Boticário de Proteção à Natureza/ Associação Caatinga. Fortaleza.

OLMOS, F. 2003. O Parque Estadual de Jacupiranga: uma área prioritária para a conservação das aves na Mata Atlântica. São Paulo, BirdLife International. 9p. (relatório técnico)

de PAULA, G.C.R., ARZOLLA, F.A.R.D.P. & Vilela, F. E.S. 2004. A ocupação humana irregular na faixa de influência da Rodovia Régis Bittencourt (BR 116) e a degradação das florestas na porção central do Parque Estadual de Jacupiranga. Conference: IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação Volume: Único

2. MEIO BIÓTICO

2.1. Vegetação

A metodologia utilizada para este tema encontra-se no **Apêndice 2.1.A**.

2.1.1. Fitofisionomia e estágio sucessional

A fitofisionomia predominante na APA Cajatí é a Floresta Ombrófila Densa em grau médio de conservação com 1.507,1 ha (50,6%), seguida por Floresta Ombrófila Densa em grau avançado de conservação, 30,3 ha (1,0%). As fitofisionomias com ocorrência na APA Cajatí encontram-se mapeadas no **Apêndice 2.1.B**.

2.1.2. Conectividade Estrutural

Em elaboração

2.2. Fauna

Os dados de fauna aqui apresentados são regionais e devem ser interpretados como uma lista potencial de espécies para a APA Cajatí, com destaque para as espécies de floresta ombrófila densa, tipo vegetacional com ocorrência na referida UC.

2.2.1. A Riqueza de fauna

Quinhentas e onze (511) espécies de vertebrados foram relatadas para a área de estudo (**Apêndice 2.2.A**). As aves constituem o grupo melhor inventariado com 371 espécies citadas, correspondendo a 73% das espécies de vertebrados confirmadas para o Parque Estadual do Rio Turvo (PERT) e seu entorno. Com o aumento do esforço amostral e visitas a localidades ainda não inventariadas, a riqueza da avifauna deve ultrapassar 420 espécies.

O aumento no número de espécies listadas para o parque com a ampliação da amostragem será mais significativo para os demais grupos, atualmente representados por 30 espécies de répteis, 44 de mamíferos, 28 de anfíbios e 38 de peixes. Uma estimativa conservadora, baseada em outras unidades de conservação melhor amostradas do Vale do Ribeira, como os Parques Estaduais Carlos Botelho e Intervales, resulta para a área de estudo em aproximadamente 100 espécies de mamíferos e 50 espécies para cada um dos demais grupos.

O Parque Estadual do Rio Turvo e seu entorno integram a Área Internacionalmente Importante para a Conservação das Aves – IBA PR/SP01 Guaraqueçaba/Jacupiranga/Cananéia (Bencke et al., 2006).

2.2.2. Espécies migratórias

Apenas 27 ou 7% das espécies de aves registradas para a área de estudo pode ser classificada como migratória (Somenzari et al., 2018). O grupo mais numeroso, 18 espécies, se reproduz na área, mas migra durante a estação mais fria do ano, entre meados de abril e meados de agosto, geralmente indo para regiões mais quentes dentro do próprio estado de São Paulo, para o centro-oeste do Brasil e mesmo para a Amazônia (**Apêndice 2.2.B**). Nessa mesma época, o Parque Estadual do Rio Turvo e seu entorno recebem duas espécies vindas do sul, o príncipe *Pyrocephalus rubinus* (Boddaert, 1783) e o azulinho *Cyanoloxia glaucoerulea* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837).

Sete espécies que se reproduzem na América do Norte apresentam registros nos açudes da região (**Apêndice 2.2.C**), como os do Núcleo Cedro, e provavelmente estão apenas de passagem rumo às praias, bancos de areia e manguezais do Complexo Estuarino-Lagunar de Cananéia-Iguape, que são importantes pontos de alimentação e descanso destas aves (Barbieri e Paes, 2008; Oliveira et al., 2016).

2.2.3. Espécies endêmicas/raras locais

O Rio do Queimado é a localidade tipo de duas espécies de peixes, “cambevas”, a *Trichomycterus jacupiranga* Wosiacki & Oyakawa, 2005 é conhecida até o momento apenas deste curso d'água, enquanto a *Trichomycterus lauryi* Donin, Ferrer & Carvalho, 2020 apresenta uma distribuição mais ampla na bacia do Ribeira de Iguape (Donin et al., 2020).

O sapinho-pingo-de-ouro *Brachycephalus tridactylus* Garey, Lima, Hartmann & Haddad, 2012, descrito a partir de espécimes da Reserva Natural Salto Morato, Guaraqueçaba - Paraná, foi encontrado nas seguintes localidades da área de estudo (Bornschein et al., 2021): Bairro Rio Vermelho, Estrada das Conchas, Fazenda Fronteira e Serra Pelada, em Barra do Turvo; Morro do Bisel, Serra do Guaraú, Serra do Pinheiro e Torre da Embratel, em Cajati. Esta espécie pode ser considerada endêmica das Florestas Ombrófilas Montanas no polígono compreendido entre Salto Morato, o PERT e seu entorno imediato.

2.2.4. Espécies em extinção de acordo com listas vermelhas (SP, BR, IUCN)

Vinte e uma espécies de aves e 12 espécies de mamíferos são consideradas ameaçadas de extinção (**Apêndices 2.2.D e 2.2.F**). A perda e degradação de habitats, a caça e atropelamentos em rodovias são as principais ameaças a estas espécies. A maior parte das espécies listadas está contemplada por planos de ação nacionais coordenados

pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan>). Estes planos são instrumentos de gestão para a priorização de ações para a conservação da biodiversidade.

Até o momento, o papagaio-do-peito-roxo *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) é a única espécie com ações de conservação sendo desenvolvidas na área de estudo em consonância com um plano de ação nacional (Schunck et al., 2011). Estratégias de monitoramento de ninhos e de educação ambiental para os moradores locais têm sido realizadas desde meados da década de 1990 e, a partir de 2018, são coordenadas pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental-SPVS, com apoio da Fundação Florestal (Boss et al., 2021). Este trabalho resultou até o momento, no mapeamento de três dormitórios, sendo o principal o do Núcleo Cedro (ponto 2 na figura do **Apêndice 2.2.F**), os demais na área da torre da Embratel e no rio Vermelho; no registro de 14 árvores com cavidades com potencial para nidificação e na contagem de 92 indivíduos no dormitório do Cedro em agosto de 2018 (Boss et al., 2021).

2.2.5. Espécies exóticas/invasoras/sinantrópicas

Não foram relatadas espécies de vertebrados exóticas-invasoras para a área de estudo e apenas duas espécies de aves sinantrópicas foram assinaladas, o bico-de-lacre *Estrilda astrild* (Linnaeus, 1758) e o pardal *Passer domesticus* (Linnaeus, 1758). Estas espécies ocorrem nos habitats nativos e não constituem ameaças à biota local.

Entretanto, a partir dos dados ofertados pela concessionária Artéris, sobre o registro de animais ao longo da Rodovia Régis Bittencourt-BR116, constata-se um elevado número de animais domésticos vagando livremente no PERT e seu entorno, principalmente o cachorro *Canis familiaris* Linnaeus, o gato *Felis catus* Linnaeus, 1758, o cavalo *Equus caballus* Linnaeus, 1758 e o boi *Bos taurus* Linnaeus, 1758. Estas espécies degradam a vegetação nativa, competem por recursos com espécies silvestres, são hospedeiros ou vetores de patógenos e parasitas, e cães e gatos aumentam as taxas de predação de vertebrados nativos.

A implementação de campanhas de conscientização dos moradores da área de estudo sobre a guarda responsável desses animais, incluindo sua esterilização, e que constituem crimes o abandono e maus tratos, devem ser efetuadas em parceria com as prefeituras, órgãos de extensão, faculdades de Veterinária e ONGs.

2.2.6. Espécies que sofrem pressão de caça/pesca/manejo

Martuscelli et al. (1994) relatam a caça rotineira de muriquis-do-sul *Brachyteles arachnoides* (É. Geoffroy St.-Hilaire, 1806) por moradores de Barra do Turvo em área do parque próxima da divisa com o estado do Paraná.

Bernardo et al. (2011) em censo efetuado no período de 2005 a 2006, após totalizarem 103 km de esforço amostral encontraram uma única jacutinga *Aburria jacutinga* (Spix, 1825), espécie cinegética, no Núcleo Cedro.

Galetti e colaboradores (2017) classificam a pressão de caça como alta no P. E. do Rio Turvo e concluíram que está afetando significativamente a biomassa dos mamíferos e conseqüentemente suas funções ecológicas na manutenção da estrutura e do funcionamento dos ecossistemas.

No caso do papagaio-do-peito-roxo a captura de filhotes por traficantes de animais silvestres continua ocorrendo na área de estudo. Das 14 cavidades encontradas por Boss e colaboradores (2021) com potencial para nidificação, seis (43%) apresentavam evidências de retirada de filhotes por humanos. Segundo informações obtidas por estes autores com os moradores das RDS, os animais são comercializados em postos de gasolina, borracharias e hospedarias ao longo da Rodovia Régis Bittencourt-BR116.

Além das espécies citadas, para as quais ocorre um esforço de captura dirigido, a caça pode afetar outras mais devido, por exemplo, ao uso de armadilhas pouco seletivas e ao abate de forma oportunista de qualquer animal de maior porte encontrado, não somente para consumo e venda, mas também para a obtenção de troféus e até mesmo por simples curiosidade, “para ver de perto” (Trinca et al., 2008). Indivíduos também podem ser mortos ao se aproximar das residências por representarem risco real ou presumido de acidentes com pessoas e animais domésticos, ex. serpentes; por retaliação ao consumirem cultivos ou predarem animais domésticos ou ainda, devido a crenças e superstições, ex. os sapos e corujas.

A educação e sensibilização da população, assim como a fiscalização rotineira das UCs e seus entornos são fundamentais para reduzir a caça e a captura. Entendemos que a extensa área ocupada pelas unidades torna um desafio a fiscalização efetiva, mas podem ser definidos perímetros menores, com biota em melhor estado de conservação, para patrulhamento e se buscar a colaboração dos moradores para elaborar ações de inteligência.

No caso específico da retaliação, geralmente as adequações de instalações como galinheiros, currais e cercas, e de manejo dos animais de criação, são suficientes para diminuir significativamente ou mesmo cessar as perdas ligadas à predação.

2.2.7. Espécies indicadoras (de áreas conservadas e degradadas)

O muriqui-do-sul, o uiraçu *Morphnus guianensis* (Daudin, 1800), o gavião-real *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758) e o sapinho-pingo-de-ouro indicam florestas bem conservadas. As cambevas do gênero *Trichomycterus* são indicadoras de riachos conservados.

2.2.8. Impactos da Rodovia Régis Bittencourt-BR116

A Rodovia Régis Bittencourt-BR 116 desde a sua implantação na década de 1960 é o principal vetor de degradação ambiental para o remanescente de Mata Atlântica MOJAC-Centro. Facilitou a ocupação do território, o transporte e a comercialização de produtos extraídos da floresta, a poluição, e se constituiu numa barreira ao fluxo de indivíduos de várias espécies de animais, que relutam em deixar as sombras das árvores ou que são incapazes de atravessar as vias sem serem atropelados.

As informações sobre atropelamentos de vertebrados silvestres na rodovia foram obtidas a partir dos dados encaminhados pela concessionária Artéris ao Núcleo de Planos de Manejo da Fundação Florestal, referentes ao trecho situado entre os quilômetros 487 e 569, pistas norte e sul, no período compreendido entre janeiro de 2018 e julho de 2020. Dados deste tipo devem sempre ser analisados com cautela, geralmente constituem subestimativas, pois animais de pequeno porte estão pouco representados, indivíduos feridos podem vir a óbito distantes da via, são frequentes registros sem determinação taxonômica e erros de identificação de espécies, e a ação de necrófagos diminui o número de carcaças ou impossibilita a identificação dos restos mortais (Abra et al., 2018; 2021). Entretanto, mesmo com estes vieses potenciais em mente, os dados são valiosos por permitirem buscar padrões nas ocorrências e, via espacialização, se procurar reconhecer os trechos da rodovia que concentram estes sinistros e suas características ambientais, o que pode subsidiar as propostas de mitigação.

A empresa classifica as providências tomadas pelos funcionários responsáveis pelo monitoramento das vias em seis grupos: animal apreendido/capturado, devolvido à propriedade/proprietário, espantado/afugentado para local seguro, não encontrado, não informado e recolhido/morto. Foram relatados 645 eventos de animais recolhidos/mortos nos acostamentos ou nas pistas, 406(63%) deles envolveram cachorros-domésticos e 87 (13%) destas ocorrências estiveram relacionadas a animais silvestres. Nestas últimas predominaram capivaras *Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766), 36(41%), refletindo um padrão observado para o estado de São Paulo como um todo, onde a espécie constituiu o mamífero silvestre mais atropelado em rodovias concessionadas no período de 2009-2014, representando 33% das ocorrências (Abra et al., 2021). Inclusive as placas de conscientização para os motoristas sobre o tema, implantadas pela Artéris na BR 116, apresentam imagens de capivaras (**Apêndice 2.2.G**). Necrófagos foram frequentes, ex. urubu-pret *Coragyps atratus* (Bechstein, 1793) e cachorro-do-mato *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766), por se alimentarem de carcaças e lixo depositado nas vias e com isso acabarem se expondo a atropelamentos.

Os dados resultam na média de 0,43 animal silvestre recolhido/morto por km/ano. Considerando, para efeitos de comparação, outra rodovia que secciona unidade de proteção integral do Vale do Ribeira, observamos que para a Estrada Parque “Serra da Macaca” (SP-139) o total de vertebrados mortos por atropelamento no período entre 2018-2019 foi de 80 indivíduos, correspondendo a 2,42 animal silvestre morto/km/ano

(Alves et al., 2021). Na SP-139 os répteis e anfíbios representaram 60% do total registrado (Alves et al., 2021). Estes grupos estão evidentemente subamostrados nos dados para a Régis, onde consta um único registro de “cobra” para 2019. Fazendo um exercício de que o total relatado corresponderia a 40% dos sinistros com vertebrados silvestres, obteríamos o valor de 1,075 indivíduo/km/ano, ainda assim inferior ao da estrada parque. Considerando apenas os mamíferos silvestres este valor é de 0,29 indivíduo/km/ano, também inferior ao estimado para as rodovias concessionadas no estado de São Paulo no período de 2009-2014, 0,6 ind./km/ano (Abra et al., 2021). Estas comparações não apresentam valor científico, pois precisaríamos adotar uma metodologia padronizada e um mesmo período amostral para as rodovias em análise, mas reforçam a ideia de uma subnotificação de registros de atropelamentos de animais silvestres na BR116, hipótese a ser testada.

Alguns registros de atropelamento na Régis incluíram espécies ameaçadas de extinção e icônicas, como um papagaio-do-peito-roxo no km 507 em 2018 e quatro jaguatiricas *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758). Também, foi relatado o afugentamento de três antas *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758) que estavam próximas do acostamento no km 543 da pista Norte em 2018.

As ocorrências de animais silvestres recolhidos/mortos estiveram distribuídas de forma variável ao longo da seção da rodovia analisada (**Apêndice 2.2.H**). Isto é esperado nesta paisagem com grau variado de antropização, que afeta diretamente na riqueza e abundância das espécies silvestres (Abra et al., 2021). Os locais com maiores valores estiveram associados a eventos com capivaras, indicando a presença de corpos d’água nas imediações (**Apêndice 2.2.I**).

As evidências científicas disponíveis ao longo do globo indicam que instalar passagens subterrâneas, viadutos e travessias áreas (pontes de cordas, etc.), acompanhadas de cercas que direcionem os animais até estas estruturas funcionam e valem os custos financeiros envolvidos, reduzindo significativamente as perdas de vidas e mutilações, inclusive em humanos dentro dos veículos (Alves et al., 2021; Sutherland et al., 2021; Ascensão et al., 2021). No caso de cercas mais extensas é preciso a instalação ao longo delas de “portões ou rampas de acesso” (*jump-out*), de sentido único, para que animais presos entre a cerca e a via possam voltar em segurança para seu habitat.

As passagens ajudam a reduzir o efeito barreira da rodovia, com as consequentes perdas de conectividade entre habitats e redução do fluxo gênico dentro e entre populações. O ideal é que se combinem os três tipos mencionados pois, por exemplo, há espécies que necessitam de vegetação contínua para se deslocarem e nesse caso somente utilizariam os viadutos vegetados.

Os dados compilados pela Artéris são um ótimo ponto de partida para a elaboração de uma estratégia de mitigação de impactos da BR116, porém uma coleta padronizada de informações é necessária antes da execução das medidas sugeridas, que devem ser encaradas como uma das prioridades de gestão para o PERT e seu entorno.

2.3. Referências bibliográficas

Vegetação

NALON, M.A. et al. Sistema de informações florestais do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.iflorestal.sp.gov.br/sifesp/creditos.html>>. Acesso em: 01 maio 2010.

Fauna

ABRA, F.D. et al. How reliable are your data? Verifying species identification of road-killed mammals recorded by road maintenance personnel in São Paulo State, Brazil. *Biological Conservation*, 225(1): 42-52, 2018.

ABRA, F.D. et al. An estimate of wild mammal roadkill in São Paulo state, Brazil. *Heliyon*, 7, e06015, 2021.

AGUIAR-DE-DOMENICO, E. Herpetofauna do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (SP). Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia)) - Universidade de São Paulo, 2008. 199p.

ALVES, C.F. [WA929171, *Anthracothorax nigricollis* (Vieillot, 1817)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/929171>> Acesso em: 18 Mar 2020.

ALVES, F.A. Overview of roadkills in the Serra da Macaca Park Road (SP-139), state of São Paulo, Brazil. *Iheringia, Série Zoologia*, 111: e2021030, 2021.

ASCENSÃO, F. et al. Preventing wildlife roadkill can offset mitigation investments in short-medium term. *Biological Conservation*, 253, 108902, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2020.108902>.

BARBIERI, E.; PAES, E.T. The Birds at Ilha Comprida Beach. *Biota Neotropica* 8(3): 41-50, 2008.

BENEDETTI, F.J. [WA741700, *Dendrocincla turdina* (Lichtenstein, 1820)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/741700>> Acesso em: 18 Mar 2020.

BENEDETTI, F.J. [WA742361, *Tachycineta albiventer* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/742361>> Acesso em: 18 Mar 2020.

BENCKE, G.A. et al. Áreas importantes para a conservação de aves no Brasil. Parte I – Estados do Domínio da Mata Atlântica. São Paulo: Save Brasil, 2006. 494 p.

BERNARDO, C.S.S. et al. Density Estimates of the Black-Fronted Piping Guan in the Brazilian Atlantic Rainforest. *Wilson J. Ornithol.* 123(4): 690-698, 2011.

BORNSCHEIN, M.R.; RIBEIRO, L.F.; PIE, M.R. Reassessing overlooked information about the diagnosis of *Brachycephalus atelopoide* (Anura:Brachycephalidae), a neglected problem for the taxonomy of the genus. *Phyllomedusa* 20(1): 109–115, 2021.

BOSS, R. L.; SEZERBAN, R. M.; SIPINSKI, E. A. B. O Papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) no Mosaico de Unidades de Conservação de Jacupiranga. In: Martinez, J.; Prestes, N. P. (Orgs.). *Biologia da conservação: Programa Nacional para Conservação do Papagaio-de-peito-roxo e outras iniciativas* [livro eletrônico]. Tapera-RS: LEW, p. 175-197, 2021.

CAETANO, L. [WA770503, *Spinus magellanicus* (Vieillot, 1805)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/770503>> Acesso em: 18 Mar 2020.

CAIXETA, V.L. (2022). [WA4828857, *Leptotila verreauxi* Bonaparte, 1855]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4828857>> Acesso em: 16 Ago 2022.

- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4827545, *Chionomesa lactea* (Lesson, 1832)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4827545>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4826449, *Pteroglossus bailloni* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4826449>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4826384, *Dryocopus lineatus* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4826384>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4825992, *Piculus flavigula* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4825992>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4828789, *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4828789>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4826455, *Ilicura militaris* (Shaw & Nodder, 1809)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4826455>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4825848, *Contopus cinereus* (Spix, 1825)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4825848>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4825849, *Turdus leucomelas* Vieillot, 1818]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4825849>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- CAIXETA, V.L. (2022). [WA4825971, *Sporophila angolensis* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4825971>> Acesso em: 16 Ago 2022.
- DONIN, L.M.; FERRER, J.; CARVALHO, T.P. 2020. Taxonomical study of *Trichomycterus* (Siluriformes: Trichomycteridae) from the Ribeira de Iguape River basin reveals a new species recorded in the early 20th century. J Fish Biol. 2020: 1–19.
- ELIAS, R. O. [WA2221570, *Anabazenops fuscus* (Vieillot, 1816)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2221570>> Acesso em: 18 Mar 2020.
- FARRABRÁS, S. [WA4941477, *Patagioenas picazuro* (Temminck, 1813)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4941477>> Acesso em: 09 Set 2022.
- FARRABRÁS, S. [WA4941473, *Glaucidium brasilianum* (Gmelin, 1788)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4941473>> Acesso em: 09 Set 2022.
- FARRABRÁS, S. [WA4941474, *Leistes superciliaris* (Bonaparte, 1850)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4941474>> Acesso em: 09 Set 2022.
- FILHO, H. J. [WA1157665, *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1157665>> Acesso em: 18 Mar 2020.
- FILHO, H.J. [WA1000073, *Theristicus caudatus* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1000073>> Acesso em: 18 mar 2020.
- GALETTI, M. et al. Ecology and conservation of the piping-guan *Pipile jacutinga* in southeastern Brazil. Biol. Conserv. 82(1): 31-39, 1997a.
- GALETTI, M. et al. Records of Harpy and Crested Eagles in the Brazilian Atlantic Forest. Bull. B. O. C. 117(1): 27-31, 1997b.
- GALETTI, M. et al. Defaunation and biomass collapse of mammals in the largest Atlantic forest remnant. Animal Conservation 20(3): 270–281, 2017.

GARBINO, G.S.T. Research on bats (Chiroptera) from the state of São Paulo, southeastern Brazil: annotated species list and bibliographic review. *Arquivos de Zoologia* 47(3): 43-128, 2016.

GONÇALVES, D.R. [WA1309403, *Podilymbus podiceps* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1309403>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA2998158, *Leptodon cayanensis* (Latham, 1790)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2998158>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA2997348, *Spizaetus melanoleucus* (Vieillot, 1816)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2997348>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA1810232, *Leucochloris albicollis* (Vieillot, 1818)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1810232>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA2997360, *Todirostrum cinereum* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2997360>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA1309401, *Elaenia flavogaster* (Thunberg, 1822)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1309401>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA1569542, *Machetornis rixosa* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1569542>> Acesso em: 18 Mar 2020.

GONÇALVES, D.R. [WA3213815, *Sporophila falcirostris* (Temminck, 1820)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3213815>> Acesso em: 18 Mar 2020.

HASUI, E. et al. ATLANTIC BIRDS: a data set of bird species from the Brazilian Atlantic Forest. *Ecology* 99 (2) <https://doi.org/10.1002/ecy.2119>, 2017.

HINGST-ZAHER, E. [WA2874859, *Pyrocephalus rubinus* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2874859>> Acesso em: 18 Mar 2020.

IGUAL, E. C. [WA2572053, *Hemitriccus nidipendulus* (Wied, 1831)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2572053>> Acesso em: 18 Mar 2020.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE - IUCN. The IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org/>>. Acesso em: 16 Set. 2022.

JÚNIOR, V.A. [WA705454, *Athene cunicularia* (Molina, 1782)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/705454>> Acesso em: 18 Mar 2020.

JÚNIOR, V.A. [WA1149933, *Pseudoleistes guirahuro* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1149933>> Acesso em: 18 Mar 2020.

KAWALL, M. [WA3830904, *Elaenia obscura* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3830904>> Acesso em: 16 Ago 2022.

LAUBÉ, V. R. (2021). [WA4562238, *Ictinia plumbea* (Gmelin, 1788)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4562238>> Acesso em: 09 Set 2022.

MALACCO, G. [WA163162, *Mareca sibilatrix* (Poeppig, 1829)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/163162>> Acesso em: 16 Set 2022.

MALACCO, G. [WA166689, *Anas bahamensis* Linnaeus, 1758]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/166689>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA163197, *Pluvialis dominica* (Statius Muller, 1776)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/163197>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA163151, *Charadrius collaris* Vieillot, 1818]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/163151>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA179401, *Tringa melanoleuca* (Gmelin, 1789)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/179401>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA179402, *Tringa flavipes* (Gmelin, 1789)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/179402>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA179399, *Phalaropus tricolor* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/179399>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA163152, *Nyctibius griseus* (Gmelin, 1789)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/163152>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA163180, *Biatas nigropectus* (Lafresnaye, 1850)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/163180>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MALACCO, G. [WA163581, *Agelasticus cyanopus* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/163581>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MARTUSCELLI, P.; PETRONI, L.M.; OLMOS, F. Fourteen new localities for the muriqui *Brachyteles arachnoides*. Neotropical Primates, 2(2): 12–15, 1994.

MENDES, R. [WA3607082, *Geranospiza caerulescens* (Vieillot, 1817)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3607082>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MENDES, R. [WA2761525, *Chlorostilbon lucidus* (Shaw, 1812)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2761525>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MENDES, R. [WA3607081, *Falco sparverius* Linnaeus, 1758]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3607081>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MENDES, R. [WA3607073, *Progne tapera* (Vieillot, 1817)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3607073>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MENDES, R. [WA3607079, *Mimus saturninus* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3607079>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MENDES, R. [WA2867240, *Dacnis nigripes* Pelzeln, 1856]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2867240>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MESSIAS, S. M. [WA861529, *Geranoaetus albicaudatus* (Vieillot, 1816)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/861529>> Acesso em: 18 Mar 2020.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. Portaria MMA nº 148, de 7 de junho de 2022: Altera os Anexos da Portaria nº 443, de 17 de dezembro de 2014, da Portaria nº 444, de 17 de dezembro de 2014, e da Portaria nº 445, de 17 de dezembro de 2014, referentes à atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Diário Oficial da União Edição, 108, Seção 1: 74, 2022, 89p.

OLIVEIRA, A.C. et al. 2016. Relatório anual de rotas e áreas de concentração de aves migratórias no Brasil. Cabedelo, PB: CEMAVE/ ICMBio. 63p.

OLIVEIRA, A. (2022). [WA4728780, *Anhima cornuta* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4728780>> Acesso em: 09 Set 2022.

OLIVEIRA, A. [WA1694550, *Bubulcus ibis* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1694550>> Acesso em: 18 Mar 2020.

OLIVEIRA, A. [WA1644772, *Heterospizias meridionalis* (Latham, 1790)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1644772>> Acesso em: 18 Mar 2020.

OLIVEIRA, G.A. [WA1719062, *Hylocharis cyanus* (Vieillot, 1818)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1719062>> Acesso em: 18 Mar 2020.

OLIVEIRA, G.A. [WA1826340, *Estrilda astrild* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1826340>> Acesso em: 18 Mar 2020.

OYAKAWA, O.T. et al. Peixes de riachos da Mata Atlântica nas unidades de conservação do Vale do Rio Ribeira de Iguape no Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Neotropica, 2006. 201p.

PALUDO, F. (2022). [WA4978853, *Penelope superciliaris* Temminck, 1815]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4978853>> Acesso em: 09 Set 2022.

PARIZ, R. A. [WA1316348, *Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1316348>> Acesso em: 18 Mar 2020.

PAVANELLI, A.C. [WA1016185, *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1016185>> Acesso em: 18 Mar 2020.

PAVÃO, M. [WA4898528, *Amadonastur lacernulatus* (Temminck, 1827)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4898528>> Acesso em: 09 Set 2022.

PAVÃO, M. [WA4898534, *Oxyruncus cristatus* Swainson, 1821]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4898534>> Acesso em: 09 Set 2022.

QUIRINO, M. L. (2021). [WA4551075, *Muscipipra vetula* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4551075>> Acesso em: 09 Set 2022.

QUIRINO, M.L. (2021). [WA4551064, *Sporophila frontalis* (Verreaux, 1869)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4551064>> Acesso em: 09 Set 2022.

ROCHA, E.C. [WA1088216, *Heliothryx auritus* (Gmelin, 1788)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1088216>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SANTOS, P.C. [WA2508707, *Dendrocygna autumnalis* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2508707>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SANTOS, P.C. [WA2508701, *Ardea alba* Linnaeus, 1758]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2508701>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SÃO PAULO (ESTADO). Decreto Estadual Nº 63.853 de 27 de novembro de 2018. Declara as espécies da fauna silvestre no Estado de São Paulo regionalmente extintas, as ameaçadas de extinção, as quase ameaçadas e as com dados insuficientes para avaliação, e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 128 (221): 1-11, 2018.

SASSIM, M.N. [WA2205543, *Cissopis leverianus* (Gmelin, 1788)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2205543>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SCHUNCK, F. et al. (Org.). Plano de ação nacional para a conservação dos papagaios da Mata Atlântica. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, 2011. 128p.

SILVA, D.D. [WA3522347, *Dendrocygna bicolor* (Vieillot, 1816)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3522347>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3611163, *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3611163>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3579894, *Netta erythrophthalma* (Wied, 1833)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3579894>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3521244, *Nomonyx dominicus* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3521244>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D. D. (2020). [WA3692465, *Mycteria americana* Linnaeus, 1758]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3692465>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. [WA3457054, *Tigrisoma lineatum* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3457054>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3444224, *Ardea cocoi* Linnaeus, 1766]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3444224>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3463121, *Syrigma sibilatrix* (Temminck, 1824)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3463121>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3670823, *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3670823>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D. D. (2020). [WA3891031, *Plegadis chihi* (Vieillot, 1817)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3891031>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3449655, *Phimosus infuscatus* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3449655>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3507576, *Platalea ajaja* Linnaeus, 1758]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3507576>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3589354, *Cathartes burrovianus* Cassin, 1845]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3589354>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3442100, *Chondrohierax uncinatus* (Temminck, 1822)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3442100>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3587228, *Elanus leucurus* (Vieillot, 1818)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3587228>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3449651, *Accipiter superciliosus* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3449651>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3608356, *Accipiter striatus* Vieillot, 1808]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3608356>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3442102, *Rostrhamus sociabilis* (Vieillot, 1817)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3442102>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3449652, *Aramus guarauna* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3449652>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3444223, *Laterallus melanophaius* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3444223>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3460845, *Porphyrio martinicus* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3460845>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3449654, *Jacana jacana* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3449654>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, R.C. [WA2554257, *Accipiter poliogaster* (Temminck, 1824)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2554257>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3472723, *Columbina talpacoti* (Temminck, 1810)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3472723>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3447010, *Tyto furcata* (Temminck, 1827)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3447010>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3454295, *Baryphthengus ruficapillus* (Vieillot, 1818)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3454295>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. (2020). [WA3757443, *Ramphastos toco* Statius Muller, 1776]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3757443>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. [WA3442101, *Selenidera maculirostris* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3442101>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3445900, *Caracara plancus* (Miller, 1777)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3445900>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3573119, *Falco femoralis* Temminck, 1822]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3573119>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3495886, *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3495886>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3472722, *Chamaeza meruloides* Vigors, 1825]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3472722>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3460838, *Lepidocolaptes angustirostris* (Vieillot, 1818)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3460838>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3560800, *Furnarius figulus* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3560800>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3489825, *Automolus leucophthalmus* (Wied, 1821)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3489825>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. [WA3477633, *Philydor atricapillus* (Wied, 1821)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3477633>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA, D.D. (2018). [WA3484992, *Pyroderus scutatus* (Shaw, 1792)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3484992>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2020). [WA4003630, *Phylloscartes kronei* Willis & Oniki, 1992]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4003630>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3445883, *Xolmis velatus* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3445883>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2018). [WA3448124, *Cyanocorax cristatellus* (Temminck, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3448124>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D. D. (2019). [WA3470499, *Anthus chii* Vieillot, 1818]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3470499>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3445889, *Icterus pyrrhopterus* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3445889>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2020). [WA3699623, *Agelaioides badius* (Vieillot, 1819)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3699623>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3493937, *Cyanoloxia brissonii* (Lichtenstein, 1823)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3493937>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3441088, *Chlorophanes spiza* (Linnaeus, 1758)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3441088>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2021). [WA4412685, *Cyanerpes cyaneus* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4412685>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3453300, *Thlypopsis sordida* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3453300>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3515533, *Sporophila collaris* (Boddaert, 1783)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3515533>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA, D.D. (2019). [WA3449653, *Stilpnia preciosa* (Cabanis, 1850)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3449653>> Acesso em: 09 Set 2022.

SILVA-JÚNIOR, E.L. [WA204935, *Dendrocygna viduata* (Linnaeus, 1766)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/204935>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SILVA-JÚNIOR, E.L. [WA203701, *Himantopus melanurus* Vieillot, 1817]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/203701>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SOMENZARI, M. et al. An overview of migratory birds in Brazil. Papéis Avulsos de Zoologia 58: e20185803, 2018.

SOUZA, J. [WA3214179, *Eupetomena macroura* (Gmelin, 1788)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3214179>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SOUZA, M.J. [WA40701, *Lophornis chalybeus* (Temminck, 1821)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/40701>> Acesso em: 18 Mar 2020.

SOUZA, P.R. (2021). [WA4550160, *Tyrannus savana* Daudin, 1802]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/4550160>> Acesso em: 09 Set 2022.

SUTHERLAND, W.J. et al. (Eds). What Works in Conservation. Cambridge, UK: Open Book Publishers, 2021. 1040p.

THOMPSON, I. [WA2101966, *Myiarchus ferox* (Gmelin, 1789)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/2101966>> Acesso em: 18 Mar 2020.

TODESCHINI, R.A. [WA3212810, *Euphonia cyanocephala* (Vieillot, 1818)]. Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/3212810>> Acesso em: 18 Mar 2020.

TRINCA, C.T.; FERRARI, S.F.; LEES, A.C. Curiosity killed the bird: arbitrary hunting of Harpy Eagles *Harpia harpyja* on an agricultural frontier in southern Brazilian Amazonia. *Cotinga* 30(1): 12-15, 2008.

WILLIS, E.O.; ONIKI, Y. Levantamento preliminar de aves em treze áreas do Estado de São Paulo. *Rev. Brasil. Biol.*, 41(1): 121-135, 1981.

WILLIS, E.O.; ONIKI, Y. Aves do estado de São Paulo. Rio Claro: Editora Divisa, 2003. 398 p.

3. MEIO FÍSICO

3.1. Geologia

Em elaboração

3.2. Geomorfologia

A metodologia utilizada para este tema encontra-se no **Apêndice 3.2.A**.

Evolução do Relevo

As principais superfícies de erosão pós-paleozoicas, da região sudeste e centro-oeste do Planalto Atlântico no Brasil, forneceram argumentos para diversos autores interpretarem a origem e evolução geomorfológica do relevo. A superfície mais antiga foi designada por MARTONNE (1943) de “Superfície das Cristas Médias” ou por ALMEIDA (1958) de “Superfície Japi”, que seria equivalente no estado do Paraná, à “Superfície Purunã” (AB’SABER & BIGARELLA 1961), e ou à “Superfície dos Campos” (MARTONNE 1943) em Campos de Jordão (SP).

Segundo FREITAS (1951) o relevo brasileiro teria sido originado por alternância de fases de epirogênese e peneplanação, que resultaram em dois níveis distintos de superfícies (peneplanos) de erosão: nível A (inferior) e nível B (superior). O nível B corresponde à “Superfície de Japi” de ALMEIDA (1958). Quando não deformada a altitude

média da “Superfície Japi”, na região oriental do Planalto Atlântico, é de 1200 - 1300 m, mas chegando a 2000 – 2100 m nas regiões tectonicamente soerguidas de Campos do Jordão e da Bocaina (ALMEIDA & CARNEIRO 1998; RICCOMINI et al. 2004).

KING (1956) denominou de “Superfície Sul-Americana”, vasta superfície de denudação, produzida entre o Cretáceo Inferior e o "Terciário Médio". Após o seu soerguimento transformou-se em planalto, que foi dissecado por erosão policíclica. A “Superfície Sul-Americana” seria correlacionável às que concorda com superfícies de deposição, nos contrafortes andinos e ao sul dos pampas argentinos. O autor teria identificado, antes da “Superfície Sul-Americana”, ciclos erosivos correspondentes às seguintes superfícies mais antigas:

- a) “Superfície Fóssil”: mais antiga, de possível idade carbonífera;
- b) “Superfície Desértica”: possivelmente do Triássico Superior;
- c) “Superfície Gondwana”: no Cretáceo inferior teria apresentado inclinação tão forte quanto à da “Superfície Sul-Americana”; e
- d) “Superfície pós-Gondwana”: possivelmente do Cretáceo superior, com topografia geralmente acidentada.

Ao ciclo erosivo da “Superfície Sul-Americana” sucederam-se novas fases de erosão, que atuaram durante o Neógeno e o Quaternário, após o soerguimento epirogênico do "Terciário Médio". Esses eventos são marcados por dissecação de vales que destruíram a maior parte da “Superfície Sul-Americana”, constituindo os ciclos de erosão Velhas ("Terciário superior") e Paraguaçu (Quaternário).

Esses ciclos erosivos possibilitaram a abertura do Vale do Ribeira, a partir de uma linha de "fraqueza" originada pelos sistemas de falhamentos, de direção geral SW/NE, na região. O rio, aproveitando o contato das rochas metassedimentares do Grupo Açungui com as do complexo cristalino alargou a fachada do vale em amplo anfiteatro erosivo, seccionando o paredão costeiro, em dois setores, conhecidos como Serra de Paranapiacaba, na vertente norte, e Serra do Mar paranaense, na vertente sul (RAMALHO & HAUSEN 1974).

A vertente norte do vale, esculpida sobre os falhamentos SW/NE, apresenta uma escarpa de forma grosseiramente retilínea até as proximidades de Eldorado, onde se confunde com as cristas paralelas das rochas metassedimentares. A vertente sul, ao contrário, é irregular e está desvinculada desses falhamentos, sendo sua forma relacionada sobretudo a litologia (RAMALHO & HAUSEN 1974).

Superfícies de cimeira, com cotas de 700/900 metros, talhadas nos migmatitos, alternam-se, no topo do planalto, com cristas graníticas e quartzíticas de altitudes de 1100/1300 metros. Este planalto cede lugar, através de uma serie de degraus e espigões medianos, a uma zona morros e colinas de altitudes inferiores a 100 metros, resultante da gradação lateral do rio Ribeira. Sobre as colinas mais baixas, o rio depositou sedimentos, formando seus mais altos terraços. Devido a ação de um clima muito úmido

e com intensa circulação de água, as rochas apresentam-se fortemente decompostas, fornecendo farto material de sedimentação, que, carregado pelos rios, foi sendo depositado na costa (RAMALHO & HAUSEN 1974).

Geomorfologia Regional

ALMEIDA (1964) divide a província costeira em duas zonas: Serrania Costeira e a Baixadas Litorâneas. Na Serrania Costeira está situado o Vale do Rio Ribeira de Iguape.

O vale do rio Ribeira de Iguape, situado no sudeste do Estado de São Paulo, corresponde a um anfiteatro de erosão aberto na serrania costeira, tendo como vertente norte a Serra de Paranapiacaba e como vertente sul a Serra do Mar paranaense. É uma região de clima sub-tropical úmido, de forte pluviosidade, drenagem farta e perene e cobertura vegetal densa (RAMALHO & HAUSEN 1974).

Esta região compreende quatro unidades morfológicas (RAMALHO & HAUSEN 1974):

1. O planalto de Paranapiacaba/Itatins/Serra do Mar, caracterizado por vertentes de forte declividade e extensas superfícies de cimeira. E subdividido em três porções:
 - a. o rebordo norte ou serra de Paranapiacaba propriamente dita, formado por rochas de Complexo Gnáissico Migmatítico e granitos intrusivos;
 - b. a região das cristas paralelas, esculpida nos epimetamorfitos de Grupo Açungui;
 - c. o rebordo sul, de litologia similar e de seu homônimo norte, e geograficamente, pertencente a serra do Mar paranaense;
2. A baixada litorânea, constituída pela planície fluvial do baixo Ribeira, pela planície flúvio-marinha da Jureia, pela região Lagunar de Iguape-Cananéia e pelas colinas sub-litorâneas, modeladas nos sedimentos da formação Pariquera-Açu e constituindo os altos terraços nos níveis de 25 a 40 metros;
3. A região pré-serrana, composta por morros (60 a 100 m) e por espigões (100 a 300 m) e que representa uma área de transição entre a baixada e o planalto;
4. Os maciços montanhosos isolados, que correspondem a antigas ilhas soldadas ao continente pela sedimentação fluvial e marinha.

Geomorfologia da APA Cajati

Segundo ROSS & MOROZ (1997), na área da APA Cajati predominam regiões elevadas da unidade morfoestrutural do Cinturão Orogênico do Atlântico. A compartimentação do relevo segundo ROSS & MOROZ (1997) na área pode ser vista nos **Apêndices 3.2.B, 3.2.C e 3.2.D** Dentro do compartimento do Cinturão Orogênico do Atlântico os autores reconheceram o Planalto Atlântico.

A APA Cajati encontra-se essencialmente no compartimento de Morros Altos, do Planalto do Ribeira/Turvo no Planalto Atlântico.

Os Morros Altos ocorrem de duas formas principais na área:

1. Formas muito dissecadas, com vales entalhados associados a vales pouco entalhados, com alta densidade de drenagem, com mais de 900 metros de altitude. Ocorrem formas de topos aguçados e de topos convexos. São áreas sujeitas a processos erosivos agressivos e probabilidade de ocorrência de movimentos de massa e erosão linear com voçorocas **Apêndice 3.2.B**;
2. Formas muito dissecadas, entre 800 e 900 m de altitude, com vales entalhados associados a vales pouco entalhados, com alta densidade de drenagem. Ocorrem formas de topos convexos. São áreas sujeitas a processos erosivos agressivos e probabilidade de ocorrência de movimentos de massa e erosão linear com voçorocas **Apêndice 3.2.B**.

ROSS & MOROZ (1997) e ROSS (2002) identificaram 5 unidades dos Sistemas Ambientais na escala 1:250.000, baseadas na geomorfologia, mapeamento do uso da terra na bacia hidrográfica, unidades de conservação, aspectos socioeconômicos e comportamento hidroclimático:

- i. Sistema da Planície Costeira Cananéia-Iguape (Zonas de Unidades de Conservação);
- ii. Sistema das Planícies e Terraços Fluviais do Ribeira;
- iii. Sistema de Colinas e Morrotes da Depressão Tectônica do Baixo Ribeira;
- iv. Sistema de Morros e Escarpas das Serras do Mar e Paranapiacaba (Zonas de Unidade de Conservação);
- v. Sistema de Morros e Superfícies de Cimeira dos Planaltos do Alto Ribeira.

Neste conceito, a APA Cajati encontra-se essencialmente nas unidades: (IV) Sistema de Morros e Escarpas das Serras do Mar e Paranapiacaba (Zonas de Unidade de Conservação), e (V) Sistema de Morros e Superfícies de Cimeira dos Planaltos do Alto Ribeira.

ROSS (2002) descreve “enquanto nos trechos mais à montante prevalecem planícies e terraços mais estreitos e com o canal principal do rio mais entalhado e com perfil longitudinal de declividade pouco mais acentuada, nos trechos à jusante, as planícies são mais largas, originadas predominantemente a partir de vales afogados pela sedimentação marinha, com muito baixo gradiente topográfico e, conseqüentemente, as águas encontram maiores dificuldades para escoar na direção do mar”.

No Planalto do Ribeira/Turvo na APA Cajati predominam altitudes acima de 800 metros, na forma de morros em planaltos, entrecortados por vales das principais drenagens, do Rio Ribeira, Pardo e Batatal que alcançam menores altitudes.

3.3. Recursos hídricos superficiais

Caracterização Geral

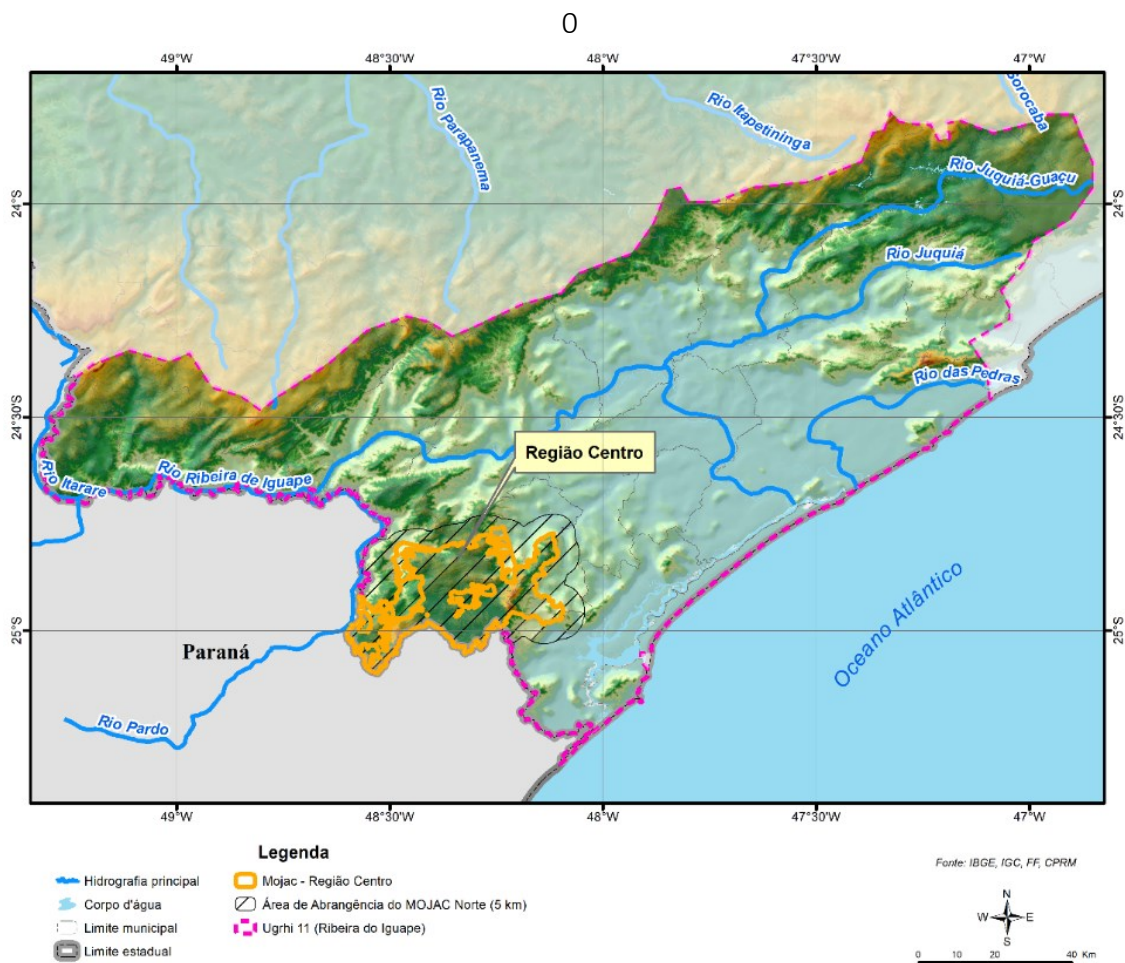
A região central do Mosaico do Jacupiranga (MOJAC) engloba além da APA Cajati, o PE do Rio Turvo, a APA do Planalto do Turvo, a APA do Rio Pardinho e Rio Vermelho, a RDS Barreiro/Anhemas, a RDS dos Quilombos de Barra do Turvo, a RDS dos Pinheirinhos e a RDS de Lavras. Para o tema Recursos Hídricos Superficiais, a área de abrangência dos estudos compreendeu a região central do Moajc, a qual é cortada de nordeste à sudoeste pela rodovia Régis Bittencourt – BR 116 no trecho que se inicia nas proximidades do acesso à cidade de Cajati, SP – nordeste e alcança a divisa do estado de São Paulo / Paraná no bairro de Santa Marta / município de Barra do Turvo – sudoeste.

O trecho estudado compõe a Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos Ribeira do Iguape (UGRHI 11) constituída nos limites da Bacia Hidrográfica do rio Ribeira de Iguape (Figura 1). A UGRHI 11 limita-se à sudoeste com o estado do Paraná; ao norte com as UGRHI 14, do Alto Paranapanema, e 10, do Sorocaba e Médio Tietê; à nordeste com as UGRHIs 6, do Alto Tietê, e 7, da Baixada Santista e a Leste com o Oceano Atlântico. A área total da Bacia do rio Ribeira de Iguape, incluindo a porção paranaense é de 25.681 km², entretanto, a porção paulista é de 17.067,92 km². Compreendendo também outras bacias que convergem para o Oceano Atlântico.

Embora a UGRHI 11 possua situação privilegiada no que diz respeito à disponibilidade de água, sua distribuição não é uniforme em todo o território, apresentando carências pontuais em função do posicionamento geográfico, ou seja, as regiões das cabeceiras dos rios, próximas ao divisor de águas, além das que sofrem com os impactos do desmatamento (CBH-RB, 2018). Esse é o caso da Região Centro do Mojac, apesar de boa parte de seus mananciais estarem inseridos em Unidades de Conservação de proteção integral como o PE do Rio Turvo que mantém ótima preservação da mata nativa.

A elevada disponibilidade hídrica na UGRHI 11 e a baixa demanda outorgada indicam um balanço hídrico geral muito positivo. Há, no entanto, problemas não retratados como o do rio Jacupiranguinha, que no trecho próximo à cidade de Cajati, conforme o comitê de bacia (CBH-RB, 2017), encontra-se no seu limite crítico devido ao comprometimento de sua vazão mínima, em função das vultosas vazões de captação ali instaladas. Como também a constatação de crescentes conflitos pontuais, movidos pela escassez de água superficial, principalmente nas regiões próximas às cabeceiras de serra. Isso sugere a necessidade de ampliar o cadastramento e emissão ou regularização de outorga para todos os usuários enquadráveis, para que os dados e a identificação de demanda sejam os mais reais possíveis; é importante destacar que esta situação ocorre fora e à jusante da área de estudo.

Figura 1. Unidade de Gerenciamento dos Recursos Hídrico Ribeira do Iguape (UGRHI 11)



Fonte: CBH-RB (2018) / Elaboração: AmbGis (2022).

Sub-bacias da área de abrangência dos estudos e da APA Cajati

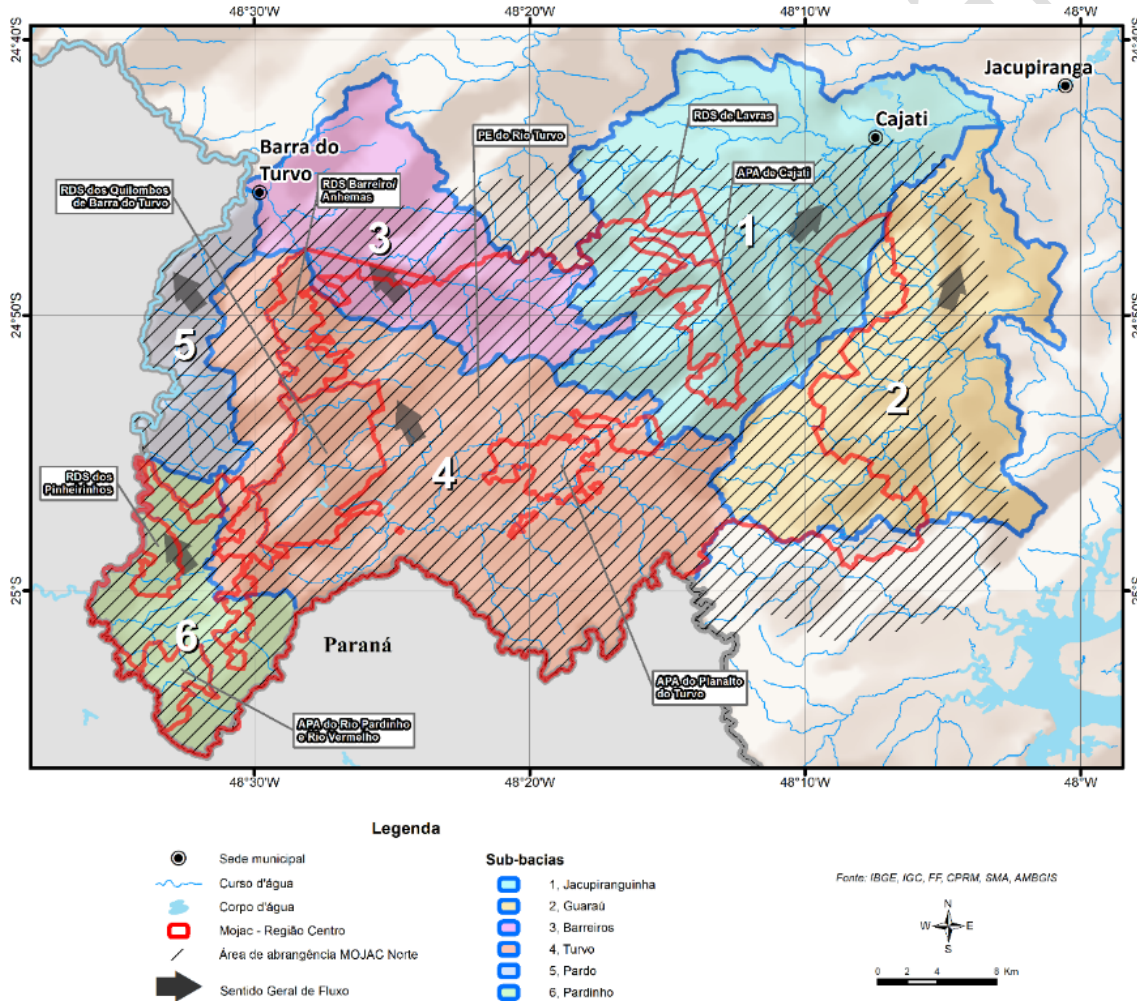
As sub-bacias hidrográficas presentes no sistema hidrográfico dessa região têm como característica principal o Planalto do Alto Turvo que separa duas importantes sub-bacias, a do rio Turvo e do rio Jacupiranga. Ambas pertencem à bacia do Ribeira de Iguape que neste trecho drena em sentido oposto tal a curva pronunciada à direita do fluxo que o rio Ribeira de Iguape faz antes da cidade de Registro. Desse modo, a principal e mais extensa unidade de conservação na área de estudo é o PE do Rio Turvo (PERT) que engloba as nascentes de todas as sub-bacias abrangidas por esse território, a destacar: sub-bacias dos rios Pardinho, Barreiros, Jacupiranguinha, Guaraú, sendo que as duas últimas se configuram como as nascentes do rio Jacupiranga. Esse fato demonstra a importância da preservação da cobertura vegetal do PERT.

As sub-bacias aqui descritas fazem parte de Unidades de Planejamento da UGRHI 11, portanto, podem receber aportes financeiros para projetos de desenvolvimento e

conservação ambiental dessas unidades. Desse modo, foram agrupadas considerando os principais rios – Turvo, Jacupiranguinha, Guaraú, Pardinho e Pardo – e os limites das unidades de conservação que compõem a Região Centro do Mojac. Importante ressaltar que as sucintas descrições e análises sobre o uso e ocupação das sub-bacias foram feitas a partir das visitas de campo e de análise por fotointerpretação através do Google Earth Pro, salvo quando indicada outra fonte.

A Região Centro do Mojac contempla 6 sub-bacias, assim nominadas: 1 - SB Jacupiranguinha; 2 - SB Guaraú; 3 - SB Barreiro; 4 - SB Turvo; 5 - SB Rio Pardo; 6 - SB Rio Pardinho (Figura 2). A APA Cajati encontra-se totalmente inserida na sub-bacia 1 – Jacupiranguinha, conforme Figura 2.

Figura 2. Sub-bacias que compõem a Região Centro do Mojac



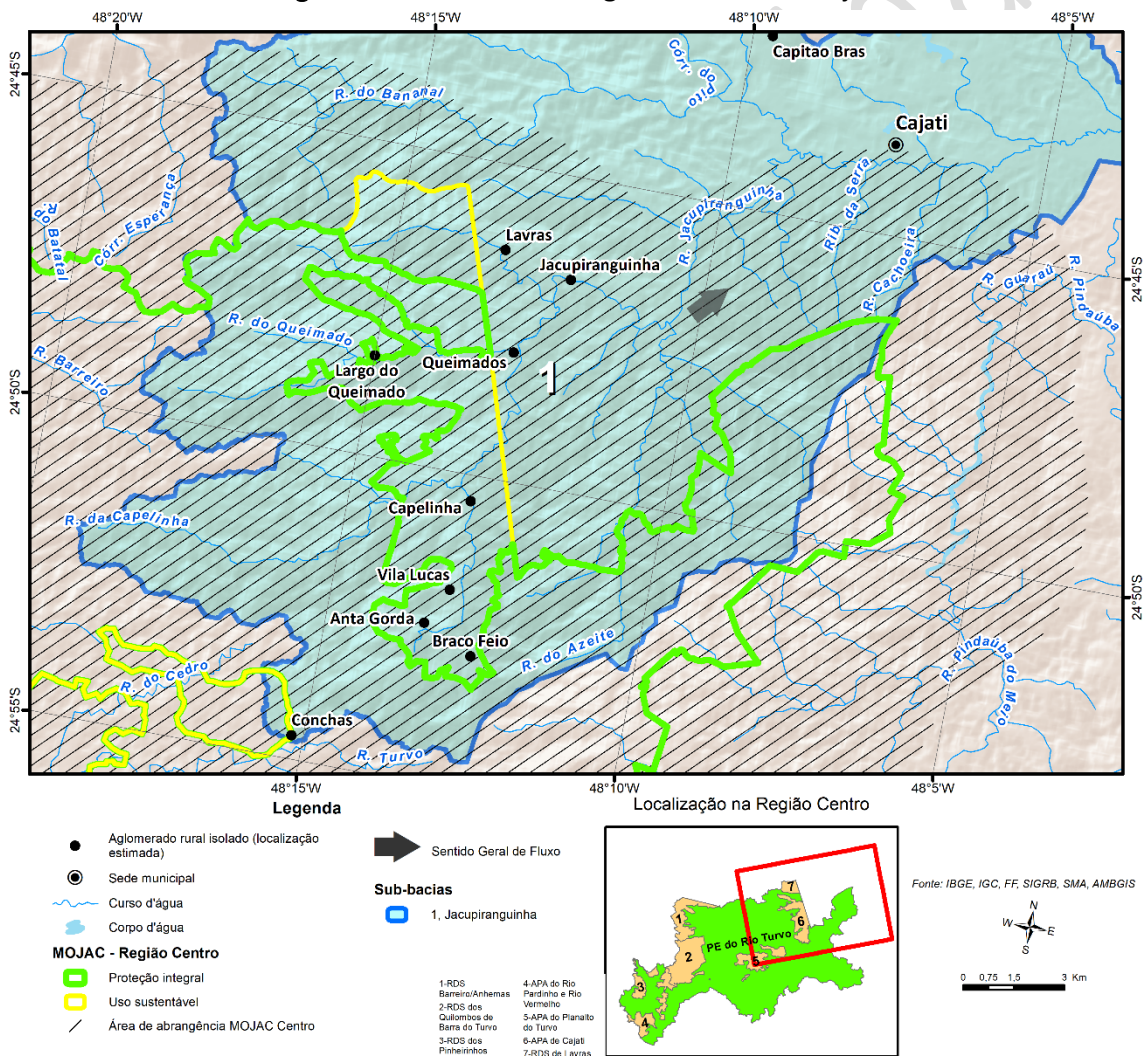
Fonte: IG (2006), IGC (2005), IPT (1981), elaboração: AmbGis (2022).

A **sub-bacia 1 – Jacupiranguinha** está posicionada no limite nordeste da área de estudo; são as áreas das nascentes do rio Jacupiranga, trechos do Planalto do Alto Turvo com altitudes entre 700 e 800 metros na porção sul, alcançando no extremo sul altitudes próximas a 1180 metros – Serra da Espia – limite topográfico da Sub-bacia do Guaraú

(Figura 3). Essas áreas estão inseridas no PERT com vegetação preservada, contudo, perdas de vegetação são percebidas em função da proximidade com a cidade de Cajati, como também, por ser cortada pela Rodovia Régis Bittencourt que segue em paralelo ao rio Jacupiranguinha até ultrapassar o limite topográfico da sub-bacia.

Nas áreas mais centrais da sub-bacia, encontra-se a APA Cajati, unidade de conservação de uso sustentável, basicamente ocupada por pastagens de acordo com a visualização das imagens atuais do Google Earth. Mais próximo da foz do rio Jacupiranguinha, predomina relevos mais suaves, com cursos d'água em paralelo e alta densidade de drenagem, ocupadas por pastagens, cultivos e pela presença da cidade de Cajati. Percebe-se que em ambos os setores predominam pastagens, que avançam sobre as APPs dos cursos d'água, áreas que devem ser monitoradas e recuperadas.

Figura 3. Sub-bacia 1 – Região Centro do Mojac



Fonte: IG (2006), IGC (2005), IPT (1981), elaboração: AmbGis (2022).

Qualidade da Água

Para os levantamentos de qualidade das águas da área de estudo foram utilizados os dados do Relatório de situação dos recursos hídricos da UGRHI11 (CBH-RB, 2014 e 2017) e os trabalhos de Moccellini (2006 e 2010) e Cunha (2010), além do Portal tratamento de água. Esses trabalhos englobam áreas das sub-bacias do rio Jacupiranguinha e do rio Guaraú, afluentes do rio Jacupiranga. Há de se destacar que existem escassas bibliografias sobre o tema na área de estudo, o que se configura como uma lacuna de informações cuja necessidade de estudos mais profundos poderia ser incentivada no âmbito dos programas de gestão do Plano de Manejo.

Segundo os estudos do grupo de pesquisas do Professor de Hidrologia Florestal da Esalq/USP - Walter de Paula Lima, quando falamos no secamento das nascentes, o grande problema é atribuído às florestas de eucaliptos. Todavia o que se verifica é a ausência de um planejamento de plantio adequado às características ambientais da área, evitando o desmatamento ao redor das nascentes. É essencial o cumprimento da legislação ambiental vigente, além de adotar as boas práticas de manejo (<https://potencialflorestal.com.br/florestas-de-eucalipto-a-verdade/> acesso 06/09/2022). O reflorestamento por eucalipto é comum na área de estudo. No entanto, percebe-se que nem sempre as áreas de APPs são respeitadas, assim, deve-se inserir projetos no âmbito dos programas de gestão do Plano de Manejo para diagnóstico e recuperação dessas áreas. Como também, instruir o plantio de eucalipto adequado às práticas de manejo, minimizando impactos aos cursos d'água do entorno próximo.

As microbacias que compõem o sistema hidrográfico da área de estudo são mais sensíveis sobre vários aspectos ecológicos e hidrológicos. Um dos fatores mais importantes nesse processo é a permanência do ecossistema ripário, ou seja, a pujança da mata ciliar e das nascentes, bem como, das várzeas ao longo da microbacia. É por isso que essas áreas são consideradas de "preservação permanente", no sentido de que sua preservação proporciona serviços ambientais importantes, como o recurso água (LIMA, 2004).

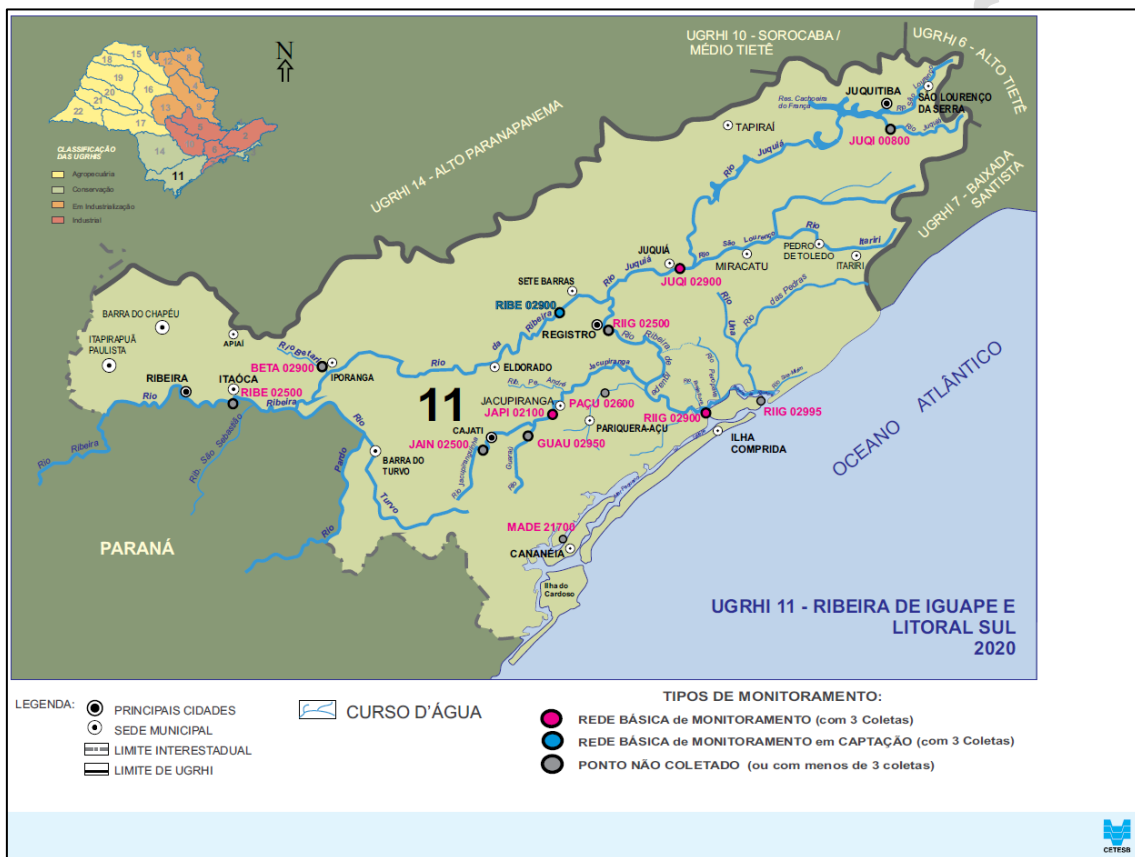
A UGRHI 11 possui treze pontos de monitoramento, sendo que todos os pontos estão com a classificação boa, porém ainda, a quantidade de pontos monitorados é insuficiente para retratar a realidade desta unidade de gerenciamento, levando em consideração sua extensão territorial. Destaca-se que os pontos dos rios Jacupiranguinha e Guaraú foram realocados desde o ano de 2012, prejudicando a análise histórica principalmente no rio Jacupiranguinha, tendo em vista que esta sub-bacia possui um complexo minerário industrial (CBH-RB,2018).

A Cetesb possui 2 pontos de monitoramento nas sub-bacias desses rios; no entanto, apenas um (JAIN02500) se encontra na área de abrangência dos estudos da Região Centro do Mojac no rio Jacupiranguinha. O segundo (GUAU02950) se encontra no rio Guaraú nas proximidades da unidade de conservação. Contudo, são informações

importantes para a região estudada, pois são locais que refletem informações das nascentes do rio Jacupiranguinha, nas zonas rurais e urbanas do município de Cajati e das nascentes do rio Guaraú, na zona rural do município de Jacupiranga.

No relatório de Qualidade das águas interiores no estado de São Paulo (Cetesb, 2020) considera ambos os pontos como – Ponto Não Coletado (ou com menos de 3 coletas) (Figura 4) – assim, optou-se aqui, considerar o Relatório do Plano de Bacias da UGRHI 11 (CBH-RB, 2018) que apresenta somente os mapas de qualidade da água sem tabelas por pontos de monitoramento.

Figura 4. Pontos de monitoramento da Cetesb para UGRHI 11



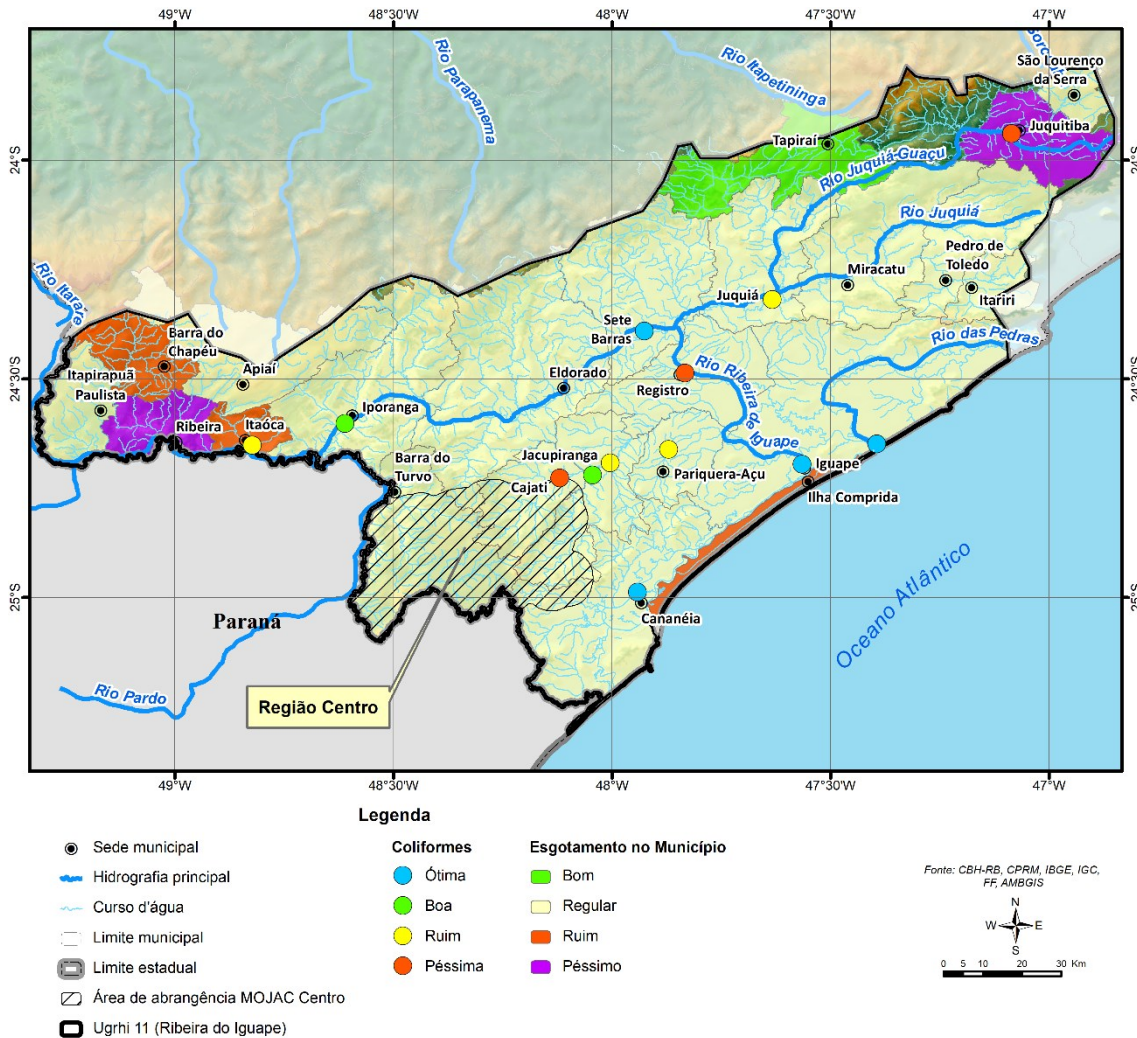
Fonte: Cetesb (2020).

O relatório Elaboração do Plano de Bacias da UGRHI11 (CBH-RB, 2018) analisou os índices que avaliam a qualidade dos recursos hídricos com os resultados dos indicadores da qualidade das águas, tendo como base a porcentagem de coleta de esgoto de cada município (Figura 5). Observa-se que o ponto JAIN02500 se localiza no limite da área de estudo, na área urbana da cidade de Cajati, apresentando condição Péssima de análise de coliformes fecais. A proximidade da área urbana contribui para essa informação e reflete deficiências do sistema de esgotamento sanitário dessa cidade. Importante destacar também que o sentido de drenagem se afasta do MOJAC, não refletindo dessa forma na qualidade da água no mosaico. O outro ponto (GUAU02950) no rio Guaraú já apresenta uma condição Boa e reflete a condição das nascentes da zona

Área de Proteção Ambiental de Cajati

rural do município de Jacupiranga. Existe um outro ponto (JAPI02100) à jusante desses dois relatados acima; contudo, já recebe influência das proximidades da cidade de Jacupiranga. Além disso, o rio Jacupiranga recebe as águas dos rios Jacupiranguinha e Guaraú, refletindo uma informação de ambas as sub-bacias. Assim, optou-se por não descrever informação deste ponto de monitoramento.

Figura 5. Porcentagem de coleta de esgoto e os resultados da análise de coliformes fecais.



Os valores de referência para o esgotamento sanitário são: menor que 30%: péssimo; entre 31% e 50%: ruim; entre 51% e 80%: regular; entre 81% e 95%: bom e acima de 95%: ótimo. Fonte: SNIS 2014 e Cetesb 2015.

Fonte: CBH-RB (2018).

Índice de Qualidade da Água – IQA

Os dados do IQA apresentados nos relatórios dos últimos anos da CETESB mostram que a qualidade das águas superficiais na UGRHI 11 é predominantemente Boa, com exceção do ponto de amostragem localizado na sub-bacia do rio Jacupiranga, mas

que, conforme já descrito, não drena para o interior do MOJAC, estando relacionado com a área urbana de Cajati.

Na Tabela 1 são mostrados o histórico dos dados do Índice de qualidade das águas (IQA) no rio Guaraú e Jacupiranga.

Tabela 1. Histórico dos dados referentes ao Índice de Qualidade das Águas - IQA.

Índice de Qualidade das Águas - IQA																
UGRHI	Nome do Ponto	Descrição	Intermed. Classe	Classe Enquad.	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
UGRHI 11	BETA02900	Rio Betari	02900	02	sd	64	71	63	72	77	73	74	70	73	74	75
UGRHI 11	GUAU02950	Ria Guaraú	02950	02	sd	sd	sd	sd	sd	65	69	69	62	67	68	73
UGRHI 11	GUAU02959	Ria Guaraú	02959	02	sd	sd	sd	sd	70	sd	sd	sd	sd	sd	sd	sd
UGRHI 11	JAIN02500	Rio Jacupiranguinha	02500	02	sd	sd	sd	sd	66	58	60	57	55	58	62	63
UGRHI 11	JAIN02800	Rio Jacupiranguinha	02800	02	sd	46	49	43	sd	sd	sd	sd	sd	sd	sd	sd
UGRHI 11	JAPI02100	Rio Jacupiranga	02100	02	50	51	50	45	52	48	46	47	45	48	48	57

Valor de referência	
Índice de qualidade das águas - IQA	
Categoria	IQA
ÓTIMA	79 < IQA ≤ 100
BOA	51 < IQA ≤ 79
REGULAR	36 < IQA ≤ 51
RUIM	19 < IQA ≤ 36
PÉSSIMA	IQA ≤ 19

Fonte: CBH-RB (2018); Cetesb, via CRHI -SIMA.

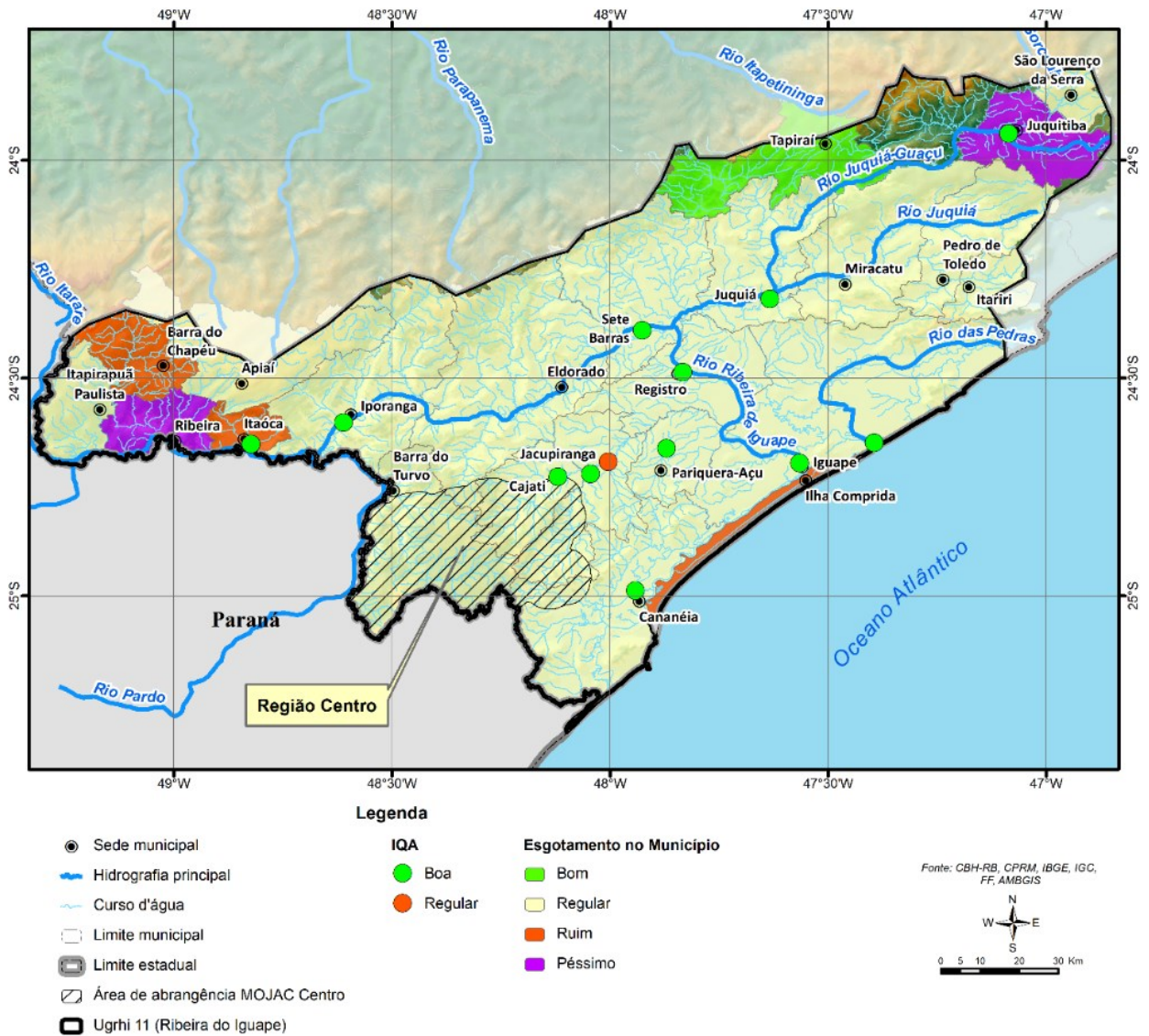
Nos pontos monitorados pela Cetesb (Tabela 1), verifica-se que a qualidade para abastecimento (IQA) encontra-se predominantemente Boa no período de 2011 a 2018 para os pontos de monitoramento dos rios Jacupiranguinha (JAIN02500) e Guaraú (GUAU02950).

Segundo (CBH-RB, 2018), os dados do Índice de Qualidade das Águas (IQA) apresentados nos relatórios dos últimos anos da Cetesb mostram que a qualidade das águas superficiais na UGRHI 11 é predominantemente Boa, com exceção do ponto de amostragem localizado no rio Jacupiranga nas proximidades da cidade de Jacupiranga. O IQA reflete em grande parte o efeito do esgoto sobre os corpos d'água. Os pontos de amostragem do município de Cajati (JAIN02500) e nas áreas rurais de Jacupiranga (GUAU02950) indicam um resultado Boa para o IQA, estes pontos estão em áreas que drenam para longe do MOJAC, não afetando sua qualidade da água (Figura 6).

O Índice de Vida Aquática (IVA) mede, além de alguns parâmetros comuns ao IQA, substâncias organolépticas (Fe, Al, Mg). Dessa forma, consegue avaliar os melhores ambientes para a biota aquática e não apenas água para o abastecimento humano. O IVA para o ponto na cidade de Cajati apresenta condição Boa, já no rio Guaraú, na área rural do município de Jacupiranga, apresenta a condição Regular, o que não afeta a área do MOJAC (Figura 7).

O Índice de Estado Trófico – IET consta como oligotrófico para ambos os pontos dos rios Jacupiranguinha e Guaraú (Figura 8).

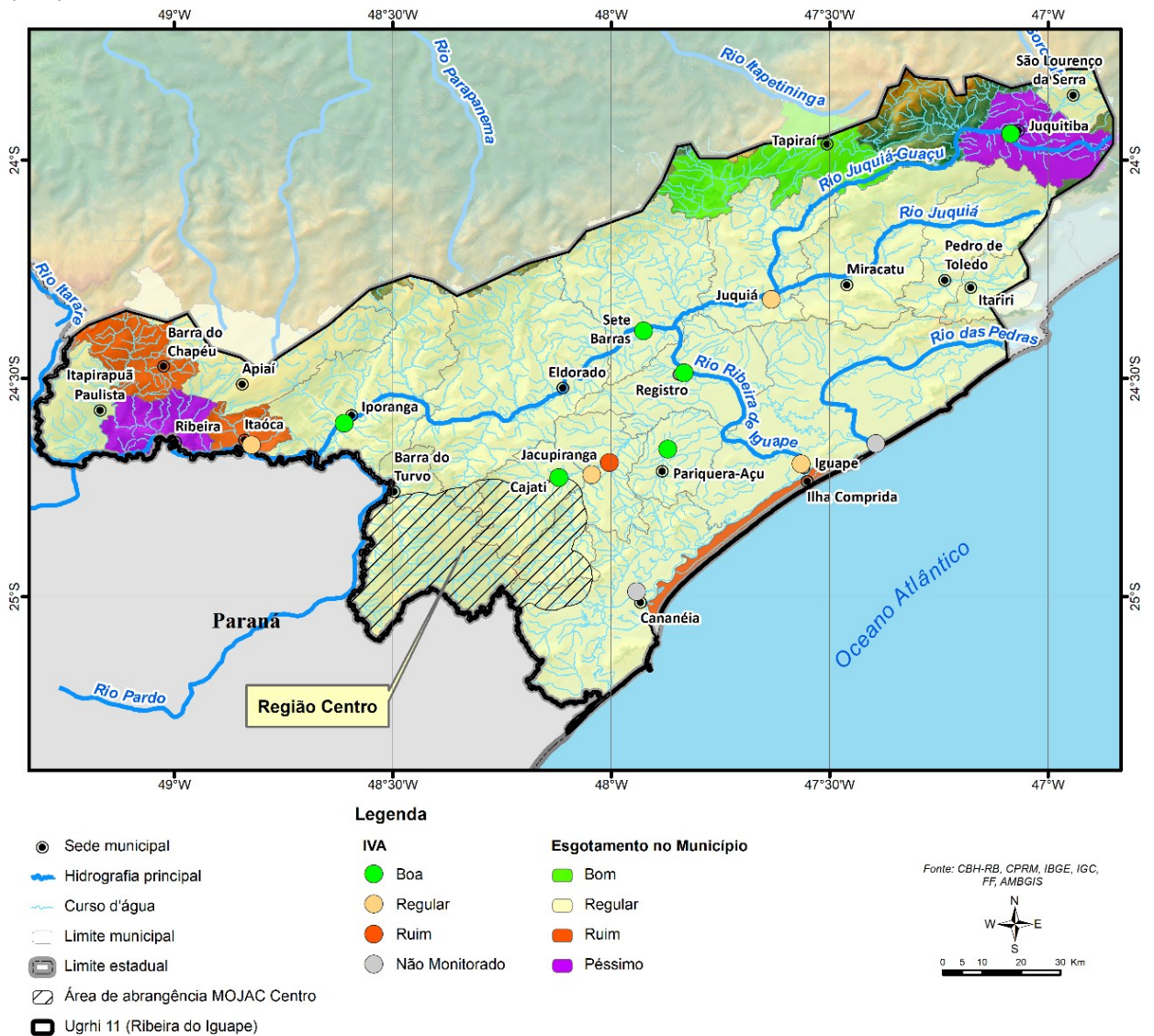
Figura 6. Porcentagem de coleta de esgoto e os resultados do Índice de Qualidade das Águas (IQA)



Os valores de referência para o esgotamento sanitário são: menor que 30%: péssimo; entre 31% e 50%: ruim; entre 51% e 80%: regular; entre 81% e 95%: bom e acima de 95%: ótimo. Fonte: SNIS 2014 e Cetesb 2015.

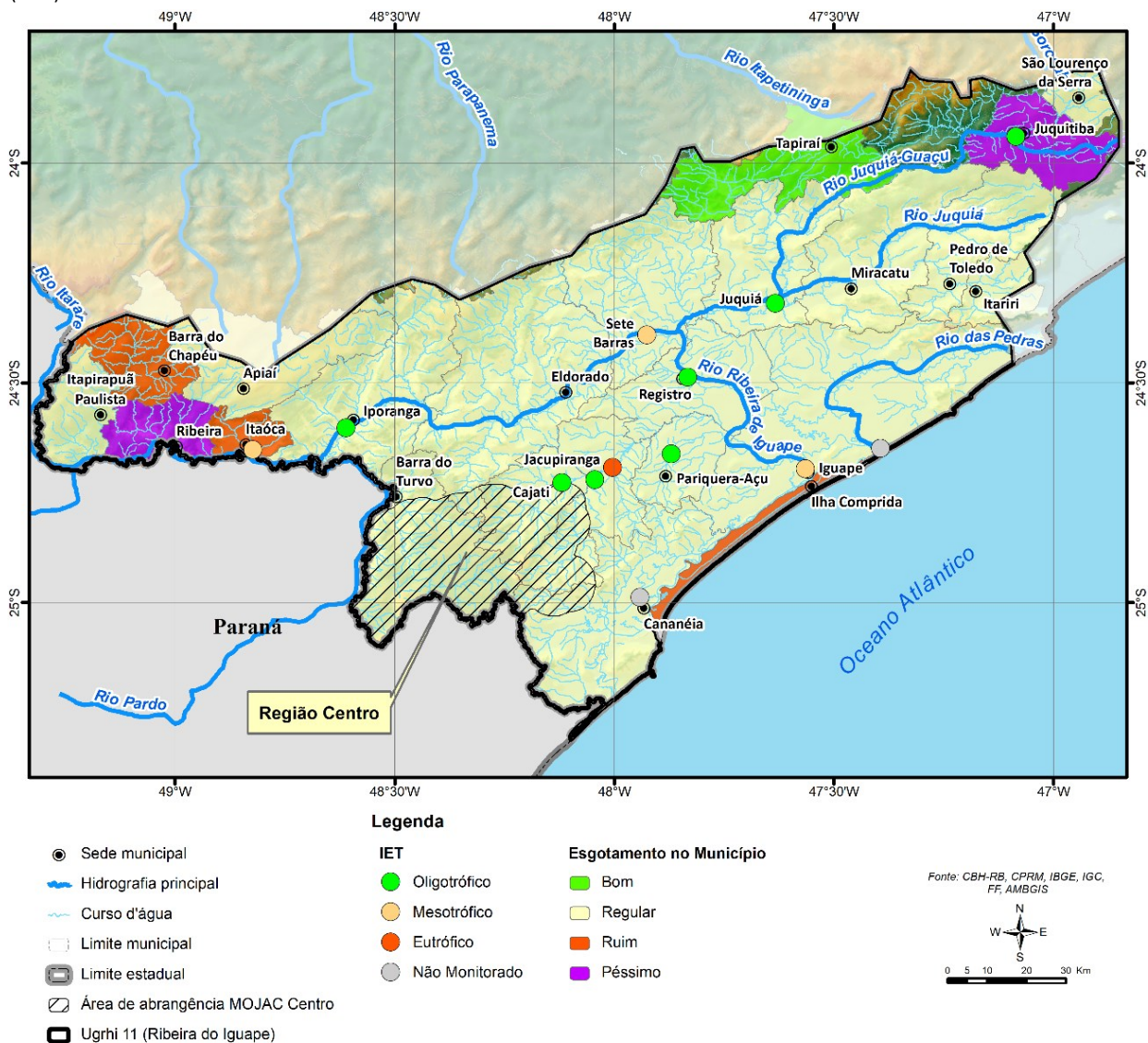
Fonte: CBH-RB (2018).

Figura 7. Porcentagem de coleta de esgoto e os resultados do Índice de Vida Aquática (IVA).



Os valores de referência para o esgotamento sanitário são: menor que 30%: péssimo; entre 31% e 50%: ruim; entre 51% e 80%: regular; entre 81% e 95%: bom e acima de 95%: ótimo. Fonte: SNIS 2014 e Cetesb 2015. Fonte: CBH-RB (2018).

Figura 8. Porcentagem de coleta de esgoto e os resultados do Índice de Estado Trófico (IET).



Os valores de referência para o esgotamento sanitário são: menor que 30%: péssimo; entre 31% e 50%: ruim; entre 51% e 80%: regular; entre 81% e 95%: bom e acima de 95%: ótimo. Fonte: SNIS 2014 e Cetesb 2015.

Fonte: CBH-RB (2018).

Os trabalhos de Moccellini (2006, 2010) e de Cunha (2010) analisaram detalhadamente o comportamento de variáveis limnológicas na sub-bacia do rio Jacupiranguinha (município de Cajati – SP, Baixo Ribeira do Iguape) em períodos sazonais distintos. Concluíram que existiam problemas decorrentes de efluentes domésticos, industriais e de mineração, além de sedimentos em suspensão em função de atividades agrícolas inadequadas que ocupam áreas de mata ciliar dos rios. Desse modo, pensando na sustentabilidade dos recursos hídricos da sub-bacia do rio Jacupiranguinha, algumas

recomendações foram destacadas: (a) melhorar as condições de saneamento básico do município, pois uma parte do esgoto doméstico gerado não recebe tratamento e é lançado in natura no rio; (b) fiscalizar as propriedades em relação ao cultivo de banana e pastagens e, pelo menos junto às margens do rio, substituir a plantação de banana por mata ciliar típica da região, conforme a Lei nº 12.651, de 2012. Para isso, é imprescindível que se inicie um processo de conscientização dos proprietários sobre a importância de preservar e mesmo restabelecer a mata ciliar, especialmente aquelas ao redor das nascentes, e expor, de forma clara, que as plantações de banana e as pastagens às margens do rio, podem gerar consequências danosas à qualidade da água pelo uso de fertilizantes e presença de fezes animais, assim como erosão das margens e aporte de grande quantidade de material alóctone para dentro do sistema, comprometendo o sustento de suas próprias atividades. E (c) as atividades mineradoras, que através do efluente lançado, gera uma poluição muito séria para o rio Jacupiranguinha. As análises químicas e toxicológicas da água e do sedimento revelaram condições de distúrbio e contaminação desses compartimentos por metais pesados. Nesse sentido, é necessário desacelerar esse processo de degradação, de forma direta, com investimentos em tecnologias de tratamento do efluente, e indireta, por meio de planos corretivos e de atenuação das inconformidades ambientais de uso e ocupação da sub-bacia e pela fiscalização mais eficiente das atividades (essas atividades se encontram fora da área de estudo, com fluxo de água em sentido oposto ao Mosaico).

Apenas as nascentes do rio Jacupiranguinha e do Guaraú encontram-se na área de abrangência dos estudos, sendo que estão bem preservadas, principalmente as do rio Guaraú. As atividades antrópicas estão presentes na área de abrangência dos estudos nas áreas de média e baixa encosta, além disso, o fluxo de drenagem escoar para fora da área de estudo. Com isso, não recebe impactos diretos decorrentes da cidade de Cajati e dos efluentes domésticos, agrícolas, industriais ou de atividades de mineração.

Atualmente a Sabesp tem metas até 2024 para atingir o tratamento de esgoto em 100% das áreas urbanas de Cajati (acesso 04/09/2022 <https://www.gazetadovale.com.br/sabesp-realiza-obras-de-esgoto-e-buscaatingir-universalizacao-do-saneamento-ate-2024-na-regiao-o-vale-do-ribeira-not-5682.php>).

Contudo, o sedimento em suspensão é um problema recorrente em função de atividades agrícolas e pecuárias inadequadas geralmente com supressão das matas ciliares, informação constatada com o trabalho de campo. Além disso, o histórico apresentado na Tabela 1 – Histórico dos dados referentes ao Índice de Qualidade das Águas – IQA e os Mapas dos Índices de Qualidade das Águas (IQA) de Vida Aquática (IVA) do Estado Trófico (IET) apresentam, segundo CBH-RB (2018), uma condição Boa para todos os índices, com exceção do IVA para o ponto de monitoramento do rio Guaraú que apresentou uma condição Regular, o que requer atenção com as atividades de monocultura de banana e pastagens na sub-bacia conforme destacado por Moccellini (2006, 2010) e Cunha (2010).

Enquadramento dos corpos d'água

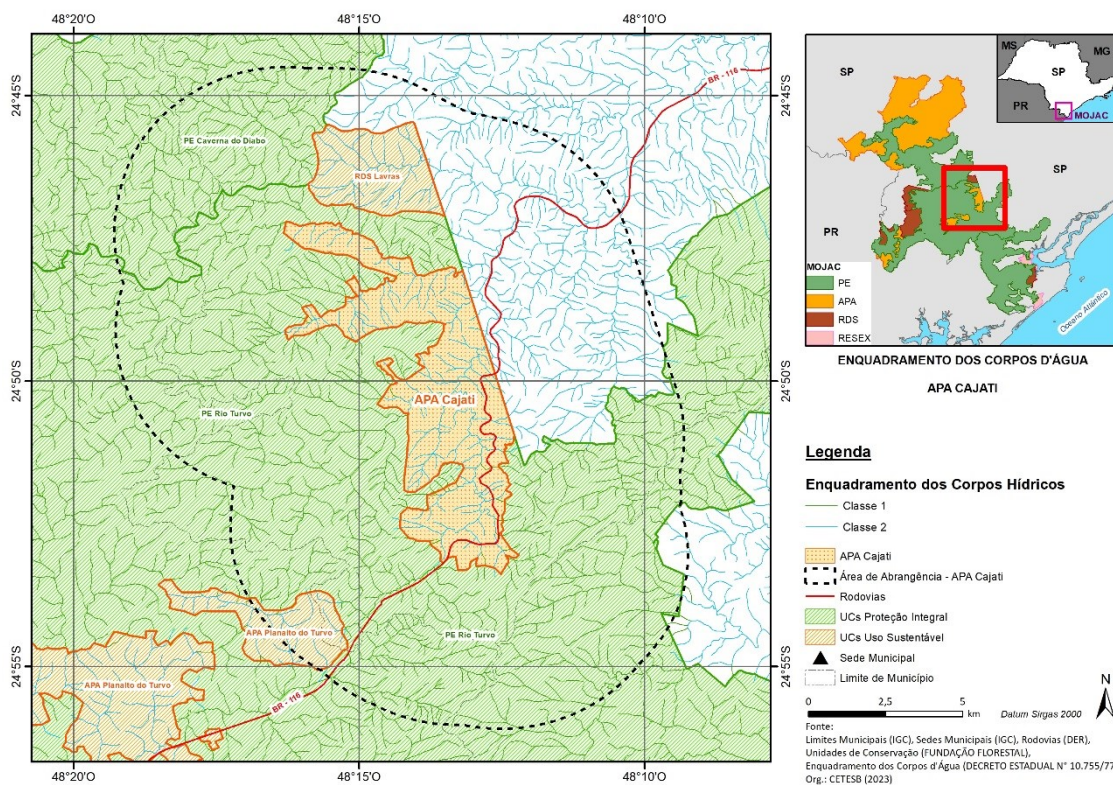
Segundo a Resolução CONAMA 357/2005, o enquadramento dos corpos d'água é o estabelecimento da meta de qualidade da água a ser alcançada ou mantida em um segmento de acordo com os usos pretendidos.

A referida resolução traz cinco classes de enquadramento:

- Classe especial: águas destinadas ao abastecimento para consumo humano, com desinfecção; a preservação do equilíbrio natural das comunidades aquáticas; a preservação dos ambientes aquáticos em unidades de proteção integral.
- Classe 1: águas que podem ser destinadas para consumo humano, com tratamento simplificado; a proteção das comunidades aquáticas; recreação de contato primário; irrigação de hortaliças consumidas cruas e de frutas e que sejam ingeridas cruas sem remoção de película; a proteção das comunidades aquáticas em terras indígenas.
- Classe 2: águas que podem ser destinadas ao abastecimento para consumo humano, após tratamento convencional; proteção das comunidades aquáticas; à recreação de contato primário; irrigação de hortaliças e plantas frutíferas, parques e jardins e outros com os quais o público possa vir a ter contato direto; aquicultura e à atividade de pesca.
- Classe 3: águas que podem ser destinadas ou águas que podem ser destinadas ao abastecimento para consumo humano, após tratamento convencional ou avançado; irrigação de culturas arbóreas, cerealíferas e forrageiras; pesca amadora; recreação de contato secundário; dessedentação de animais.
- Classe 4: águas que podem ser destinadas à navegação e harmonia paisagística.

De acordo com o enquadramento do Decreto nº 10.755, a área de estudo possui corpos d'água nas classes I e II. São considerados de classe I todos os cursos d'água cujas nascentes situam-se dentro de áreas destinadas a Reservas Florestais do Estado, nos trechos de seus cursos, nelas compreendidos. O restante dos cursos d'água estão enquadrados como Classe II (Figura 9).

Figura 9. Mapa com o enquadramento dos corpos d'água na UGRH11.



Fonte: Cetesb, 2016.

Identificação dos Principais Pontos de Conflitos no Uso das Águas Superficiais

As captações superficiais na área de estudo demonstram que existe parcial convergência com as legislações ambientais, tendo em vista a manutenção de Unidades de Conservação de Uso Sustentável, diminuindo a pressão antrópica sobre as áreas de proteção integral aqui representado pelo PE do Rio Turvo, como pode ser demonstrado pelo Mapa de Pontos Públicos de Captação de Água Superficial (**Apêndice 3.3.A**).

As análises do uso da terra feitas no âmbito da análise das águas superficiais estão embasadas na visualização das imagens do Google Earth, com o limite das sub-bacias e da rede de drenagem, portanto, trata-se de uma análise fotointerpretativa com a descrição sucinta da paisagem.

As captações superficiais de Abastecimento Público, Atividades Agrícolas e Uso Sanitário estão contidas na área de abrangência dos estudos e nas áreas das APAs e RDSs que permitem um uso sustentável, às características ambientais da área e à legislação ambiental vigente. São áreas que fazem limite ao PE do Rio Turvo, portanto, exigem constante monitoramento, considerando que existem muitas áreas com pastagens com criação de animais, cultivo de banana, palmito e agricultura de subsistência. É muito comum a invasão das áreas de APPs tanto das matas ciliares quanto topos de morros,

considerando que a área possui um relevo movimentado exigindo adequação das atividades agrícolas às boas práticas de manejo.

As comunidades rurais locais retiram água diretamente dos canais de drenagem próximos, por meio de pequenas barragens, com a distribuição da água feita por mangueiras. Nas áreas urbanas o Abastecimento Público é realizado pela Sabesp por meio de captação superficial e subterrânea com o devido tratamento e distribuição da água (**Apêndice 3.3.A**).

Na porção nordeste da área de estudo, proximidades da cidade de Cajati e imediações, ocorre uma acentuada ocupação antrópica. Segundo relatório CBH-RB (2021), o município de Cajati se caracteriza como polo industrial da região em função da atividade minerária existente na cidade. Quase todas as grandes empresas e a concessionária de abastecimento fazem uso das águas do rio Jacupiranguinha, sendo que essas captações se concentram num trecho pequeno dentro da área urbana do município. Essas extrações de água de forma concentrada podem causar o fenômeno de leito seco nos períodos de estiagem prolongada, podendo criar conflitos de uso da água e limitar o desenvolvimento do município. Além disso, com base no Mapa de Poços identificados no site do DAEE (**Apêndice 3.4.C**), ocorre uma concentração desses na área da cidade de Cajati. Segundo os relatórios do CBH-RB (2017), Moccellin (2006, 2010) e Cunha (2010) apontam para a supressão da vegetação ciliar dos cursos d'água e nascentes do rio Jacupiranguinha, o que diminui a vazão e aumenta a concentração de sedimentos em suspensão. Essas áreas mais altas fazem parte PE do Rio Turvo, mas já apresentam pequenos trechos desmatados. RDS Lavras e APA Cajati apresentam áreas de pastagens e cultivos. Assim, pode-se inserir projetos de recuperação das APPs e adequação dos usos com práticas de conservação.

Na porção central da área de estudo predomina a maior extensão de área do PE do Rio Turvo, sua vegetação nativa está preservada, os principais rios que cortam a rodovia Régis Bittencourt mantêm suas ciliares em ótimas condições, contudo, no entorno da rodovia e da APA do Planalto do Turvo existem sinais de perda da vegetação. Predomina a captação superficial em toda a extensão da área.

Os pontos de monitoramento da Cetesb cobrem as áreas das nascentes do rio Guaraú (GUAU02950) e das nascentes do rio Jacupiranguinha (JAIN02500), e apresentam índices Bom a Regular. Os impactos dos acidentes num primeiro momento são pontuais, não sendo possível uma correlação direta ou indireta com análise da qualidade da água nos pontos de monitoramento da Cetesb no período até 2018 (IQA, IET e IVA). Além disso, esses dados cobrem apenas a porção nordeste da área de estudo. Assim, as únicas ações são aquelas que já estão em andamento, com treinamento do pessoal que atende essas demandas de acidentes rodoviários.

Na porção noroeste se localizam áreas da RDS do Quilombos de Barra do Turvo e RDS Barreiros/Anhemas, que seguem o rio Turvo e a estrada municipal de Barreiros. São áreas ocupadas em grande parte por pastagens, com morros e montanhas de declive acentuado, apresentando degradação das matas ciliares. A cidade de Barra do Turvo,

nolimite noroeste da área de abrangência, possui tratamento de esgoto o que minimiza o impacto à jusante deste ponto ao longo do curso do rio Pardo.

A serra da Bironha estabelece o limite topográfico entre a sub-bacias do rio Pardo e a do rio Turvo. Neste trecho, predomina vastas áreas de campos antrópicos, a abundância de nascentes favorece a captação superficial que predomina na área. Seguindo mais para o sul as áreas de serras se intensificam onde se localizam a RDS do Pinheirinhos, a APA do Rio Pardinho e Rio Vermelho e trechos do PE do Rio Turvo, e a movimentação do relevo é intensa o que dificulta muito qualquer tipo de atividade agrícola e de criação de animais.

Esta análise do uso e cobertura da terra foi relacionado à partição da área de estudo em sub-bacias hidrográficas, considerando também o próprio limite das unidades de conservação. Isso permitiu identificar os topos de morros e seus divisores hidrográficos, como também, os principais canais de drenagem identificando assim, Áreas de Preservação Permanente APPs que foram suprimidas. Quatro sub-bacias devem ter uma atenção especial: a do Guaraú pelo intenso cultivo de banana, a Jacupiranguinha com perda da cobertura vegetal dos mananciais, a do Barreiro onde as áreas de pastagens avançam nas áreas do PERT e a do rio Pardinho com vulnerabilidade em função do relevo de serras. Devem ser inseridos projetos de diagnósticos mais detalhados e de recuperação dessas sub-bacias, em parcerias com a UGRHI 11 que dispõe de verbas via Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO).

Um dos problemas recorrentes é o esgotamento sanitário rudimentar nas áreas rurais, não se pode avaliar a condição da qualidade da água em toda a região em função da carência de estações de monitoramento. O PERT ocupa vastas áreas de nascentes que se mantêm bem preservadas, contudo, as unidades de uso sustentável necessitam de atividades de recuperação. Estudos mais aprofundados devem ser incentivados nos programas de gestão do Plano de Manejo com parcerias de pesquisas com as universidades locais ou que já atuam na área, para diagnóstico mais preciso do impacto dos efluentes domésticos nos cursos d'água. Projetos de instalação de fossas biodigestoras também devem ser incentivados e apoiados junto às prefeituras locais.

O conflito de uso das águas superficiais na área de estudo não ocorre de modo acentuado, as comunidades fazem a captação nas nascentes próximas sempre distantes das áreas ocupadas. A água é abundante também porque as condicionantes climáticas regionais favorecem um índice pluviométrico médio alto entre 1.400 mm e 2.000 mm nas áreas serranas, segundo informações do SIG-RB (2016).

3.4. Recursos hídricos subterrâneos

A metodologia utilizada para este tema encontra-se no **Apêndice 3.4.A**.

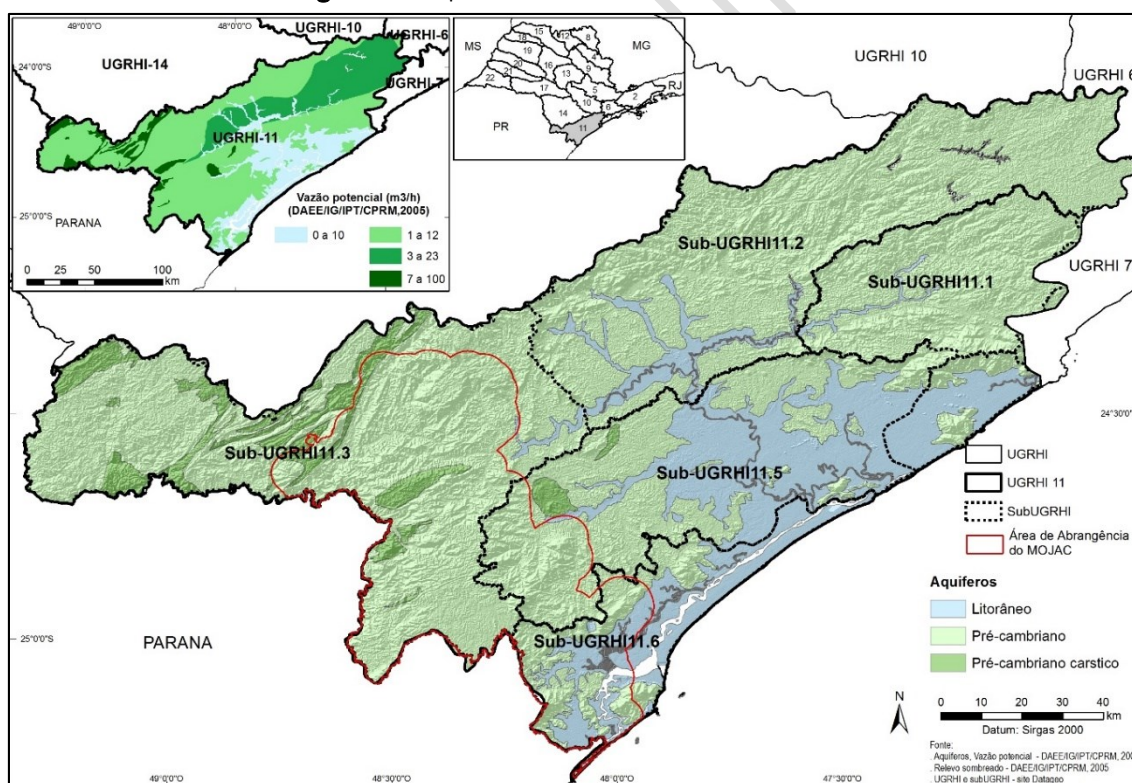
Contexto Regional

Arcabouço Hidrogeológico

O Mosaico das Unidades de Conservação do Jacupiranga (MOJAC), onde se insere a APA Cajati, localiza-se na porção oeste da UGRHI 11, estendendo-se pelas subUGRHIs 11.3 (Baixo Ribeira), 11.5 (Rio Ribeira de Iguape) e 11.6 (Vertente Marítima Sul).

Nesta UGRHI predomina a ocorrência de rochas metamórficas e ígneas do Embasamento Cristalino, que formam um aquífero fraturado, denominado Aquífero Pré-Cambriano (Figura 1), onde a circulação da água subterrânea está associada às fraturas das rochas. Próximo à superfície, a alteração das rochas cristalinas, que compõem esse aquífero, pode apresentar espessuras de até dezenas de metros, formando uma camada superficial associada à porosidade granular, que contribui para a recarga do aquífero e pode eventualmente ser explorada por pequenas propriedades através de poços rasos, escavados (DAEE/IG/IPT/CPRM, 2005).

Figura 1. Aquíferos aflorantes na UGRHI 11



Fonte: extraído de DAEE/IG/IPT/CPRM, 2005.

Parte das rochas cristalinas que ocorre na porção oeste da UGRHI 11 tem composição carbonática, que favorece o aumento da porosidade secundária devido à

dissolução desses minerais pela água que circula nas fraturas, podendo gerar uma rede de condutos e cavernas com predomínio de fluxo turbulento. Essas rochas carbonáticas formam um aquífero muito heterogêneo, mas, de forma geral, de melhor produtividade, denominado de Aquífero Pré-Cambriano Cárstico (Figura 1).

As coberturas sedimentares estendem-se sobre o Embasamento Cristalino, desde o litoral até a porção central da UGRHI 11 (Figura 1), formando um aquífero granular, de porosidade primária. Associado à planície costeira e às planícies aluvionares, este aquífero é composto por camadas intercaladas/interdigitadas de conglomerados, areias, siltes e argilas, depositadas em ambiente marinho e continental. As fácies de lama orgânica, associadas ao ambiente de mangue, não foram classificadas como unidade aquífera. DAEE/IG/IPT/CPRM (2005) denominam esses depósitos sedimentares de Aquífero Litorâneo, que avança cerca de 70 km para o interior do continente na região do vale do rio Ribeira do Iguape, reduzindo sua largura à medida que avança para o litoral norte do Estado de São Paulo. Sua espessura é variável e geralmente pequena, mas DAEE/IG/IPT/CPRM (2005) cita registro de valor superior a 100 metros em Ilha Comprida.

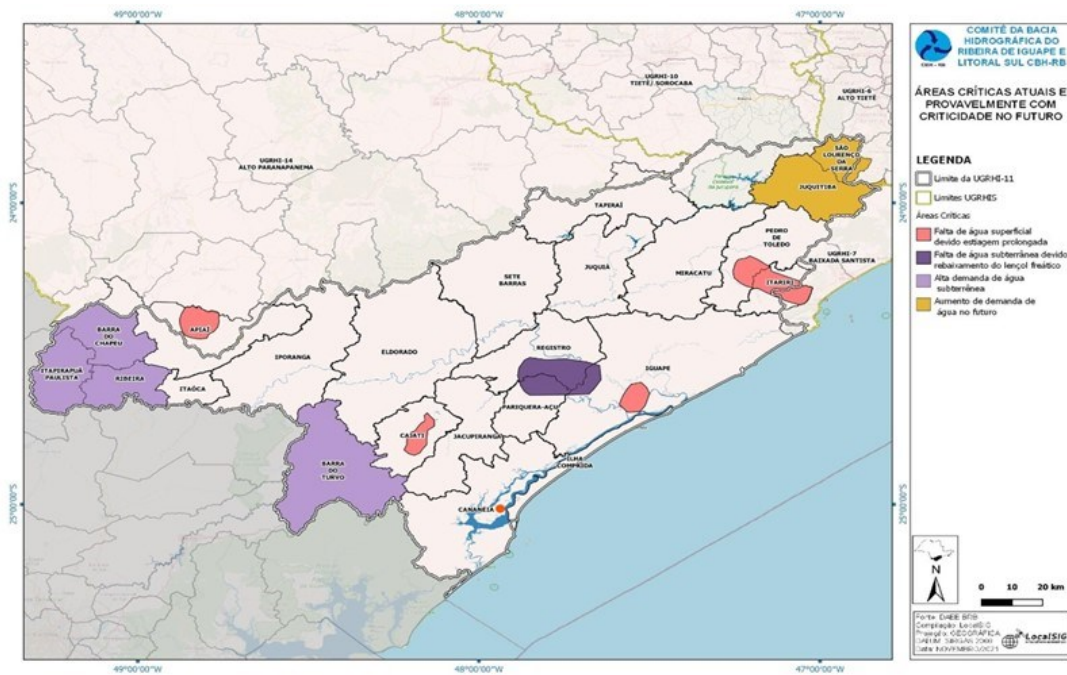
Demanda e disponibilidade

De acordo com o Relatório de Situação, ano base 2020, a disponibilidade per capita na UGRHI 11, considerando a Vazão média de longo período ($Q_{\text{médio}}$), era de 44.443,4 m³/hab/ano que reflete um quadro abundante em relação às demais UGRHIs no Estado. Contudo a distribuição não é homogênea, seja por localização em região de cabeceira, alta demanda decorrente do desenvolvimento industrial ou por impactos do desmatamento. Nos municípios de Apiaí, Cajati e Cananéia, a disponibilidade hídrica per capita é inferior à média da UGRHI, apresentando criticidade em relação à falta de água superficial nos períodos de estiagem ou de afluxo de turistas (Figura 2) (CBH-RB, 2021).

A transposição de águas para a Bacia do Alto Tietê em 2018 fica evidente na relação da vazão superficial outorgada e a vazão mínima ($Q_{7,10}$), que aumentou de 1,7% para 5,8 % (Tabela 1), ainda em situação satisfatória. Mas, a sub-bacia do rio Juquiá e São Lourenço, devido à proximidade, pode sofrer pressão para novos projetos para abastecimento da RMSP no futuro (CBH-RB, 2021).

A APA Cajati insere-se na Sub-UGRHI 11.5 e o balanço hídrico, considerando o ano base de 2020, era <5% (Figura 3), indicando uma situação hídrica também abundante na bacia do Rio Ribeira de Iguape.

Figura 2. Localização das áreas com criticidade (atual ou prevista para o futuro)

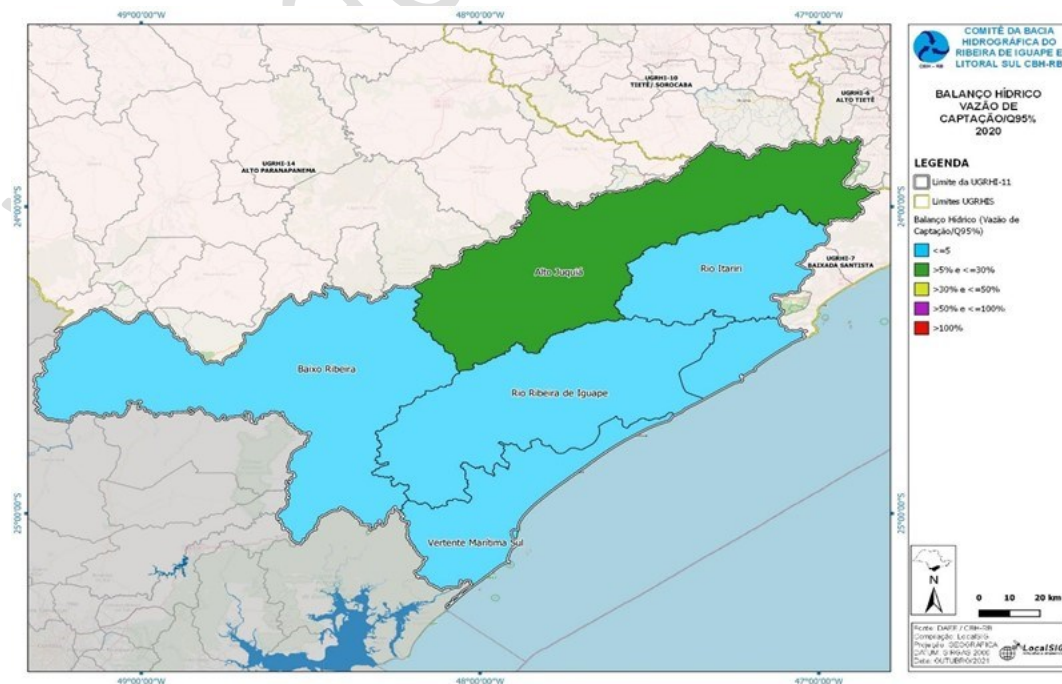


Fonte: extraída do Relatório de Situação, ano base 2020, da UGRHI 11 (CBH-RB, 2021).

Tabela 1. Balanço hídrico na UGRHI 11 (extraído de CBH-RB, 2021)

Parâmetros	2016	2017	2018	2019	2020
Vazão outorgada total em relação à vazão média (%)	0,5	0,5	1,8	1,8	1,8
Vazão outorgada total em relação à $Q_{95\%}$ (%)	1,2	1,2	4,1	4,1	4,2
Vazão outorgada superficial em relação à vazão mínima superficial (Q_{2-10}) (%)	1,6	1,7	5,8	5,8	5,8
Vazão outorgada subterrânea em relação às reservas exploráveis (%)	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2

Figura 3. Balanço hídrico por sub-bacia considerando $Q_{95\%}$



Fonte: CBH-RB, 2021.

Área de Proteção Ambiental de Cajati

De acordo com CBH-RB (2021), a reserva explotável de água subterrânea é estimada em 67 m³/s e o volume outorgado corresponde a apenas 0,2% da disponibilidade hídrica subterrânea (Tabela 1), mostrando o baixo índice de exploração dos aquíferos na UGRHI 11.

O volume outorgado de água subterrânea, apesar de pequeno, cresce a cada ano. Em 2017 haviam 244 poços regularizados que captavam 0,10 m³/s. Em 2020, CBH-RB (2021) registrou 350 outorgas de uso de água subterrânea que somavam um volume outorgado de apenas 0,15 m³/s, enquanto que o número de outorgas para uso da água superficial somava 554 pontos, com vazão outorgada de 9,44 m³/s (incluída a vazão de 6,4 m³/s transposta para abastecer a RMSP). Apesar do volume captado de água subterrânea ser praticamente insignificante em relação ao volume de água superficial, o número de poços regularizados corresponde a mais de 38% do total de captações outorgadas na UGRHI 11.

Os volumes totais outorgados mostram que a água superficial, abundante na região, é o principal recurso explotado na UGRHI 11, inclusive para o abastecimento dos municípios (São Paulo, 2021).

O Relatório de Situação, ano base 2020, destaca, além das áreas críticas já citadas, outros casos de atenção em relação à disponibilidade hídrica quando se estreita a análise para as sub-bacias (Figura 2), como a alta demanda de água subterrânea em núcleos rurais dos municípios de Barra do Turvo, Barra do Chapéu, Itapirapuã Paulista e Ribeira e a dificuldade de abastecimento das áreas rurais na época de estiagem devido à queda da vazão das nascentes nos municípios de Itariri, Pedro de Toledo e Iguape e devido ao rebaixamento do lençol freático nos municípios de Registro e Pariquera-Açu (CBH-RB, 2021).

Aquíferos

Na área do MOJAC predomina a ocorrência do Aquífero Pré-Cambriano, de porosidade fissural, que se estende desde as áreas elevadas na porção norte até o litoral, onde está sotoposto ao Aquífero Litorâneo (**Apêndice 3.4.B**). Este último, um aquífero sedimentar, de porosidade granular, concentra-se no litoral e nas planícies aluviais das principais drenagens inseridas no MOJAC.

O Aquífero Pré-Cambriano Cárstico, composto por faixas de rochas carbonáticas inseridas no Aquífero Pré-Cambriano (IG, 2004), ocorre principalmente na região norte do MOJAC (**Apêndice 3.4.B**).

Na APA Cajati (**Apêndice 3.4.C**) predomina o afloramento do Aquífero Pré-Cambriano, composto principalmente por xistos, granitos, gnaisses e migmatitos, enquanto o Aquífero Pré-Cambriano Cárstico, formado, predominantemente por mármore dolomítico, ocorre em área pouco expressiva na porção central da UC (IG, 2004).

De forma geral, o potencial de vazão do Aquífero Pré-Cambriano é inferior em relação ao aquífero cárstico. Conforme DAEE/IG/IPT/CPRM (2005), a mediana da capacidade específica para rochas metamórficas e granitos no Estado de São Paulo é de 0,04 m³/h/m, enquanto que, para as rochas carbonáticas, esse valor é de 1,25 m³/h/m.

Conforme dados levantados por AmbGis (2022), um poço localizado fora da área de abrangência da Unidade de Conservação, mas dentro do município de Cajati (Poço 20) (Apêndice 3.4.C) atravessou 20 metros de material arenoso e silto arenoso antes de alcançar os micaxistos do Aquífero Pré-Cambriano, obtendo uma capacidade específica de 0,23 m³/h/m.

Usos da água subterrânea

Dentro da Unidade de Conservação, AmbGis (2022) levantou um registro de poço que explora o Aquífero Pré-Cambriano (Poço 11), destinado ao abastecimento público e com vazão outorgada de 10 m³/h (Tabela 2), porém a empresa não encontrou o poço em vistoria de campo.

De acordo com Ambgis (2022), os poços 12, 13, 14, 17 e 18 estão localizados na área de abrangência da UC, dos quais três deles são destinados ao uso sanitário e apenas um para abastecimento público, sendo que o poço 12 não foi encontrado na vistoria de campo. Os dados apresentados mostram baixas vazões de exploração (inferior a 5 m³/h), com exceção do poço 17 que apresenta vazão de 18 m³/h (Tabela 2).

Os poços 14 e 18 foram visitados em campo por Ambgis (2022) e os registros fotográficos mostram que esses poços apresentam laje e tampa, indicando proteção sanitária satisfatória.

Tabela 2. Dados de poços na área da APA Cajati e sua área de abrangência, extraídos de Ambgis (2022)

Nº no Mapa	Auto (DAEE)	Sequência	Finalidade de uso da água	Vazão (m ³ /h)	Aquífero
11	9500167	8	Abastecimento Público	10	Cristalino – Pré-Cambriano
12	9500377	6	Abastecimento Público	5	Cristalino – Pré-Cambriano
13	9501861	1	não informado	0	Sem informação
14	9500377	1	Uso Sanitário	4	Cristalino – Pré-Cambriano
17	9501439	1	Uso Sanitário	18	Cristalino – Pré-Cambriano
18	9500377	2	Uso Sanitário	4	Cristalino – Pré-Cambriano

Qualidade

A rede de monitoramento da qualidade da água subterrânea operada pela CETESB possui 11 poços na UGRHI 11, monitorando o Sistema Aquífero Pré-Cambriano. O Indicador de Potabilidade das Águas Subterrâneas (IPAS), que se mantinha Regular desde 2015, caiu para Ruim em 2019, mas voltou à classificação Regular em 2021. No monitoramento de 2020 houve uma menor representatividade de pontos monitorados

devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19 e por essa razão, o IPAS não foi calculado para a UGRHI 11 nesse ano (CETESB, 2022).

Na área da UC e em sua área de abrangência não há nenhum poço da rede de monitoramento da CETESB, porém há 3 poços inseridos na área de abrangência do MOJAC, localizados nos municípios de Barra do Turvo (PC00329P), Cajati (PC00237P) e Eldorado (PC00243P) (**Apêndice 3.4.D**). Em parte das amostras coletadas entre 2019 e 2021, CETESB (2022) observou desconformidades para os parâmetros Coliformes Totais nos três poços de monitoramento e desconformidades em relação aos parâmetros Ferro total, Bactérias heterotróficas e Sólidos Totais Dissolvidos no poço PC00329P, em Barra do Turvo (CETESB, 2022).

Os parâmetros microbiológicos afetam pontualmente a captação e não implicam em contaminação geral do aquífero. As desconformidades em relação aos demais parâmetros podem ser de origem natural, relacionadas com a composição mineralógica das rochas que compõem o Aquífero Pré-Cambriano.

No estudo de Cotrim (2006), poços de abastecimento público analisados em Eldorado e Cajati também mostraram desconformidades em relação ao ferro e manganês total. Cotrim (2006) não menciona qual aquífero é explorado pelos poços amostrados, mas esses teores podem ser naturais e estarem relacionados à matriz mineralógica.

SIG-RB (2016) mapeou a vulnerabilidade natural à contaminação da água subterrânea e o Aquífero Pré-Cambriano, predominante na área da UC, apresenta baixa vulnerabilidade à contaminação (**Apêndice 3.4.D**). No aquífero cárstico, devido às suas características, a vulnerabilidade regionalmente apresenta índice baixo a médio, mas, devido à reduzida extensão da área de afloramento na UC, não está representado no mapa (SIG-RB, 2016).

O aquífero predominante na APA Cajati e em sua área de abrangência é o Aquífero Pré-Cambriano, de porosidade fissural, e formado principalmente por xistos, granitos, gnaisses e migmatitos (IG, 2004). Apresenta baixa produtividade (DAEE/IG/IPT/CPRM, 2005) e baixa taxa de exploração pois a região é predominantemente abastecida por água superficial (São Paulo, 2021).

De acordo com o cadastro elaborado por Ambgis (2022) há apenas um poço na área da UC, destinado ao abastecimento público, mas que não foi encontrado na vistoria realizada pela empresa. Há também cinco poços na sua área de abrangência, sendo três para uso sanitário, um para abastecimento público (também não encontrado na vistoria realizada pela empresa) e um não informado, entre os quais apenas o poço 17 tem maior vazão outorgada de 18 m³/h, enquanto os demais exploram vazão igual ou inferior a 5 m³/h.

Os registros fotográficos dos poços 14 e 18 apresentados por Ambgis (2022) mostram que apresentam laje e tampa, indicando proteção sanitária satisfatória.

Não há dados de monitoramento da qualidade da água subterrânea na UC, mas poços localizados na área de abrangência do MOJAC mostraram desconformidades em parte das análises realizadas entre 2019 e 2021 para os parâmetros microbiológicos e

ferro total (CETESB, 2022), que são anomalias restritas aos poços ou relacionadas à matriz mineralógica das rochas, não implicando em contaminação geral do aquífero.

De acordo com SIG-RB (2016), a vulnerabilidade natural à contaminação do Aquífero Pré-Cambriano é baixa, enquanto o Aquífero Pré-Cambriano Cárstico apresenta, regionalmente, um índice baixo a médio.

3.5. Pedologia

A metodologia encontra-se no **Apêndice 3.5.A**.

Mosaico do Jacupiranga

Para o Mosaico do Jacupiranga como um todo, Oliveira et al. (1999) identificou para a área 19 (dezenove) unidades de solo compreendidas em: Argissolo (PV3 e PVA 85), Cambissolo (CX3, CX6, CX14, CX18, CX20, CX24, CX26, CX29 e CX31), Espodossolo (ES2), Latossolo (LA4, LA7, LVA11 e LVA46), Organossolo (OY2) e Neossolo Litólico (RL10 e RL13).

Já Lepsch et al. (1999) em mapeamento de maior detalhe, identificou 25 (vinte e cinco) unidades para a área de estudo dentre elas: Solo Aluvial (Ad), Brunizém (BV2), Cambissolo (Ca2, Ca3, Ca4, Cd1, Cd2, Ce2), Gleissolo (Ga e Gd), Latossolo (LAa2, LAa3, LVa1, LVa3), Solo Orgânico Tiomórfico (OT), Podzólico (P), Argissolo (PVa1, PVa3, PVa4, PVd1, PVd2), Neossolo Litólico, (Ra1, Ra2, Ra3) e Solo de Mangue (SM).

Em ambos os trabalhos predominam a ocorrência do Cambissolo ao longo de toda a área do mosaico, seguida do Latossolo que se concentra na porção central.

Pires Neto e Rossi (2007) sintetizam o meio físico a partir da análise de terrenos e identificam para a área de estudo a presença de Montanhas, Escarpas, Morros, Morrotes, Dolinas, Terraços, Cristas e Planícies (**Apêndice 3.5.B**).

De forma geral, no terreno de Morros ocorrem filitos com intercalações variadas, xistos, migmatitos e granitóides. Nesses terrenos ocorrem associações de Cambissolos de textura argilosa e argilosa com cascalho e Argissolos de textura média/argilosa. Apresentam suscetibilidade às interferências devido à inclinação do terreno e a intensidade dos processos erosivos.

Os Morrotes são caracterizados por formas niveladas com topos estreitos e convexos. São constituídos por migmatitos estromatíticos e ofalmiticos, granitos foliados, entre outros, predominando associações de Latossolos com Cambissolos em áreas de menor declividade. Já nas áreas de encosta predominam associação de Cambissolo, Argissolo e Neossolo Litólico, conferindo maior suscetibilidade à interferência nesses setores.

Já as Montanhas, são caracterizadas por formas maciças, angulosas e desniveladas, com topos estreitos agudos e rochosos. O substrato rochoso é constituído predominantemente por granitos, migmatitos estromatíticos e ofalmiticos, mármore

dolomíticos e calcítios, entre outros. Nessas áreas ocorre associação de Cambissolo com Neossolo Litólico, Argissolo e Afloramentos Rochosos, o que indica maiores restrições relativas à elevada erodibilidade dos solos, além da pouca reserva de nutrientes, e a suscetibilidade a escorregamentos e quedas de bloco.

Nas Escarpas, o substrato rochoso é constituído por granitos foliados, filitos, quartzo filitos, mármore dolomíticos e calcíticos, entre outros, com formas dissecadas, com vales abertos e erosivos. Nesses terrenos predominam Cambissolos, Argissolos e Neossolos Litólicos, além de Afloramentos Rochosos, sendo considerados impróprios ou com alta suscetibilidade a interferências, devido à inclinação, a erodibilidade dos solos e a intensidade dos processos erosivos.

Por fim, nos Terraços, situados em áreas planas elevadas constituídas por areias quartzosas, predominam associações de solo: Espodossolo, Neossolo Quartzarênico e Organossolo.

Nota-se uma clara tendência de ocorrência de solos rasos ou pouco profundos (Cambissolo e Neossolo Litólico) em áreas de maior declividade e em zonas de ruptura de declive. À medida que o relevo se torna menos declivoso, predominam solos mais profundos e pedogeneticamente mais desenvolvidos, como o Argissolo e o Latossolo. Isso porque em relevos de menor declividade a infiltração da água é maior, favorecendo a ocorrência de processos pedogenéticos, e assim, maior desenvolvimento do solo. Da mesma forma, em relevos íngremes, o escoamento superficial é maior e a possibilidade de infiltração de água no solo é menor, tornando mais suscetível a processos erosivos (Oliveira, 2008).

Da mesma forma que o trabalho anteriormente citado de Pires Neto e Rossi (2007), o Projeto Parcelas Permanentes (2006), elaborado pela ESALQ/USP em quatro Unidades de Conservação, dentre elas a Ilha do Cardoso, valeu-se de uma análise integrada do meio físico partindo do conceito de Terrenos.

Os estudos relativos à área de influência do Parque Estadual da Ilha do Cardoso abrangem toda a área do Parque Estadual Lagamar de Cananeia e a porção sul do Parque Estadual Rio do Turvo. A partir dos terrenos identificados para área, observou-se a predominância de Cambissolo Háplico (Morros e Montanhas), Argissolo Amarelo e Latossólico e Argissolo Vermelho-Amarelo (Morrotes e Colinas), Espodossolo, Organossolo e Neossolo Quartzarênico (Planícies Marinhas) e Gleissolo tiomórfico salino (Planícies de Maré).

Em trabalho mais recente, consolidando os diversos trabalhos anteriores, Rossi (2017) elaborou o mapa pedológico do Estado de São Paulo, em que foram mapeadas 32 (trinta e dois) unidades de solo para a área de estudo: Cambissolo (CX9, CX12, CX13, CX14, CX15, CX17, CX18, CX19 e CX20), Espodossolo (EK), Gleissolo (GX2, GX4, GX6, GX7, GX8 e GZ), Latossolo (LA5, LA8, LA9 e LVA14), Organossolo (OJ2), Argissolo (PVA15, PVA16, PVA37 e PVA38), Neossolo Litólico (RL20, RL22 e RL23), Neossolos Quartzarênicos (RQ7 e RQ8) e Neossolo Flúvico (RY2 e RY3), **Apêndice 3.5.C.**

Da mesma forma que nos trabalhos de Oliveira et al. (1999) e Lepsch et al. (1999) predominam Cambissolos nas porções norte e sul da área de estudo e Latossolos na porção central.

Rossi (2017) também identificou a ocorrência de afloramentos rochosos associados a solos mais rasos, sobretudo Neossolos Litólicos, em áreas de maior declividade, o que acarreta em maiores suscetibilidades a processos erosivos.

Em estudo realizado para o Plano de Manejo da Ilha do Cardoso (Oliva et al., 2001) e relatório de estudo geoambiental do Parque Estadual da Ilha do Cardoso de Pires Neto, Rossi e Kanashiro (2012) foram identificadas unidades de solo semelhantes às aquelas já levantadas anteriormente: Cambissolo, Argissolo, Espodossolo, Neossolo Flúvico, Neossolo Quartzarênico, Neossolo Litólico e Gleissolo.

Nas áreas de baixa declividade (0 - 2%) em que é possível o acúmulo de material e a convergência de fluxos de água, ocorre maior variedade de solos, desenvolvidos a partir de colúvios ou depósitos fluviais espessos, onde predominam Gleissolos e Neossolos Flúvicos e depósitos marinhos com Espodossolos, ao passo que nas áreas de declividade moderada (15 - 30%) predomina a ocorrência de Cambissolo e Argissolo. Nas áreas de maior declividade (acima de 30%), predomina o Neossolo Litólico, muitas vezes em associação com Cambissolo Háplico.

Assim, buscou-se melhorar a informação existente, refinando o mapa pedológico de Rossi (2017) e elaborando uma síntese dos dados através da análise de fragilidade do ambiente, já que o meio físico se torna relevante à medida que se constitui em substrato para o desenvolvimento da fauna e da vegetação que se pretende preservar na região, de modo que a conservação do ecossistema inclui, necessariamente, a conservação dos solos e da paisagem. Vale ressaltar que a vegetação e o relevo, elementos prontamente visíveis na paisagem, são resultado da interação com o solo, subsolo e clima (Mattos, 1994).

Desta forma, buscou-se sintetizar e mapear as informações dos solos, visando o planejamento das áreas de conservação, já que o conhecimento dos solos propicia o manejo adequado da área podendo minimizar os problemas decorrentes de aspectos erosivos, por exemplo, e assim contribuir para a preservação da biota local.

Para a área de estudo do Mosaico do Jacupiranga foram identificadas 32 (trinta e duas) unidades de solo distribuídas em: Cambissolo (CX9, CX12, CX13, CX14, CX15, CX17, CX18, CX19 e CX20), Latossolo (LA5, LA8, LA9 e LVA14), Neossolo Litólico (RL20, RL22 e RL23), Neossolo Quartzarênico (RQ7 e RQ8), Neossolo Flúvico (RY2 e RY3), Espodossolo (EK), Organossolo (OJ2), Gleissolo (GX2, GX4, GX6, GX7, GX8 e GZ) e Argissolo (PVA15, PVA16, PVA37 e PVA38).

O Cambissolo, predominante em toda a área, é caracterizado por horizonte B incipiente, de pouca profundidade, e elevado teor de minerais primários. Para a área foram identificadas 9 (nove) unidades: CX9, CX12, CX13, CX14, CX15, CX17, CX18, CX19 e CX20.

O Latossolo é um solo profundo, em estágio avançado de intemperismo, com baixo teor de minerais primários e baixa capacidade de troca de cátions. A área apresenta 4 (quatro) unidades de Latossolo: LA5, LA8, LA9 e LVA14.

O Neossolo Litólico é caracterizado por ser raso uma vez que o contato lítico ocorre em pouca profundidade. Isto gera restrições uma vez que as raízes das plantas têm dificuldade em se aprofundar, além do fato de que há menor volume de água disponível no solo. Foram mapeadas 3 (três) unidades: RL20, RL22 e RL23.

O Neossolo Quartzarênico é caracterizado por ser extremamente arenoso, o que gera dificuldades no armazenamento de água no solo. Além disso, a sua areia é constituída, geralmente, por quartzo, o que acarreta na ausência de minerais primários alteráveis, e conseqüentemente, baixo potencial de nutrientes para as plantas. Foram mapeadas duas unidades de solo: RQ7 e RQ8.

O Neossolo Flúvico é formado em sedimentos aluviais, em relevo aplainado ou deprimido. Pode sofrer restrições por estar em áreas de planície por ocorrências frequentes de inundações. Foram identificadas 2 (duas) unidades: RY2 e RY3.

O Espodossolo, em sua maioria, apresenta textura arenosa ao longo do perfil, o que acarreta em alta permeabilidade, gerando um rápido ressecamento e pouca reserva de nutrientes. Foi identificada apenas 1 (uma) unidade: EK.

O Organossolo é um solo pouco desenvolvido, constituído por materiais orgânicos de restos vegetais em diferentes graus de decomposição, em ambientes mal drenados, ou úmidos. Foi mapeada apenas 1 (uma) unidade: OJ2.

O Gleissolo, da mesma forma que o Organossolo, é um solo hidromórfico, com ocorrência, geralmente, em ambientes mal drenados. Em sua maioria apresenta lençol freático elevado, o que gera forte limitação ao seu uso. Identificou-se para a área 6 (seis) unidades: GX2, GX4, GX6, GX7, GX8 e GZ.

O Argissolo é caracterizado pela presença de relação textural, em que ocorre a migração de argila ao longo do perfil, apresentando um horizonte de eluviação (predomínio da perda da argila), seguido de um horizonte de iluviação (predomínio do acúmulo de argila). Para a área, verificou-se a ocorrência de 4 (quatro) unidades: PVA15, PVA16, PVA37 e PVA38.

Estabeleceu-se uma relação entre os compartimentos de relevo e os solos predominantes para sintetizar as informações dos terrenos e propiciar uma análise de fragilidade potencial. Assim, o **Apêndice 3.5.D** apresenta de maneira generalizada, a distribuição dos solos (Rossi, 2017), de acordo com os tipos de terrenos (Pires Neto e Rossi, 2007), para o Mosaico do Jacupiranga, incluindo a dinâmica principal e sua fragilidade potencial.

Área de proteção ambiental Cajati

A APA de Cajati está localizada na porção centro-leste do Mosaico, em área contígua ao Parque Estadual do Rio Turvo. Para a área foram identificados 7 (sete) tipos

de terrenos (PIRES NETO E ROSSI, 2007): Montanhas, Escarpas, Escarpas em anfiteatro, Escarpas em vales paralelos, Morros pedimentares, Cones de Dejeção e Planície fluvial, associados a 8 (oito) unidades de solo: CX20, CX9, GX2, GX4, PVA15, PVA16, PVA37 e RL23, descritas em Rossi (2017) com atualização de legenda e delineamentos elaboradas por Rossi e Kanashiro (2022) apresentadas nos **Apêndices 3.5.E. e F.**

Os terrenos de Montanhas apresentam amplitudes de 150 a 500 m e encostas com inclinações de 25 a 60 %, normalmente com formas angulosas e desniveladas, topos estreitos, agudos e rochosos. Associam-se nesse setor, Cambissolos com textura argilosa com cascalho, Neossolos Litólicos, ocorrendo também Argissolos de textura média/argilosa e argilosa e Afloramentos rochosos.

Nesses terrenos os processos erosivos são ocasionais, predominando processos de rastejo e movimentos de massa do tipo escorregamentos planares e queda de blocos.

As Escarpas são caracterizadas por amplitudes de 120 a 460m, e inclinação variando de 30 a 70%, com formas assimétricas abruptas e pouco dissecadas. Já as Escarpas em anfiteatro são caracterizadas por amplitudes de 500 a 700m e inclinação de 35 a 55% no topo, e de 5 a 15% no sopé. São feições dissecadas por interflúvios dispostos de modo semicircular. Por fim, as Escarpas em vales paralelos, caracterizam-se por amplitudes de 500 a 800m e inclinação de 25 a 55%. Mas diferente da anterior, são formadas a partir da dissecação por interflúvios dispostos de modo paralelo.

Nessas Escarpas, foi identificada a ocorrência de Cambissolo em associação com Argissolo, conferindo alta suscetibilidade a processos erosivos, de escorregamentos e de movimentos de massa, por características pedológicas (profundidade, presença de rochas e relação textural no caso do Argissolo) e do relevo, devido a forma e à alta inclinação as encostas.

Os Morros pedimentares são caracterizados por amplitudes de 90 a 170m e inclinação de 25 a 70%, com formas subniveladas desenvolvidas a partir de rupturas de declive negativa no sopé de relevos mais elevados. Nesses terrenos ocorrem Argissolo em associação com Cambissolo (PVA37), sendo áreas suscetíveis aos processos erosivos e movimentos de massa uma vez que o Argissolo tem como característica a migração da argila ao longo do perfil o que gera relação textural e o relevo apresenta elevada inclinação.

Os Cones de Dejeção representam depósitos de encosta e fundos de vale. Sobre esses depósitos ocorrem Cambissolos de textura média a argilosa e Argissolos, ambos rochosos (CX20), podendo ocorrer Neossolos Flúvicos textura errática por vezes com camadas de seixos e Gleissolos. Apresentam processos de rastejo e escorregamentos ocasionais e por estarem localizados no sopé, ocorrem acúmulos de detritos provenientes de escorregamentos e de torrentes.

A Planície Fluvial é caracterizada por terrenos elevados de 3 a 10m acima do leito do rio, em áreas amplas, levemente inclinada em direção ao rio. São áreas em que predomina a ocorrência de Gleissolo em grupamento indiscriminado com Cambissolo

(GX4) ou com Organossolo (GX2). Esses terrenos são caracterizados por elevada sensibilidade à ocupação por riscos de inundação e contaminação.

3.6. Fragilidade dos solos à erosão

Para a avaliação da fragilidade dos solos foram considerados alguns atributos como textura do solo, espessura do solo, declive das vertentes e presença de impedimentos, o que permite aplicar graus de fragilidade alto, médio e baixo.

A estabilidade da área está associada a diversos elementos pedológicos como a textura, porosidade, presença ou ausência de impedimentos, pedregosidade, rochiosidade, pouca profundidade efetiva do solo, excesso de sais, bem como aos níveis de declive das vertentes, a estrutura, composição e grau de intemperismo do material de origem, lençol freático próximo à superfície ou aflorante dentre outros. Esses elementos também interferem na relação infiltração/deflúvio, infringindo maior ou menor dificuldade à penetração da água. Esses atributos configuram o grau de fragilidade, de acordo como podem acarretar prejuízos à conservação do solo e à recuperação da cobertura vegetal natural, quando alterados.

O **Apêndice 3.6.A** apresenta a síntese dos atributos do meio físico e a fragilidade dos solos para a área estudada, representada e espacializada pelo **Apêndice 3.6.B**.

Nota-se que apenas 40% da área apresenta fragilidade média associada à presença de Argissolos argilosos em relevo pouco movimentado; 57% da área tem fragilidade alta, associada a Cambissolos e Argissolos, relacionadas aos aspectos de declividade, presença de rochiosidade, pequena profundidade do solo e relação textural nos Argissolos; enquanto que 2% de fragilidade muito alta, estão relacionados aos riscos de contaminação e a presença de lençol freático elevado e subsidência, associados a presença de Gleissolos; e 1% muito alta, ligados aos Neossolos Litólicos pela declividade excessiva e perfis de solo rasos, aumentando a possibilidade de movimentos de massa.

3.7. Perigo, Vulnerabilidade e Risco a Escorregamento e Inundação

A metodologia utilizada para este tema encontra-se no **Apêndice 3.7.A**.

A Área de Proteção Ambiental Cajati está inserida no município de Cajati, ocupando uma área de 29,72 km², enquanto sua área de abrangência corresponde a 245,95 km² adicionais, ocorrendo, também, nos municípios de Barra do Turvo, Eldorado e Jacupiranga (**Apêndice 3.7.B**). O relevo sombreado e a declividade são apresentados no **Apêndice 3.7.C**.

A Unidade de Conservação (UC) e sua área de abrangência estão situadas nas morfoestruturas do Cinturão Orogênico do Atlântico. As morfoesculturas presentes são: serras/escarpas, planaltos e a depressão do Baixo Ribeira (**Apêndice 3.7.D**; nomenclatura de ROSS & MOROZ, 2011).

As unidades geológicas presentes na área de estudo compreendem unidades arqueanas do Complexo Serra Negra (mais que antigas 2500 milhões de anos),

paleoproterozóicas gnáissicas-migmatíticas do Complexo Atuba (idade entre 2500 e 1600 milhões de anos) e unidades neoproterozóicas de granitos, gnaisses migmatíticos do Batólito Paranaguá e metassedimentos do Complexo Turvo-Cajati (idade entre 1000-500 milhões de ano) (nomenclatura de PERROTTA et al., 2005; **Apêndice 3.7.E**). Os valores dos atributos relacionados ao substrato geológico-geomorfológico-pedológico das unidades de análise são apresentados no **Apêndice 3.7.G**. Esses valores indicam as condições de criticidade dos processos perigosos de escorregamento e inundação mapeados na área.

Com relação à cobertura e uso do solo (**Apêndice 3.7.F**), no interior da UC predominam as classes herbáceo-arbustiva (15,16 km² ou cerca de 50%) e "Cobertura Arbórea" (12,62 km² ou cerca de 43%), ocorrendo, ainda, porções de cobertura solo exposto (0,3 km² ou 1,0%), além de áreas edificadas do tipo residencial/comercial/serviços que perfazem 1,6 km² ou cerca de 6% da área total da unidade de conservação. Cerca de 9 km das pistas duplas da rodovia Régis Bittencourt cruzam a área na direção norte-sul. Os valores dos atributos relacionados às unidades de cobertura da terra, uso do solo e padrões da ocupação urbana para o processo de escorregamento são apresentados na **Apêndice 3.7.G**. Esses valores indicam as condições de criticidade da indução dos processos perigosos de escorregamento e vulnerabilidade mapeadas na área.

Pelo mapa de perigo de escorregamento planar (**Apêndice 3.7.H**) é possível verificar, no interior da UC, um amplo predomínio da classe de perigo muito alto e, muito subordinadamente, perigo alto. Na área de abrangência, permanece o predomínio de perigo muito alto e alto, ocorrendo, de forma menos expressiva, a classe moderada, principalmente associadas às áreas menos declivosas associadas à rede de drenagem. O perigo de inundação (**Apêndice 3.7.I**) é nulo na área de estudo.

O mapa de vulnerabilidade das áreas de uso "Urbano ou Edificado" do tipo Residencial/Comercial/Serviços (**Apêndice 3.7.J**) mostra que, no interior da UC, ocorrem apenas áreas de alta vulnerabilidade. Na área de abrangência predominam vulnerabilidades altas, havendo poucas ocorrências da classe moderada na porção nordeste da área.

O mapa de risco de escorregamento nas áreas de uso Residencial/Comercial/Serviços (**Apêndice 3.7.K**) mostra ampla predominância da classe de risco muito alto, com ocorrência restrita de risco alto e moderado na porção nordeste da área e de risco alto na região sudoeste. O risco de inundação nas áreas de uso Residencial/Comercial/Serviços (**Apêndice 3.7.L**) é nulo.

Análises regionais dos perigos, vulnerabilidade e riscos, elaboradas para o estado de São Paulo, permitiram uma avaliação geral do tema na área da Área de Proteção Ambiental de Cajati e de sua Área de Abrangência, onde destaca-se:

- A área de estudo compreende a morfoestrutura do Cinturão Orogênico do Atlântico, constituído por um relevo de serras, planaltos e a depressão tectônica do Ribeira em um substrato geológico Pré-Cambriano.

- A classe predominante da cobertura da terra é a “herbáceo-arbustiva”, ocorrendo em cerca de 50% da UC. As áreas edificadas correspondem a 6% da área da UC, geralmente associadas às pistas duplas da rodovia Régis Bittencourt que cruzam a área com direção geral norte-sul. Recomenda-se a manutenção da vegetação arbórea na região para garantir que não haja expansão das áreas de perigo de escorregamento planar. Além disso, sugere-se a recuperação das áreas de vegetação herbácea-arbustiva e de solo exposto.
- O perigo de escorregamento na área de estudo é um dos mais críticos quando comparado com as demais regiões do estado de São Paulo, uma vez que, no interior da UC, ocorre um grande predomínio de áreas de perigo muito alto. Na área de estudo, o perigo de inundação é nulo.
- A vulnerabilidade é alta nas áreas edificadas que ocorrem no interior do UC. Na área de abrangência da UC ocorrem vulnerabilidades alta e, secundariamente, vulnerabilidades moderadas.
- O mapa de risco de escorregamento nas áreas de uso Residencial/Comercial/Serviços mostra amplo predomínio de áreas de risco muito alto, havendo ocorrência restrita de áreas de risco alto e moderado na porção nordeste da área e de risco alto na região sudoeste. O risco de inundação é nulo.

Ressalta-se que os resultados foram obtidos por meio da análise de dados pré-existentes, em escala regional, levantados para o estado de São Paulo como um todo, não tendo sido realizados estudos mais detalhados, em escala local, para a UC.

3.8. Referências bibliográficas

Geologia

Em elaboração

Geomorfologia

AB’SABER A. N.; BIGARELLA J. J. 1961. Superfícies aplainadas do primeiro planalto do Paraná. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 4 – 5, p. 116-125.

ALMEIDA F. F. M. de. 1958. O Planalto Paulistano. In: Azevedo, A. de. A cidade de São Paulo. São Paulo, v. I, p. 113-167 (v. I, A Região de São Paulo).

ALMEIDA F. M. 1964. Fundamentos geológicos do relevo paulista. Boletim do Instituto Geográfico e Geológico, 41: 167-263.

ALMEIDA F. F. M.; CARNEIRO C. D. R. 1998. Origem e evolução da Serra do Mar. Revista Brasileira de Geociências, São Paulo, SBG, v. 28, n. 2, p. 135–150.

BIGARELLA J. J. & MOUSINHO M. R. 1965. Contribuição ao estudo da Formação Pariqueira-Açu (Estado de São Paulo). Boletim Paranaense de Geografia, 16/17: 17-41.

BURROUGH P. A. & MCDONNELL R. A. 2000. Principles of geographical information systems. New York, Oxford University. 333 p.

ESDI – Earth Science Data Interface. 2004. Global Land Cover Facility. Disponível em: <http://glcf.umiacs.umd.edu/data/>

FREITAS R. O. de. 1951. Ensaio sobre a tectônica moderna do Brasil. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Série Geologia, 130 (6), 120 p.

KING L. C. 1956. A geomorfologia do Brasil oriental. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, IBGE, v. 2, p. 3 – 48.

MARTONNE E. de. 1943. Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, n. 4, p. 523-550.

PEUKERT T. K.; FOWLER R. J.; LITTLE J. J.; MARK D. M. 1978. The triangulated irregular network. In: American Congress on Survey and Mapping. In: V DTM Symposium, St. Louis. Proceedings, p. 24-31.

RAMALHO R. & HAUSEN J. E. P. 1974. Mapa Geomorfológico. In: PROJETO SUDELPA. Relatório Final – Geomorfologia. São Paulo. Cia. De Pesq. De Rec. Min. Escala 1:50.000.

RICCOMINI C.; SANT’ANNA L. G.; FERRARI A. L. 2004. Evolução geológica do Rift Continental do Sudeste do Brasil. In: Mantesso Neto V.; Bartorelli, A.; Carneiro C.D.R.; Brito Neves B.B. eds. Geologia do continente Sul-americano: evolução da obra de Fernando Flávio Marques de Almeida. São Paulo, Beca, p- 383 – 405.

ROSS J. L. S. & MOROZ I. C. 1997. Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo 1:500.000 – Vol. I – Mapa – Vol II – Livro. São Paulo: FAPESP, v. 1. 66 p.

ROSS J. L. S. 2002. A morfogênese da Bacia do Ribeira do Iguape e os Sistemas Ambientais. GEOUSP – Espaço e Tempo, 12: 21-46.

SRTM 2004. SRTM – Shuttle Radar Topographic Mission. Disponível na Internet via URL: <http://strm.usgs.gov>.

Recursos Hídricos Superficiais

AmbGis Consultoria em Meio Ambiente. 2022. Estudos do meio físico – Região Centro. P5 – Relatório Técnico. Serviços de apoio técnico para elaboração dos planos de manejo das Unidades de Conservação de Proteção Integral que compõem o Mosaico do Jacupiranga – MOJAC. Versão final aprovada. Novembro de 2022. Ambgis Meio Ambiente, São Paulo, 191 p. (circulação restrita).

CBH-RB. Elaboração do Plano de Bacias da UGRH 11. Relatório II, Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 2018. Projeto FEHIDRO 2014 - RB – 278. Número Contrato FEHIDRO 305/2014. 225 págs.

CETESB. Qualidade das águas interiores no Estado de São Paulo 2019. [recurso eletrônico] / CETESB ; Coordenação geral Maria Helena R.B. Martins ; Coordenação técnica Fábio Netto Moreno, Marta Condé Lamparelli, Beatriz Durazzo Ruiz; Coordenação cartográfica Carmen Lúcia V. Midaglia ; Equipe técnica Luiz Antônio Medeiros ... [et al.]. São Paulo, Cetesb, 2020. Arquivos eletrônicos : il. color., PDF, XLSX; 74 MB. -- (Série Relatórios / CETESB, ISSN 0103 4103).

Cetesb. Qualidade das águas subterrâneas do estado de São Paulo 2013-2015 [recurso eletrônico] / CETESB; Execução Rosângela Pacini Modesto... [et al.]. ; Colaboração Blas Marçal Sanchez...[et al.]. -- São

Paulo : CETESB, 2016. 1 arquivo de texto (308 p.) : il. color., PDF ; 24 MB -- (Série Relatórios / CETESB, ISSN 0103-4103)

Comitê da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul – CBH-RB. Relatório de situação dos recursos hídricos da UGRHI11. Bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape e Litoral Sul – Ano Base 2013. Registro, SP, 2014. 39 págs.

Comitê da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul – CBH-R. Relatório de situação dos recursos hídricos da UGRHI11. Bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape e Litoral Sul – Ano Base 2016. Registro, SP, 2017. 68 págs.

Cunha, G. A. C. A sub-bacia do rio Jacupiranga: análise dos aspectos sócio-econômicos e ambientais como subsídio para o manejo sustentável da região do Vale do Ribeira de Iguape, São Paulo. Doutorado. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, SP, 2010. 251 págs.

LIMA, W.P. - LCF/ESALQ/USP. O Eucalipto seca o Solo? Sociedade Brasileira de Ciências do Solo - Volume 29 – Número 1 – janeiro/abril 2004

MOCCELLIN, J. A microbacia do rio Jacupiranguinha como unidade de estudo para a sustentabilidade dos recursos hídricos do Baixo Ribeira de Iguape – SP. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2006. 135 págs.

MOCCELLIN, J. Estudo da dinâmica fluvial em duas sub-bacias e proposição de cenários para a sustentabilidade dos recursos hídricos no Baixo Ribeira de Iguape- SP. Tese de Doutorado. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, SP, 2010. 182 págs.

SABESP. Relatório anual de Qualidade da água. Município de Barra do Turvo. 2017a 3pags. Visto em 12/06/2022 no site da Sabesp: <http://www.sabesp.com.br>

SABESP. Relatório anual de Qualidade da água. Município de Cajati. 2020a, 3pags.

Recursos Hídricos Subterrâneos

AmbGis Consultoria em Meio Ambiente. 2022. Estudos do meio físico – Região Centro. P5 – Relatório Técnico. Serviços de apoio técnico para elaboração dos planos de manejo das Unidades de Conservação de Proteção Integral que compõem o Mosaico do Jacupiranga – MOJAC. Versão final aprovada. Novembro de 2022. Ambgis Meio Ambiente, São Paulo, 191 p. (circulação restrita).

CBH RB. 2021. Relatório de situação dos recursos hídricos da UGRHI 11. Bacia hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul. Ano-base 2020. Comitê da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul, Registro, 91 p. (disponível em <https://sigrh.sp.gov.br/cbhrb/documentos>).

CETESB. 2022. Qualidade das águas subterrâneas no Estado de São Paulo. 2019 – 2021. (R. P. Modesto, coord.). Série Relatórios. CETESB, São Paulo, 280 p.

Cotrim, M. E. B. 2006. Avaliação da qualidade da água na Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape com vistas ao abastecimento público. Tese de Doutorado. Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, USP, 236 p.

DAEE; UNESP. 2013. Águas subterrâneas do Estado de São Paulo, diretrizes de utilização e proteção. Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), Instituto Geociências e Ciências Exatas. Laboratório de Estudo de Bacias (UNESP-LEBAC). Governo do Estado de São Paulo. 44 p. ilus.

DAEE; IPT; IG; CPRM. 2005. Mapa de Águas Subterrâneas do Estado de São Paulo. Nota Explicativa. São Paulo, DAEE/IG/IPT/CPRM, Escala 1:1.000.000. texto e mapa.

IG. 2004. Geologia, potencial mineral, atividade minerária e uso e ocupação do solo no Vale do Ribeira de Iguape e Litoral Sul. Instituto Geológico, São Paulo. (mapa geológico digital) (inédito).

São Paulo. Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. 2021. Relatório de situação dos recursos hídricos do Estado de São Paulo. Ano base 2020. SIMA/CRHi, São Paulo. (<https://sigrh.sp.gov.br/relatoriosituacaodosrecursosohidricos>).

SIG-RB – Sistema de Informações Geográficas da Bacia do Ribeira de Iguape e Litoral Sul. Vulnerabilidade natural à contaminação para as unidades hidrogeológicas da UGRHI-11 [shapefile]. Registro, 2016. (texto e mapas) [acesso em 11 fev.2020]. Disponível em <http://www.sigrb.com.br/?id=3&proj=15>.

Sites consultados:

<http://rimasweb.cprm.gov.br/layout/index.php> - RIMAS - Rede Integrada de Monitoramento das Águas Subterrâneas / CPRM

<http://aguassubterraneas.cetesb.sp.gov.br/publicacoes-e-relatorios/> - CETESB

<http://datageo.ambiente.sp.gov.br/> - Infraestrutura de dados espaciais ambientais do Estado de São Paulo – IDEA-SP

Pedologia e Fragilidade dos solos

LEONEL, C. et al. (Coord). Plano de Manejo Espeleológico do Parque Estadual da Caverna do Diabo, São Paulo, 2010.

_____. Plano de Manejo Espeleológico do Parque Estadual do Rio do Turvo, São Paulo, 2010.

LEPSCH, I.F. et al. Levantamento de reconhecimento com detalhes dos solos da região do Rio Ribeira de Iguape no Estado de São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo: Secretaria de Agricultura e abastecimento Instituto Agrônômico, 1999. Escala 1:250.000.

LOURES, S. S. P. Ambientes, uso e ocupação do solo e zoneamento estratégico para as sub-bacias dos rios Jacupiranga e Pariquera-Açu, Vale do Ribeira, SP. 2008. 200p. Tese (Doutorado em Engenharia Civil), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

MANFREDINI, S. (Coord). Solos. In: Plano de Manejo do Parque Estadual de Intervales, São Paulo, 2008.

MATTOS, I.F.A.; ROSSI, M.; SILVA, D.A. da e PFEIFER, R.M. 1996. Levantamento do Meio Físico e Avaliação da Fragilidade do Ecossistema na Estação Ecológica dos Caetetus - SP. Sociedade Natureza. Revista do Departamento de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 388-393, 1996.

MATTOS, I. F. A. Fisionomia vegetal e suas relações com o meio físico na definição das unidades de paisagem na alta do rio turvo - sp. 1994. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MORAES, M. R. B. et al. (Coord). Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe, São Paulo, 2015.

OLIVA, A. et al. (Coord). Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, J.B. Pedologia Aplicada. 4ª ed. Piracicaba-São Paulo: Fealq, 2008, 592p.

OLIVEIRA, J.B. de; CAMARGO, M.N.de; ROSSI, M. & CALDERANO FILHO, B. 1999. Mapa pedológico do Estado de São Paulo: legenda expandida. Campinas: Instituto Agrônômico/EMBRAPA Solos, 1999. v. 1. 64 p. (inclui Mapa, escala 1:500.000).

PERROTTA, M.M.; SALVADOR, E.D.; LOPES, R.C.; D'AGOSTINO, L.Z.; PERUFFO, N.; GOMES, S.D.; SACHS, L.L.B.; MEIRA, V.T.; GARCIA, M.G.M.; LACERDA FILHO, J.V. Mapa Geológico do Estado de São Paulo. São Paulo: Programa Geologia do Brasil - PGB, CPRM, 2005. Escala 1:750.000.

PIRES NETO, A.G. & ROSSI, M., 2007. Tipos de Terrenos Vale do Ribeira no estado de São Paulo: Análise integrada do meio físico: relevo, substrato rochoso e solo. Condicionantes abióticos dos ecossistemas terrestres, São Paulo, 2007. (Relatório Técnico).

PIRES NETO, A.G.; ROSSI, M.; KANASHIRO, M.M. 2012. Estudos geoambientais do Parque Estadual da Ilha do Cardoso e da área de amortecimento. Análise integrada do meio físico: relevo, substrato rochoso, solo e terrenos, condicionantes abióticos dos ecossistemas terrestres. Instituto Florestal/Fundação Florestal, São Paulo. 2012. (Relatório Técnico 1, 51p. e Relatório Técnico 2, 66p. Ilustrados).

ROSS, J.L.S. 1990. Geomorfologia: ambiente e planejamento. O relevo no quadro ambiental, cartografia geomorfológica e diagnósticos ambientais. Coleção Repensando a Geografia. São Paulo: Contexto, 1990. 85 p.

ROSSI, M. 2017. Mapa pedológico do Estado de São Paulo: revisado e ampliado. São Paulo: Instituto Florestal, 2017. V.1. 118p. (inclui Mapas).

ROSSI, M. e KANASHIRO, M.M. 2022. O mapa de solos. *In*: ROSSI, NALON e KANASHIRO. Atlas de suscetibilidades dos solos do estado de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA) / Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente (SIMA), 2022. cap. 2, p4-21.

ROSSI, M.; NALON, M.A. E KANASHIRO, M.M. Atlas de suscetibilidades dos solos do estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Pesquisas Ambientais, 2022. V.1. 99p. (inclui mapas).

SILVA, V. N. et al. (Coord). Plano de Manejo da Reserva Extrativista do Mandira, Cananeia, São Paulo, 2010.

Perigos, Vulnerabilidade e Riscos

BRASIL. Resolução nº 2, de 12 de dezembro de 1994, do Conselho Nacional de Defesa Civil. Aprova a Política Nacional de Defesa Civil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Ano 133, n. 1, p. 82-86, 02 janeiro, 1995. Seção 1. Disponível em: <https://goo.gl/RWrDDE>. Acesso em: 23 mar 2017.

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil – PNPDEC. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Ano 149, n. 70, p. 1-4, 11 abril, 2012. Seção 1. Disponível em: <https://goo.gl/UrxUci>. Acesso em: 23 mar 2017.

CASTRO, A.L.C.; CALHEIROS, L.B.; CUNHA, M.I.R.; MARIA LUIZA NOVA DA COSTA BRINGEL, M. Manual de Desastres: desastres naturais. Volume 1. Brasília: Ministério do Planejamento e Orçamento. 182 p., 2003. Disponível em: <https://goo.gl/Fu7e3N>. Acesso em: 23 mar 2017.

DAEE (DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA). Base cartográfica digital, escala 1:50.000 - Projeto GISAT. São Paulo: DAEE, 2008.

EMPLASA. Arquivos digitais do modelo digital de superfície do Projeto de Atualização Cartográfica do Estado de São Paulo - "Projeto Mapeia São Paulo". Produtos de levantamento aerofotogramétrico de 2010-2011. Titularidade: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A - EMLASA. Contrato de Licença de Uso 038/12, estabelecido entre EMLASA e SMA, 2011.

FERREIRA, C.J.; ROSSINI-PENTEADO, D. Mapeamento de risco a escorregamento e inundação por meio da abordagem quantitativa da paisagem em escala regional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DE ENGENHARIA E AMBIENTAL, 11, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação Brasileira de Geologia de Engenharia e Ambiental, 2011. CD-ROM. Disponível em: <https://goo.gl/fiYLUC>. Acesso em: 24 mar 2017.

FERREIRA, C.J.; ROSSINI-PENTEADO, D.; GUEDES, A.C.M. O uso de sistemas de informações geográficas na análise e mapeamento de risco a eventos geodinâmicos. In: FREITAS, M.I.C & LOMBARDO, M.A.: Riscos e Vulnerabilidades: Teoria e prática no contexto Luso-Brasileiro. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/db8Xv0>. Acesso em: 24 mar 2017.

IBGE. Bases cartográficas contínuas - Brasil. 2021. Disponível neste endereço.

ONU. UNISDR. Terminology on Disaster Risk Reduction, 2009. Disponível em: https://www.unisdr.org/files/7817_UNISDRTerminologyEnglish.pdf. Acesso em: 29 mai. 2019.

ONU. Sendai Framework for Disaster Risk Reduction 2015-2030. New York: United Nations, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/lgJrmt>. Acesso em: 23 mar 2017.

ONU. UNISDR. Report of the open-ended intergovernmental expert working group on indicators and terminology relating to disaster risk reduction. New York: United Nations, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2ZZ2GSO>. Acesso em: 06 mai 2019.

OPENSTREETMAP CONTRIBUTORS. Planet dump retrieved from <https://planet.osm.org>. 2020. Acesso em: 29 jun 2020.

PERROTTA, M.M. et al. Mapa Geológico do Estado de São Paulo, escala 1:750.000. São Paulo: CPRM, 2005. (Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil). Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/2966>. Acesso em: 06 mai 2019.

ROSS, J., & MOROZ, I. Mapa Geomorfológico Do Estado de São Paulo. Revista do Departamento de Geografia, 10, 41-58, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7154/RDG.1996.0010.0004>. Acesso em: 06 mai 2019.

ROSSINI-PENTEADO, D.; FERREIRA, C.J. Mapeamento da vulnerabilidade para análise de riscos associados a processos geodinâmicos. In: FREITAS, M.I.C et al.: Vulnerabilidades e Riscos: reflexões e aplicações na análise do território. Rio Claro: UNESP-ICGE-CEAPLA, pp.77-94, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/Oi6hzz>. Acesso em: 24 mar 2017.

ROSSINI-PENTEADO, D.; FERREIRA, C.J. Sistema de classificação “Unidades Territoriais Básicas” (UTB) e mapeamento de risco de áreas urbanas de uso residencial/comercial/serviços à eventos geodinâmicos do Estado de São Paulo. São Paulo: INSTITUTO GEOLÓGICO, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2W7RnZb>. Acesso em: 17 mai 2019.

SANTORO, J. Potencial de riscos geológicos. In: LOPES, M.I.M.S.; KIRIZAWA, M.; MELO, M.M.R.F. de. (Org.). Patrimônio da Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba: a antiga Estação Biológica do Alto da Serra. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, v. , p. 73-82.

SÃO PAULO (Estado). Decreto no 57.512, de 11 de novembro de 2011. Institui o Programa Estadual de Prevenção de Desastres Naturais e de Redução de Riscos Geológicos e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo, SP. v. 121, n. 214, 12 nov. 2011. Poder Executivo, Seção I. Disponível em: <https://goo.gl/4a7gFZ>. Acesso em: 23 mar 2017.

SÃO PAULO (Estado). Unidades Básicas de Compartimentação do Meio Físico - UBC do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Planejamento Ambiental, Instituto Geológico, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2vEGfnU>. Acesso em: 06 mai 2019.

SÃO PAULO (Estado). Sistema de Classificação Unidade Homogênea de Cobertura da Terra, Uso e Padrão da Ocupação Urbana – UHCT do Estado de São Paulo. Instituto Geológico, Coordenadoria de Planejamento Ambiental, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/jA9utl>. Acesso em: 24 mar 2017.

SÃO PAULO (Estado). Sistema de Classificação Unidade Territorial Básica - UTB do Estado de São Paulo. Instituto Geológico, Coordenadoria de Planejamento Ambiental, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2JkdogU>. Acesso em: 06 mai 2019.

VARNES, D.J. Slope Movement Types and Processes. In: Schuster R.L. & Krizek R.J. (eds.). 1978. Landslides-Analysis and Control, Special Report 176, Transportation Research Board, Washington, D.C., p. 12-33, 1978. Disponível em: <https://goo.gl/lemMID>. Acesso em: 23 mar 2017.

VEDOVELLO, R.; FERREIRA, C.J.; SALIM, A.; COSTA, J.A.; MATSUZAKI, K.; ROSSINI-PENTEADO, D.; OHATA, A. Compartimentação Fisiográfica do Estado de São Paulo: base para análises ambientais em escala regional. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA GEOTÉCNICA E GEOAMBIENTAL, 9, 2015, Cuiabá. Atas... São Paulo: ABGE, 2015. CD-ROM., 5pp. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/AXGz31>. Acesso em: 24 mar 2017.

4. MEIO ANTRÓPICO

A área de abrangência da APA de Cajati abrange um buffer de 5 km ao redor da UC, engloba os municípios Cajati, Jacupiranga e Eldorado. Entretanto, o trecho pertencente ao município de Eldorado está totalmente inserido nos limites do Parque Estadual Caverna do Diabo (PECD), em área sem ocupação antrópica, e a sede municipal está a mais de 25 km da área de estudo. Ademais, o município de Eldorado não possui relação socioeconômica com a APA de Cajati, por isso, os dados socioeconômicos, históricos e de patrimônio abrangem apenas os municípios de Cajati e Jacupiranga. No caso das informações relacionadas à dinâmica territorial (uso do solo, áreas em restauração, ocorrências e infrações ambientais etc.), considerando que as informações não têm relação com limites políticos administrativos, a área de estudo considerou o buffer de 5 km. O método utilizado para a caracterização do meio antrópico encontra-se no **Apêndice 4.A**.

4.1. História e patrimônio

4.1.1. Histórico de ocupação da área de estudo

Os vestígios de ocupação humana na região do Vale do Ribeira são antigos, existindo diversos sambaquis, inclusive um dos mais importantes do estado, no qual foi descoberto, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, o fóssil humano mais antigo do estado, o “Homem da Capelinha” (BIM, 2012). Nessa região também foram encontrados vestígios do Caminho do Peabiru, cujo trajeto, ramificado em diversas trilhas, ligava o litoral brasileiro ao litoral peruano (JACUPIRANGA, 2017).

Entre os séculos XVII e XVIII, a exploração de minério e ouro de aluvião trouxe prosperidade econômica para a região do Vale do Ribeira. O transporte de pessoas e o comércio de mercadorias eram feitos pelos rios, o que impulsionou o surgimento de outras vilas e cidades como Xiririca (atual Eldorado), principalmente em função da mineração do ouro. Já entre o final do século XVIII e início do século XIX destacou-se o ciclo do arroz, importante fase econômica nesse período tendo em vista que a região era a maior produtora deste grão no Brasil, respondendo por 80% dos engenhos de arroz da

Província de São Paulo (DIEGUES, 2007). Após este ciclo econômico, com o fechamento do porto de Iguape, a região passou a desenvolver a pecuária, seguida pela produção de banana e chá, impulsionada pelos trabalhadores imigrantes japoneses, no início do século XX (BIM, 2012; DIEGUES, 2007). A principal causa do fechamento do porto de Iguape foi a construção, em 1827, de um canal artificial para facilitar o escoamento da produção, encurtando a distância a ser percorrida pelas embarcações. Esse canal artificial, denominado Canal do Valo Grande, ligava o rio Ribeira com o Mar Pequeno, e inicialmente tinha 3 km de comprimento e 3 m de largura. Porém, com o tempo, as margens do canal começaram a erodir e os sedimentos assorearam a entrada do porto, impedindo a chegada de grandes embarcações.

A situação ambiental, cultural e econômica da região começou a se transformar a partir da década de 1950. Nessa época foi aberta a Rodovia Régis Bittencourt (BR-116), ligando São Paulo à região Sul do país, o que impulsionou a urbanização. Porém, com esse novo desenvolvimento econômico, deu-se início à especulação imobiliária (SÃO PAULO, 2021b). Ainda hoje, a região do Vale do Ribeira abriga diversas populações remanescentes de quilombos, índios e caiçaras.

A ocupação das terras do município de Cajati teve início no século XIX, com a chegada de portugueses acompanhados pelo índio Botujuru, em busca de ouro. Entre eles estava Mathias de Pontes, que se instalou no local conhecido inicialmente por Cachoeirinha, onde seria fundada a futura Cajati. Segundo Silva-Sánchez e Sánchez (2011), diferentemente do restante do Vale do Ribeira, a mineração no município não tem sua origem no ouro de aluvião, mas sim na descoberta de jazidas de magnetita e apatita. Assim, o desenvolvimento da região de Cajati se deu a partir do século XX, quando se descobriu o valor mineral da área e a possibilidade de exploração das jazidas locais com base em pesquisas conduzidas por técnicos do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo (IBGE, c2017b; SILVA-SÁNCHEZ; SÁNCHEZ, 2011). Na década de 1930, quando se iniciaram as atividades de lavra de apatita, a empresa Serrana S/A de mineração construiu uma vila de operários, no entorno da qual se desenvolveu um pequeno núcleo populacional, que recebeu o nome de Corrente. A partir da Segunda Guerra Mundial, a exploração mineral assumiu maior importância no crescimento de Cajati. Em 1944, a pequena vila passou a ser distrito do município de Jacupiranga, recebendo a denominação de Cajati. Somente em 1991, o distrito foi elevado à condição de município, após aprovação em plebiscito (SILVA-SÁNCHEZ; SÁNCHEZ, 2011), sendo o mais novo de todos os municípios do MOJAC.

A origem do município de Jacupiranga remonta ao final do século XVIII. Seus primeiros habitantes cultivavam as terras, a partir das margens do rio, e acabaram formando o povoado de Botujuru (do tupi, “ÿbytú-yuru”= boca do vento). Uma primeira tentativa para elevar a povoação à categoria de Freguesia fracassou pelo fato de não existir no local nenhuma capela que justificasse tal elevação. Apenas em 1870, com a chegada do português Antônio de Souza Pinto Magalhães Mesquita, auxiliado por outros portugueses, a Capela Imaculada Conceição foi construída e o povoado foi elevado à

Freguesia, passando a se chamar Distrito de Jacupiranga (do tupi “ÿacu-piranga”, ou jacu do peito vermelho) (JACUPIRANGA, 2017). Em 1888, o fundador Antônio Mesquita construiu a igreja matriz em substituição à antiga Capela (IBGE, c2017c). Embora contasse com terras férteis, o desenvolvimento da região foi bastante lento pela dificuldade de comunicação e transporte que, na época, era exclusivamente fluvial. A ligação com o litoral de Iguape era feita por meio de canoas, com grande dificuldade, até a inauguração da primeira linha de navegação a vapor em 1887, com a lancha ‘Ondina’ (IBGE, c2017c). Em 1921, com a visita de Washington Luís ao Vale do Ribeira, foi decidida a abertura de estradas entre as cidades de Cananeia, Iguape e Xiririca (atual Eldorado), bem como de outras vias interligando as várias povoações, o que foi decisivo para o desenvolvimento de Jacupiranga. Em 1927, o Distrito de Jacupiranga foi elevado à categoria de município, desmembrado do município de Iguape, tendo sido instalado em 1928 (IBGE, c2017c; JACUPIRANGA, 2017).

A região da APA de Cajati também é importante no contexto histórico recente. Nos anos 70, foi no Parque de Jacupiranga que se escondeu o ex-capitão do exército, Carlos Lamarca, durante o período da ditadura. Lamarca foi um dos principais opositores armados do regime implantado no país pela revolução militar de 1964 (SÃO PAULO, 2008). Na época, liderados por Lamarca, 16 guerrilheiros da Vanguarda Revolucionária Popular (VRP) iam participar de treinamento na região de Jacupiranga. Entretanto, após a descoberta da área de treinamento pelas forças de repressão, uma emboscada foi preparada pela polícia e pelo Exército, e levou 41 dias de guerra à região, terminando com a fuga de Lamarca, bombardeios, prisões, ferimentos e mortes (tanto dos guerrilheiros como dos militares). Essa operação militar foi chamada ‘[Operação Registro](#)’ - ou ‘Guerrilha do Vale do Ribeira’, como também ficou conhecida. Vários jornais noticiaram a Operação Registro na época, possuindo um recorte específico sobre a operação e os acontecimentos posteriores a ela (LAPEDUH, 2018). Durante o período da operação, a região da capelinha foi vasculhada e os militares bloquearam estradas e controlaram vilarejos inteiros, com rígido toque de recolher. Poucos guerrilheiros conseguiram se esconder e fugir. Lamarca, o líder da guerrilha, foi encontrado e morto no ano seguinte, no interior da Bahia. Atualmente, no Museu da Capelinha do Parque Estadual do Rio Turvo (PERT), vizinho à APA de Cajati, encontra-se um painel com informações sobre essa passagem histórica. Além disso, a Gruta da Capelinha e a Trilha do Lamarca são atrativos do parque que aliam história e natureza (SÃO PAULO, 2012a).

A APA de Cajati foi criada em 2008 pela Lei nº 12.810/2008, abrangendo parte do território do Parque Estadual de Jacupiranga, criado por meio do Decreto-Lei nº 144/1969. O antigo Parque Estadual de Jacupiranga abrangia seis municípios (Cajati, Cananeia, Barra do Turvo, Eldorado, Iporanga e Jacupiranga) e era cortado pela Rodovia Regis Bittencourt (BR 116), o que favoreceu a degradação ambiental do Parque e a ocupação nos eixos próximos à BR 116 e às rodovias transversais, trazendo diversos conflitos à região. Como forma de solucionar os conflitos, após a aprovação de um Projeto de Lei e o posterior veto do Governador, o governo paulista trabalhou na edição de uma

nova lei que transformou o antigo território do Parque Estadual de Jacupiranga em um mosaico com 14 Unidades de Conservação, de categoriais distintas, incluindo aquelas que permitem a ocupação humana e o uso dos recursos naturais (SÃO PAULO, 2009b).

4.1.2. Patrimônio histórico, cultural e artístico

No que tange aos patrimônios materiais da área de estudo, foram feitas consultas aos catálogos do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT, 2022a) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2022a). Na região, encontram-se os seguintes bens tombados no âmbito estadual:

- a) **Serra do Mar e de Paranapiacaba:** Tombada pela Resolução SC nº 40 de 6/6/1985, abrange diversos municípios paulistas. O conjunto das Serras do Mar e de Paranapiacaba destaca-se pelo seu grande valor geológico, geomorfológico, hidrológico, paisagístico, biológico e como regulador das qualidades ambientais e dos recursos hídricos. A escarpa da Serra do Mar, que serviu no passado de refúgio climático para a floresta úmida de encosta, exhibe hoje os últimos remanescentes da cobertura florestal original do estado de São Paulo, fundamentais para a estabilidade das vertentes de alta declividade aí presentes, sujeitas aos maiores impactos pluviométricos conhecidos no país. A área tombada corresponde a 1.208.810 ha e inclui parques, reservas e áreas de proteção ambiental, esporões, morros isolados, ilhas e trechos de planícies litorâneas, distribuídos entre as coordenadas geográficas 48° 45' e 44° 00' de longitude Oeste e 23° 15' e 25° 00' de latitude Sul (CONDEPHAAT, 2022a). Parte da área tombada se sobrepõe à área de abrangência deste Plano de Manejo (municípios de Barra do Turvo, Cajati e Jacupiranga);
- b) **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição:** Tombada pela Resolução SC nº 65 de 21/6/2016, situa-se no município de Jacupiranga e foi construída em 1888, constituindo um marco histórico da ocupação, definindo e consolidando a fixação dos primeiros habitantes naquela localidade. Destaca-se sua implantação voltada para o leito do Rio Jacupiranga, característica típica das ocupações do Vale do Ribeira para as quais o transporte fluvial desempenhou papel central no abastecimento e conformação urbana dos municípios. A Igreja documenta técnicas construtivas antigas, com a presença de taipas de pilão em seu arcabouço e de tijolos introduzidos pelas obras modernizadoras realizadas no final do século XIX, marcadas pelo ecletismo da fachada e pela torre singular, indícios da presença de imigrantes que chegavam à região. Constitui-se em forte símbolo de identificação e pertencimento para parte da população jacupiranguense (CONDEPHAAT, 2022a). A igreja situa-se na área urbana, fora da área de abrangência deste plano.

Além dos bens oficialmente tombados, a área abriga ainda outros vestígios de importância histórica, os quais são de interesse das comunidades para a exploração turística. São eles: **(a ser levantado em oficina)**

4.1.3. Sítios arqueológicos

A região possui vestígios de ocupação pré-histórica, comprovados pelos diversos sambaquis. Sambaquis são sítios arqueológicos que surgiram posteriormente à última glaciação, caracterizados por acúmulo de conchas de moluscos e recebem diferentes denominações de acordo com a região. O nome sambaqui remete ao significado da palavra em tupi-guarani ("tambó" = monte e "qui" = conchas) (IPHAN, c2014). Podem ser costeiros (como aqueles encontrados em Cananeia), ou fluviais (como aqueles que predominam na área mais interior do Vale do Ribeira). Apresentam geralmente forma de colinas de base oval e são formados por acumulação de restos de comida e carapaças de moluscos dispostos em camadas separadas por leitos de carvão. Os sambaquis são considerados monumentos pré-históricos, não podendo ser explorados, destruídos ou sofrer prejuízos até que sejam devidamente pesquisados.

O sambaqui Capelinha I, localizado no Município de Cajati, na margem direita do córrego da Salmoura, afluente do rio da Capelinha, é de grande importância arqueológica, por ser bastante antigo. Collet (1985) apud Afonso (2019) coletou amostras datadas de 9.890 anos AP e 10.500 ± 1500 anos AP.

Em 2000 foi descoberto, pela equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, o fóssil humano mais antigo do estado de São Paulo, chamado de Luzio (homenagem a Luzia, o fóssil humano mais antigo da América do Sul), com cerca de 9.400 anos (**APÊNDICE 4.1.A**). Foi encontrado em um dos sambaquis fluviais que se encontram dentro do PERT (BIM; FURLAN, 2013). Historiadores afirmam que o local onde Luzio foi encontrado pode ter sido um cemitério, onde os corpos eram cobertos por uma grande camada de conchas, formando os sambaquis, atingindo entre 80 centímetros e 1 metro de altura (FUNDAÇÃO FLORESTAL, 2012).

Para os autores Figuti, Plens e DeBlasis (2013), as feições estruturais dos sambaquis fluviais, frequentemente associados a traços funerários e festins, podem ser ligados aos sambaquis costeiros, nos quais os mesmos traços aparecem com um significado social. Os autores concluíram que os habitantes dos sambaquis fluviais da região do Vale do Ribeira estão entre os mais antigos conhecidos no leste da América do Sul, sendo que o sepultamento do sítio Capelinha, conhecido por Luzio, com data aproximada de 10.000 anos AP, é o mais antigo conhecido no estado de São Paulo (AFONSO, 2019).

As informações referentes aos registros dos sítios arqueológicos foram obtidas no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o qual integra o Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico (SGPA)

(IPHAN, 2022c, 2022d) (**APÊNDICE 4.1.B.**). O cadastro reúne dados de, aproximadamente, 26 mil sítios arqueológicos cadastrados em todo o Brasil, dos quais, alguns estão georreferenciados, enquanto outros contêm informação tabular indicando o nome do sítio, município, estado, tipologia, entre outros itens relevantes que constam da Ficha para Registro de Sítios Arqueológicos.

No Cadastro georreferenciado do IPHAN, há dois sítios arqueológicos georreferenciados dentro da área de estudo. Vale destacar que, originalmente estes dois sítios do município de Cajati foram cadastrados como sendo em Jacupiranga, pois o cadastro foi feito antes da emancipação do município. Entretanto, pela localização descrita, foi possível identificar que ambos os sítios estão no município de Cajati. Além desses dois sítios identificou-se também outros sítios georreferenciados pelo MAE da USP (FIGUTI et al. 2004) e foi possível elaborar o mapa do **APÊNDICE 4.1.C.** com a localização dos sítios arqueológicos e histórico-culturais na área de abrangência da APA de Cajati.

4.1.4. Patrimônio imaterial

Em consultas realizadas aos catálogos do portal Patrimônio Imaterial do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT, 2022b) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2022b), foram encontrados dois bens tombados: o Jongo do Sudeste e o Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira.

O **Jongo no Sudeste** é uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos de espiritualidade. Foi inscrito no Livro das Formas de Expressão em 2005. É praticado nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Acontece nas festas de santos católicos e divindades afro-brasileiras, nas festas juninas, nas festas do Divino e no dia 13 de maio (Dia da Abolição da Escravatura). É uma forma de louvação aos antepassados, consolidação de tradições e afirmação de identidades, com suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, principalmente os de língua bantu. No Brasil, o jongo consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar, no sudeste brasileiro. Trata-se de uma forma de comunicação desenvolvida no contexto da escravidão e que serviu também como estratégia de sobrevivência e de circulação de informações codificadas sobre fatos acontecidos entre os antigos escravos por meio de pontos que os capatazes e senhores não conseguiam compreender. É também conhecido pelos nomes de tambu, batuque, tambor e caxambu, dependendo da comunidade que o pratica (IPHAN, 2022b).

O **Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira** é um conjunto de saberes e técnicas acumuladas na pesquisa e observação das dinâmicas ecológicas e resultados de manejo, oriundas do repertório de conhecimentos agrícolas, ambientais, sociais, religiosos e lúdicos das comunidades quilombolas localizadas na Região Sudeste do estado de São Paulo e leste do estado do Paraná, no Vale do Ribeira. Essas comunidades cultivam desde o período colonial às margens do rio Ribeira

do Iguape, com isso seu modo tradicional de fazer agricultura tornou-se eixo estruturante do seu estilo de vida e possibilitou sua permanência e perpetuação nos vales e montanhas da região. Transmitidos através das gerações por vias da oralidade e observação em vivências práticas, esses saberes direcionam as maneiras de olhar a natureza, de avaliar e de decidir sobre o manuseio dos recursos naturais para a agricultura, de ensinar, de promover trocas e de sentir que estão conectados a um modo de vida baseado na roça de coivara, onde as comunidades quilombolas fazem o manuseio da terra com um padrão de ocupação itinerante que organiza o tempo e o espaço em função do calendário agrícola (IPHAN, 2022b). Assim, os saberes relacionados à produção agrícola extrapolam o cultivo e a colheita e estão relacionados também à diversidade das espécies vegetais manejadas, aos métodos e à cultura material relacionada ao preparo dos alimentos, aos arranjos produtivos locais, às redes de troca e comercialização, aos contextos de transmissão de conhecimento e de consumo alimentar que envolvem expressões de música e dança. Portanto, é uma expressão cultural que possui múltiplas dimensões. Os principais cultivos plantados nas roças quilombolas são a mandioca, o milho, o feijão e o arroz. Vale ressaltar que as espécies cultivadas são crioulas, cultivadas e mantidas pelos próprios agricultores e distribuídas por meio de um sistema de trocas que envolve diversas comunidades. Ao longo de centenas de anos de interação com o espaço, eles criaram suas formas próprias de organização social, usos e representações do território, marcando a paisagem do Vale do Ribeira, região que abriga a maior área contínua de Mata Atlântica no país (IPHAN, 2022b). Por representar um aspecto essencial para a identidade da população nativa dessa região e por sua relevância para a promoção da diversidade étnica e cultural brasileira, o Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira foi inscrito no Livro dos Saberes em setembro de 2018, recebendo, assim, o título de Patrimônio Cultural do Brasil.

Além dos patrimônios tombados nos órgãos oficiais, há manifestações religiosas e culturais tradicionais importantes para os municípios, destacando-se:

- a) Em Cajati: a Festa do Padroeiro Santo Antônio ou Festa das Barraquinhas, cujo principal destaque é a montagem das barraquinhas que funcionam como uma feirinha e vendem artesanatos e alimentos provenientes do Vale do Ribeira;
- b) Em Jacupiranga: ocorrem anualmente as festas religiosas em Louvor a Nossa Senhora Conceição (padroeira da cidade), e do Divino Espírito Santo, essa última organizada desde 1864, na qual os festeiros fazem cortejos com a bandeira e rezam novena, com encerramento ocorrendo em uma grande festa na Igreja Matriz.

As manifestações culturais são marcadas tanto pelo fazer artístico (que implica na produção de vestimentas, música, comida, objetos específicos para a celebração cultural, que levam brilho, som, cor e sabor para os participantes), quanto pelas relações sociais ativadoras das relações humanas, já que é nesse contexto que se dá a interação com o outro e que relações coletivas são recriadas e reinventadas ao incorporar características

culturais diversas (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008). Ademais, essas festas movimentam o turismo e a rede hoteleira municipal.

4.2. Ocupação Humana

Existem bairros e comunidades dispersos por todo o território, conforme descrito a seguir. A localização aproximada desses bairros encontra-se no **APÊNDICE 4.2.A**. Não há territórios quilombolas ou terras indígenas dentro da área de abrangência deste plano. Há uma comunidade quilombola reconhecida no município de Japiranga (Poça), porém esta se encontra a cerca de 20 km lineares da APA de Cajati.

Lavras / Jacupiranguinha

Lavras e Jacupiranguinha são localidades isoladas na área rural que pertencem ao município de Cajati. Localizam-se na porção nordeste da Região Centro do MOJAC, e o padrão de ocupação das duas localidades é de pequenos sítios que moram já faz muito tempo e que plantam de tudo, com algumas criações de gado de corte e gado leiteiro. Basicamente os produtos que plantam são para consumo próprio, destinando uma pequena parte para comercializar. Os produtos mais cultivados são banana, hortaliças, legumes, mandioca e pupunha.

Na localidade de Jacupiranguinha destaca-se a propriedade da Associação dos Agricultores Familiares de Cajati – AAGFAM, que recebe os produtos da região, estruturam cestas e entregam para o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e escolas de Cajati e São Paulo.

Queimados / Capelinha / Vila Lucas / Anta Gorda / Braço Feio

As localidades de Queimados, Capelinha, Vila Lucas, Anta Gorda e Braço Feio encontram-se na porção nordeste da Região Centro do MOJAC, à sudoeste de Cajati, município ao que pertencem. São localidades próximas entre si, nas margens da BR-116 (Rodovia Régis Bittencourt), com padrão de ocupação de pequenos proprietários que desenvolvem atividade agrícola (comercial e de subsistência) além de extração vegetal com venda de subprodutos. Também praticam a criação de animais e de peixes (ambos para subsistência e venda de excedentes). Os produtos mais cultivados são banana, pupunha e maracujá, enquanto na pecuária predomina a criação de gado de corte e gado leiteiro (principalmente em Queimados), além da bubalinocultura (criação de búfalos).

Conchas

Na porção mais ao centro da Região Centro do MOJAC, nas margens da BR-116 (Rodovia Régis Bittencourt), localiza-se o bairro Conchas. O padrão de ocupação dessa

localidade é de famílias de pequenos agricultores, com predomínio de cultivo de banana, palmito pupunha, maracujá, eucalipto e palmito juçara. Na região do entorno dessa localidade também é praticada a pecuária de gado leiteiro assim como a bubalinocultura, com fins de subsistência e venda de excedentes.

4.3. Dinâmica Demográfica (preliminar, será atualizado com dados do censo 2022)

4.3.1. População, densidade demográfica e grau de urbanização

A Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos Ribeira de Iguape e Litoral Sul (UGRHI 11), na qual o MOJAC se localiza, abrange 23 municípios com sede na bacia e mais 5 com sede em outras UGRHIs. Possui uma área total de quase 25 mil km², dos quais 17.068 km² pertencem ao estado de São Paulo, concentrando um total de 374.617 habitantes em 2021 (SEADE, 2022a). A APA de Cajati abrange dois municípios, sendo Cajati o de maior porte populacional, com 29.116 habitantes (0,065% da população estadual) e densidade demográfica de 64,1 hab/km² (182% inferior à densidade demográfica estadual) em 2021. Jacupiranga possui 17.237 habitantes (0,034% da população estadual) e densidade de 24,5 hab/km², conforme ilustrado na Tabela 4.3.1 (SEADE, 2022a). Em termos regionais, Cajati é o terceiro município com a maior população, entre os 23 municípios da UGRHI 11, ficando atrás de Iguape e Registro, este último sendo o maior município da região, com mais de 54 mil habitantes.

Tabela 4.3.1. População e densidade demográfica nos municípios que compõem a APA de Cajati e no estado de São Paulo nos anos de 1990, 2000, 2010 e 2021

Localidade	População 1990	Densidade 1990 (hab/km ²)	População 2000	Densidade 2000 (hab/km ²)	População 2010	Densidade 2010 (hab/km ²)	População 2021	Densidade 2021 (hab/km ²)
Cajati	NA	NA	29.176	64,1	28.379	62,5	29.116	64,1
Jacupiranga	37.874	32,6	17.019	24,0	17.207	24,4	17.237	24,5
UGRHI 11	293.510	21,88	359.299	26,92	365.136	28,24	374.617	29,60
Estado de São Paulo	30.783.108	124,0	36.974.378	149,0	41.223.683	166,1	44.892.912	180,9

Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

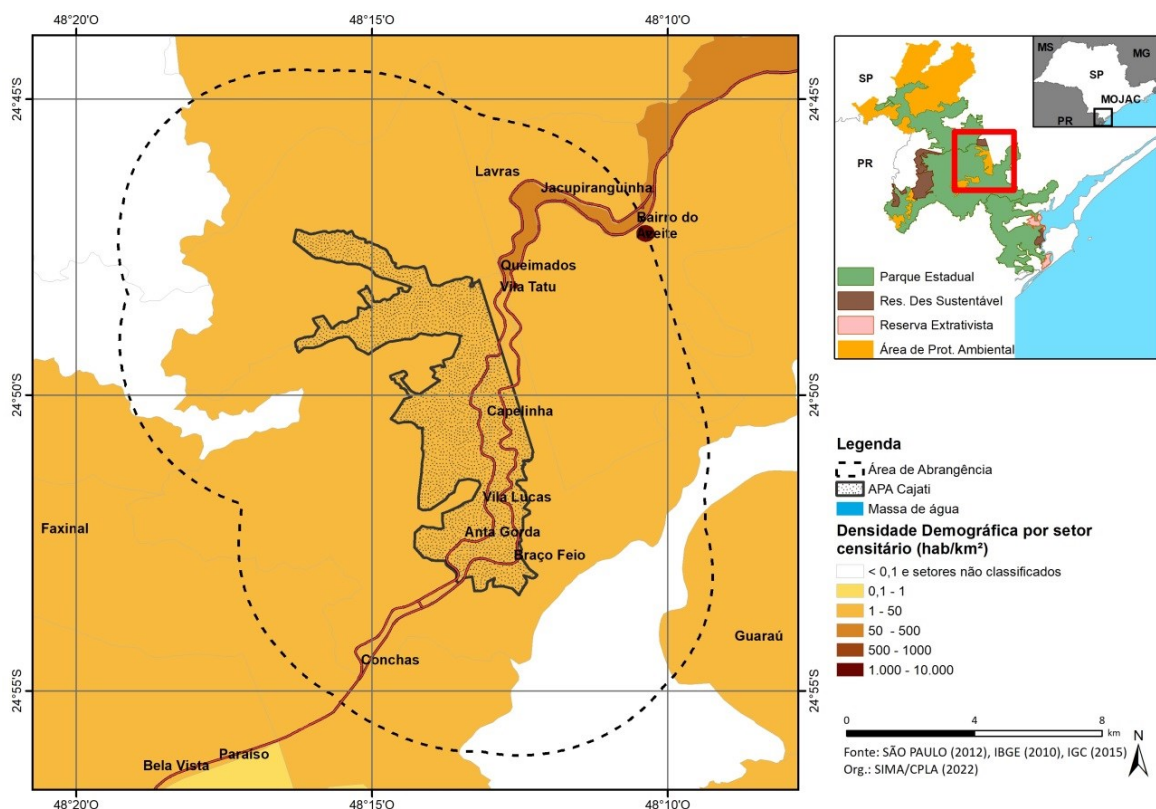
Adicionalmente, no intuito de verificar a dinâmica demográfica local, foi realizada também uma análise dos setores censitários de 2010 (IBGE, 2010) que compõem a APA de Cajati e sua área de abrangência. O detalhamento dos setores censitários pode ser verificado no **APÊNDICE 4.3.A**. Segundo o censo de 2010, a APA de Cajati e sua área de abrangência estão inseridos em 11 setores rurais, sendo 2 em Jacupiranga e 9 em Cajati, em um total de 1.784 domicílios e 4.858 moradores (**APÊNDICE 4.3.B**). Dentre esses 11 setores rurais, apenas dois se referem a povoados rurais. Cabe destacar também que alguns desses setores se estendem para fora dos limites da área de abrangência,

indicando que o número de moradores na área deve ser menor. Em 2006, o ITESP realizou cadastro dos ocupantes do Parque Estadual do Jacupiranga. Este cadastro apontou que haviam 303 ocupações dentro da APA de Cajati. Não foram identificados aglomerados subnormais na área de estudo (IBGE, 2010, 2011).

Ao analisar o mapa da densidade demográfica por setores censitários (Figura 4.3.1), observa-se que a área de abrangência da APA de Cajati possui baixa densidade demográfica quando comparada com o restante do estado. Pela malha setorial do censo de 2010 (IBGE, 2010), apenas dois setores localizados às margens da BR 116, na área envoltória da UC, possuíam densidade demográfica mais elevada.

Quanto ao número de habitantes em áreas urbanas e rurais, a concentração urbana vem predominando nos últimos anos em Cajati (74,27% em 2021, acompanhada de diminuição da população rural, seguindo tendência estadual. Jacupiranga, por outro lado, apresenta baixo grau de urbanização (54,45% em 2021). Em 2021, ambos os municípios apresentaram uma população urbana de 31.008 habitantes e uma população rural de 15.345 habitantes. O grau de urbanização nos municípios sofreu aumento entre 2010 e 2021, como pode ser visto no **APÊNDICE 4.3.C**, seguindo a tendência estadual (SEADE, 2022a). Cabe destacar que todos os setores da área de abrangência são considerados rurais.

Figura 4.3.1. Densidade Demográfica dos setores censitários que compõem a APA de Cajati (Censo IBGE 2010)



Fonte: IBGE (2010), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

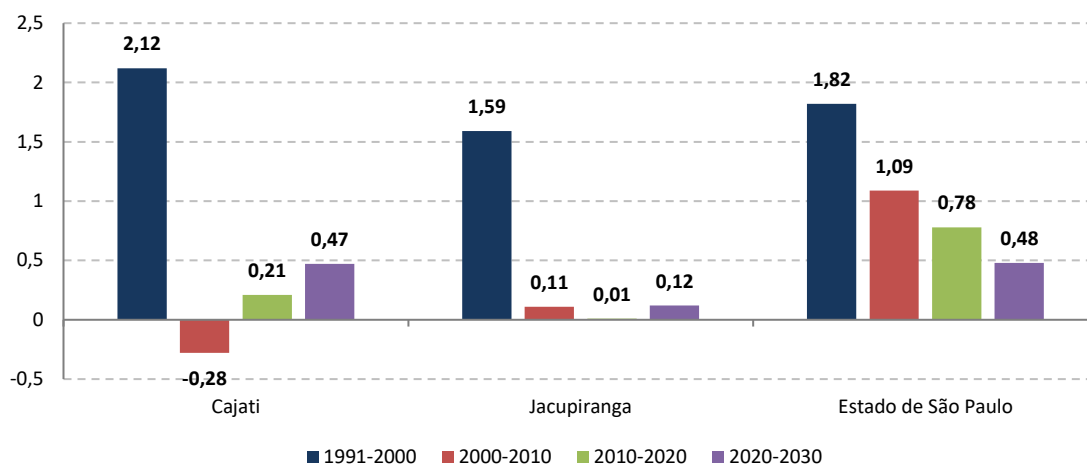
Área de Proteção Ambiental de Cajati

No 0 é apresentada a classificação dos setores censitários que compõem a APA de Cajati e seu entorno com base na Malha Setorial Intermediária 2021, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram mantidos os critérios para a delimitação dos setores censitários das malhas censitárias anteriores, mas, por se tratar de uma Malha Intermediária, as informações dos setores permitem aprofundar e distinguir diferentes categorias de dispersão e aglomeração de domicílios no território, subsidiando uma classificação geral dos setores censitários em urbanos ou rurais, porém não contemplam ainda as informações estatísticas de população ou de domicílios. Mesmo sem ainda trazer os dados estatísticos, o IBGE salienta que os limites foram atualizados para subsidiar a coleta de dados do Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2021). Para o presente estudo, essa classificação mais detalhada e atualizada dos setores que compõem a UC pode ser útil para uma gestão e planejamento mais efetivos. Pelo mapa, é possível observar que a maior parte dos setores (14 dos 21 setores) setores da área de abrangência do da APA Cajati são classificados como “áreas rurais”, caracterizadas pela dispersão de domicílios e estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2020). Além desses, há ainda mais 7 aglomerados rurais classificados como “povoados”, caracterizado pela existência de comércio e serviços. Desses povoados, apenas 2 setores se encontram nos limites da APA Cajati e correspondem ao bairro Capelinha. Não há nenhum setor considerado urbano dentro da área de abrangência.

4.3.2. Crescimento populacional

A taxa geométrica de crescimento anual (TGCA, que expressa, em termos percentuais, o crescimento médio da população em determinado período de tempo), apesar de ter reduzido significativamente nos dois municípios entre 1991 e 2020, demonstra tendência de crescimento, diferentemente da tendência estadual de contínua redução, como fica evidente na Figura 4.3.2, no qual também é apresentada uma projeção de TGCA para 2020-2030, mantendo a mesma tendência (SEADE, 2022a). Mesmo em Jacupiranga, com tendência de queda contínua entre 1991 e 2020, voltou a expressar crescimento na projeção 2020-2030.

Figura 4.3.2. Taxa geométrica de crescimento anual (em % a.a.) nos períodos de 1991-2000, 2000-2010, 2010-2020 e 2020-2030 nos municípios que compõem a APA de Cajati e no estado de São Paulo



Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

Segundo as projeções populacionais calculadas pela Fundação Seade (APÊNDICE 4.3.E), os municípios abrangidos pela UC terão acréscimo no número absoluto de habitantes entre 2021 e 2035. Com relação à população de 2021, Cajati terá um acréscimo projetado de 6,75% até 2035 e Jacupiranga de 1,69%. No estado de São Paulo, essa variação será de 5,56% (SEADE, 2022a).

4.4. Dinâmica econômica

4.4.1. Produção

Na análise da dinâmica econômica dos municípios que compõem a APA de Cajati, nota-se que o Produto Interno Bruto (PIB, que corresponde ao total dos bens e serviços produzidos pelas unidades produtoras, ou seja, a soma dos valores adicionados acrescida dos impostos) apresentou crescimento entre 2010 a 2019. O maior valor absoluto, em 2019, foi o de Cajati (R\$ 1,4 bilhões), com participação no PIB estadual de 0,059% enquanto o acréscimo mais significativo do PIB foi em Jacupiranga, de aproximadamente 85% entre 2010 e 2019, ultrapassando ligeiramente o acréscimo do estado no mesmo período, que foi de, aproximadamente, 81% (SEADE, 2022a). Entre 2010 e 2019, Cajati apresentou queda na participação do PIB do estado, de 0,065% para 0,059%, enquanto Jacupiranga manteve praticamente a mesma participação no período. A participação da Região Administrativa de Registro no PIB do estado de São Paulo se manteve praticamente estável nesse período, variando de 0,3% em 2010 para 0,4% em 2019 (SEADE, 2022a). Quanto ao PIB per capita em 2019, verifica-se disparidade entre os municípios, Cajati destacando-se com R\$ 48.261,09 e Jacupiranga com R\$ 29.608,93 (SEADE, 2022a).

O valor adicionado (VA, que corresponde ao valor da atividade agregada aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo) dos municípios tem bastante variação, destacando-se novamente Cajati com R\$ 1,3 bilhões em 2019, seguido de Jacupiranga (R\$ 475 milhões).

A Tabela 4.4.1. sintetiza os valores do PIB, PIB per capita, valor adicionado e Participação do PIB nos dois municípios da área de abrangência da APA e a comparação com o total do estado de São Paulo nos dois períodos estudados.

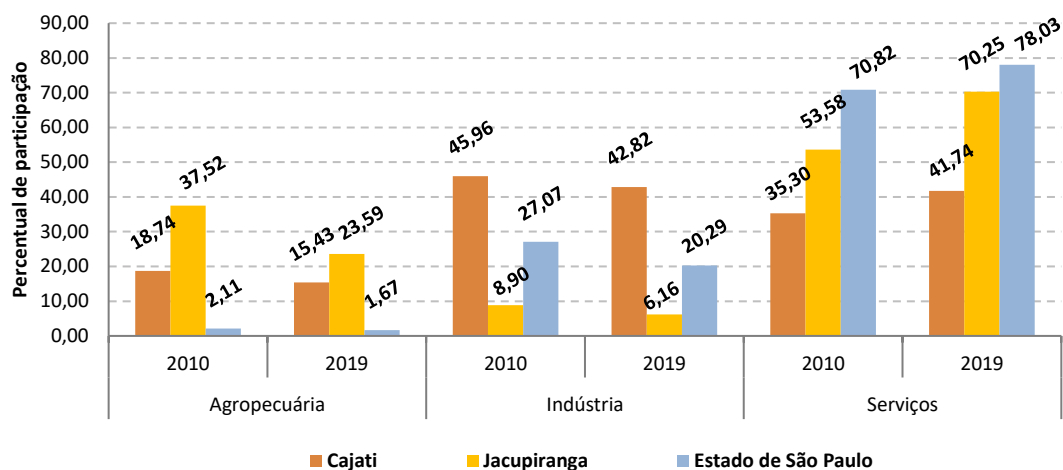
Tabela 4.4.1. PIB, PIB per capita, valor adicionado e participação no PIB do estado em 2010 e 2019 nos municípios que compõem a APA de Cajati e comparação com o estado de São Paulo.

Localidade	PIB (em mil reais)		PIB per capita (em R\$)		Valor adicionado (em mil reais)		Participação no PIB do estado (%)	
	2010	2019	2010	2019	2010	2019	2010	2019
Cajati	835.391,46	1.394.455,95	29.436,96	48.261,09	739.251,69	1.218.889,46	0,065	0,059
Jacupiranga	274.929,84	509.510,43	15.977,79	29.608,93	261.811,67	475.237,08	0,021	0,022
Estado de São Paulo	1.294.695.988,45	2.348.338.000,29	31.406,61	52.992,03	1.071.840.401,68	1.975.310.484,22		

Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

Na distribuição do valor adicionado por setor produtivo (Figura 4.4.1) constata-se um crescimento da participação do setor de serviços (que inclui também a administração pública) e uma queda dos setores da indústria e da agropecuária, entre 2010 e 2019, seguindo tendência estadual (SEADE, 2022a). Chama atenção o setor da indústria em Cajati, que, mesmo com queda entre 2010 e 2019, ainda representava mais de 40% do valor adicionado municipal total, superando a média estadual. O setor agropecuário também apresenta uma participação muito superior à média estadual, tanto em Cajati como em Jacupiranga, respectivamente com 15% e 23% no ano de 2019. Por sua vez, o setor de serviços, que engloba a administração pública, já era superior a 50% em Jacupiranga em 2010 e aumentou em 2019, ultrapassando a marca de 70%. Já em Cajati, este segmento representou 35% e 41% em 2010 e 2019, respectivamente (SEADE, 2022a).

Figura 4.4.1. Participação dos setores econômicos no valor adicionado (em %) nos municípios que compõem a APA de Cajati e no estado de São Paulo em 2010 e 2019.



Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

Nota: 'Serviços' inclui o valor adicionado agregado pela administração pública.

4.4.2. Empregos

Nas questões relativas ao mercado de trabalho, de acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), em 2019, os dois municípios contavam com 9.943 vínculos empregatícios (BRASIL, 2022), dos quais Cajati foi o município com maior número de empregos formais (6.690) conforme **APÊNDICE 4.4.A**.

Em Cajati, a atividade com maior número de vínculos em 2019 foi administração pública em geral, seguida por fabricação de produtos químicos inorgânicos, construção de rodovias e ferrovias, e cultivo de banana. Em Jacupiranga, a atividade com maior número de vínculos em 2019 foi cultivo de banana, seguida por administração pública em geral (BRASIL, 2022). Cabe destacar que Cajati e Jacupiranga, juntos, responderam por aproximadamente 26% de todos os 4.997 vínculos relacionados à atividade cultivo de banana do estado em 2019 (652 e 655 vínculos, respectivamente).

Cajati é o município que concentra o maior número de empregos formais na indústria (18%), devido à presença do Complexo Minerquímico em Cajati, que sempre foi fator de atração de mão de obra para o município. Várias empresas já passaram pelo complexo de Cajati: o Grupo Moinho Santista; a Serrana, do Grupo Cimpore; a Bunge Fertilizantes; a Vale Fosfatados; e, atualmente a Mosaic Fertilizantes. Segundo Silva-Sánchez e Sánchez (2011), o Complexo Minerador de Cajati é responsável pela geração de cerca de 1.600 empregos diretos e indiretos, dos quais 30% correspondem exclusivamente às atividades de mineração.

Os dados apresentados (BRASIL, 2022) demonstram um aumento, em maior ou menor grau, no número de empregos formais nos dois municípios entre 2010 e 2019.

Quanto à distribuição dos empregos formais nos setores em 2019, destaca-se o setor de serviços seguido por: indústria, construção, comércio e agropecuária em Cajati; e agropecuária, comércio, indústria e construção em Jacupiranga.

Segundo o cadastro do ITESP, feito em 2006, a renda familiar dos 350 ocupantes cadastrados dentro da APA era de 45% abaixo de 1 salário mínimo, 20% entre 1 e 2 salários mínimos, 11% de 2 a 4 salários mínimos, 3% de 5 a 10 salários mínimos e 1% acima de 10 salários mínimos, sendo que 20% dos ocupantes não informaram.

4.4.3. Atividades Econômicas

4.4.3.1. Turismo

O turismo é uma atividade de destaque na região, devido à presença de atrativos naturais, como os remanescentes de Mata Atlântica, cachoeiras e a presença de cavernas, além do turismo de caráter histórico, cultural e gastronômico pela presença de comunidades de quilombolas, sendo uma comunidade reconhecida em Jacupiranga (Quilombo Poça) (ITESP, 2022), entretanto, fora da área de abrangência deste plano.

Os dois municípios (Jacupiranga e Cajati) pertencem à Rota Turística Cavernas da Mata Atlântica, no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo, voltada principalmente para o ecoturismo e o turismo de aventura, tendo como principal atrativo as cavernas. A Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro é um instrumento elaborado pelo Ministério do Turismo para identificar o desempenho da economia do setor nos municípios que constam no Mapa do Turismo Brasileiro. A categoria A representa os municípios com maior fluxo turístico, maior número de estabelecimentos, empregos e arrecadação de impostos federais no setor de hospedagem, enquanto a categoria E representa os municípios que zeraram em todos os quesitos. Segundo a categorização do Mapa do Turismo Brasileiro, os dois municípios estão na categoria D (SÃO PAULO, 2022a). Além do Mapa do Turismo, o município de Jacupiranga também é considerado Município de Interesse Turístico (MIT) pelo Governo estadual. Para ser considerado um MIT, o município deve preencher alguns critérios, como Potencial Turístico, Conselho Municipal de Turismo e infraestrutura básica.

Em Jacupiranga e Cajati, destacam-se atrativos naturais como a Serra do Cadeado, com 900 m de altitude; o Mirante do Guaraú, que é propício para a prática de voo de paraplanar; o Mirante do Aleixo, com 1.000 m de altitude e de onde se avista o mar de morros do PERT e a cidade de Cajati; a Cachoeira do Azeite, que é propícia para a prática de rapel; o Circuito Gruta da Capelinha, que contempla a Cachoeira das Samambaias, a cachoeira das Andorinhas e a Cachoeira da Pedreira, além dos sítios arqueológicos e da Gruta da Capelinha; a Corredeira do Salto, excelente para a prática de esportes radicais; e a Cachoeira do Guaraú, com várias quedas d'água e piscinas naturais (FF/AMBGIS,

2022). O **APÊNDICE 4.4.B** sintetiza a infraestrutura existente e os principais atrativos dos municípios da área de estudo.

De acordo com levantamento feito por meio de diagnóstico rural participativo (FF/AMBGIS, 2022), as atividades ligadas ao turismo na APA Caja envolvem oferta de serviços de alimentação (comida caseira), hospedagem ou guia turístico, nas modalidades de turismo rural, cultural, religioso ou ecoturismo. Realizam as atividades como autônomos. No geral recebem hóspedes estrangeiros, jovens, de outros estados, público paulista e público local.

4.4.3.2. Agropecuária

Mesmo com o avanço de outras atividades econômicas, a agricultura continua a ser importante atividade econômica em todo o Vale do Ribeira e na região administrativa de Registro. Os principais produtos regionais são a banana, mexerica, maracujá, chá preto, plantas e flores ornamentais, mudas de árvores nativas e, mais recentemente a produção de palmito pupunha, que vem ganhando mercado na região. Especificamente na área de estudo, as atividades estão localizadas, em geral, em pequenas áreas agrícolas, predominantemente com cultivo de banana, palmito pupunha e maracujá (FF/AMBGIS, 2022).

O **APÊNDICE 4.4.C** apresenta um resumo dos dados agropecuários e da silvicultura mais significativos dos municípios que compõem a APA de Cajati, provenientes das informações estatísticas produzidas pelo IBGE por meio de pesquisa dos produtos das lavouras temporárias e permanentes, da silvicultura e da pecuária (IBGE, 2022a, 2022b, 2022c).

A área plantada de lavoura temporária é pouco expressiva nos dois municípios. No caso das lavouras permanentes, a área destinada à colheita corresponde a aproximadamente 12% da área municipal de Cajati em 2020. Os municípios de Cajati e Jacupiranga tiveram incremento dessa área entre 2010 e 2020 de 9,5% e de 3,2%, respectivamente, com destaque para cultura de banana. Esses dois municípios juntos responderam por mais de 15% da área destinada à colheita de banana do estado de São Paulo em 2020. As demais culturas são pouco representativas (IBGE, 2022a).

Quanto à silvicultura, a área tanto de eucalipto quanto pinus é pouco expressiva nos municípios; em Jacupiranga, com a maior área de silvicultura essas duas culturas representaram, juntas, 3% da área do território municipal (IBGE, 2022b). Com relação à pecuária, destaca-se o aumento de cabeças de bubalinos em Jacupiranga entre 2010 e 2020 (1.500%), porém, em número absoluto de cabeças, é bem menos expressivo (1.600 cabeças em 2020, ou 1,4% do total estadual).

Quanto à aquicultura, não há criações de destaque nos municípios. Em 2020 um programa piloto da Prefeitura de Cajati, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, selecionou 25 produtores

da Associação dos Agricultores Familiares do Município de Cajati (AAGFAM) para participar de um programa de piscicultura com tanques com capacidade para 2.200 peixes, o que provavelmente justifique o aumento da produção aquícola no município de para 45 ton em 2020, elevando o município para o 4º lugar em produção pesqueira de 'outros peixes'.

Outra fonte de dados agropecuários é o Projeto LUPA (Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo, edições de 2007/08 e de 2016/17) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SÃO PAULO, 2009a, 2019). A comparação entre os dados das duas edições (**APÊNDICE 4.4.D**) indica que houve queda da área de culturas temporárias nos dois municípios. Quanto à cultura permanente, em Jacupiranga houve aumento de 23%, e queda em Cajati de 25,5%. Cajati e Jacupiranga se destacaram, em ambas as edições do LUPA, no cultivo de banana (com área de 3.095,1 ha e 4.348,2 ha respectivamente, na edição de 2016/17), como também indicado nas pesquisas do IBGE. Cabe ressaltar que a metodologia e os anos das edições do Projeto LUPA são distintos daqueles utilizados pelo IBGE nas informações estatísticas analisadas anteriormente.

A produção de pupunha vem crescendo na região. Existem 34 UPAs em Cajati e 44 UPAs em Jacupiranga voltadas à produção de pupunha. Já em relação à bananicultura em Cajati, são 205 UPAs ocupando uma área de 675 ha, e em Jacupiranga são 352 UPAs e área de 4.348 ha (SÃO PAULO, 2019). Segundo os dados do LUPA, Cajati e Jacupiranga contam com 4 e 3 agroindústrias respectivamente (SÃO PAULO, 2019).

Além da agricultura convencional e das roças, outra atividade que merece destaque na região são os Sistemas Agroflorestais (SAFs). Em toda a região do Vale do Ribeira, o SAF é utilizado por comunidades quilombolas, pequenos proprietários, e agricultores familiares dentro de áreas de conservações ambientais como alternativa econômica viável aliada à conservação. A agrofloresta, como também é chamada, é um sistema que reúne as culturas agrícolas com as culturas florestais dinamizadas pela poda (para entrada de luz) e pelo adubo orgânico natural que esta poda produz (DONATO; LIMA *apud* FF/AMBGIS, 2022). Levantamentos preliminares das oficinas participativas identificaram 1 ha de SAFs na APA de Cajati (FF/AMBGIS).

Dados levantados por meio de diagnóstico rural participativo com os bairros Capelinha, Guaraú, Queimados e Anta Gorda inseridos na APA Cajati mostraram que as principais atividades produtivas são a agricultura e criação de animais (principalmente gado e búfalo). A banana, pupunha, maracujá e eucalipto tem grande valor comercial. O **APÊNDICE 4.4.E.** traz a lista de produtos agrícolas produzidos nessa região e o **APÊNDICE 4.4.F.** lista a infraestrutura empregada para a produção agrícola e criação de animais. Para a produção relataram o uso do fogo, agrotóxicos, adubos químicos e orgânicos. Além de gado e búfalo, também foram citados a criação de abelhas exóticas e nativas, caprinos, ovinos, porcos e peixes (tilápia, bagre africano, jundiá) para a produção de carne, leite, queijo, ovos e mel. O **APÊNDICE 4.4.G.** ilustra as áreas de uso e de interesse de uso

mapeados em oficina participativa (FF/AMBGIS). O uso de ervas medicinais é apenas familiar (APÊNDICE 4.4.H) (FF/AMBGIS).

4.4.3.3. Extração Mineral

A extração de minerais também se faz presente na região, principalmente fosfato em Cajati, areia na região do médio Vale e calcário na região de Apiaí. O Complexo Mineralógico de Cajati iniciou suas atividades de industrialização e comercialização de fertilizantes em 1938, tornando-se pioneiro na mineração de rocha fosfática no Brasil. Além de mineração, também possui uma usina de processamento de rocha fosfática, sendo o maior produtor de fosfatos para nutrição animal da América Latina. Com isso, o Complexo é responsável pelo abastecimento de 55 % do fosfato bicálcico utilizado no mercado brasileiro, além de exportar cerca de 6% de sua produção para países vizinhos (VALE, 2015). Na época em que foi instalado, a necessidade de mão de obra especializada obrigou a empresa a contratar funcionários de outras localidades e construir uma vila para abrigar esses trabalhadores, o que contribuiu para a própria formação do município de Cajati, já que na vila existia as instalações da empresa, residências para funcionários, escola, capela, sede administrativa, escritórios, clube, cinema e usina (SILVA-SÁNCHEZ; SÁNCHEZ, 2011).

Quanto à atividade de mineração, de forma indireta, é possível estabelecer um indicador de presença da mineração em todo o estado de São Paulo por meio da Compensação Financeira pela Exploração dos Recursos Minerais (CFEM), o que permite o acompanhamento ambiental da atividade mineral de acordo com as especificidades regionais. A CFEM é devida por toda e qualquer pessoa física ou jurídica habilitada a extrair substâncias minerais, para fins de aproveitamento econômico, com exceção daquela oriunda da lavra garimpeira, onde o devedor é o primeiro adquirente da substância. Sua base de cálculo incide na venda sobre a receita bruta, deduzidos os tributos sobre sua comercialização, antes de sua transformação industrial. Convém destacar que para cada substância mineral há incidência de uma alíquota diferente. A Agência Nacional de Mineração (ANM) é o órgão responsável por estabelecer normas e exercer a fiscalização sobre a arrecadação da CFEM (SÃO PAULO, 2021a).

Logo após a criação da CFEM, em 1988, uma disputa judicial impediu que Cajati recebesse esses recursos em sua totalidade. Assim, até 2009, a arrecadação era referente apenas à argila, totalizando R\$ 13.140,00 repassados ao município no ano de 2009 (dos R\$ 20.921,17 arrecadados). A partir de março de 2010, o perfil da arrecadação aumentou para R\$ 2 milhões, pois passou a incluir as demais substâncias exploradas (apatita, carbonatito, calcita, magnetita). Cabe destacar que não há um plano específico para o uso da CFEM em Cajati (SILVA-SÁNCHEZ; SÁNCHEZ, 2011). A Tabela 4.4.2 apresenta os dados de arrecadação da CFEM e das substâncias minerais exploradas em 2009, 2010 e 2021 para os municípios de Jacupiranga e Cajati (ANM, 2022). Destaca-se o município de Cajati, que teve um aumento expressivo na arrecadação no período, e cuja arrecadação

em 2021 correspondeu a aproximadamente 10,5% de toda a arrecadação estadual. Jacupiranga também teve aumento na arrecadação, porém em valores absolutos, a arrecadação é pouco expressiva.

Tabela 4.4.2. Compensação Financeira pela Exploração dos Recursos Minerais (CFEM) e as substâncias minerais exploradas nos municípios da área de abrangência da APA de Cajati e comparação com o valor arrecadado total no estado de São Paulo em 2009, 2010 e 2021.

Localidade	CFEM (R\$)					
	2009	Substâncias	2010	Substâncias	2021	Substâncias
Cajati	20.921,17	Argila	2.169.298,25	Apatita, argila, calcita, carbonatito, magnetita	7.516.952,24	Apatita, argila, calcita, carbonatito, magnetita
Jacupiranga	8.914,74	Calcário, areia, argila	23.195,91	Areia, calcário	68.884,64	Areia, calcário, saibro
Estado de São Paulo	27.741.231,30		37.688.101,47		72.171.398,00	

Fonte: ANM (2022), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

4.5. Dinâmica social

4.5.1. Condições de vida

Os indicadores sociais permitem analisar as condições de vida da população na área de estudo de Unidades de Conservação e sua possível influência na qualidade de seus recursos naturais.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publica anualmente o Índice de Desenvolvimento Humano Global (IDH) para mais de 150 países. Com base na metodologia do IDH Global, e utilizando dados de longevidade, educação e renda obtidos pelo IBGE nos censos demográficos, é gerado o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Os indicadores são calculados e expressos em valores que variam de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de um, melhor é o desempenho.

O IDHM apresentou um aumento progressivo tanto nos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati quanto no estado nos anos de 1991, 2000 e 2010 (PNUD, 2013). Os municípios evoluíram de IDHMs muito baixo em 1991 para IDHMs médio (Cajati) e alto (Jacupiranga) em 2010. A dimensão que mais contribuiu para o IDHM 2010 nos dois municípios foi longevidade, seguida pela renda e pela educação (**APÊNDICE 4.5.A**).

O Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), calculado pela Fundação Seade, avalia as condições de vida da população considerando variáveis que compõem indicadores sintéticos de três dimensões: riqueza (indicadores que refletem a renda familiar e a riqueza municipal), longevidade (composto pela combinação de quatro taxas

de mortalidade relativas a determinadas faixas etárias: perinatal, infantil, de pessoas de 15 a 39 anos, e de pessoas de 60 a 69 anos) e escolaridade (indicadores de cobertura e qualidade de ensino). O resultado em cada um dos indicadores é um número entre zero e 100, que, por sua vez, corresponde a um determinado nível de qualidade (baixo, médio ou alto). A compilação desses indicadores sintéticos gera um quarto indicador, o de Grupo do IPRS. São cinco grupos de municípios (dinâmicos, desiguais, equitativos, em transição e vulneráveis), sendo que os municípios dinâmicos apresentam os melhores índices de riqueza, escolaridade e longevidade, e os municípios vulneráveis apresentam os piores.

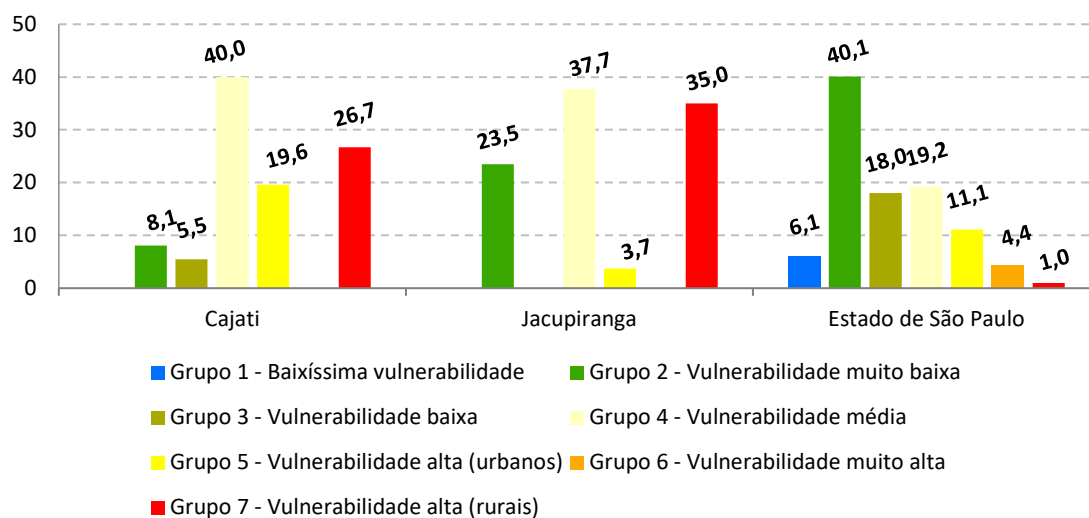
Na edição 2019 do IPRS (na qual foram apresentados os resultados definitivos de 2014 e de 2016 e os resultados estimados de 2018), os municípios passaram de vulneráveis (Cajati) e equitativos (Jacupiranga) para em transição entre 2014 e 2018 (SEADE, 2022a) (**APÊNDICE 4.5.B**).

Apesar de o IPRS agregar os desempenhos social e econômico ao seu índice, ele não caracteriza um fenômeno social que precisa ser identificado e enfrentado com políticas públicas específicas, a desigualdade. As áreas de concentração de pobreza dentro de cada município podem ser analisadas com os resultados do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS). Elaborado pela Fundação Seade a partir dos dados dos setores censitários do Censo Demográfico, localiza espacialmente as áreas da população residente nos municípios segundo grupos de vulnerabilidade à pobreza. A partir dos dados dos setores censitários do Censo Demográfico, as dimensões demográficas e socioeconômicas foram combinadas e geraram sete grupos (SÃO PAULO, 2021a):

- Grupo 1 – baixíssima vulnerabilidade;
- Grupo 2 – vulnerabilidade muito baixa;
- Grupo 3 – vulnerabilidade baixa;
- Grupo 4 – vulnerabilidade média;
- Grupo 5 – vulnerabilidade alta (urbanos);
- Grupo 6 – vulnerabilidade muito alta (aglomerados subnormais urbanos);
- Grupo 7 – vulnerabilidade alta (rurais).

Na última edição do IPVS, de 2010, em Cajati e Jacupiranga, a maior porcentagem da população se encontrava nos grupos 4 e 7, sendo 40% (Grupo 4 – vulnerabilidade média) e 26,7% (Grupo 7 – vulnerabilidade alta - rurais) em Cajati; e 37,7% (Grupo 4) e 35,0% (Grupo 7) em Jacupiranga (SEADE, 2022a) (**Figura 4.5.1**). Especificamente na área de abrangência deste plano, toda a APA de Cajati localiza-se em setores no Grupo 7 (vulnerabilidade alta - rurais), e sua área de abrangência classifica-se tanto em setores do Grupo 7 como em setores “não classificados” (que correspondem àqueles setores excluídos da análise por falta de informações ou por possuírem menos de 50 domicílios particulares permanentes).

Figura 4.5.1. Distribuição da população exposta, segundo os grupos do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) em 2010 nos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati e no estado de São Paulo.



Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

4.5.2. Saneamento Básico

Os sistemas de esgotamento sanitário são de grande importância para a manutenção da qualidade ambiental. Dessa forma, a análise dos percentuais da população dos municípios atendida por rede de coleta de esgotos, bem como a proporção destes efluentes que passa por tratamento para remoção da carga poluidora, são indicadores relevantes para avaliação das condições de saneamento ambiental.

Analisando os dados municipais com base no “Relatório de Qualidade das Águas Interiores no Estado de São Paulo” produzido pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB), nota-se que houve um incremento significativo nos sistemas de coleta e de tratamento de esgotos nos dois municípios entre os anos de 2010 e 2020 (Apêndice 4.5.C.). Cajati, que em 2010 coletava 59% de seu esgoto e tratava 99%, em 2020 passou a coletar 81,20% e a tratar 100% do esgoto. Jacupiranga também merece destaque, passando de 80% de coleta de esgoto em 2010 para 100% de coleta e mantendo o tratamento em 92% em 2020 (CETESB, 2011a, 2021a). Quanto à eficiência no tratamento de esgoto, Cajati é o que apresenta maior eficiência (82%), enquanto Jacupiranga apresenta 79% de eficiência.

No intuito de aferir a situação dos municípios paulistas quanto ao desempenho de seus sistemas de coleta e tratamento de esgoto, a CETESB calcula anualmente o Indicador de Coleta e Tratabilidade de Esgoto da População Urbana de Município (ICTEM). Este indicador tem como objetivo verificar a efetiva remoção da carga orgânica poluidora em relação à carga orgânica potencial gerada pelas populações urbanas dos municípios, sem deixar de observar outros importantes aspectos relativos ao sistema de tratamento, como a coleta, o afastamento e o tratamento dos esgotos. Além disso,

considera também o atendimento à legislação quanto à eficiência de remoção da carga orgânica (superior a 80%) e a conformidade com os padrões de qualidade do corpo receptor dos efluentes (CETESB, 2021a; SÃO PAULO, 2021a). O indicador permite transformar os valores nominais de carga orgânica em valores de comparação entre situações distintas dos vários municípios, refletindo a evolução ou o estado de conservação de um sistema público de tratamento de esgotos (CETESB, 2021a). Os dois municípios tiveram melhoria no indicador, com destaque para Cajati, que melhorou seu ICTEM de 5,90 em 2010 para 7,56 em 2020.

Quanto à situação de saneamento local, foi realizada uma análise dos setores censitários de 2010 que compõem a APA de Cajati e o seu entorno (IBGE, 2010). Como pode-se verificar na **Tabela 4.5.1**, que detalha a situação de saneamento nos setores da área de abrangência, tendo em vista o contexto rural de localização da UC, predomina a destinação de esgotos por fossas séptica ou rudimentar. A maioria dos setores da UC e seu entorno, apresentava menos de 5% de seus domicílios com ligação na rede de esgoto. A extensão da rede de esgotos em Cajati é de apenas 73 km e a de Jacupiranga é de 54 km de rede de esgotos, ambas na área urbana (IBGE, 2017d).

Tabela 4.5.1. Caracterização dos setores censitários que compõem a APA de Cajati quanto à situação de saneamento (Censo IBGE 2010)

Município	Setor	Moradores	Domicílios particulares permanentes (PP)	Esgotamento sanitário (% de domicílios PP)					% de domicílios PP com coleta de lixo
				Rede geral	Fossa séptica	Fossa rudimentar	Vala	Rio	
Cajati	350925405000026	805	240	0,83	37,92	39,17	17,50	2,08	74,58
Cajati	350925405000027	377	105	2,86	16,19	0,00	4,76	76,19	98,10
Cajati	350925405000028	266	79	1,27	6,33	0,00	17,72	73,42	100,00
Cajati	350925405000029	673	189	0,00	15,87	29,10	17,99	32,28	84,66
Cajati	350925405000030	636	201	0,00	10,95	53,23	12,94	18,41	71,64
Cajati	350925405000031	103	31	0,00	19,35	22,58	16,13	32,26	54,84
Cajati	350925405000033	373	115	0,87	78,26	1,74	7,83	8,70	94,78
Cajati	350925405000037	221	67	0,00	40,30	34,33	20,90	1,49	100,00
Cajati	350925405000038	830	256	0,00	33,20	22,27	2,73	40,23	87,89
Jacupiranga	352460005000022	1	1	s/info	s/info	s/info	s/info	s/info	s/info
Jacupiranga	352460005000019	573	177	0,00	23,16	43,50	24,29	5,08	80,79

Fonte: IBGE (2010), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

Em relação ao abastecimento de água, a rede de abastecimento de água em ambos os municípios é gerenciada pela SABESP, com um total de 123 km de rede em Cajati e 50 km em Jacupiranga (IBGE, 2017d). Em 2010, a rede de abastecimento no município de Cajati atendeu a 27% do total dos domicílios dos setores censitários da área de abrangência, como é possível observar pelo mapa do **APÊNDICE 4.5.D**. Já no município de Jacupiranga, nos dois setores da área de abrangência, não há rede de abastecimento.

Segundo o Censo de 2010, 25,6% de todos os domicílios da área de estudo faziam captação de água por poço ou nascente dentro da propriedade.

O Plano da Bacia Hidrográfica da UGRHI 11 prioriza ações de saneamento básico, incluindo a questão de esgotamento sanitário nas áreas rurais. Dessa forma, por meio de recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), vem sendo financiados diversos empreendimentos de esgotamento sanitário, com adoção de unidade de saneamento individual (USIs), o que vem possibilitando o cumprimento pelas administrações municipais às exigências estabelecidas nos termos de ajustamento de conduta (TAC) firmados com o Ministério Público Estadual. Entre os anos de 2018 e 2022, estiveram em execução três empreendimentos para instalação de USIs com valor total de quase 1 milhão de reais, sendo dois em Cajati e um em Jacupiranga.

Com relação aos resíduos sólidos urbanos municipais, a CETESB elabora anualmente o “Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Urbanos”, no qual é apresentado o Índice de Qualidade de Aterro de Resíduos (IQR), que avalia, por meio de inspeções periódicas dos técnicos da CETESB, as condições dos sistemas de disposição final dos resíduos sólidos urbanos. Entre 2010 e 2020, tanto Cajati como Jacupiranga tiveram redução em seus IQRs, conforme **Apêndice 4.5.E**. Apesar dessa redução, os dois municípios foram classificados em Condição Adequada em 2020 (CETESB, 2011b, 2021b).

Quanto à cobertura da coleta de lixo, ela varia bastante na área de abrangência. Em Cajati, há atendimento em 100% do município, inclusive nas áreas rurais. Já em Jacupiranga há coleta na maioria dos bairros rurais, mas não há atendimento da coleta nos sítios isolados. Para se ter um melhor retrato da situação do saneamento na área de abrangência da APA, foram feitas entrevistas e oficinas participativas (FF/AMBGIS, 2021) com moradores e stakeholders. Dessa forma, a Tabela 4.5.1 sintetiza a forma de abastecimento de água, coleta de esgoto e coleta de resíduos nos bairros e localidades da área de abrangência da APA de Cajati.

Tabela 4.5.1. Característica do saneamento básico nas localidades da área de abrangência da APA de Cajati, segundo dados levantados em entrevistas, oficinas participativas e com as prefeituras (preliminar, a se completar nas oficinas).

Localidade	Água	Esgoto	Resíduos Sólidos
Lavras	Captação de água superficial individual	Em uma das residências constatou-se fossa negra, a qual está se rompendo, com risco de desmoronamento e eventuais danos à residência e integridade física dos moradores.	Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Bairro do Azeite*			Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Jacupiranguinha			Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Quimados/Vila Tatu			Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura

Localidade	Água	Esgoto	Resíduos Sólidos
Vila Lucas	Captação de água superficial individual	Lançamento direto em curso d'água.	Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Capelinha			Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Anta Gorda			Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Braço Feio			Coleta regular e coleta seletiva realizadas pela prefeitura
Conchas			

*parte das casas ficam fora dos 5 km

Fonte: Pesquisa de Campo AmbGis (2022).

4.5.3. Matriz Social

O mapeamento dos atores que tem relação com as comunidades residentes na APA Cajatí foi realizado no dia 30 de janeiro de 2024, durante a Oficina de Planejamento para a elaboração do Plano de Manejo da APA Cajatí e contou com 61 participações.

Foram feitas 23 citações pelos participantes da Oficina, entre instituições públicas, privadas e grupos ou coletivos específicos conforme a **Tabela 01**:

Proximidade	Relação	Instituição
Muito Próximas da UC	Positiva	Associação Vila Tatu
		Associação agricultura familiar Cajatí
		Associação Terras Mágicas
		Bolsão (escoamento de produção agrícola)
		Fundação Florestal
		Prefeitura Jacupiranga (Bairro Gauráú)
		Prefeitura Cajatí (Bairro Capelinha)
	Negativa	Elektro+ Prefeitura (iluminação pública)
		Polícia Ambiental
		Arteris
		Agência Nacional de Transportes Terrestres, ANTT (Marginal da BR 116)
		Departamento de Obras (Estradas Cajatí)
		SABESP
		Prefeitura Cajatí
Próximo da UC	Positiva	PERT
Distante da UC	Positiva	Turismo de base comunitária
		Cadeia do Turismo
		Arranjo produtivo local (potencial)
		Agentes de Formação Para jovens (educação, cursos, capacitações)
		Saneamento (SABESP)

Proximidade	Relação	Instituição
		Assistência Técnica (PREPAC)
	Negativa	Segurança
		Polícia Militar

Tabela 01: Citações de atores sociais e sua proximidade e relacionamento com as comunidades da APA Cajatí

Das citações totais, 14 delas referem-se a relações muito próximas (60,90%), uma (01) menciona entidade próxima à Unidade de Conservação (4,30%) e oito (08) delas citam atores no território que estão distantes da Unidade de Conservação (34,80%).

De modo geral, as instituições públicas foram as mais apontadas (12 ou 52,20%) pelos participantes nos diferentes níveis, seja positiva ou negativa, distantes ou próximas. O apontamento das instituições pública pelos participantes revela a expectativa e o potencial de atuação de tais instituições, correlacionando o afastamento ou sua proximidade de acordo com a percepção da efetividade de ações junto ao território. Quatro foram considerados indefinidos pois poderiam ser tanto públicos como privados.

Quanto a relação com a APA Cajatí, 14 citações (60,90%) foram consideradas como positivas mesmo que em alguns momentos distantes e 09 (39,10%) como negativas sendo que a manifestação dos participantes que apontam como negativas relaciona-se diretamente a falta de ação/omissão com problemas relativas à APA Cajatí ou ações que consideram prejudiciais ou que não contribuem com o desenvolvimento de suas atividades no território. Entre os negativos, foram citados atores relacionados a iluminação pública, abastecimento público, estradas e BR116, além de fiscalização e segurança. Entre os positivos, estão as associações, agentes de capacitação e atores com capacidade de alavancar as atividades geradoras de renda.

O **Apêndice 4.5.F** ilustra o mapeamento dos atores sociais, sua proximidade e relação com o território da APA Cajatí.

4.6. Dinâmica territorial

4.6.1. Cobertura e uso do solo

A área de abrangência, formada pela APA de Cajati e seu entorno de 5 km, localiza-se no Vale do Ribeira (UGRHI 11) e Região Administrativa de Registro. Engloba quatro municípios (Cajatí, Barra do Turvo, Jacupiranga e Eldorado) que ocupam, respectivamente, 20.453 ha (74,11%), 3.146 ha (11,40%), 2.855 ha (10,34%) e 1.145 ha (4,15%).

O mapeamento de cobertura e uso do solo (**APÊNDICE 4.6.A**) foi executado com base em revisão bibliográfica e cartográfica e interpretação de imagens orbitais digitais

Geoeye 1 e World View de diferentes datas. Foram utilizadas as bases da vegetação nativa contidas no Inventário da Cobertura Vegetal Nativa do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2022e), sendo as áreas não vegetadas, mapeadas como uso.

Dentro da APA de Cajati as superfícies naturais cobrem um total de 1.707,97 ha, o que representa 57,40% do total da área da UC. As áreas sem cobertura vegetal (área antrópica) abrangem 69,40 ha do total da APA. Dentre os 1.121,80 ha de áreas agrossilvopastoris, ou 37,70% do total, a pastagem é a mais representativa, ocupando 886,80 ha, 29,80% da APA de Cajati (**Tabela 4.6.1**). As áreas edificadas cobrem 76,54 ha, apenas 2,57% do total da APA.

Nos 24.622,81 ha do entorno da UC existem diversos tipos de Unidades de Conservação. As UCs de Proteção Integral abrangem 64,35% da área de estudo. As Reservas de Desenvolvimento Sustentável cobrem 3,22 % do total da área de estudo. As outras Áreas de Proteção Ambiental abrangem 1,44 % da área de estudo, enquanto 20,21 % da área de estudo está fora de qualquer Unidade de Conservação. Assim, a Tabela 4.6.1. apresenta, além do total de cada classe de cobertura de uso da terra, a proporção de cada uma por tipo de UC.

Tabela 4.6.1 Caracterização do uso do solo na área de abrangência da APA de Cajati, considerando as Unidades de Conservação existentes na área.

	APA de Cajati	ÁREA DE AGRANGÊNCIA				
		TOTAL (incluindo a área da APA)	Unidades de Proteção Integral*	RDS**	Outra APA***	Fora de UC
Área total por tipo de UC (em ha)	2.975,71	27.598,52	17.758,99	889,67	397,07	5.577,07
Superfícies Naturais (Mata, Área Úmida, Campo Natural)	1.707,97 (57,40%)	22.676,74 (82,17%)	16.712,75 (94,11%)	790,09 (88,81%)	200,31 (50,45%)	3.265,62 (58,55%)
Corpos D'água		18,70 (0,07%)	2,11 (0,01%)			16,59 (0,30%)
Cultura Permanente	225,77 (7,59%)	522,58 (1,89%)	54,76 (0,31%)			242,04 (4,34%)
Cultura Temporária		1,20 (0,00%)				1,20 (0,02%)
Pastagem	886,80 (29,80%)	3.740,83 (13,55%)	888,48 (5,00%)	95,84 (10,77%)	124,08 (31,25%)	1.745,63 (31,30%)
Reflorestamento	9,22 (0,31%)	150,68 (0,55%)	11,07 (0,06%)	1,00 (0,11%)		129,38 (2,32%)
Área Edificada	76,54 (2,57%)	290,66 (1,05%)	28,90 (0,16%)	2,74 (0,31%)	71,06 (17,90%)	111,42 (2,00%)
Área Antrópica	69,40	160,62	58,93 (0,33%)		1,63 (0,41%)	30,66 (0,55%)

	(2,33%)	(0,58%)				
Solo Exposto		36,51 (0,13%)	1,99 (0,01%)			34,52 (0,62%)

*Outras Unidades de Proteção Integral (PE Caverna do Diabo, PE Rio Turvo).

**RDS (RDS Lavras).

***Outra APA (APA Planalto do Turvo).

Fonte: IF (2020), elaborado por IPA (2022).

As superfícies naturais cobrem 22.676,74 ha da área de abrangência da APA, sendo 94,11 % do total de outras UCs de Proteção Integral, 88,81 % do total da RDS, 50,45 % do total da área de outras APAs e 58,55 % do total da área fora de UCs. Os corpos d'água são pouco expressivos, predominando em áreas fora de UC, com 16,59 ha.

As áreas agrossilvopastoris (culturas perenes, temporárias, pastagem e reflorestamento) cobrem um total de 3.293,49 ha (13,38 %) do entorno da APA, sendo 96,84 ha em RDS, 124,08 ha em outras APAs e 2.118,25 ha fora de UC. As pastagens localizam-se predominantemente no setor nordeste da área de estudo, no próprio município de Cajati, enquanto que as culturas permanentes são pouco expressivas.

A maior parte das áreas edificadas estão localizadas fora de UC e na área da APA Planalto do Turvo, correspondendo a 111,42 ha e 71,06 ha respectivamente. Em RDS, as áreas edificadas ocupam 2,74 ha e, nos Parques observou-se 28,90 ha de áreas edificadas.

4.6.2. Infraestrutura linear

As infraestruturas lineares localizadas na área de abrangência, que compreende a APA de Cajati e sua área envoltória de 5 km, correspondem à (APÊNDICE 4.6.C):

- Rodovia Régis Bittencourt (BR-116): estende-se, no sentido leste-oeste, por aproximadamente 24 km sobre a área de estudo, tanto no território da APA de Cajati quanto em sua área envoltória. A Régis Bittencourt liga São Paulo a Curitiba e tem um papel importante na rede rodoviária brasileira, pois faz parte do principal corredor rodoviário de interligação dos mais importantes polos econômicos das regiões Sudeste e Sul do Brasil e destas com os principais países do MERCOSUL. Esta rodovia é asfaltada e duplicada em toda a sua extensão (SÃO PAULO, 2012b).

4.6.3. Infraestrutura de saneamento ambiental

O **APÊNDICE 4.6.D** retrata a localização das infraestruturas de saneamento (água, esgoto e resíduos) existentes na área de abrangência da UC.

4.6.3.1. Resíduos Sólidos

No intuito de avaliar a gestão de resíduos sólidos no estado de São Paulo, a Coordenadoria de Planejamento Ambiental (CPLA) desenvolveu o chamado Índice de Gestão de Resíduos Sólidos (IGR). Ele é composto por indicadores que avaliam a implementação dos instrumentos das Políticas Nacional e Estadual de Resíduos Sólidos, tais como programas de coleta e triagem, tratamento e disposição final de resíduos sólidos, educação ambiental, logística reversa e parceria com entidades de catadores de materiais recicláveis (SÃO PAULO, 2021a).

Para cada um dos indicadores são atribuídos pesos, cuja somatória é transformada em um número de 0 a 10, resultando no IGR. O cálculo do IGR é feito apenas para aqueles municípios que preenchem o IQG (SÃO PAULO, 2021a). Nenhum dos municípios que compõem a área de abrangência respondeu ao questionário em 2020, não tendo sido possível o cálculo do IGR.

A SIMA instituiu em 2014 o Sistema Estadual de Gerenciamento Online de Resíduos Sólidos (SIGOR), ferramenta da Política Estadual Resíduos Sólidos (PERS), cujo objetivo é auxiliar no monitoramento da gestão dos resíduos sólidos desde sua geração até sua destinação final, incluindo o transporte e destinações intermediárias. Esse Sistema é organizado em módulos, de acordo com as categorias de Resíduos Sólidos previstos na PERS. Um desses módulos, o SIGOR – Módulo Reciclagem, tem como objetivo mapear os fluxos da fração reciclável dos resíduos sólidos urbanos, a partir do acompanhamento das informações prestadas pelas Prefeituras, Setor Empresarial e Entidades de Catadores. Em 2021, não havia nenhuma associação cadastradas em Cajati e Jacupiranga.

Cajati e Jacupiranga dispõem de Plano Municipal de Saneamento Básico, que corresponde a um instrumento de gestão indispensável para a elaboração da política pública de saneamento e o monitoramento dos resultados alcançados, sendo também obrigatório para a contratação ou a concessão de serviços, bem como para o recebimento de recursos financeiros da União. Quanto à gestão específica dos resíduos sólidos, além desse Plano de Saneamento, Cajati conta também com o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS) e dispõe seus resíduos em aterro municipal (CETESB, 2021b). Nenhum dos municípios apresenta Plano de Gestão Integrada de Resíduos da Construção Civil.

Cajati

Em Cajati, de acordo com seu PMGIRS, instituído pela Lei Municipal nº 1.313/2014, os serviços prestados de limpeza urbana e de manejo dos resíduos sólidos incluem: coleta regular domiciliar; coleta de resíduos da construção e demolição; coleta de resíduos de serviços de saúde; varrição de vias e logradouros públicos; coleta regular dos resíduos sólidos das vias e logradouros públicos; capina de vias e logradouros públicos; limpeza de feira; poda de árvores; e limpeza de bocas de lobo. Segundo o PMGIRS, o aterro municipal é do tipo vala e está localizado na Rodovia Regis Bittencourt (BR 116), km 485, Fazenda Monte Alegre e possui Licença de Operação (CETESB, 2021b).

A coleta regular dos resíduos domiciliares ocorre no perímetro urbano (feita pela prefeitura) e em toda zona rural (feita por empresa terceirizada) do município, e seu transporte ocorre diretamente para o local de destinação final, sem qualquer transbordo ou tratamento. A limpeza urbana (que inclui varrição de vias, limpeza de feira e de bocas de lobo etc.) é feita por empresa terceirizada. A destinação é variada de acordo com o tipo de material: os resíduos orgânicos provenientes da feira são encaminhados ao aterro sanitário; os resíduos de poda de árvores e capinação são encaminhados para a área de deposição de resíduo da empresa terceirizada que realiza a coleta deste material; e os animais mortos, além do aterro, podem ser enterrados, por não haver área específica para sepultamento dos mesmos (CAJATI, 2014).

No caso dos resíduos de serviços de saúde (RSS), aqueles gerados pelos estabelecimentos públicos no município de Cajati são coletados e tratados por empresa terceirizada de Sorocaba e encaminhados para disposição final em Iperó. Já os RSSs gerados por estabelecimentos particulares são coletados por empresa terceirizada que se responsabiliza pela destinação final. Não há dados sobre a caracterização desse tipo de resíduo (CAJATI, 2014).

No caso dos resíduos da construção civil (RCC), Cajati não possui um plano integrado de gerenciamento dos RCCs, não sendo possível a caracterização dos mesmos. A coleta é feita por empresa terceirizada, sendo os materiais encaminhados a um centro de triagem particular, localizado na zona rural, podendo ser utilizados na manutenção de vias públicas, estradas rurais e aterro de terrenos. O PMGIRS informa que há pontos de deposição irregular de RCCs na malha urbana do município. Mas, segundo os responsáveis pela limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, esses RCCs não chegam a constituir um problema de limpeza urbana, sendo removidos pela administração municipal para serem utilizados eventualmente na manutenção de vias e estradas vicinais não pavimentadas. Entretanto, conforme reforça o PMGIRS, essas deposições irregulares e o manejo de RCCs de vias e de logradouros públicos indicam a necessidade de Áreas de Transbordo e Triagem (ATTs) (CAJATI, 2014).

De acordo com o PMGIRS, no município de Cajati existem grandes indústrias produtoras de cimento, argamassa, ácido sulfúrico e fosfórico, fertilizantes e ração

animal e, portanto, geradoras de resíduos industriais. A gestão, o manejo e a destinação correta desses resíduos são de responsabilidade dos geradores, cabendo ao poder público sua regulamentação e fiscalização (CAJATI, 2014).

Os resíduos agrossilvipastoris são constituídos por componentes orgânicos (restos de material vegetal, carcaças, dejetos animais etc.) e inorgânicos (dos quais se destacam as embalagens de agrotóxicos). Os resíduos orgânicos originados das atividades agrícolas (restos de cultura e sobras do pós-colheita) são mantidos no local de produção para serem incorporadas no solo. As embalagens de agrotóxicos descartadas em Cajati são encaminhadas pelo agricultor ao posto de recebimento de embalagens da Associação dos Revendedores de Agrotóxicos do Vale do Ribeira (ARAVALE), localizada em Registro, e posteriormente para o centro de recebimento da Associação dos Distribuidores de Insumos Agrícolas do Estado de São Paulo (ADIAESP), em Piedade, onde é dada a destinação adequada das embalagens. As atividades pecuárias geram também alguns resíduos inorgânicos, como embalagens de medicamentos e de vacinas, porém, apesar de necessitarem de atenção especial, não possuem normatização com relação à sua destinação final, como ocorre com os agrotóxicos.

Segundo o PMGIRS, não há pontos de coleta para pneumáticos, pilhas e baterias, equipamentos eletroeletrônicos, lâmpadas incandescentes e fluorescentes. Também não há projeto específico para recolhimento e destinação desses resíduos. O PMGIRS salienta que o município tem ações voltadas à coleta diferenciada de embalagens de agrotóxicos, pilhas e baterias, mas, especificamente no caso das pilhas e baterias, não tem dado destinação a esses materiais, sendo os mesmos eventualmente armazenados pela própria prefeitura. Diante desse cenário, o Plano propõe a instalação de um Ponto de Entrega Voluntária (PEV) para permitir uma logística de transporte adequada, transformando esses resíduos difusos em concentrados (CAJATI, 2014).

Cajati tem implantado um programa de coleta seletiva por meio da Cooperativa de Trabalho dos Recicladores da Cidade de Cajati (COORECA), onde a prefeitura subsidia o galpão, telefone, água, luz, as máquinas de prensa e disponibiliza caminhão baú e motorista para o serviço de coleta dos materiais recicláveis. Fundada em 2005, a COORECA recolhe atualmente 25 toneladas de materiais recicláveis por mês e conta com mais de 20 cooperados (CAJATI, 2021). O programa opera em toda a extensão urbana da cidade, e a cada 15 dias é realizada a coleta na área rural, com os materiais reciclados sendo recolhidos, porta a porta, pelos cooperados. A campanha para fomentar a participação da população na coleta seletiva da COORECA é apoiada pela Prefeitura através de carros de som e com a distribuição de material informativo. O PMGIRS salienta que campanhas devem ser organizadas pela prefeitura para o armazenamento adequado de óleo de cozinha para posterior coleta pela cooperativa, além do material reciclável que já é coletado. Em 2021, a Prefeitura de Cajati adquiriu um novo caminhão para a coleta seletiva através de um convênio firmado com Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) no valor de R\$ 288.500,00 mil.

Jacupiranga

O Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS) de Jacupiranga está em processo de elaboração. A Audiência Pública para a apresentação do diagnóstico do Plano ocorreu em maio de 2022.

De acordo com o Plano de Saneamento Básico municipal, datado de 2010, os serviços prestados pelo município são: coleta regular domiciliar, varrição de vias e de logradouros públicos, coleta regular dos resíduos sólidos das vias e logradouros públicos, coleta de resíduos da construção e demolição, coleta de resíduos de serviços de saúde, capina de vias e logradouros públicos, limpeza de feira, poda de árvores, limpeza de bocas de lobo e disposição de resíduos sólidos no solo. O aterro municipal é do tipo vala e está situado em área pública municipal, localizada à Estrada de Morangaba, km 3, sendo a prefeitura responsável por sua operação, com manutenção e operação terceirizada. Conforme CETESB (2021b), o aterro de Jacupiranga possui Licença de Operação.

Quanto aos resíduos da construção civil (RCC), o município não tem plano integrado de gerenciamento dos mesmos. Esses resíduos são coletados pela prefeitura, mediante pagamento de taxa, sendo reutilizados em aterramento de áreas. Embora não constituam um problema de limpeza urbana por terem reuso imediato, o Plano de Saneamento reforça que a identificação de deposições irregulares na malha urbana indica a necessidade de Áreas de Transbordo e Triagem (ATT). Segundo a prefeitura, existem pontos viciados espalhados pelo município para a disposição de resíduos volumosos e entulhos, por isso em 2021, a prefeitura conseguiu recursos do FEHIDRO para a instalação de um Ponto de Entrega Voluntária (PEV).

Os resíduos de serviços de saúde (RSS) são enviados ao município de Mogi-Mirim para adequada destinação. O transporte e o tratamento desses resíduos, tanto os gerados por estabelecimentos públicos quanto privados, são custeados pelo poder público (JACUPIRANGA, 2010).

O Plano de Saneamento informa que não há programa municipal de coleta seletiva implantado no município. Atualmente a coleta seletiva é realizada de forma informal pela prefeitura e pela cooperativa de catadores, em alguns bairros. A Cooperativa de Reciclagem de Jacupiranga (COREJAC), com cerca de 20 cooperados, foi oficialmente fundada em 2021. Conforme prevista em lei municipal, a prefeitura está estudando dar apoio institucional através da cessão de uso de galpão e seus equipamentos. Em 2019, o município assinou convênio com o FEHIDRO para a construção de um galpão de triagem para a coleta seletiva².

Não há informações quanto à geração de resíduos industriais. No caso das embalagens de agrotóxicos, os agricultores fazem a devolução para os revendedores. Os

² Em relação aos resíduos eletrônicos, pilhas, baterias e óleo de cozinha, foi constatada divulgação, na rede social do município de diversos pontos de coleta desses resíduos, em escolas, posto de saúde e departamentos da prefeitura.

demais resíduos especiais (pilhas, baterias, pneus, resíduos eletroeletrônicos) não são coletados de modo diferenciado.

Resíduos Agrossilvipastoris

Quanto aos resíduos agrossilvipastoris, são constituídos por componentes orgânicos (restos de material vegetal, carcaças, dejetos animais etc.) e inorgânicos (dos quais se destacam as embalagens de agrotóxicos).

O PMGIRS de Cajati (Lei Municipal nº 1.313/2014) destaca que a situação de descarte das embalagens de agrotóxicos na região do Vale do Ribeira é satisfatória, de acordo com a Coordenadoria de Defesa Agropecuária, não havendo registros de descartes indevidos. A bananicultura, principal atividade agrícola da região (como fica evidente no **O.**, destaca-se como grande geradora de descarte de embalagens de agrotóxicos, principalmente nas ações de controle do Mal de Sigatoka, que na grande maioria das áreas é feita pelas empresas de aviação agrícola, e neste caso, as mesmas fazem o encaminhamento adequado das embalagens.

Já as atividades de pecuária geram alguns resíduos inorgânicos de importância ambiental, como embalagens de medicamentos e vacinas, que necessitam de uma atenção especial. Entretanto, segundo informação da Coordenadoria de Defesa Agropecuária local (Lei Municipal nº 1.313/2014), não há uma normatização com relação ao destino final destes resíduos, como ocorre com os agrotóxicos, apesar de alguns produtos para controle de ectoparasitas terem ação inseticida/carrapaticida e serem formulados com ingredientes ativos semelhantes a alguns utilizados no controle de pragas agrícolas. Dessa forma, esse material acaba sendo enterrado, incinerado ou encaminhado junto ao lixo doméstico. No caso particular das vacinas contra brucelose, com alto potencial contaminante, as aplicações são feitas somente por veterinários capacitados e os frascos das vacinas são destinados adequadamente.

4.6.3.2. Abastecimento de água e esgotamento sanitário

Cajati

O Sistema de Água do município de Cajati é operado pela SABESP, com base no Contrato de Programa pactuado em junho de 2010. O município é atendido por três sistemas de abastecimento de água:

- Sistema urbano: sede municipal,
- Sistemas rurais: Barra do Azeite; Vila Deco.

O sistema da sede municipal abastece a cidade, o Bairro Capitão Bráz e um bairro do município vizinho de Jacupiranga, o Pica-Pau. Já o sistema Barra do Azeite atende também os Bairros Vila Tatu e Jacupiranguinha. Por sua vez, o sistema Vila Deco abastece o Bairro Abóbora (CAJATI, 2010).

De acordo com a análise das metas contratuais estabelecidas no Contrato de Programa celebrado entre Cajati e a SABESP, o município contou com 100% da cobertura dos domicílios com rede de abastecimento de água em 2020 (ARSESP, 2020b).

Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico de Cajati, os sistemas de abastecimento do município contam com os seguintes componentes (CAJATI, 2010):

- Sistemas de captação: 2 superficiais e 1 poço;
- 3 unidades de tratamento de água:
 - 1 ETA convencional;
 - 2 sistemas com cloração e fluoretação;
- 1 estação elevatória de água bruta;
- 1 estação elevatória de água tratada;
- 10 reservatórios (capacidade total de 2.709 m³);
- 21,8 km de adutoras;
- 92,7 km de rede de distribuição de água tratada;
- 7,2 mil ligações e economias de água.

Segundo o Portal Cidades do IBGE, em 2017 Cajati tinha uma rede de distribuição de água com 123 km de extensão total, e 4.615 m³ de água tratada distribuída por dia (IBGE, 2017b).

O Sistema de Esgoto do município de Cajati é operado pela SABESP, com base no Contrato de Programa pactuado em junho de 2010. Como o Sistema de Água, o Sistema de Esgoto encontra-se em fase de renovação de concessão à SABESP dentro da mesma proposta e processo de decisão (CAJATI, 2010).

O Sistema de Esgotamento Sanitário (SES) atende apenas a sede municipal e o Bairro Capitão Bráz com rede coletora, contemplando o tratamento. As demais localidades não são atendidas por coleta, afastamento e tratamento. O SES é composto por dois sistemas de esgotamento: Sede (principal) e Capitão Bráz.

Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico de Cajati, fazem parte do sistema os seguintes componentes (CAJATI, 2010):

- 51,6 km de rede coletora;
- 4,9 mil ligações e economias de esgoto;
- 5,3 km de emissário;
- 7 estações elevatórias;
- 2 estações de tratamento de esgoto.

De acordo com a análise das metas contratuais estabelecidas no Contrato de Programa celebrado entre Cajati e a SABESP, o município contou com 87,7% de cobertura com sistema de coleta de esgotos e índice de 100% de tratamento de esgotos em 2020 (ARSESP, 2020b).

Segundo o IBGE Cidades, em 2017 Cajati tinha uma rede coletora de esgoto com 72 km de extensão total, e 2.045 m³ de esgoto tratado por dia (IBGE, c2017b).

Jacupiranga

O Sistema de Água do município de Jacupiranga é operado pela SABESP, com base na Escritura Pública de concessão dos serviços pactuada em 1977. No âmbito do processo de renovação da concessão, a SABESP submeteu à Prefeitura Municipal sua proposta para continuidade da prestação dos serviços, com metas de atendimento e previsão de investimentos para os sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário para a sede municipal. Essa proposta encontra-se em análise pelos departamentos Jurídico e Técnico da PM desde 2007 (JACUPIRANGA, 2010).

De acordo com a análise das metas contratuais estabelecidas no Contrato de Programa celebrado entre Jacupiranga e a SABESP, o município contou com 100% da cobertura dos domicílios com rede de abastecimento de água em 2020 (ARSESP, 2020c). O município é atendido por um sistema de abastecimento de água, na sede municipal (sistema urbano). O Bairro Pindaúba é atendido pelo sistema de abastecimento da sede. Já o Bairro Pica-Pau, embora pertencente à Jacupiranga, é atendido pelo sistema de abastecimento do município vizinho de Cajati. Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico de Jacupiranga, o sistema de abastecimento do município conta com os seguintes componentes (JACUPIRANGA, 2010):

- 1 captação superficial;
- 1 unidade de tratamento de água, sendo uma ETA convencional modular;
- 1 estação elevatória de água bruta;
- 1 estação elevatória de água tratada;
- 2 reservatórios (capacidade total de 800 m³);
- 2,4 km de adutoras;
- 45,5 km de rede de distribuição de água tratada;
- 4,2 mil ligações e economias de água.

Segundo IBGE Cidades, em 2017 Jacupiranga tinha 50 km de extensão total da rede de distribuição de água, com 2.578 m³ de água tratada distribuída por dia (IBGE, c2017c).

O Sistema de Esgoto do município de Jacupiranga é operado pela SABESP, também com base na Escritura Pública de concessão dos serviços pactuada em 1977. Como o Sistema de Água, o Sistema de Esgoto encontra-se em fase de renovação de concessão à SABESP dentro da mesma proposta e processo de decisão (JACUPIRANGA, 2010).

O Sistema de Esgotamento Sanitário (SES) atende a sede municipal e o Bairro Pindaúba com rede coletora, contemplando o tratamento. As demais localidades não são

atendidas por coleta, afastamento e tratamento. O SES é composto por dois sistemas de esgotamento: Sede (principal) e Pindaúba.

Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico de Jacupiranga, fazem parte dos sistemas os seguintes componentes (JACUPIRANGA, 2010):

- 35,9 km de rede coletora;
- 4,1 mil ligações e economias de esgoto;
- 5,6 km de emissário;
- 9 estações elevatórias;
- 2 estações de tratamento de esgoto.

De acordo com a análise das metas contratuais estabelecidas no Contrato de Programa celebrado entre Jacupiranga e a SABESP, o município contou com 98,5% de cobertura com sistema de coleta de esgotos e índice de 100% de tratamento de esgotos em 2020 (ARSESP, 2020).

Segundo o Portal Cidades do IBGE, em 2017 Jacupiranga tinha 51 km de extensão total da rede coletora de esgoto, com 1.156 m³ de esgoto tratado por dia (IBGE, c2017c).

A Relação de Áreas Contaminadas e Reabilitadas no Estado de São Paulo é atualizada e publicada anualmente pela CETESB, em atendimento ao Decreto nº 59.263/2013 (CETESB, 2020). Cada uma das áreas cadastradas recebe uma classificação, conforme estabelecido neste Decreto, onde são descritas as seguintes classes:

- Área Contaminada sob Investigação (ACI);
- Área Contaminada com Risco Confirmado (ACRi);
- Área Contaminada em Processo de Remediação (ACRe);
- Área Contaminada em Processo de Reutilização (ACRu);
- Área em Processo de Monitoramento para Encerramento (AME);
- Área Reabilitada para o Uso Declarado (AR); e
- Área Contaminada Crítica.

De acordo com o último relatório, publicado em dezembro de 2020 (CETESB, 2020), não foram identificadas áreas cadastradas como contaminadas ou reabilitadas na área de estudo, que compreende a APA de Cajati e sua área envoltória de 5 km.

Conforme dados do Sistema de Informações de Emergências Químicas da CETESB (CETESB, 2022), de janeiro a outubro de 2022 foram registrados 8 atendimentos a emergências químicas na área de estudo da APA de Cajati, como pode-se perceber no **0**. Dentre as ocorrências registradas, 100% foram atendimentos a acidentes de transporte rodoviário, às margens da Rodovia Régis Bittencourt, incluindo tombamentos e quedas de embalagens. A Régis Bittencourt é a Rodovia paulista que registra o maior número de atendimentos em emergências químicas (CETESB, 2020;FF/AMBGIS, 2022).

4.6.4. Consumo de Energia

Os dados sobre o consumo de energia elétrica permitem avaliar o crescimento ou a redução da participação dos diferentes setores na economia. Analisando esses dados (SÃO PAULO, 2022c; SEADE, 2022b, **APÊNDICE 4.6.F.**), verifica-se que, entre 2010 e 2020, houve aumento no total de consumo de energia elétrica em Jacupiranga e redução em Cajati (em decorrência da redução no consumo industrial). Em Cajati, destacou-se fortemente em 2020 o setor industrial, que consumiu aproximadamente 86% do total de energia, mesmo com a redução de 13% no consumo entre 2010 e 2020. Em Jacupiranga, destacou-se em 2020 o setor residencial, que consumiu aproximadamente 57% e 48% do total de energia, respectivamente; cabe destacar que esse setor teve aumento de consumo em ambos os municípios, municípios entre 2010 e 2020 (em Cajati, de 42%, em Jacupiranga, de 39%). Houve aumento de 58% no consumo do setor de serviços em Jacupiranga e de quase 50% no consumo do setor de iluminação e serviços em Cajati.

Segundo os dados do censo do IBGE (IBGE, 2010), 95% dos domicílios da área de abrangência do plano possuíam energia elétrica.

4.6.5. Empreendimentos e autorizações de supressão de vegetação

4.6.5.1. Empreendimentos licenciados e em processo de licenciamento com avaliação de impacto ambiental

Não foram identificados empreendimentos licenciados ou em processo de licenciamento com avaliação de impacto ambiental na área de estudo da APA de Cajati (CETESB, 2022a).

4.6.5.2. Autorizações de supressão de vegetação

De acordo com o Sistema Integrado de Gestão Ambiental – SIGAM/SIGAMGEO (SÃO PAULO, 2022), na área de abrangência foram identificados três pedidos de autorização para supressão de vegetação, considerando o período de 2018 a 2022. Esses três pedidos contabilizam um total de 0,80 ha de vegetação nativa e 9 árvores isoladas, e correspondem a obras de implantação de sistema elétrico para atender propriedades rurais desprovidas de energia elétrica em área rural do município de Cajati/SP.

As compensações referentes a esses 3 pedidos de autorização para supressão exigem o plantio de 1.689 mudas (**APÊNDICE 4.6.G.**).

4.6.5.3. Mineração

Contexto

A abordagem dos recursos minerais foi realizada por meio da análise de sua dimensão produtiva, representada pela atividade de mineração. Esta atividade, tecnicamente, engloba a pesquisa, a lavra e o beneficiamento de bens minerais e se configura como uma forma de uso temporário do solo. Os recursos minerais são bens pertencentes à União e representam propriedade distinta do domínio do solo onde estão contidos. O arcabouço legal, que rege as atividades de mineração, concede:

- À União, os poderes de outorga de direitos e sua fiscalização, por meio da Agência Nacional de Mineração (ANM), órgão do Ministério de Minas e Energia;
- Aos Estados, os poderes de licenciamento ambiental das atividades e sua fiscalização, que em São Paulo cabe à Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB);
- Aos Municípios, dispor sobre os instrumentos de planejamento e gestão com relação ao uso e ocupação do solo.

Levantamento

A apresentação do aproveitamento dos recursos minerais nos limites da área de abrangência, que compreende a APA de Cajati e a área envoltória de 5 km, fundamentou-se na espacialização e análise dos títulos minerários registrados no Cadastro Mineiro e no Sistema de Informações Geográficas da Mineração (SIGMINE) da ANM, aos quais foi acrescentada a situação atual do licenciamento ambiental dos empreendimentos minerários com base em consulta ao website da CETESB. A análise foi contextualizada com a geologia da região, cujo levantamento se baseou no Mapa Geológico do Estado de São Paulo em escala 1:750.000 do Serviço Geológico do Brasil, elaborado em 2005 (PERROTA et al., 2005).

Atividade de Mineração na UC e Entorno

A espacialização dos dados do SIGMINE/ANM mostra quatro processos minerários incidindo na área de estudo da APA de Cajati (ANM, 2022). No **APÊNDICE 4.6.H.** acham-se especializados esses processos minerários, que foram classificados de acordo com a fase de desenvolvimento junto à ANM e à CETESB, em três categorias:

- Áreas de interesse mineral futuro, em fase de requerimento de registro de extração junto à ANM;
- Áreas de interesse mineral futuro, com concessão de lavra, porém sem licença ambiental emitida pela CETESB;
- Áreas em disponibilidade.

Conforme o Mapa Geológico do Estado de São Paulo em escala 1:750.000 do Serviço Geológico do Brasil, a área da APA de Cajati e sua área envoltória de 5 km são formadas pelas seguintes unidades litoestratigráficas, por ordem cronológica: Complexo Serra Negra, Complexo Atuba, Complexo Turvo-Cajati, Formação Rio das Cobras, Batólito Paranaguá e Granito Rio Guaraú (PERROTTA et al., 2005).

Estas formações constituem uma potencialidade mineral de interesse para exploração de granito, gnaiss, quartzito, calcário, dolomito, mármore e quartzito.

Distribuídas na área de estudo existem três áreas com interesse mineral futuro para extração de gnaiss, quartzito e calcário dolomítico, com processos minerários da ANM em fase de concessão de lavra e requerimento de registro de extração, mas que ainda não foi solicitado o licenciamento ambiental dos mesmos junto à CETESB (APÊNDICE 4.6.L).

Por fim, na área de estudo existe uma área em disponibilidade, ou seja, área que já esteve em outro regime na ANM e para as quais atualmente não há titular, e poderá ser objeto de edital organizado pela ANM para os interessados se apresentarem e requererem a área.

A baixa densidade de títulos minerários incidentes na área de estudo resulta num quadro de baixo grau de impactos ao meio físico e de conflitos com outros usos da terra.

A análise da atividade de mineração, levando-se em consideração a questão dos direitos minerários adquiridos e sua atuação como vetor de pressão para a UC, deverá ser realizada na fase de prognóstico.

4.6.6. Ambientes em restauração

O Sistema de Apoio à Restauração Ecológica (SARE), plataforma online criada para o cadastro e o monitoramento de todos os projetos de restauração ecológica no estado de São Paulo, instituído pela Resolução SMA nº 32/2014, foi consultado para levantamento de projetos de restauração cadastrados, e em execução, inseridos no Mosaico Jacupiranga (MOJAC).

Nesse contexto, vale ainda mencionar que os projetos “em execução” correspondem às áreas que passam efetivamente pela restauração, e os projetos “cadastrados” compreendem aqueles que ainda não passaram pela análise técnica e nem indicam, necessariamente, que as áreas já entraram em processo de restauração **Apêndice 4.6.M. e APÊNDICE 4.6.N.**

É importante ressaltar, especificamente com relação a APA de Cajati, que não foram encontrados cadastramentos de projetos de restauração, no sistema SARE, que incidam na dita Unidade de Conservação.

4.6.7. Ocorrências e infrações ambientais

Objetivando apresentar os problemas e os conflitos locais, a temática Vetores de Pressão traz os registros de autuação ambiental identificados e espacializados no território da APA de Cajati.

Os indicadores de pressão, problemas e conflitos territoriais que afetam a área de estudo foram caracterizados a partir de levantamento de dados secundários, priorizando os seguintes registros:

- dos Autos de Infração Ambiental lavrados e espacializados no território da APA de Cajati, entre os anos de 2014 e 2021;
- das áreas objeto da lavratura dos Autos de Infração Ambiental com intervenção na flora no interior da Unidade de Conservação e área de estudo, entre os anos de 2017 e 2021;
- das ocorrências de incêndio florestal registradas pela APA de Cajati, entre os anos de 2014 e 2021.

A partir dos levantamentos prévios, foi realizada análise quantitativa e qualitativa dos dados secundários a fim de mapear os principais indicativos negativos de pressão e conflitos, bem como as áreas de maior vulnerabilidade na área da APA de Cajati.

4.6.7.1. Obras irregulares e atividades ilegais

De acordo com dados internos da FF, transações irregulares de compra e venda ocorrem nas três APAs (APA Cajati = 35; APA Planalto do Turvo = 113; APA Rio Pardinho e Rio Vermelho = 92), totalizando 240 pedidos protocolados de ligação de energia. Trata-se de uma subestimativa levantada à época da realização do presente estudo. Em 2006, o cadastro do Itesp levantou 1078 pessoas, número estimado entre 1500 e 1600 pessoas atualmente.

4.6.7.2. Autos de infração ambiental

Foram lavrados 40 Autos de Infração Ambiental (AIA) entre os anos de 2014 a 2021 dentro dos limites da APA de Cajati, conforme **APÊNDICE 4.6.O.**, sendo 65% (26 autos) do total das infrações referentes a danos à “Flora”, seguido de 17,5% (7 autos) de “Fauna”, 7,5% (3 autos) referentes à “Produtos florestais” e 5% (2 autos) referentes a

“Fogo”, 2,5% (1 auto) relativo a “Outras Infrações e 2,5% (1 auto) a “Unidades de Conservação”.

As intervenções em flora no período compreendido entre os anos 2017 e 2021, impactaram um total correspondente a 7,19 ha da cobertura vegetal no interior da Unidade de Conservação, conforme os registros constantes nas autuações ambientais, apresentados no **APÊNDICE 4.6.P.**

Considerando as ocorrências e infrações ambientais mapeadas no território da APA de Cajati durante o período compreendido entre 2014 e 2021, especializados no mapa do **APÊNDICE 4.6.Q**, identifica-se as seguintes atividades irregulares:

- Fauna - As infrações envolvendo a fauna totalizaram 7 (sete) autuações, sendo em sua maioria relacionadas à atividade de adquirir, guardar e ter em cativeiro ou depósito fauna nativa/silvestre sem autorização da autoridade competente. Também foi identificada a prática de matar, perseguir, caçar a fauna nativa/silvestre sem a autorização da autoridade competente;
- Flora - Sendo a temática mais recorrente entre os registros do período 2014-2021, os conflitos de uso envolvendo a cobertura vegetal totalizaram 26 (vinte e seis) autos de infração na área da UC. Foram constatadas atividades relacionadas com a destruição e danificação de vegetação objeto de especial preservação, assim como o porte irregular de motosserra, o impedimento da regeneração natural, e a intervenção em áreas de preservação permanente. Entre 2017 e 2021, a área com intervenção na flora totalizou 7,19 hectares;
- Produtos florestais - Foram observados 2 (dois) registros envolvendo o depósito de produtos de origem vegetal sem licença válida para todo o tempo do armazenamento, assim como 1 (um) registro relacionado ao transporte de produtos de origem vegetal;
- Unidades de conservação - Foi observada uma infração por intervenção em unidade de conservação;
- Fogo - Foram observadas 2 (duas) infrações por fazer uso de fogo em áreas agropastoris sem autorização do órgão ambiental competente.
- Outras Infrações - Foi observada 1 (uma) infração por descumprir embargo.

4.7. Referências Bibliográficas

AFONSO, M. C. Pesquisas arqueológicas no vale do rio Ribeira de Iguape (Sudeste-Sul do Brasil): uma síntese. **Revista del Museo de La Plata**, Buenos Aires, v. 4, n. 2, p. 463-480, 2019. Disponível em <http://portal.amelica.org/ameli/journal/128/128817010/html/>. Acesso em: out. 2022

ANDERSON, R. A et al. **Sistema de classificação do uso da terra e do revestimento do solo para utilização com dados de sensores remotos**. Tradução de H. Strang. Rio de Janeiro: IBGE, 78 p. 1979.

ANM. **Arrecadação da CFEM por substância**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: https://sistemas.dnpm.gov.br/arrecadacao/extra/Relatorios/arrecadacao_cfem_substancia.aspx. Acesso em: 24 mai. 2022.

ARSESP. Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo. 2020. **Relatório analítico 2020: Barra do Turvo.** São Paulo: ARSESP, 2020a. Disponível em: <http://www.arsesp.sp.gov.br/MunicipiosConcedidosPDF/RA2020/Barra-do-Turvo.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

ARSESP. Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo. 2020. **Relatório analítico 2020: Cajati.** São Paulo: ARSESP, 2020b. Disponível em: <http://www.arsesp.sp.gov.br/MunicipiosConcedidosPDF/RA2020/Cajati.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

ARSESP. Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo. 2020. **Relatório analítico 2020: Jacupiranga.** São Paulo: ARSESP, 2020c. Disponível em: <http://www.arsesp.sp.gov.br/MunicipiosConcedidosPDF/RA2020/Jacupiranga.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

BARRA DO TURVO. **Plano Municipal de Saneamento Básico.** Barra do Turvo: Consórcio GERENTEC-JHE, 2010. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/conesan/planos-de-saneamento-basico/>. Acesso em: ago. 2022.

BIM, O. J. B. **Mosaico do Jacupiranga - Vale do Ribeira, São Paulo:** conservação, conflitos e soluções socioambientais. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-11012013-115542/pt-br.php>.

BIM, O. J. B.; FURLAN, S. A. Mosaico do Jacupiranga - Vale do Ribeira/SP: conservação, conflitos e soluções socioambientais. **Agrária**, São Paulo, n. 18, p. 4-36, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/81023>.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Previdência (MTP). **Relação Anual de Informações Sociais.** Brasília, DF: MTP, 2022. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>. Acesso em: mai. 2022.

CAJATI. **Plano Municipal de Saneamento Básico. Relatório R4.** Cajati: Consórcio GERENTEC/JHE, 2010. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/conesan/planos-de-saneamento-basico/>. Acesso em: 28 out. 2022.

CAJATI. **Plano Municipal de Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos de Cajati.** Cajati, 2014. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/conesan/planos-de-saneamento-basico/>. Acesso em: 28 out. 2022.

CAJATI. **Portal Municipal.** Prefeitura de Pariquera-Açu visita cooperativa de coleta seletiva em Cajati. Cajati, 2021. Disponível em <https://www.cajati.sp.gov.br/noticia/4226/prefeitura-de-pariquera-acu-visita-cooperativa-de-coleta-seletiva-em-cajati/>. Acesso em: out. 2022.

CAJATI. **Portal Municipal.** 2022. Disponível em <https://www.cajati.sp.gov.br/cria/turismo>. Acesso em: out. 2022.

CETESB. **Relatório de Qualidade das Águas Superficiais no Estado de São Paulo 2010.** São Paulo, 2011a. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/aguas-interiores/publicacoes-e-relatorios/>. Acesso em: jul. 2022.

CETESB. **Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Domiciliares 2010.** São Paulo, 2011b. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/residuossolidos/publicacoes-e-relatorios/>. Acesso em: jul. 2022.

CETESB. Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. **Relação de áreas contaminadas e reabilitadas no Estado de São Paulo.** Dezembro/2020. CETESB, São Paulo. 2020. Disponível em <https://cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/wp-content/uploads/sites/17/2021/03/TEXTO-EXPLICATIVO-2020.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

CETESB. **Relatório de Qualidade das Águas Interiores no Estado de São Paulo 2020**. São Paulo, 2021a. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/aguas-interiores/publicacoes-e-relatorios/>. Acesso em: jul. 2022.

CETESB. **Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Urbanos 2020**. São Paulo, 2021b. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/residuossolidos/publicacoes-e-relatorios/>. Acesso em: jul. 2022.

CETESB. Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. **Geoportal e-Cenários**. São Paulo: CETESB, 2022a. Disponível em: <https://ecenarios.cetesb.sp.gov.br/geoportal>. Acesso em: out. 2022.

CETESB. Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. **Emergências Químicas Atendidas pela CETESB - 2022**. São Paulo: CETESB, 2022b. Disponível em: <https://datageo.ambiente.sp.gov.br>. Acesso em: out. 2022.

CONDEPHAAT. **Pesquisa online de bens tombados (busca por município)**. São Paulo: CONDEPHAAT, 2022a. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/bens-protetidos-online/>. Acesso em: jul. 2022.

CONDEPHAAT. **Patrimônio Imaterial do Estado de São Paulo**. São Paulo: CONDEPHAAT, 2022b. Disponível em: <http://www.patrimoniomaterial.sp.gov.br/>. Acesso em: jul. 2022.

CRUZ, M. S. R.; MENEZES, J. S.; PINTO, O. Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações. *In*: ENCONTRO BAIANO DE CULTURA, I, 11 de dezembro de 2008, Salvador – BA. Salvador: FACOM/UFBA, 2008. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf. Acesso em: jul. 2022.

DIEGUES, A. C. **O Vale do Ribeira e Litoral de São Paulo: meio-ambiente, história e população**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2007. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/cenpec.pdf>. Acesso em: jul. 2022.

FIGUTI, L.; PLENS, C.; DEBLASIS, P. Small Sambaquis and Big Chronologies: Shellmound Building and Hunter-Gatherers in Neotropical Highlands. **Radiocarbon**, v. 55, n. 2-3, p. 1.215-1.221, 2013.

FIGUTI, L. (coord.) et al.. **Investigações arqueológicas e geofísicas dos sambaquis fluviais do Vale do Ribeira de Iguape**, Estado de São Paulo. Relatório de pesquisas, São Paulo : MAE/USP – FAPESP, 2004.

FLORENZANO, T. G. **Iniciação em Sensoriamento Remoto**. São Paulo: Oficina de Textos, 3ª ed. 128 p, 2011.

FUNDAÇÃO FLORESTAL. **Parque Estadual Rio Turvo Inaugura Centro de Exposições Temático no Núcleo Capelinha**. São Paulo: Fundação Florestal, 2012. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2012/11/parque-estadual-rio-turvo-inaugura-centro-de-exposicoes-tematico-no-nucleo-capelinha/>. Acesso em: jul. 2022.

FUNDAÇÃO FLORESTAL; AMBGIS, Consultoria em Meio Ambiente. Serviços de Apoio Técnico para Elaboração dos Planos de Manejo das Unidades de Conservação de Proteção Integral que compõem o Mosaico do Jacupiranga – MOJAC. Estudos do Meio Antrópico e Vetores de Pressão da Região Centro do MOJAC. Contrato 19011-7-01-11 | Processo Nº 1036-/2018 – PE 008/19. Relatório não publicado. Outubro de 2022. São Paulo: FF/AMBGIS, 2022, 188 p.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: mai. 2022. São Paulo: FF/AMBGIS, 2022, 188 p.

IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010: resultados da Sinopse por setor censitário**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/downloads-estatisticas.html>. Acesso em: mai. 2022.

IBGE. **Manual técnico de uso da terra**. Rio de Janeiro, 2013. 171 p. (Série Manuais Técnicos de Geociências n.7) Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81615.pdf>. Acesso em jul.2022

IBGE. Portal Cidades@. **Cajati**. Rio de Janeiro: IBGE, c2017b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cajati/historico>. Acesso em: jul. 2022.

IBGE. Portal Cidades@. **Jacupiranga**. Rio de Janeiro: IBGE, c2017c. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jacupiranga/historico>. Acesso em: jul. 2022.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico** - Abastecimento de água e Esgotamento sanitário. Rio de Janeiro: IBGE, c2017d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/>. Acesso em: nov. 2022.

IBGE. **Malha de Setores Censitários: 2021** Malha Censitária. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html?edicao=35544&t=sobre>. Acesso em: mai. 2022.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal (PAM)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: mai. 2022.

IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/tabelas>. Acesso em: mai. 2022.

IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/tabelas>. Acesso em: mai. 2022.

IGC (São Paulo, SP). **Limites das 22 Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRHI) do Estado de São Paulo em escala 1:1.000.000**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://datageo.ambiente.sp.gov.br/>. Acesso em: nov. 2020.

IGC (São Paulo, SP). **Limites Municipais do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://datageo.ambiente.sp.gov.br/>. Acesso em: mai. 2022.

IPHAN. **Bens Arqueológicos Tombados**. Brasília: IPHAN, c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/cna/pagina/detalhes/895/>. Acesso em: jul. 2022.

IPHAN. **Patrimônio Material**. Lista dos bens tombados e processos em andamento (atualizado em 4/7/2022). Brasília: IPHAN, 2022a. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: jul. 2022.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Brasília: IPHAN, 2022b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1615/>. Acesso em: jul. 2022.

IPHAN. **Cadastro Nacional dos Sítios Arqueológicos**. Brasília: IPHAN, 2022c. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/cadastro-de-sitios-arqueologicos>. Acesso em: jul. 2022.

IPHAN. **Sítios Georreferenciados**. Brasília: IPHAN, 2022d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1701/>. Acesso em: jul. 2022.

ITESP. **Comunidades Remanescentes de Quilombos**. São Paulo: Itesp, 2022. Disponível em: http://201.55.33.20/?page_id=3483. Acesso em: jul. 2022.

JACUPIRANGA. **Plano Municipal de Saneamento Básico**. Relatório R4. Jacupiranga: Consórcio GERENTEC-JHE, 2010. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/conesan/planos-de-saneamento-basico/>. Acesso em: ago. 2022.

JACUPIRANGA. **Plano Municipal de Turismo de Jacupiranga 2017-2027**. Jacupiranga: Conselho Municipal de Turismo, 2017. Disponível em: <https://www.jacupiranga.sp.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/20170519170427.pdf>. Acesso em: jul. 2022.

JENSEN, J.R. (2009) **Sensoriamento remoto do ambiente**: Uma perspectiva em recursos terrestres. Translated by: Epiphanyo, J.C.N., Formaggio, A.R., Santos, A.R., Rudorff, B.F.T., Almeida, C.M., Galvão, L.S., Parêntese, São José dos Campos, 598 p.

LAPEDUH. Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da Universidade Federal do Paraná – LAPEDUH/UFPR (Org.). **O Vale do Ribeira e as Histórias de Esperanças**. Editora do LAPEDUH/2018. Disponível em: https://indigenasquilombolasenapalm.files.wordpress.com/2019/01/vale_do_ribeira.pdf. Acesso em out. 2022

PERROTTA et al. **Mapa Geológico do Estado de São Paulo**, escala 1:750.000. São Paulo: CPRM, 2005. (Programa Geologia do Brasil). Disponível em: <http://geosgb.cprm.gov.br/geosgb/downloads.html>. Acesso em: 02 mar 2019.

PIVETTA, M. A Dieta de Luzio. In: **Revista Pesquisa FAPESP**. ed. 188. 2011, pg. 44-48. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-dieta-de-luzio/>. Acesso em out. 2022

PNUD. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Atlas Brasil 2013**. Brasília (DF), 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: mai. 2022.

PRADO, H. M. *et al.* O canal do Valo Grande no Complexo Estuarino Cananeia-Iguape (SP, Brasil): história ambiental, ecologia e perspectivas futuras. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 22, p. 1-24, 2019.

SÃO PAULO (Estado). Diário Oficial do Governo do Estado. Caderno executivo I, de 26 de fevereiro de 2008. Disponível em: http://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2008%2fexecutivo%2520secao%2520i%2ffevereiro%2f26%2fpagnot_0004_9078H9QMS3SRAe7BH8HJIRK28AG.pdf&pagina=IV&data=26/02/2008&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=4. Acesso em out. 2022

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Projeto LUPA 2007/08: Censo Agropecuário do Estado de São Paulo**. São Paulo: SAA: IEA: CDRS, 2009a.

SÃO PAULO (Estado). **Mosaico de unidades de conservação do Jacupiranga**. In: Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Caderno nº 37. LINO, C. F. (org). São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2009b, 76p.

SÃO PAULO (Estado). **Parque Estadual do Rio Turvo inaugura Centro de Exposições Temático no Núcleo Capelinha**. Reportagem do ano de 2012. São Paulo, 2012a. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2012/11/parque-estadual-rio-turvo-inaugura-centro-de-exposicoes-tematico-no-nucleo-capelinha/>. Acesso em: out. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Logística e Transporte. Departamento de Estradas de Rodagem (DER). **Malha Rodoviária do Estado de São Paulo**. Dados levantados pelo Departamento de Estrada de Rodagem (DER/SP) em 2012. São Paulo, 2012b. Disponível em: <http://datageo.ambiente.sp.gov.br/>. Acesso em: mai. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente (SIMA). Coordenadoria de Planejamento Ambiental (CPLA). **ICMS-Ecológico**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/cpla/icms-ecologico/>. Acesso em: jul. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Projeto LUPA 2016/17: Censo Agropecuário do Estado de São Paulo**. São Paulo: SAA: IEA: CDRS, 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente (SIMA). Coordenadoria de Planejamento Ambiental (CPLA). **Relatório de Qualidade Ambiental 2021**. 1 ed. São Paulo: SIMA, 2021a. 536 p. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/cpla/category/pub/relatorio-de-qualidade-ambiental/>. Acesso em: jul. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado de Infraestrutura e Meio Ambiente/Fundação Florestal. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Sul**. São Paulo: Fundação Florestal, 2021b, 376p. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/>. Acesso em out. 2022

SÃO PAULO (Estado). Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade. Autos de Infração Ambiental lavrados entre os anos de 2014 a 2021. São Paulo, 2021cb.

SÃO PAULO (Estado). Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade. Área de Intervenção na Flora entre os anos de 2017 a 2021. São Paulo, 2021d.

SÃO PAULO (Estado). Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade. Boletins de Ocorrência de Incêndio Florestal registrados no âmbito da Operação Corta Fogo, entre os anos de 2014 a 2021. São Paulo, 2021e.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Turismo (SETUR). **Informações de Turismo**. São Paulo: SETUR, 2022a. Disponível em: https://www.turismo.sp.gov.br/mapasinterativos#link_1573. Acesso em: mai. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. Subsecretaria de Meio Ambiente. **Nota Técnica – Revisão do Índice de Gestão dos Resíduos Sólidos**. São Paulo: SIMA/CPLA, 2022b. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/cpla/residuos-solidos4/indice-de-gestao-de-residuos-igr/>. Acesso em: ago. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. Subsecretaria de Infraestrutura. **Dados Energéticos: Dados Municipais**. São Paulo: SIMA, 2022c. Disponível em: <https://dadosenergeticos.energia.sp.gov.br/portalev2/intranet/Eletricidade/index.html>. Acesso em: ago. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. **Sistema Integrado de Gestão Ambiental. SIGAM/SIGAMGEO: Autorização - Sinaflor**. São Paulo: Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, 2022d. Disponível em: <https://mapas.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/sigamgeo/SIMA-EST-SIGAMGEO-APP/>. Acesso em: out. 2022.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente; Subsecretaria de Meio Ambiente; Instituto de Pesquisas Ambientais. **Inventário da cobertura vegetal nativa do Estado de São Paulo / Nalon, Marco Aurélio; Matsukuma, Ciro Koiti; Pavão, Mônica; Ivanauskas, Natália Macedo; Kanashiro, Marina Mitsue - São Paulo: SIMA/IPA, 2022e. 238p.**

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. **Roteiro metodológico para planos de manejo das unidades de conservação do estado de São Paulo**, São Paulo, 2022f. Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente, Comitê de Integração dos Planos de Manejo, 4ª ed. 89 p. 2022

SEADE. **Produtos**. Produção Atual. São Paulo: Seade, 2022a. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/lista-produtos/>. Acesso em: mai. 2022.

SEADE. **Informações dos Municípios Paulistas**. São Paulo: Seade, 2022b. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/>. Acesso em: jul. 2022.

SILVA-SÁNCHEZ, S.; SÁNCHEZ, L. Mineração de fosfato em Cajati e o desenvolvimento local. In: FERNANDES, F. R. C.; ENRÍQUEZ, M. A. R. S.; ALAMINO, R. C. J. (ed.). **Recursos minerais & sustentabilidade territorial**: grandes minas. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011. v. 1, p. 163-198. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br/handle/cetem/1167>. Acesso em: jul. 2022.

VALE. Portal da Internet. **Saiba mais sobre negócios de fertilizantes da Vale**. Notícia de 28/08/2015. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/saiba-mais-sobre-negocios-fertilizantes-vale.aspx>. Acesso em set. 2022.

Legislação consultada

CAJATI. **Lei Municipal nº 1.313, de 1º de setembro de 2014**. Aprova o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos do Município de Cajati. Disponível em: <https://www.cajati.sp.gov.br/legislacao>. Acesso em: jul. 2022.

5. JURÍDICO-INSTITUCIONAL

A metodologia encontra-se no Anexo V.

5.1. Instrumentos de ordenamento territorial

5.1.1. Gerenciamento costeiro

Em consonância com o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, o estado de São Paulo instituiu o Plano Estadual de Gerenciamento Costeiro (PEGC), por meio da Lei Estadual nº 10.019, de 3 de julho de 1998, estabelecendo os objetivos, diretrizes, metas e instrumentos para disciplinar e racionalizar a utilização dos recursos naturais da Zona Costeira do Estado de São Paulo, bem como a tipologia e os usos permitidos nas Zonas Costeiras, as atividades proibidas e as penalidades no caso de infrações. O Plano busca alternativas para promover o desenvolvimento socioeconômico com a manutenção e/ou recuperação da qualidade dos ecossistemas costeiros. Um dos setores costeiros abrangido por esta Lei é o Setor Costeiro do Vale do Ribeira, que possui uma área de 13.846 km² e abrange 20 municípios, que apresentam características diversas quanto às dinâmicas de uso e ocupação do território, quanto ao meio físico e socioeconômico, além de abranger diversas áreas protegidas por normas legais. A região é banhada pela bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape, que tem influência direta sobre os ecossistemas costeiros, o que justificou sua inclusão na Zona Costeira, mesmo sem ser banhada pelo mar (SÃO PAULO, 1997). O setor do Vale do Ribeira ainda não possui a regulamentação do Zoneamento Ecológico-Econômico por Decreto Estadual.

5.1.2. Planos diretores

5.1.2.1. Cajati

O Plano Diretor de Cajati foi promulgado pela Lei Municipal nº 840, de 10 de maio de 2007, que o define como o instrumento básico da política de desenvolvimento urbano do Município e integra o processo de planejamento municipal, devendo o plano

plurianual, a Lei de diretrizes orçamentárias e o orçamento anual incorporarem as diretrizes e as prioridades nele contidas.

No Título II, a Seção I do Capítulo I (Planos Estratégicos de Desenvolvimento Municipal) trata do Plano Estratégico Ambiental, que tem a finalidade de preservar os recursos naturais com justo desenvolvimento socioeconômico. Dessa forma, tem-se a necessidade de consolidação do desenvolvimento sustentável, o que exige a identificação de alternativas de utilização racional dos recursos naturais. Seu objetivo geral é preservar, recuperar e conservar o meio ambiente em seus diversos aspectos. Integram o Plano Diretor as seguintes leis:

- I. Lei do Parcelamento do Solo Urbano;
- II. Lei do Perímetro Urbano e Expansão Urbana;
- III. Lei do Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo Urbano e Rural (Lei Municipal nº 849/2007, atualizada pelo Decreto 1.859 de 21/09/2021).

O mapa constante na lei de zoneamento abrange apenas a área urbana, fora da área de abrangência deste plano. A referida lei divide essa área em três macrozonas, conforme consta no artigo 49.

Artigo 49- O Macrozoneamento de Cajati fica dividido em três Macrozonas, delimitadas no Anexo I, Mapa I - Macrozoneamento do Município de Cajati, parte integrante desta Lei:

- I.- Macrozona de Urbanização - MZU, com características de adensamento populacional, com maior disponibilidade de infra-estrutura urbana, maior número de atividades urbanas e equipamentos comunitários e possuindo áreas vazias não parceladas;*
- II. - Macrozona Agrícola Mineral - MZAM;*
- III. - Setor Especial Distritos – SED.*

5.1.2.2. Jacupiranga

O Município de Jacupiranga não possui plano diretor. O município possui Plano Diretor de Turismo, aprovado em 2017, o qual lista infraestrutura básica, serviços de atendimento ao turista, como agências, restaurantes, entre outros. O Plano também apresenta uma listagem dos atrativos do município, muitos dos quais se inserem no PERT ou nas outras UCs contíguas, e estabelece algumas metas e ações para o desenvolvimento do turismo no município.

5.1.3. Áreas Protegidas

A região onde a APA de Cajati está inserida apresenta diversas áreas protegidas que englobam grande parte da área de abrangência deste Plano de Manejo, como pode-se perceber pelo mapa do **APÊNDICES 5.1.A.**) São 4 (quatro) Unidades de Conservação

Estaduais e 1 (uma) Área Natural Tombada, além de outros títulos de proteção atribuídos por instituições nacionais e internacionais.

Todas as Unidades de Conservação que incidem na área de abrangência da APA fazem parte do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga, instituído em 2008, e que alterou os limites do Parque Estadual de Jacupiranga (criado em 1969). Essas Unidades são contíguas, sem nenhum tipo de sobreposição entre as UCs.

A Área Natural Tombada da Serra do Mar e Paranapiacaba, nesse trecho, corresponde aos limites do antigo PE Jacupiranga, portanto se sobrepõe às Unidades de Conservação.

A Tabela 5.1.1 identifica as UCs, a área de cada uma e os municípios abrangidos, além de trazer o número dos documentos de instituição e aprovação dos Planos de Manejo e dos Planos de Utilização das áreas. Os Planos de Manejo das UCs do MOJAC estão sendo elaborados concomitantemente.

Tabela 5.1.1. Unidades de Conservação inseridas na área de abrangência da APA de Cajati

Nome da UC	Área (ha)	Grupo	Municípios	Área de abrangência da APA de Cajati	Plano de Manejo	Plano de Utilização
APA Planalto do Turvo	2.721,87	Uso Sustentável	Barra do Turvo e Cajati	Parcialmente Inserida	Em elaboração	
RDS de Lavras	889,74	Uso Sustentável	Cajati	Totalmente inserida	Em elaboração	Portaria FF/DE nº 281, de 12/12/2012
PE do Rio Turvo	73.893,87	Proteção Integral	Barra do Turvo, Cajati e Jacupiranga	Parcialmente inserido	Em elaboração	
PE Caverna do Diabo	40.219,66	Proteção Integral	Barra do Turvo, Cajati, Eldorado e Iporanga	Parcialmente inserido	Em elaboração	

Fonte: BRASIL (2022); elaboração SIMA/CPLA (2022)

Na área de abrangência da APA de Cajati, foi identificado um Plano de Utilização, conforme Tabela 5.1.1 (CASA DA FLORESTA, 2010). Em 2010, os Planos de Utilização, elaborados de forma participativa com o Conselho Deliberativo das UCs foram aprovados por portarias da Fundação Florestal. Diferentemente dos Planos de Manejo, os Planos de Utilização são documentos mais simples que visam um diagnóstico mais rápido da utilização das terras presentes em uma Unidade de Conservação de uso sustentável. Compreendem as principais demandas, conflitos e desafios presentes na Unidade de Conservação, além do diagnóstico e características presentes no seu interior (FF/AMBGIS, 2022).

Os Planos de Utilização preveem acordos de gestão, regras para uso do território e apontam áreas para retificação de limites e ampliação das áreas de uso das

comunidades, em observância ao artigo 15 da Lei nº 12.810/2008, que instituiu o MOJAC. Já os Planos de Manejo apresentam uma avaliação mais aprofundada da UC, apresentando, também, planos e programas para sua gestão além de um zoneamento do seu território (FF/AMBGIS, 2022).

5.1.3.1. Plano de utilização da RDS de Lavras

Localizada no município de Cajati, possui 889,74 hectares e é ocupada por apenas quatro famílias de moradores tradicionais de Cajati. A cobertura florestal de floresta ombrófila densa é de 81,1% da área nos diversos estágios de regeneração. O uso predominante do solo é de pastagem para pecuária de corte e leite, bananicultura e agrofloresta.

5.1.4. Outros Títulos

Reserva da Biosfera da Mata Atlântica: Trata-se de um modelo de gestão integrada, participativa e sustentável, que tem por objetivos a preservação da biodiversidade e o desenvolvimento de pesquisa científica. A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, onde está inserida a área de estudo, cobre porções importantes da Mata Atlântica de 17 estados brasileiros, totalizando 784.654 km². Seu objetivo principal é a conservação e a recuperação de corredores ecológicos e de parcelas significativas de Mata Atlântica bem como a promoção de seu uso sustentável (RBMA, 2017; MMA, 2016).

Sítio do Patrimônio Mundial: Os [Sítios do Patrimônio Mundial Natural](#) protegem áreas consideradas excepcionais do ponto de vista da diversidade biológica e da paisagem. Neles, a proteção ao ambiente, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais são objeto de atenção especial. Os Sítios geram, além de benefícios à natureza, uma importante fonte de renda oriunda do desenvolvimento do ecoturismo. O país é signatário da Convenção dos Sítios do Patrimônio da Humanidade desde 1977, com vários sítios reconhecidos. Em 1999 as reservas da Mata Atlântica do Sudeste, onde se insere a APA, foram reconhecidas pela UNESCO como patrimônio mundial.

5.1.5. Plano de Bacia

Os Planos de Bacia são instrumentos importantes das Políticas Federal e Estadual de Recursos Hídricos e norteiam as tomadas de decisão do Comitê de Bacia Hidrográfica, propondo metas e ações específicas a serem alcançadas a curto, médio e longo prazos, para a remediação das criticidades apontadas por eles, juntamente com os Relatórios de Situação de Recursos Hídricos da bacia hidrográfica. São instrumentos de planejamento

que servem para orientar a sociedade e os tomadores de decisão para a recuperação, proteção e conservação dos recursos hídricos das bacias ou regiões hidrográficas correspondentes.

Os municípios de Cajati e Jacupiranga estão inseridos na Bacia Hidrográfica Ribeira de Iguape – Litoral Sul (UGRHI 11). No Plano de Bacia vigente para a UGRHI 11 (período de 2016-2027), foi feito um diagnóstico detalhado da área de abrangência da UGRHI (aspectos socioeconômicos e físicos, e análise do uso e ocupação da terra), bem como da situação atual dos recursos hídricos da bacia (ano-base 2016), considerando dados de saneamento básico, demandas, disponibilidade e qualidade dos recursos hídricos. Com base nesses dados, foi elaborado um prognóstico, com proposição de cenários futuros e delimitação de áreas críticas para gestão de recursos hídricos, com metas e ações no horizonte de aplicação do Plano (2020 a 2035). O diagnóstico foi feito com base nos dados dos anos 2011 a 2015.

A UGRHI 11 é a bacia com maior disponibilidade de água per capita do estado de São Paulo. O percentual de captação superficial é muito superior à subterrânea. Entretanto, uma questão levantada no Plano de Bacia é a emissão de outorga definitiva da transposição de águas da bacia do alto Juquiá para a Região Metropolitana de São Paulo, com conseqüente aumento significativo da demanda das águas superficiais.

O Plano da Bacia Hidrográfica da UGRHI 11 apresenta o Plano de Ação para os recursos provenientes do FEHIDRO e da Cobrança pelo uso da água. A cobrança pelo uso dos recursos hídricos na UGRHI 11 foi estabelecida pelo Decreto nº 58.814 de 27 de dezembro de 2012.

Segundo o Plano de Bacias, serão priorizados para receber auxílio financeiro, os projetos que envolvem ações de saneamento rural e drenagem (CBH, 2018). Conforme a Deliberação CBH-RB nº 245 de 28/06/2019, em 2019, os recursos para a implantação de projetos na UGRHI 11 giraram em torno de R\$ 13,3 milhões, sendo R\$ 3,29 milhões oriundo do rateio do FEHIDRO e R\$ 10 milhões provenientes da cobrança pelos recursos hídricos.

5.2. Políticas públicas

5.2.1. Sistema Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável

O Sistema Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável (SEDRUS), instituído pelo o Decreto Estadual n.º 64.467/2019 tem como objetivo promover a elaboração e execução de planos de desenvolvimento agropecuário e agroindustrial no Estado. As prefeituras, ao aderirem ao programa, reconhecem a importância do agro e das necessidades de investir em ações para melhorar as condições de vida das pessoas na área rural. A adesão das prefeituras ao Sistema Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável – Cidadania no Campo é feita por meio do envio de Termo de Adesão à

Secretaria de Agricultura e Abastecimento, o qual formaliza o compromisso voluntário da prefeitura em implantar as ações integradas propostas no Decreto.

O SEDRUS possui 10 (dez) diretivas: 1. Estrutura Institucional; 2. Infraestrutura Rural; 3. Produção e Consumo Sustentável; 4. Defesa Agropecuária; 5. Abastecimento e Segurança Alimentar; 6. Fortalecimento Social do Campo; 7. Solo e Água; 8. Biodiversidade; 9. Resiliência e Adaptação às Mudanças Climáticas; 10. Interação Campo-Cidade.

5.2.2. Programa Município Verde Azul

O Programa Município Verde Azul – PMVA visa estimular e auxiliar as prefeituras paulistas na elaboração e execução de suas políticas públicas estratégicas. A participação do município no PMVA é voluntária, mas é um dos critérios de avaliação para a liberação de recursos do Fundo Estadual de Controle da Poluição (FECOP). As ações propostas pelo PMVA compõem dez diretivas norteadoras da agenda ambiental local, abrangendo temas estratégicos: Esgoto Tratado, Resíduos Sólidos, Biodiversidade, Arborização Urbana, Educação Ambiental, Cidade Sustentável, Gestão das Águas, Qualidade do Ar, Estrutura Ambiental e Conselho Ambiental.

Ao final de cada ciclo anual, a Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente publica o “*Ranking Ambiental dos municípios paulistas*”. Nenhum dos municípios da área de abrangência atingiram os 80 pontos necessários para a certificação no programa.

5.2.3. Programa Vale do Futuro

Lançado em 2019 pelo Governo do Estado de São Paulo, o Programa Vale do Futuro tem objetivo de construir um modelo de desenvolvimento regional baseado na exploração sustentável da riqueza socioambiental da Mata Atlântica. O programa propõe parcerias com prefeituras, comunidades quilombolas locais e organizações da sociedade civil para implementar projetos de desenvolvimento sustentável, geração de renda, conservação e melhoria da qualidade de vida da população do Vale do Ribeira. A iniciativa prevê investimentos públicos e privados, criação de oportunidades de emprego e aumento na geração de renda até 2022 (SÃO PAULO, 2019b).

5.2.4. Áreas Prioritárias para Compensação Ambiental

Em 2022, por meio Decreto nº 66.550, o Programa de Remanescentes Florestais foi reorganizado, passando a denominar-se Programa REFLORESTA-SP, que tem por objetivo geral o fomento à delimitação, demarcação e recuperação de matas ciliares e outros tipos de fragmentos florestais, e como objetivos específicos a restauração ecológica, a implantação de florestas multifuncionais, de sistemas agroflorestais e silvipastoris e a recuperação de áreas degradadas. Para a implementação desse

Programa, uma das ações instituídas é a execução do Programa Nascentes, visando apoiar a restauração ecológica no estado de São Paulo.

Em 2017, foi publicada a Resolução SMA nº 07 (alterada pelas Resoluções SMA nº 20/2017 e 206/2018), que estabeleceu critérios e parâmetros para a definição da compensação ambiental devida em razão da emissão de autorizações para supressão de vegetação nativa, corte de árvores isoladas ou intervenção em Áreas de Preservação Permanente (APPs) emitidas pela CETESB. Essa Resolução classificou os municípios em classes de prioridade para conservação e restauração da vegetação nativa, considerando determinados parâmetros, entre os quais a localização de mananciais de água para abastecimento público, as áreas consideradas prioritárias para o Programa Nascentes e o Inventário Florestal do Estado de São Paulo.

No mapa de áreas prioritárias, integrante da referida Resolução, Cajati e Jacupiranga foram classificados na categoria de prioridade “Baixa” para restauração da vegetação nativa. A UGRHI 11 abriga o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica do Brasil, com alto índice de cobertura vegetal nativa de acordo com o Inventário Florestal do Estado de São Paulo 2020 (SÃO PAULO, 2022d).

5.2.5. Áreas Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade

As Áreas Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade são um instrumento de política pública instituído pelo Decreto Federal nº 5.092/2004, que visa à tomada de decisão sobre planejamento e implementação de medidas adequadas à conservação, à recuperação e ao uso sustentável de ecossistemas. Inclui iniciativas como a criação de Unidades de Conservação (UCs), o licenciamento de atividades potencialmente poluidoras, a fiscalização, o fomento ao uso sustentável e a regularização ambiental. O instrumento abrange ainda o apoio a áreas protegidas já estruturadas, como Unidades de Conservação, terras indígenas e territórios quilombolas, além da identificação de novas áreas prioritárias e de medidas a serem implementadas nesses locais (BRASIL, 2019). O referido Decreto atribuiu a responsabilidade ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) de avaliar e identificar tais áreas e ações prioritárias, considerando-se os seguintes conjuntos de biomas (Art. 2º): Amazônia; Cerrado e Pantanal; Caatinga; Mata Atlântica e Campos Sulinos; e Zonas Costeira e Marinha. O processo de definição das Áreas Prioritárias foi baseado em metodologia aprovada pela Comissão Nacional de Biodiversidade (CONABIO) por meio da Deliberação CONABIO nº 39, de 14/12/2005.

As Áreas Prioritárias para Conservação reconhecidas atualmente estão definidas na Portaria MMA nº 463, de 18 de dezembro de 2018. De acordo com essa Portaria, essas áreas podem ser classificadas por dois critérios: quanto à importância biológica, em extremamente alta, muito alta, alta e insuficientemente conhecida; e quanto à prioridade de ação, em extremamente alta, muito alta e alta. Os resultados obtidos para cada um

dos biomas foram sistematizados em mapas e fichas descritivas das áreas com as ações recomendadas, além da informação sobre a importância biológica e a prioridade de ação.

5.2.6. Apoio ao Escoamento da Produção Agropecuária.

Em 2003, o governo Federal instituiu o Programa de Aquisição de Alimentos- PAA, que é uma política pública de fomento da agricultura familiar como fornecedora de produtos agropecuários para a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). As aquisições via PAA podem ser feitas através de seis diferentes mecanismos: a Compra Direta da Agricultura Familiar (CDAF), o Contrato de Garantia de Compra (CGAF), a Compra Antecipada da Agricultura Familiar (CAAF), a Compra Antecipada Especial da Agricultura Familiar (CAEAF), a Compra Direta Local da Agricultura Familiar (CDLAF) e o Incentivo à Produção e ao Consumo do Leite (IPCL).

A Lei Federal nº 11.947/2009, estipula que no mínimo 30% do total dos recursos financeiros repassados pelo Governo Federal aos estados e municípios para a merenda escolar seja para aquisição de gêneros alimentícios da agricultura familiar, o que auxilia, inclusive, na renda local.

5.2.7. ICMS Ambiental

O Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicações (ICMS), previsto na Constituição Federal, é um imposto arrecadado pelos estados e pelo Distrito Federal e do qual 25% deve ser repassado aos municípios. A definição dos critérios de repasse desse percentual do ICMS fica a cargo de cada estado. No estado de São Paulo, o Índice de Participação dos Municípios (IPM) a ser aplicado no produto da arrecadação do ICMS é calculado com base em diversos critérios (Lei Estadual nº 3.201/1981, alterada pelas Leis nº 8.510/1993 e 12.810/2008), sendo um deles o índice de áreas protegidas chamado ICMS Ecológico³. Esse critério visa compensar financeiramente os municípios pelas restrições de uso impostas pela instituição de áreas estaduais legalmente protegidas em seus territórios (SÃO PAULO, 2021a).

Em se tratando de municípios com reduzida capacidade de arrecadação, os repasses governamentais são importantes, como é o caso do ICMS. Em Jacupiranga, mais de 13 % do total do ICMS recebido pela prefeitura em 2021 foi devido ao critério das áreas protegidas, o que correspondeu a um repasse do chamado ICMS ecológico de R\$

³ Em 2021, a Lei nº 3.201/1981 foi alterada pela Lei nº 17.348, que dispôs sobre o percentual de distribuição do ICMS destinado aos municípios. Com a nova Lei, o novo ICMS Ambiental passa a representar 2% de transferências voltadas às questões ambientais municipais. Essa parcela será dividida em duas frentes: preservação (0,5% para UCs estaduais incidentes no município e 0,5% para áreas de reservatórios destinados à geração de energia e ao abastecimento de água); e desempenho ambiental (0,5% para gestão de resíduos sólidos e 0,5% para conservação e restauração da biodiversidade). Entretanto, como os efeitos dessa Lei para o cálculo do IPM só passará a vigorar a partir 2023 (ano-base 2022), ela só terá efeitos diretos nos repasses em 2024, e a primeira estimativa de valores repassados utilizando a nova metodologia de cálculo só poderá ser feita em 2024.

1,3 milhão. Em Cajati, as áreas protegidas representaram cerca de 6% (R\$ 2,1 milhões) do total do ICMS recebido em 2021. A Tabela 5.2.3 apresenta os valores estimados de ICMS ecológico repassado aos municípios da área de estudo, bem como as Unidades de Conservação que são utilizadas para o cálculo do índice.

Conforme estabelece a legislação (Lei Estadual nº. 8.510/1993), apenas as áreas protegidas estaduais são contabilizadas no cálculo do índice. Fazendo uma correlação entre área das UCs nos municípios, e o peso estabelecido pela Lei Estadual nº. 8.510/1993 (Parque = 0,8, APA = 0,1, ANT = 0,1 e RDS = 0,2), pode-se estimar um valor ponderado do quanto cada área protegida representa na composição do índice de preservação dos municípios. É possível concluir, portanto, que o ICMS Ecológico constitui uma importante ferramenta de política pública, com observância do princípio do “provedor-recebedor”, para que os estados estimulem os municípios a participarem de um processo de desenvolvimento sustentável em larga escala, por meio de retribuição à execução de atividades ambientalmente positivas em seus respectivos espaços territoriais (SÃO PAULO, 2017).

Tabela 5.2.3. Valores estimados de ICMS Ecológico repassados em 2021 (ano-base 2019) aos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati, bem como as áreas protegidas incidentes nos municípios

Repasse 2021 (ano-base 2019)			
Localidade	Valor estimado (em R\$)	Proporção do critério das áreas protegidas no total do IPM	Áreas protegidas
Cajati	2.101.164,32	6,24%	PE Caverna do Diabo, PE Rio Turvo, RDS Lavras, APA Planalto do Turvo, APA de Cajati, ANT Serras do Mar e de Paranapiacaba
Jacupiranga	1.304.131,06	13,34%	PE Lagamar de Cananeia, PE Rio Turvo, ANT Serras do Mar e de Paranapiacaba

Fonte e elaboração: SIMA/CPLA (2022).

5.3. Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Programas – Assistência Social. Brasília (DF): MDS, 2019. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em 16 mar. 2020

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Áreas Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade Brasileira**. Brasília (DF): MMA, out. 2019. Disponível em: <http://areasprioritarias.mma.gov.br/>. Acesso em: out. 2022

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade-ICMBio. **Limites oficiais das Unidades de Conservação Federais**. Última atualização: 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/servicos/geoprocessamento/mapa-tematico-e-dados-geoestatisticos-das-unidades-de-conservacao-federais/mapa-tematico-e-dados-geoestatisticos-das-unidades-de-conservacao-federais>. Acesso em out. 2022.

CAJATI. **Lei Municipal nº 849, 29 de junho de 2007**. Dispõe sobre o Zoneamento e o Uso do Solo do Município de Cajati. Atualizada pelo Decreto nº 1.859 de 21/09/2021. Disponível em: <https://www.cajati.sp.gov.br/legislacao>. Acesso em: jul. 2022.

CASA DA FLORESTA. **Plano de Utilização da RDS Quilombos de Lavras**. Piracicaba, 2010. 56p.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA RIBEIRA DE IGUAPE E LITORAL SUL. **Relatório II**, do Plano da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul. Registro, 2018.

IGC (São Paulo, SP). **Limites Municipais do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://datageo.ambiente.sp.gov.br/>. Acesso em: mar. 2019.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Rede Brasileira de Reservas da Biosfera**. Brasília (DF): MMA, 2016. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/instrumentos-de-gestao/reserva-da-biosfera>. Acesso em: mai. 2017.

JACUPIRANGA, Prefeitura Municipal. **Plano Municipal de Turismo 2017-2027**. Jacupiranga, 2017. 136 p. OLIVEIRA, L. R. C. N. et al. **Zoneamento Ecológico Econômico no Setor Costeiro Vale do Ribeira Paulista: avanços e Desafios da Implementação**. In: XVI Encontro Nacional de planejamento Urbano e Regional. Anais... Belo Horizonte, 2015. p. 1-22. Disponível em: http://xviananpur.com.br/anais/?wpfb_dl=358. Acesso em: 30 nov. 2015.

RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA (RBMA), 2017. **Tombamento da Serra do Mar e a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**. Disponível em: http://www.rbma.org.br/anuario/mata_06_smar_varias_tomb.asp. Acesso em: maio/2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente (SMA). **Macrozoneamento do Vale do Ribeira: proposta preliminar para discussão pública**. São Paulo: SMA, 1997 (relatório não publicado).

SÃO PAULO (Estado). **Mosaico de unidades de conservação do Jacupiranga**. In: Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Caderno nº 37. LINO, C. F. (org). São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2009, 76p.

SÃO PAULO (Estado). Governo de SP apresenta megaprojeto de desenvolvimento para o Vale do Ribeira. **Notícias de Governo**, 2019b. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-anuncia-investimentos-para-o-vale-do-ribeira/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente; Subsecretaria de Meio Ambiente; Instituto de Pesquisas Ambientais. **Inventário da cobertura vegetal nativa do Estado de São Paulo / Nalon, Marco Aurélio; Matsukuma, Ciro Koiti; Pavão, Mônica; Ivanauskas, Natália Macedo; Kanashiro, Marina Mitsue - São Paulo: SIMA/IPA, 2022. 238p.**

UNESCO. **Patrimônio Mundial Natural no Brasil**. Brasília: UNESCO, s/i. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/natural-sciences/environment/world-natural-heritage/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

6. ANALISE INTEGRADA

7. ZONEAMENTO

CATEGORIA E NOME DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

7.1. Objetivo geral

Fazer a descrição dos objetivos gerais da UC

7.2. Do zoneamento

Listar as Zonas, Áreas e Setores previstos no Zoneamento, com quadro de áreas das Zonas e dos Setores (em hectares e em percentual)

7.3. Normas gerais para zoneamento

Inserir as normas gerais, utilizando como base as normas referências indicadas por este Anexo.

7.4. Zoneamento - tipologia de zonas

Redação a ser formulada no âmbito da elaboração do Plano de Manejo de cada Unidade de Conservação, indicando os dados da representação gráfica do zoneamento (escala, mapa base, número de anexo).

NOME DA ZONA

Definição: Conforme roteiro.

Descrição: A ser formulada no âmbito da elaboração do Plano de Manejo de cada Unidade de Conservação, descrevendo os principais atributos abrangidos pela zona.

Objetivo: Conforme roteiro.

Objetivos específicos: Inserir, conforme a caracterização da UC

Atividades permitidas: Inserir utilizando como base as atividades referenciais indicadas por este Anexo.

Normas específicas: Inserir utilizando como base as normas referências indicadas por este Anexo.

7.5. Zoneamento - tipologia de áreas

NOME DA ÁREA

Definição: Conforme roteiro.

Descrição: A ser formulada no âmbito da elaboração do Plano de Manejo de cada Unidade de Conservação, descrevendo os principais atributos abrangidos pela área.

Incidência: Conforme roteiro.

Objetivo: Conforme roteiro.

Objetivos Específicos: Inserir conforme a caracterização da UC

Atividades permitidas: Inserir utilizando como base as atividades referenciais indicadas por este Anexo.

Normas: Inserir utilizando como base as normas referências indicadas por este Anexo.

7.6. Item 1 – mapa do zoneamento (zonas e áreas)

8. PROGRAMAS DE GESTÃO

8.1. Apresentação

8.2. Programa de manejo e recuperação

8.3. Programa de interação socioambiental

8.4. Programa de proteção e fiscalização

8.5. Programa de pesquisa e monitoramento

8.6. Programa de Desenvolvimento sustentável

Versão Preliminar

ANEXO I – INFORMAÇÕES GERAIS DA UC

Apêndice 1.1.A. Metodologia

A caracterização fundiária da Área de Proteção Ambiental Cajati – APA Cajati consiste na disponibilização dos dados fundiários da unidade de conservação existente atualmente na Fundação Florestal. E tem como objetivo subsidiar a gestão da unidade de conservação e a atuação do Núcleo de Regularização Fundiária nas ações voltadas à regularização fundiária do território protegido.

Importante destacar que a APA Cajati é uma unidade de conservação de uso sustentável e que esta categoria, de acordo com o disposto no Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC (Lei 9985/2000), pode ser composta por áreas particulares e públicas. Nos casos das APAs geridas pela Fundação Florestal, em sua grande maioria, são compostas por áreas particulares, assim, faz-se necessário o levantamento fundiário da área e a identificação de seus ocupantes.

O caso da APA Cajati é uma exceção, uma vez que seu território já fazia parte do antigo Parque Estadual do Jacupiranga (1969) e as terras abrangidas por essa unidade foram julgadas devolutas, como veremos a seguir.

O Mosaico do Jacupiranga – MOJAC foi criado pela Lei 12.810, de 21 de fevereiro de 2008, com uma área de 244.352,92 hectares protegidos, e redesenhou o território do antigo Parque Estadual do Jacupiranga, excluindo algumas áreas e incorporando outras.

Assim, com a criação do MOJAC foram criadas 14 unidades de conservação, tanto do grupo de proteção integral quanto do grupo de uso sustentável, observando os critérios estabelecidos pelo SNUC, em atendimento a necessidade de conservação da biodiversidade naquela região, e algumas demandas das comunidades remanescentes de quilombos, que vivem na região.

Para a realização deste trabalho foram consultadas as bases de dados do Núcleo de Regularização Fundiária da Fundação Florestal e de seu Setor de Geoprocessamento e Cartografia, bem como os dados disponíveis na rede mundial de computadores, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo - PGE, da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP, entre outros órgãos públicos.

Tabela 01. Indicação de das unidades de conservação de proteção integral e uso sustentável e suas áreas que compõem o MOJAC.

Grupo	Nome da UC	Municípios	Área (ha)
Proteção Integral	PE Caverna do Diabo	Barra do Turvo, Cajati, Eldorado e Iporanga	40.219,66
	PE do Lagamar de Cananéia	Cananéia e Jacupiranga	40.758,64
	PE do Rio do Turvo	Barra do Turvo, Cajati e Jacupiranga	73.893,87
Uso Sustentável	APA de Cajati	Cajati	2.975,71
	APA do Planalto do Turvo	Barra do Turvo e Cajati	2.721,87
	APA do Rio Pardinho e Rio Vermelho	Barra do Turvo	3.235,47
	APA dos Quilombos do Médio Ribeira	Barra do Turvo, Eldorado e Iporanga	64.625,04
	RDS Barreiro/Anhemas	Barra do Turvo	3.175,07
	RDS de Itapanhapima	Cananéia	1.242,70
	RDS de Lavras	Cajati	889,74
	RDS dos Pinheirinhos	Barra do Turvo	1.531,09
	RDS dos Quilombos de Barra do Turvo	Barra do Turvo	5.826,46
	RESEX da Ilha do Tumba	Cananéia	1.595,40
	RESEX Taquari	Cananéia	1.662,20
			244.352,92

Breve Histórico das Unidades de Conservação no Estado de São Paulo

No estado de São Paulo, a Fundação para a Conservação e a Produção Florestal – Fundação Florestal é o órgão público responsável pela gestão da maioria das unidades de conservação estaduais.

O Governo Paulista criou, em 29 de dezembro de 2006, o Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR, por meio do Decreto nº 51.453, alterado pelo Decreto nº 54.079, de 04 de março de 2009, considerando a necessidade de conservar, ampliar e melhorar a gestão das florestas públicas e áreas protegidas, bem como melhorar a pesquisa científica no Estado, em especial aquela voltada para a conservação da biodiversidade.

O SIEFLOR abrange as Unidades de Conservação de proteção integral e de uso sustentável administradas pela Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do estado de São Paulo - FF, órgão da administração indireta vinculada à Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente – SIMA, que tem como objetivo a gestão, conservação, manejo e ampliação das florestas de produção e de preservação permanente, de posse e/ou propriedade do estado de São Paulo, mediante levantamento e caracterização de áreas em âmbito ambiental, dominial e patrimonial.

Além das atribuições citadas, o SIEFLOR⁴ atribuiu à Fundação Florestal diversas atividades, entre elas, executar ações para a conservação, manutenção, proteção e

⁴ Decreto Estadual nº 51.453, de 29 de dezembro de 2006 que instituiu o Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR e Decreto Estadual nº 54.079, de 04 de março de 2009, que alterou o Decreto nº 51.453/2006 - SIEFLOR

fiscalização das áreas protegidas sob sua administração, pertencentes ou possuídas pelo patrimônio do Estado, em articulação com a Procuradoria Geral do Estado e demais órgãos de fiscalização e licenciamento do Estado, bem como garantir a aplicação dos recursos provenientes das compensações ambientais advindas das UC's sob sua responsabilidade.

Dentre essas unidades de conservação estão aquelas que foram criadas atendendo aos objetivos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC (Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000) e aquelas criadas antes do SNUC, com fundamento na legislação vigente à época, e de acordo com as características específicas de cada área protegida.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) instituído com base no parágrafo 1º, incisos I, II, III e VII, do artigo 225 da CF de 1988, foi regulamentado parcialmente pelo Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, abordando apenas os assuntos relacionados à criação, gestão e exploração das Unidades de Conservação, bem como os assuntos relativos às populações beneficiárias das unidades; da gestão da reserva da biosfera, e a possibilidade de recategorização das Unidades de Conservação criadas antes da edição da nova legislação.

O SNUC conceituou a expressão “Unidades de Conservação” - UC e, a partir daí o legislador criou dois grupos de UC, que devem ser observadas pelo Poder Público federal, estadual e municipal quando da criação de novos espaços territoriais especialmente protegidos. Essas são as Unidades de Conservação de Proteção Integral e as de Uso Sustentável, as quais, posteriormente, foram divididas de acordo com suas categorias de manejo e com o intuito de facilitar a administração, fiscalização e os usos destinados a essas áreas, conforme demonstrado na Tabela 02.

Tabela 01. Categorias de Unidades de Conservação

Grupo	Definição	Categorias
Proteção Integral	Preservação da natureza, sendo autorizado apenas o uso indireto dos recursos naturais	Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre
Uso Sustentável	Compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais	Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Nacional

O SNUC também definiu qual deve ser a situação fundiária de cada uma dessas categorias de Unidades de Conservação, indicando, de acordo com o objetivo de cada categoria, quais devem ser de propriedade pública e quais não precisam ser públicas em sua integralidade.

Dentre as áreas protegidas como UC do estado de São Paulo, independente se criadas antes ou depois do SNUC, existem aquelas que: necessariamente, devem estar na posse e domínio públicos, ocorrendo a desapropriação das áreas particulares inseridas nos seus limites; as que podem estar na posse e domínio tanto particular quanto público, desde que os objetivos da unidade de conservação criada e do proprietário da área sejam compatíveis, salvo contrário, deverão ser desapropriadas pelo poder público; aquelas cuja posse e domínio são exclusivamente particulares; e ainda, as que são de posse e domínio públicos mas podem ser ocupadas por populações identificadas como beneficiárias de permanecer e usar dos recursos da área⁵.

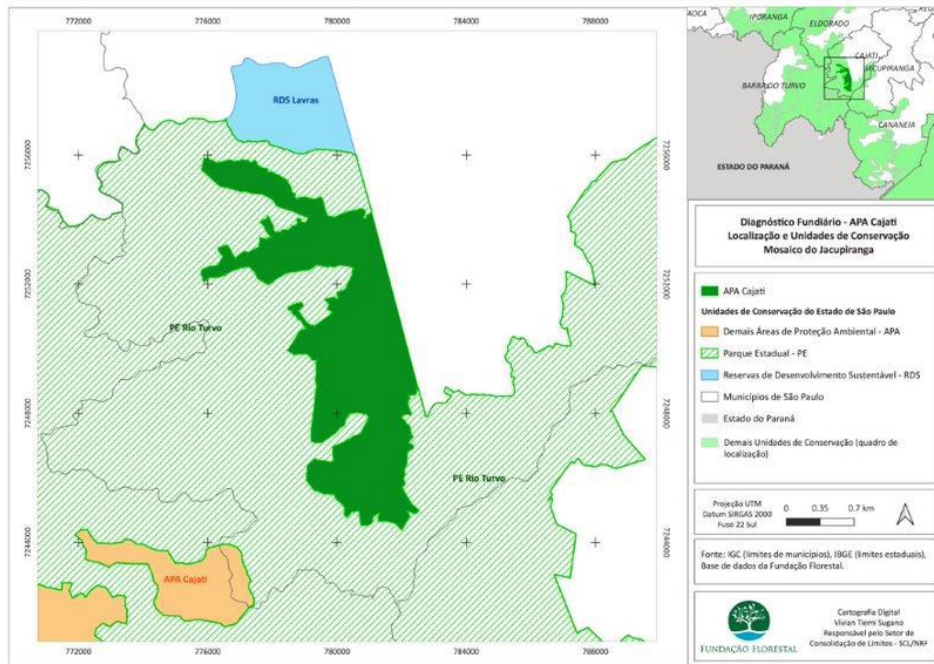
Tabela 02. Dominialidade das unidades de conservação

	CATEGORIA	DOMINIO	POSSE
Proteção Integral	Estação Ecológica	Público	
	Reserva Biológica	Público	
	Parque Estadual	Público	
	Monumento Natural Estadual	Pública ou particular	
	Refúgio da Vida Silvestre	Pública ou particular	
Uso Sustentável	Área de Proteção Ambiental	Pública ou particular	
	Florestal Estadual	Público	
	Área de Relevante Interesse Ecológico	Pública ou particular	
	Reserva do Particular do Patrimônio Natural	Particular	
	Reserva de Fauna	Público	
	Reserva Extrativista	Pública ou concedida às populações tradicionais	Público
	Reserva de Desenvolvimento Sustentável	Populações tradicionais	Pública

Área de Proteção Ambiental Cajati

A Área de Proteção Ambiental Cajati é uma unidade de conservação de uso sustentável, composta pela gleba nº 1.10, inserida nas localidades de Capelinha, Queimados, Vila Lucas e Braço Feio, situadas no Município de Cajati, com área de 2.975,71 ha (dois mil novecentos e setenta e cinco hectares e setenta e um ares), nos termos do inciso VI, artigo 2º e inciso II do artigo 10 da Lei nº 12.810/2008, integrando o Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga.

⁵ Regularização fundiária em unidades de conservação: as experiências dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. / Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo : Organização Ana Carolina de Campos Honora; Charles Alessandro Mendes de Castro; Luiza M. de Barcellos. - - São Paulo : IMESP, 2009.

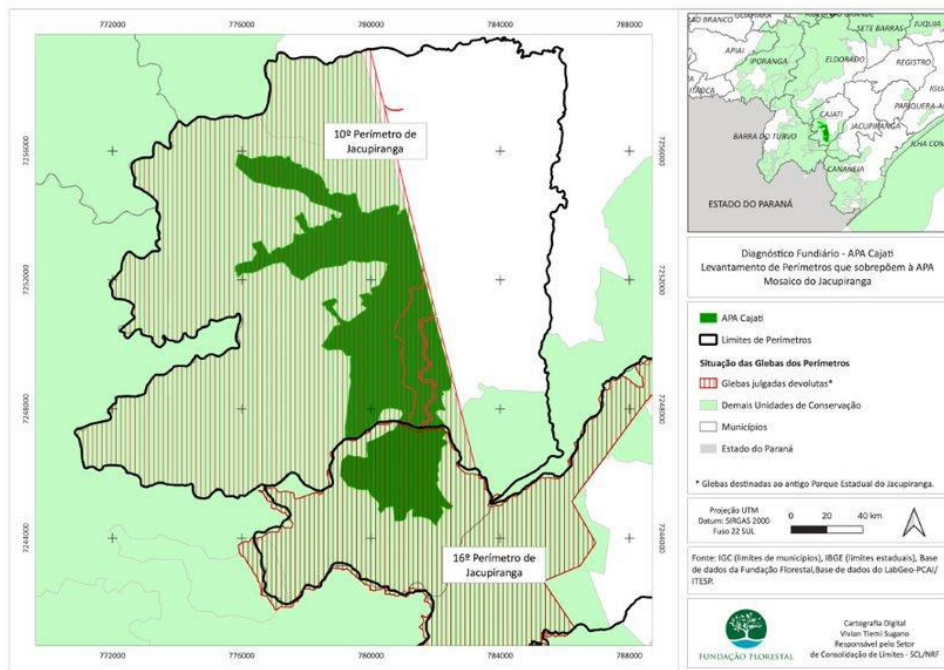


Mapa 01. Localização da APA Cajati.

Perímetros Discriminatórios

A APA Cajati está inserida nos limites do 10º e 16º Perímetros de Jacupiranga, e segundo informações verificadas pelo Setor de Consolidação de Limites, a APA esta inserida nas glebas destinadas ao antigo Parque Estadual do Jacupiranga (1969) julgadas devolutas nas ações discricionárias dos respectivos Perímetros.

Registre-se que as ações discriminatórias têm como objetivo identificar as áreas devolutas e as particulares dentro do perímetro (polígono) que foi discriminado pela Fazenda do Estado de São Paulo.



Mapa 02. Sobreposição da APA Cajati em relação ao 10º e 16º Perímetros de Jacupiranga.

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA tem como missão institucional a execução da reforma agrária e o ordenamento fundiário nacional. Para alcançar esse objetivo desenvolve diversas atividades, tais como: implantação da infraestrutura básica necessária às áreas destinadas à reforma agrária; assistência técnica aos beneficiários de terras; titulação de territórios quilombolas; cadastro dos imóveis rurais existentes no território nacional; a certificação do georreferenciamento dos imóveis rurais; entre outras.

A certificação do georreferenciamento dos imóveis rurais passou por dois sistemas: SNCI – Sistema Nacional de Certificação de Imóveis Rurais, vigente no âmbito da 2ª Norma Técnica de Georreferenciamento expedida pelo INCRA e o SIGEF – Sistema de Gestão Fundiária, atualmente vigente no âmbito da 3ª Norma Técnica de Georreferenciamento.

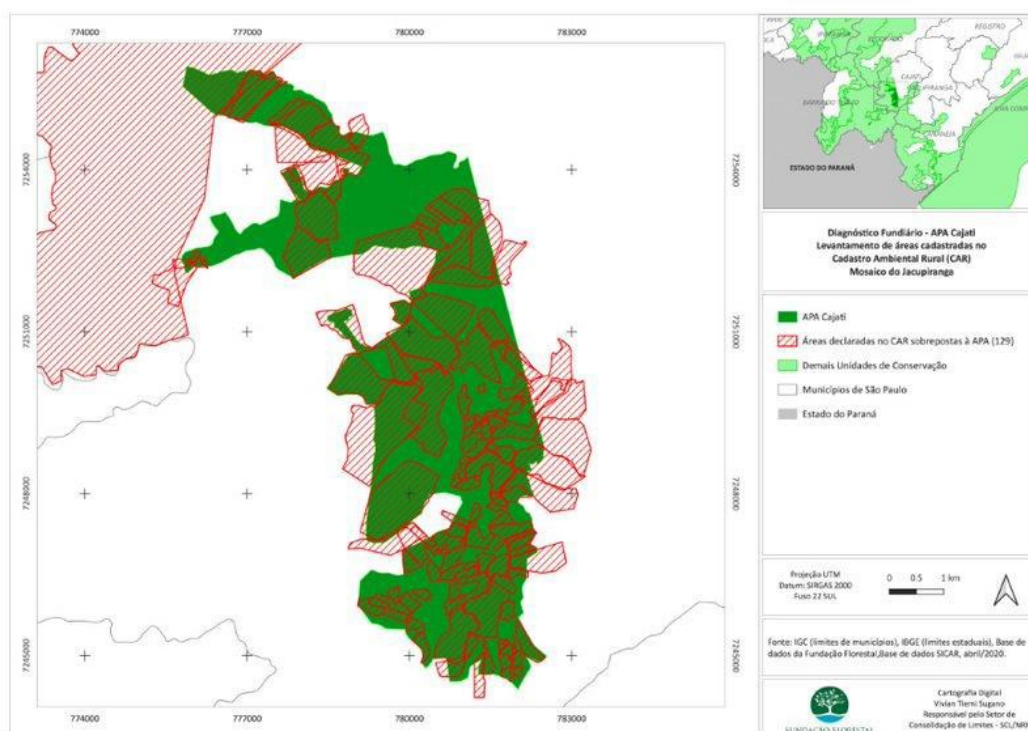
Os dados dos imóveis cadastrados em ambos os sistemas estão disponíveis no site do INCRA e foram utilizados para verificar que não existem imóveis georreferenciados no estado de São Paulo sobrepostos à APA Cajati.

Cadastro Ambiental Rural - CAR

Para a análise das informações obtidas nos bancos de dados do SICAR, foram considerados os imóveis total ou parcialmente inseridos na área de estudo e cadastrados

no Cadastro Ambiental Rural, nos termos da Lei Federal nº 12.651/2012, que instituiu o Código Florestal.

Identificou-se a existência de 129 (cento e vinte e nove) Cadastros Ambientais Rurais (CAR) total ou parcialmente sobrepostos à área da APA Cajati, o que demonstra que cerca de 60% da área da unidade de conservação apresenta imóveis cadastrados neste Sistema.



Mapa 03. Cadastros Ambientais Rurais (CAR) total ou parcialmente sobrepostos à APA Cajati.

Ação de Desapropriação

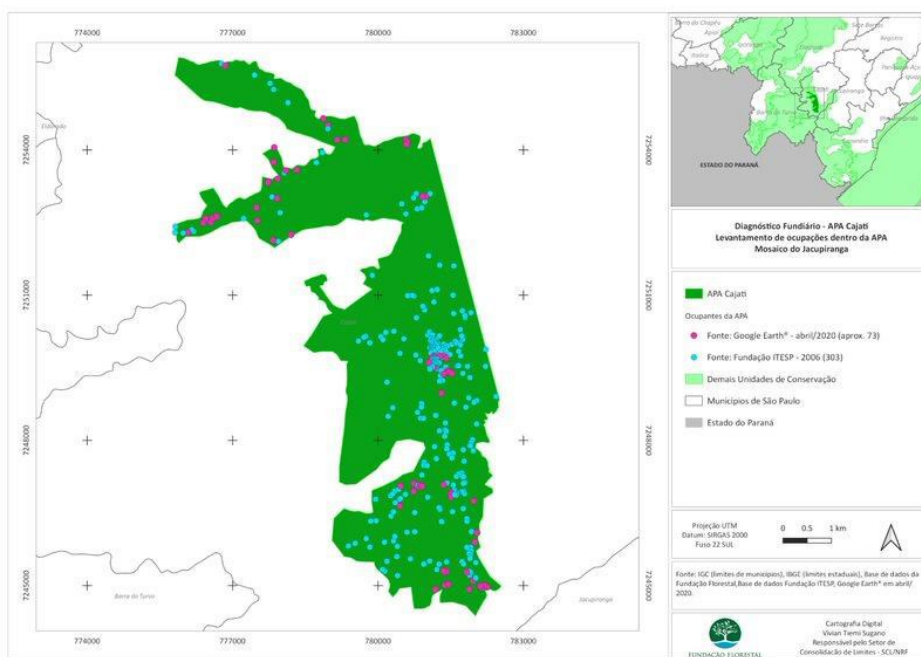
Com a criação do antigo Parque Estadual do Jacupiranga (1969), alguns proprietários de áreas inseridas nesta unidade de conservação ingressaram com ação de desapropriação indireta em face da Fazenda Pública Estadual, para que fossem indenizados pela criação do referido Parque, entendendo estarem despossosados de seus bens imóveis.

Vale registrar que, segundo levantamento do Setor de Consolidação de Limites da FF/NRF, não foram constatadas ações de desapropriação direta ou indireta sobrepostas à área abrangida pela APA Cajati.

Ocupantes

Em 2006, o Instituto Florestal, gestor do Parque Estadual do Jacupiranga à época, contratou a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP para realizar o levantamento dos ocupantes da área, com vistas a subsidiar a proposta de redefinição dos limites do antigo Parque Estadual do Jacupiranga, visando a criação do Mosaico do Jacupiranga e suas respectivas unidades de conservação.

Assim, de acordo com o cadastro do ITESP na região, e a análise das imagens de satélite do Google Earth® no período de abril de 2020, o Setor de Consolidação de Limites verificou a existêncial de aproximadamente 376 ocupações inseridas na APA Cajati, sendo 303 levantadas pela Fundação ITESP e 73 decorrentes das imagens de satélite. Não é possível afirmar que cada ponto obtido pelas imagens do Google Earth² correspondam a uma ocupação diferente da cadastrada pelo ITESP, em virtude da escala do mapa.



Mapa 04. Foram constatadas cerca de 376 ocupações inseridas na APA Cajati.

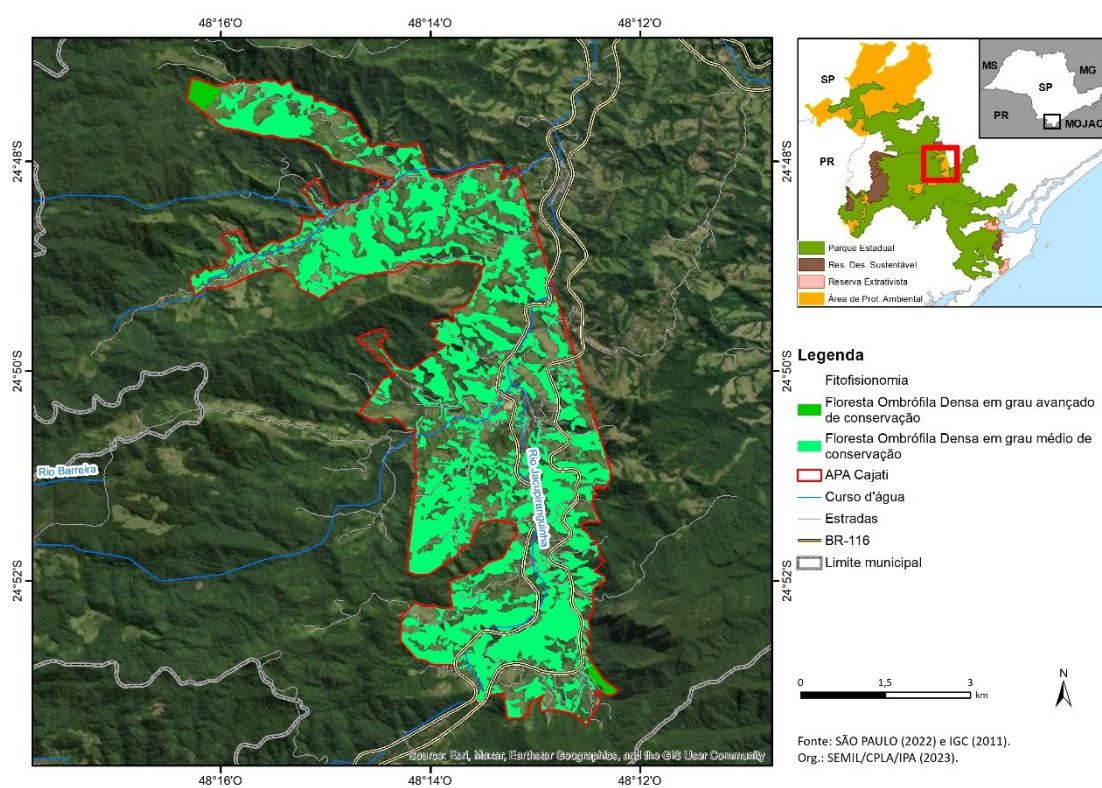
ANEXO II – MEIO BIÓTICO

2.1 Vegetação

Apêndice 2.1.A. Metodologia

O mapeamento das fitofisionomias da APA Cajatí teve como base as informações do Projeto Inventário Florestal do Estado de São Paulo – Mapeamento da Cobertura Vegetal Nativa – 2018-2019 (Nalon et al., 2022).

Apêndice 2.1.B. Fitofisionomias com ocorrência na APA Cajatí



2.2 Fauna

APÊNDICE 2.2.A. Espécies de vertebrados registradas no Parque Estadual do Rio Turvo e entorno. Fitofisionomias de ocorrência: Agricultura (Ac); Floresta Ombrófila Densa Aluvial (Da); Floresta Ombrófila Densa Submontana (Ds); Floresta Ombrófila Densa Montana (Dm); Influência urbana (Iu); Pecuária (pastagem) Ap; Vegetação com influência fluvial (comunidades aluviais) Pa e Sistema da Vegetação Secundária (Tratos Antrópicos) Vs.

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Chordata			
Aves			
Ordem Tinamiformes			
Família Tinamidae			
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	macuco	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)	inhambuguaçu	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	jaó-do-sul	Da, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	inhambu-chintã	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Anseriformes			
Anhimidae			
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	anhuma	Pa	Oliveira, 2022
Anatidae			
<i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)	marreca-caneleira	Pa	Silva, 2020
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	irerê	Pa	Silva-Júnior, 2020
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	marreca-cabocla	Pa	Santos, 2020
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato	Pa	Silva, 2019
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	marreca-ananaí	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Mareca sibilatrix</i> (Poeppig, 1829)	marreca-oveira	Pa	Malacco, 2009
<i>Anas bahamensis</i> Linnaeus, 1758	marreca-toicinho	Pa	Malacco, 2020
<i>Netta erythrophthalma</i> (Wied, 1833)	paturi-preta	Pa	Silva, 2020
<i>Nomonyx dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	marreca-de-bico-roxo	Pa	Silva, 2020

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Galliformes			
Cracidae			
<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	jacupemba	Ds	Paludo, 2022
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	jacuguaçu	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	jacutinga	Da, Dm, Ds	Galetti et al., 1997a
Odontophoridae			
<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)	uru	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Podicipediformes			
Podicipedidae			
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão-pequeno	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Podilymbus podiceps</i> (Linnaeus, 1758)	mergulhão-caçador	Pa	Gonçalves, 2020
Columbiformes			
Columbidae			
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pomba-asa-branca	Ac, Ap, lu, Vs	Farrabrás, 2022
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega	Da, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	pomba-amargosa	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	pariri	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu	Dm, Ds, Vs	Caixeta, 2022
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemeadeira	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa	Ac, Ap, lu	Silva, 2020
Cuculiformes			
Cuculidae			
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci	Ac, Ap, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Dromococcyx pavoninus</i> Pelzeln, 1870	peixe-frito-pavonino	Dm, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Nyctibiiformes			
Nyctibiidae			
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	urutau	Dm, Ds, Vs	Malacco, 2020
Caprimulgiformes			
Caprimulgidae			
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	bacurau-ocelado	Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau	Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura	Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Hydropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	bacurau-tesourão	Dm, Vs	Willis & Oniki, 2003
Apodiformes			
Apodidae			
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	taperuçu-de-coleira-branca	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862	andorinhão-de-sobre-cinzento	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal	Ac, Ap, Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador	Ds	Willis & Oniki, 2003
Trochilidae			
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-preto	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	beija-flor-rajado	Da, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	rabo-branco-pequeno	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)	rabo-branco-de-garganta-rajada	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-bochecha-azul	Dm, Ds, Vs	Rocha, 2020
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta	Dm, Ds, Vs	Alves, 2020
<i>Lophornis chalybeus</i> (Temminck, 1821)	topetinho-verde	Dm, Ds, Vs	Souza, 2020
<i>Heliodoxa rubricauda</i> (Boddaert, 1783)	beija-flor-rubi	Dm, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	besourinho-de-bico-vermelho	lu, Vs	Mendes, 2020
<i>Thalurania glaucopis</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-fronte-violeta	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura	Iu, Vs	Souza, 2020
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-cinza	Dm, Ds, Iu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Chrysuronia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-banda-branca	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-de-papo-branco	Dm, Ds, Vs	Gonçalves, 2020
<i>Chionomesa fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde	Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Chionomesa lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul	Iu, Vs	Caixeta, 2022
<i>Chlorestes cyanus</i> (Vieillot, 1818)	beija-flor-roxo	Ds, Vs	Oliveira, 2020
Gruiformes			
Aramidae			
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão	Pa	Silva, 2020
Rallidae			
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul	Pa	Silva, 2020
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	sanã-parda	Pa	Silva, 2020
<i>Mustelirallus albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó	Pa	Willis & Oniki, 2003
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Amaurolimnas concolor</i> (Gosse, 1847)	saracura-lisa	Da, Pa	Willis & Oniki, 2003
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mato	Da, Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Gallinula galeata</i> (Lichtenstein, 1818)	galinha-d'água	Pa	Willis & Oniki, 1981
Charadriiformes			
Charadriidae			
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	batuiriçu	Pa	Malacco, 2020
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero	Ac, Ap, Iu, Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuíra-de-coleira	Pa	Malacco, 2020
Recurvirostridae			
<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	pernilongo-de-costas-brancas	Pa	Silva-Júnior, 2020
Scolopacidae			
<i>Gallinago paraguaiiae</i> (Vieillot, 1816)	narceja	Pa	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	pisa-n'água	Pa	Malacco, 2020
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado	Pa	Willis & Oniki, 2003
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-grande-de-perna-amarela	Pa	Malacco, 2020
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-perna-amarela	Pa	Malacco, 2020
Jacaniidae			
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	Pa	Silva, 2020
Ciconiiformes			
Ciconiidae			
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca	Pa	Silva, 2020
Suliformes			
Phalacrocoracidae			
<i>Nannopterum brasilianum</i> (Gmelin, 1789)	biguá	Pa	Willis & Oniki, 1981
Pelecaniformes			
Ardeidae			
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi	Pa	Silva, 2020
<i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)	socó-vermelho	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	socó-dorminhoco	Pa	Filho, 2013
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira	Ap	Oliveira, 2020
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura	Pa	Silva, 2020
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande	Pa	Santos, 2020
<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira	Ac, Ap	Silva, 2020
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real	Da, Pa	Silva, 2020
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena	Pa	Willis & Oniki, 2003
Threskiornithidae			
<i>Plegadis chihi</i> (Vieillot, 1817)	caraúna	Pa	Silva, 2020
<i>Phimosus infuscatus</i> (Lichtenstein, 1823)	tapicuru	Pa	Silva, 2020

Área de Proteção Ambiental de Cajati

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	curicaca	Ac, Ap, Pa	Filho, 2020
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro	Pa	Silva, 2020
Cathartiformes			
Cathartidae			
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-preto	Ac, Ap, Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	Ac, Ap, Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	Ac, Ap, Pa, Vs	Silva, 2020
Accipitriformes			
Pandionidae			
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora	Pa	Willis & Oniki, 2003
Accipitridae			
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira	Ac, Ap	Silva, 2020
<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1822)	gavião-caracoleiro	Da, Dm, Ds, Vs	Silva, 2020
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-gato	Dm, Ds	Gonçalves, 2020
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	uiraçu	Dm, Ds	Galetti et al., 1997b
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	Dm, Ds	Galetti et al., 1997b
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	gavião-pega-macaco	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato	Dm, Ds	Gonçalves, 2020
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro	Pa	Silva, 2020
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi	Dm, Ds, Vs	Laubé, 2021
<i>Microspizias superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	tauató-passarinho	Dm, Ds, Vs	Silva, 2020
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	tauató-pintado	Dm, Ds	Silva, 2020
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1808	tauató-miúdo	Dm, Ds, Vs	Silva, 2020
<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817)	gavião-bombachinha-grande	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo	Da, Dm, Ds, Vs	Mendes, 2019

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	gavião-caboclo	Ac, Ap, Vs	Oliveira, 2020
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	Dm, Ds, Vs	Pavão, 2022
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó	Ac, Ap, Da, Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Parabuteo leucorrhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	gavião-de-sobre-branco	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Geranoaetus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-de-rabo-branco	Ac, Ap, Vs	Messias, 2020
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)	gavião-pombo-grande	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta	Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
Strigiformes			
Tytonidae			
<i>Tyto furcata</i> (Temminck, 1827)	suindara	Ac, Ap, Vs	Silva, 2020
Strigidae			
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato	Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	corujinha-sapo	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	murucututu-de-barriga-amarela	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	coruja-listrada	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	caburé-miudinho	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé	Ds	Farrabrás, 2022
<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira	Ac, Ap	Júnior, 2020
Trogoniformes			
Trogonidae			
<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	surucuá-de-barriga-amarela	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817	surucuá-variado	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Trogon chrysochloros</i> Pelzeln, 1856	surucuá-dourado	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Coraciiformes			
Momotidae			
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	juruva	Dm, Ds	Silva, 2020
Alcedinidae			

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-da-mata	Da, Pa	Willis & Oniki, 1981
Galbuliformes			
Bucconidae			
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)	barbudo-rajado	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	macuru-de-barriga-castanha	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
Piciformes			
Ramphastidae			
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu	Vs	Silva, 2020
<i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823	tucano-de-bico-preto	Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766	tucano-de-bico-verde	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	araçari-poca	Dm, Ds	Silva, 2020
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	araçari-banana	Dm, Ds	Caixeta, 2022
Picidae			
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	picapauzinho-de-coleira	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	pica-pau-branco	Ac, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	benedito-de-testa-amarela	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	pica-pau-verde-carijó	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca	Dm, Ds, Vs	Caixeta, 2022
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-bufador	Ds	Caixeta, 2022
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	pica-pau-dourado	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo	Ac, Ap, lu	Willis & Oniki, 2003

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Falconiformes			
Falconidae			
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã	Vs	Caixeta, 2022
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	falcão-caburé	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	falcão-relógio	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracará	Ac, Ap, lu, Vs	Silva, 2020
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	quiriquiri	Ac, Ap, lu	Mendes, 2018
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	falcão-de-coleira	Ac, Ap, lu	Silva, 2020
Psittaciformes			
Psittacidae			
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	periquito-rico	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769)	cuiú-cuiú	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Tricharia malachitacea</i> (Spix, 1824)	sabiá-cica	Dm, Ds	Straube & Scherer-Neto, 1995
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca-verde	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	Dm, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-de-cara-roxa	Ds, Vs	Silva, 2020
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim	Ac, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817)	tiriba-de-testa-vermelha	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
Passeriformes			
Thamnophilidae			
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)	zidedê	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Rhopias gularis</i> (Spix, 1825)	choquinha-de-garganta-pintada	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	choquinha-de-peito-pintado	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> (Temminck, 1822)	chorozinho-de-asa-vermelha	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Hypoedaleus guttatus</i> (Vieillot, 1816)	chocão-carijó	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Batara cinerea</i> (Vieillot, 1819)	matracão	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	borralhara	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	papo-branco	Dm	Malacco, 2020
<i>Myrmoderus squamosus</i> (Pelzeln, 1868)	papa-formiga-de-grota	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Pyriglena leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	papa-taoca-do-sul	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Drymophila ferruginea</i> (Temminck, 1822)	dituí	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Drymophila rubricollis</i> (Bertoni, 1901)	choquinha-dublê	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Drymophila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)	choquinha-de-dorso-vermelho	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Drymophila malura</i> (Temminck, 1825)	choquinha-carijó	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Drymophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	pintadinho	Ds	Willis & Oniki, 2003
Conopophagidae			
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)	cuspidor-de-máscara-preta	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)	chupa-dente	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Grallariidae			
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)	tovacuçu	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
Rhinocryptidae			
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétries, 1835)	tapaculo-pintado	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	macuquinho	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
Formicariidae			
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	galinha-do-mato	Da, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Chamaeza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)	tovaca-campainha	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Chamaeza meruloides</i> Vigors, 1825	tovaca-cantadora	Dm, Ds	Silva, 2020
Scleruridae			
<i>Sclerurus scansor</i> (Ménétries, 1835)	vira-folha	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
Dendrocolaptidae			
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Dendrocincla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-liso	Dm, Ds	Benedetti, 2020
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825	arapaçu-grande	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-garganta-branca	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-rajado	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)	arapaçu-de-bico-torto	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-cerrado	Ac, Ap	Silva, 2020
<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	arapaçu-escamoso-do-sul	Dm	Willis & Oniki, 1981
Xenopidae			
<i>Xenops minutus</i> (Sparman, 1788)	bico-virado-miúdo	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Furnariidae			
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	casaca-de-couro-da-lama	Pa	Silva, 2020
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro	Ac, Ap, lu	Willis & Oniki, 2003
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)	joão-porca	Da	Willis & Oniki, 1981
<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)	trepador-coleira	Dm, Ds	Elias, 2016
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i> (Jardine & Selby, 1830)	trepador-sobrancelha	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Heliobletus contaminatus</i> Pelzeln, 1859	trepadorzinho	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	limpa-folha-coroado	Dm, Ds	Silva, 2020
<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	limpa-folha-miúdo	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Anabacerthia lichtensteini</i> (Cabanis & Heine, 1859)	limpa-folha-ocráceo	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (Lafresnaye, 1832)	trepador-quiete	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Dendroma rufa</i> (Vieillot, 1818)	limpa-folha-de-testa-baia	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	barraqueiro-de-olho-branco	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	arredio-pálido	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié	Pa	Willis & Oniki, 2003
<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819	pichororé	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	joão-teneném	Vs	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Pipridae			
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	tangarazinho	Dm, Ds	Caixeta, 2022
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	tangará	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	rendeira	Da, Ds	Willis & Oniki, 2003
Cotingidae			
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	corocoxó	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	sabiá-pimenta	Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)	pavó	Dm, Ds	Silva, 2018
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	tropeiro-da-serra	Dm, Ds	Hasui et al., 2017
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	araponga	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Tityridae			
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	flautim	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	anambé-branco-de-bochecha-parda	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	caneleiro	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-chapéu-preto	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Oxyruncidae			
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821	araponga-do-horto	Dm, Ds	Pavão, 2022
Onychorhynchidae			
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	maria-leque-do-sudeste	Da, Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	assanhadinho	Da, Ds	Willis & Oniki, 2003
Platyrinchidae			
<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	patinho	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
Rhynchocyclidae			
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846	abre-asa-de-cabeça-cinza	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)	borboletinha-do-mato	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	maria-da-restinga	Ds	Silva, 2020
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	não-pode-parar	Ds	Hasui et al., 2017
<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Sclater, 1887)	papa-moscas-de-olheiras	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	maria-pequena	Dm, Ds	ZUEC
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	teque-teque	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio	Ac, Ap, lu, Vs	Gonçalves, 2020
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)	tororó	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	miudinho	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	olho-falso	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	tiririzinho-do-mato	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	tachuri-campainha	Dm, Ds, Vs	Igual, 2017
Tyrannidae			
<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela	Ac, Ap, lu, Vs	Gonçalves, 2020
<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	tucão	Da, Dm, Ds, Vs	Kawall, 2005
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	guaracava-cinzenta	Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	piolhinho	Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)	joão-pobre	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	capitão-castanho	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	capitão-de-saíra	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Legatus leucophaius</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira	Vs	Thompson, 2016
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	gritador	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro	Ac, Ap, lu, Vs	Gonçalves, 2020
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Stadius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Tyrannus savana</i> Daudin, 1802	tesourinha	Ac, Ap, lu, Vs	Souza, 2021
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bem-te-vi-pequeno	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha	Pa	Willis & Oniki, 1981
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada	Pa	Pariz, 2014
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe	Ac, Ap	Hingst-Zaher, 2017
<i>Muscipira vetula</i> (Lichtenstein, 1823)	tesoura-cinzenta	Dm, Vs	Quirino, 2021
<i>Myiophobus fasciatus</i> (Stadius Muller, 1776)	filipe	Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	papa-moscas-cinzento	Dm, Ds, Vs	Caixeta, 2022
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-pequeno	Ac, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	noivinha-branca	Ac, Ap	Silva, 2019
Vireonidae			
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822	verdinho-coroado	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	juruviana	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
Corvidae			
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	gralha-azul	Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	gralha-do-campo	Ac, Ap, lu, Vs	Silva, 2018
Hirundinidae			
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora	Ac, Ap, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Progne tapera</i> (Linnaeus, 1766)	andorinha-do-campo	Ac, Ap, lu, Vs	Mendes, 2017
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-grande	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio	Pa	Benedetti, 2020
<i>Tachycineta leucorroha</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-de-sobre-branco	Ac, Ap	Willis & Oniki, 2003
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando	Pa	Willis & Oniki, 1981
Troglodytidae			
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Cantorchilus longirostris</i> (Vieillot, 1819)	garrinchão-de-bico-grande	Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
Poliopitilidae			
<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	chirito	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
Turdidae			
<i>Turdus flavipes</i> Vieillot, 1818	sabiá-una	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco	Ac, lu, Vs	Caixeta, 2022
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	sabiá-laranjeira	Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca	Ac, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	sabiá-coleira	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
Mimidae			
<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo	Ac, Ap, lu	Mendes, 2018
Estrildidae			
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre	Ac, Ap, lu	Oliveira, 2020
Passeridae			
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal	lu	Willis & Oniki, 2003
Motacillidae			

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Anthus chii</i> Vieillot, 1818	camineiro-zumbidor	Ac, Ap	Silva, 2019
Fringillidae			
<i>Spinus magellanicus</i> (Vieillot, 1805)	pintassilgo	Ac, Ap, Vs	Caetano, 2020
<i>Cyanophonia cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)	gaturamo-rei	Dm, Vs	Todeschini, 2018
<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	cais-cais	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	ferro-velho	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
Passerellidae			
<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1838	tico-tico-do-mato	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico	Ac, Ap, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
Icteridae			
<i>Leistes superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	polícia-inglesa-do-sul	Ac, Ap	Farrabrás, 2022
<i>Cacicus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)	tecelão	Dm	Willis & Oniki, 2003
<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	guaxe	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	encontro	Vs	Silva, 2019
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	chupim	Ac, Ap, lu	Willis & Oniki, 2003
<i>Agelaioides badius</i> (Vieillot, 1819)	asa-de-telha	Ac, Ap	Silva, 2020
<i>Agelasticus atroolivaceus</i> (Wied-Neuwied, 1831)	carretão	Pa	Malacco, 2020
<i>Pseudoleistes guirahuro</i> (Vieillot, 1819)	chupim-do-brejo	Pa	Júnior, 2020
Parulidae			
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra	Pa, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Setophaga pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Myiothlypis leucoblephara</i> (Vieillot, 1817)	pula-pula-assobiador	Dm, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Myiothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)	pula-pula-ribeirinho	Da, Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
Mitrospingidae			
<i>Orthogonys chloricterus</i> (Vieillot, 1819)	catirumbava	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Cardinalidae			
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-de-bando	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Cyanoloxia glaucocaeerulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	azulinho	Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão	Vs	Silva, 2019
Thraupidae			
<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	sanhaço-pardo	Dm	Willis & Oniki, 1981
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	saí-verde	Ds	Silva, 2019
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	saíra-ferrugem	Dm, Ds	Willis & Oniki, 1981
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor	Vs	Silva, 2021
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	saí-de-pernas-pretas	Dm, Ds, Vs	Mendes, 2017
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	bico-de-pimenta	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica	Ac, Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu	Ac, Ap	Willis & Oniki, 1981
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)	tiê-de-topete	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Loriotus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-galo	Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Ramphocelus bresilia</i> (Linnaeus, 1766)	tiê-sangue	Ds, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho	Ac, Ap	Willis & Oniki, 2003
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pixoxó	Dm, Ds	Quirino, 2021
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	cigarrinha-do-sul	Dm, Ds	Gonçalves 2020
<i>Sporophila collaris</i> (Boddaert, 1783)	coleiro-do-brejo	Pa	Silva, 2019
<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho	Ac, Ap, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió	Vs	Caixeta, 2022
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saí-canário	Vs	Silva, 2019

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra	Ac, Ap, Vs	Pavanelli, 2013
<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	cigarra-bambu	Dm, Ds	Willis & Oniki, 2003
<i>Pipraeidea melanonota</i> (Vieillot, 1819)	saíra-viúva	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)	sanhaço-frade	Dm, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	tietinga	Dm, Ds	Sassim, 2020
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaço-cinzento	Ac, Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Thraupis cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)	sanhaço-de-encontro-azul	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1821)	sanhaço-do-coqueiro	Ac, Dm, Ds, lu, Vs	Willis & Oniki, 2003
<i>Thraupis ornata</i> (Sparrman, 1789)	sanhaço-de-encontro-amarelo	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Stilpnia preciosa</i> (Cabanis, 1850)	saíra-preciosa	Vs	Silva, 2019
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	saíra-sete-cores	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Tangara cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)	saíra-militar	Dm, Ds, Vs	Willis & Oniki, 1981
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	saíra-lagarta	Dm, Vs	Hasui et al., 2017
Reptilia			
Squamata			
Leiosauridae			
<i>Enyalius iheringii</i> Boulenger, 1885	camaleão	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Gymnophthalmidae			
<i>Colobodactylus taunayi</i> (Amaral, 1933)	lagartinho	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
Teiidae			
<i>Salvator merianae</i> Duméril & Bibron, 1839	teiú	Dm, Ds, Vs	Aguiar-de-Domenico, 2008
Amphisbaenidae			
<i>Leposternon microcephalum</i> Wagler, 1824	cobra-de-duas-cabeças	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Colubridae			
<i>Chironius bicarinatus</i> (Wied, 1820)	cobra-cipó	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Chironius exoletus</i> (Linnaeus, 1758)	cobra-cipó	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Chironius foveatus</i> Bailey, 1955	cobra-cipó	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Chironius fuscus</i> (Linnaeus, 1758)	cobra-cipó	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Chironius laevicollis</i> (Wied, 1824)	cobra-cipó	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)	caninana	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Dipsadidae			
<i>Atractus zebrinus</i> (Jan, 1862)	cobra	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Dipsas indica</i> Laurenti, 1768	dormideira	Ds	Nogueira et al., 2019
<i>Dipsas neuwiedi</i> (Ihering, 1911)	dormideira	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Dipsas variegata</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	dormideira	Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Imantodes cenchoa</i> (Linnaeus, 1758)	dormideira	Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Caaeteboia amarali</i> (Wettstein, 1930)	cobra	Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Echianthera cephalostriata</i> Di-Bernardo, 1996	cobra	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Echianthera cyanopleura</i> (Cope, 1885)	cobra	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Sordellina punctata</i> (Peters, 1880)	cobra-d'água	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Helicops carinicaudus</i> (Wied, 1825)	cobra-d'água	Da, Pa	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Oxyrhopus clathratus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	falsa-coral	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Tomodon dorsatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	cobra-espada	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Tropidodryas serra</i> (Schlegel, 1837)	jararaquinha	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Erythrolamprus aesculapii</i> (Linnaeus, 1758)	falsa-coral	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Erythrolamprus miliaris</i> (Cope, 1868)	cobra-d'água	Da, Pa	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Xenodon neuwiedii</i> Günther, 1863	boipeva	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Cercophis auratus</i> (Schlegel 1837)	cobra	Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Elapidae			
<i>Micrurus corallinus</i> (Merrem, 1820)	coral-verdadeira	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Viperidae			
<i>Bothrops jararaca</i> (Wied, 1824)	jararaca	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Bothrops jararacussu</i> Lacerda, 1884	jararacuçu	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Mammalia			

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Didelphimorphia			
Didelphidae			
<i>Didelphis aurita</i> (Wied-Neuwied, 1826)	gambá-de-orelha-preta	Dm, Ds, Vs	Galetti et al., 2017
Cingulata			
Dasyopodidae			
<i>Dasyopus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758	tatu-galinha	Dm, Ds, Vs	Galetti et al., 2017
Chlamyphoridae			
<i>Cabassous tatouay</i> (Desmarest, 1804)	tatu-de-rabo-mole	Dm	Galetti et al., 2017
Pilosa			
Bradyopodidae			
<i>Bradypus variegatus</i> Schinz, 1825	preguiça	Ds	Artéris, 2018
Myrmecophagidae			
<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	tamanduá-mirim	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Primates			
Atelidae			
<i>Alouatta guariba</i> (Humboldt, 1812)	bugio-ruivo	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Brachyteles arachnoides</i> (É. Geoffroy St.-Hilaire, 1806)	muriqui-do-sul	Dm, Ds	Martuscelli et al., 1994
Cebidae			
<i>Sapajus nigritus</i> (Goldfuss, 1809)	macaco-prego	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Lagomorpha			
Leporidae			
<i>Sylvilagus minensis</i> Thomas, 1901	tapeti	Dm, Ds, Vs	Galetti et al., 2017
Rodentia			
Caviidae			
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	capivara	Da, Pa	Galetti et al., 2017
Cuniculidae Miller & Gidley, 1918			
<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	paca	Da, Dm, Ds	Galetti et al., 2017

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Dasyproctidae			
<i>Dasyprocta aff. leporina</i> (Linnaeus, 1758)	cutia	Ds	Galetti et al., 2017
Erethizontidae Bonaparte, 1845			
<i>Coendou spinosus</i> (Cuvier, 1823)	ouriço-cacheiro	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Cricetidae			
<i>Abrawayaomys ruschii</i> Cunha & Cruz, 1979	rato-do-mato	Dm	Percequillo et al., 2017
Sciuridae			
<i>Guerlinguetus brasiliensis</i> (Gmelin, 1788)	serelepe	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Chiroptera			
Emballonuridae			
<i>Peropteryx macrotis</i> (Wagner, 1843)	morcego-narigudo	Dm, Ds	Garbino, 2016
Phyllostomidae			
<i>Carollia perspicillata</i> (Linnaeus, 1758)	morcego	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Diphylla ecaudata</i> Spix, 1823	morcego-vampiro-de-perna-peluda	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Anoura caudifer</i> (É. Geoffroy St.-Hilaire, 1818)	morcego	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Anoura geoffroyi</i> Gray, 1838	morcego	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Chrotopterus auritus</i> (Peters, 1856)	morcego-lanoso	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Artibeus fimbriatus</i> Gray, 1838	morcego-das-frutas	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Artibeus lituratus</i> (Olfers, 1818)	morcego-das-frutas	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Artibeus planirostris</i> (Spix, 1823)	morcego-das-frutas	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Platyrrhinus lineatus</i> (É. Geoffroy St.-Hilaire, 1810)	morcego	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Sturnira lilium</i> (É. Geoffroy St.-Hilaire, 1810)	morcego	Dm, Ds	Garbino, 2016
<i>Sturnira tildae</i> de la Torre, 1959	morcego	Dm, Ds	Garbino, 2016
Carnivora			
Canidae			
<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	cachorro-do-mato	Dm, Ds, Vs	Galetti et al., 2017
Mustelidae			

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758)	irara	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782)	furão	Dm, Ds, Vs	Galetti et al., 2017
<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	lontra	Da, Pa	Galetti et al., 2017
Procyonidae			
<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	quati	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Procyon cancrivorus</i> Cuvier, 1798	mão-pelada	Da, Pa	Galetti et al., 2017
Felidae			
<i>Herpailurus yagouaroundi</i> (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803)	gato-mourisco	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	onça-parda	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Leopardus guttulus</i> (Hensel, 1872)	gato-do-mato	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	jaguarica	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	gato-maracajá	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	onça-pintada	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Perissodactyla			
Tapiridae			
<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	anta	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Artiodactyla			
Tayassuidae			
<i>Dicotyles tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	cateto	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)	queixada	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Cervidae			
<i>Mazama gouazoubira</i> (Fischer, 1814)	veado-catingueiro	Dm, Ds, Vs	Galetti et al., 2017
<i>Mazama jucunda</i> Thomas, 1913	veado-mateiro-pequeno	Dm, Ds	Galetti et al., 2017
Amphibia			
Anura			
Brachycephalidae			
<i>Brachycephalus sulfuratus</i> Condez et al., 2016	sapo-pulga	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Brachycephalus tridactylus</i> Garey et al., 2012	pingo-de-ouro	Dm	Bornschein et al., 2021
<i>Ischnocnema</i> aff. <i>guentheri</i> (Steindachner, 1864)	rãzinha-do-folhiço	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
Bufonidae			
<i>Dendrophryniscus</i> aff. <i>imitator</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	sapinho-do-gravatá	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Rhinella icterica</i> (Spix, 1824)	sapo-cururu	Dm, Ds, Vs	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Rhinella ornata</i> (Spix, 1824)	sapo-cururuzinho	Dm, Ds, Vs	Aguiar-de-Domenico, 2008
Cycloramphidae			
<i>Cycloramphus acangatan</i> Verdade & Rodrigues, 2003	sapinho-do-folhiço	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
Hylidae			
<i>Aplastodiscus albosignatus</i> (A.Lutz & B.Lutz, 1938)	perereca-flautinha	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Boana bischoffi</i> (Boulenger, 1887)	perereca	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Boana faber</i> (Wied-Neuwied, 1821)	sapo-ferreiro	Dm, Ds, Pa	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Boana semilineata</i> (Spix, 1824)	perereca	Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Bokermannohyla circumdata</i> (Cope, 1871)	perereca	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Dendropsophus elegans</i> (Wied-Neuwied, 1824)	pererequinha-de-colete	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Dendropsophus microps</i> (Peter, 1872)	pererequinha-do-brejo	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872)	pererequinha-do-brejo	Pa	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Dendropsophus werneri</i> (Cochran, 1952)	pererequinha-do-brejo	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Trachycephalus mesophaeus</i> (Hensel, 1867)	perereca-grudenta	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Scinax imbegue</i> Nunes, Kwet & Pombal, 2012	perereca	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Scinax perereca</i> Pombal, Haddad & Kasahara, 1995	perereca	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Scinax rizibilis</i> (Bokermann, 1964)	perereca-rizadinha	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Sphaenorhynchus caramaschii</i> Toledo et al., 2007	perereca-limão	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
Leptodactylidae			
<i>Physalaemus lateristriga</i> (Steindachner, 1864)	rã-bugio	Dm	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Physalaemus spiniger</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	rãzinha-do-folhiço	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Adenomera marmorata</i> Steindachner, 1867	rãzinha-do-folhiço	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Leptodactylus notoaktites</i> Heyer, 1978	rãzinha-pingo-de-chuva	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
<i>Leptodactylus paranaru</i> Magalhães et al., 2020	rã-manteiga	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Microhylidae			
<i>Chiasmocleis leucosticta</i> (Boulenger, 1888)	rãzinha-da-mata	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Odontophrynidae			
<i>Proceratophrys boiei</i> (Wied-Neuwied, 1824)	sapo-de-chifre	Dm, Ds	Aguiar-de-Domenico, 2008
Actinopteri			
Characiformes			
Characidae			
<i>Astyanax laticeps</i> (Cope, 1894)	lambari	Riachos e Rios	Donin et al., 2020
<i>Deuterodon iguape</i> Eigenmann, 1907	lambari	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Deuterodon ribeirae</i> (Eigenmann, 1911)	lambari	Riachos e Rios Pa	Oyakawa et al., 2006
<i>Deuterodon oyakawai</i> (Santos & Castro, 2014)	lambari	Riachos	Santos & Castro, 2014
<i>Bryconamericus microcephalus</i> (Miranda Ribeiro, 1908)	lambari	Riachos e Rios	Oyakawa et al., 2006
<i>Mimagoniates microlepis</i> Steindachner, 1877	lambari-azul	Riachos	Oyakawa et al., 2006
Crenuchidae			
<i>Characidium lanei</i> Travassos, 1967	mocinha	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Characidium lauroi</i> Travassos, 1949	mocinha	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Characidium pterostictum</i> Gomes, 1947	mocinha	Riachos	Oyakawa et al., 2006
Erythrinidae			
<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	traíra	Rios e Açudes	Oyakawa et al., 2006
Siluriformes			
Callichthyidae			
<i>Scleromystax barbatus</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	andrezinho	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Scleromystax prionotos</i> (Nijssen & Isbrücker, 1980)	corredora-listrada	Riachos	Oyakawa et al., 2006
Heptapteridae			
<i>Chasmocranus lopezi</i> Miranda Ribeiro, 1968	nhundiá-vareta	Riachos	Oyakawa et al., 2006

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
<i>Pimelodella transitoria</i> Miranda Ribeiro, 1907	mandi-tinga	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Rhamdia quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	jundiá	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006
Loricariidae			
<i>Hisonotus leucofrenatus</i> (Miranda Ribeiro, 1908)	casquinho	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Lampiella gibbosa</i> (Miranda Ribeiro, 1908)	pituva	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Parotocinclus maculicauda</i> (Steindachner, 1877)	casquinho	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Pseudotothyris obtusa</i> (Miranda Ribeiro, 1918)	casquinho	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Schizolecis guntheri</i> (Miranda Ribeiro, 1918)	casquinho	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Ancistrus multispinis</i> (Regan, 1912)	barbudinho	Riachos	Donin et al., 2020
<i>Hypostomus interruptus</i> (Miranda Ribeiro, 1918)	casquido	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Hypostomus tapijara</i> Oyakawa, Akama & Zanata, 2005	tapijara	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Harttia kronei</i> Miranda Ribeiro, 1908	bituva	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Rineloricaria kronei</i> (Miranda Ribeiro), 1911	pito	Rios e Riachos	Donin et al., 2020
<i>Kronichthys lacerta</i> (Nichols, 1919)	mãe-do-anhá	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Kronichthys subteres</i> Miranda Ribeiro, 1908	mãe-do-anhá	Riachos	Oyakawa et al., 2006
Pseudopimelodidae			
<i>Microglanis cottoides</i> (Boulenger, 1891)	bagrinho	Riachos	Oyakawa et al., 2006
Trichomycteridae			
<i>Microcambeva ribeirae</i> Costa, Lima & Bizerril, 2004	cambeva	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Cambeva davisii</i> (Haseman, 1911)	cambeva	Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Trichomycterus alternatus</i> (Eigenmann, 1917)	cambeva	Riachos	Donin et al., 2020
<i>Trichomycterus jacupiranga</i> Wosiacki & Oyakawa, 2005	cambeva	Riachos	Wosiacki & Oyakawa, 2005
<i>Trichomycterus lauryi</i> Donin, Ferrer & Carvalho, 2020	cambeva	Riachos	Donin et al., 2020
Gymnotiformes			
Gymnotidae			
<i>Gymnotus carapo</i> Linnaeus, 1758	tuvira	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006
Cyprinodontiformes			

Táxon	Nome Popular	Fitofisionomias	Referência
Poeciliidae			
<i>Phalloceros harpagos</i> Lucinda, 2008	guaru	Riachos	Oyakawa et al., 2006
Synbranchiformes			
Synbranchidae			
<i>Synbranchus marmoratus</i> Bloch, 1795	muçum	Rios e Açudes	Oyakawa et al., 2006
Cichliformes			
Cichlidae			
<i>Crenicichla iguapina</i> Kullander & Lucena, 2006	joaninha	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006
<i>Geophagus iporangensis</i> Haseman, 1911	cará	Rios e Riachos	Oyakawa et al., 2006

APÊNDICE 2.2.B Espécies de aves que se reproduzem no Parque Estadual do Rio Turvo e entorno, mas migram para o norte em meados de abril e retornam à área a partir de meados de agosto.

Espécie	Nome Popular
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	urutau
<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	gavião-bombachinha
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-de-chapéu-preto
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	capitão-castanho
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Stadius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado
<i>Tyrannus savana</i> Daudin, 1802	tesourinha
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peítica
<i>Vireo chivi</i> (Vieillot, 1817)	juruviara
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-grande
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho

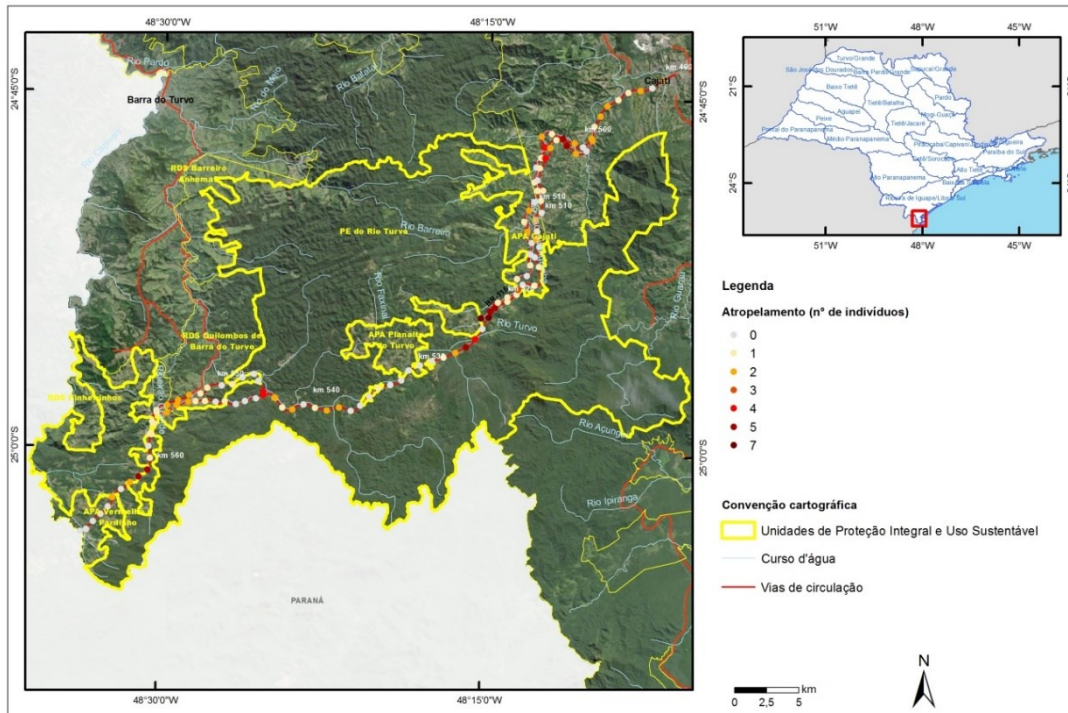
APÊNDICE 2.2.C Espécies de aves migratórias que se reproduzem na América do Norte registradas no Parque Estadual do Rio Turvo e entorno.

Espécie	Nome Popular
<i>Pluvialis dominica</i> (Stadius Muller, 1776)	batuiriçu
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	pisa-n'água
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-grande-de-perna-amarela
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-perna-amarela
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando

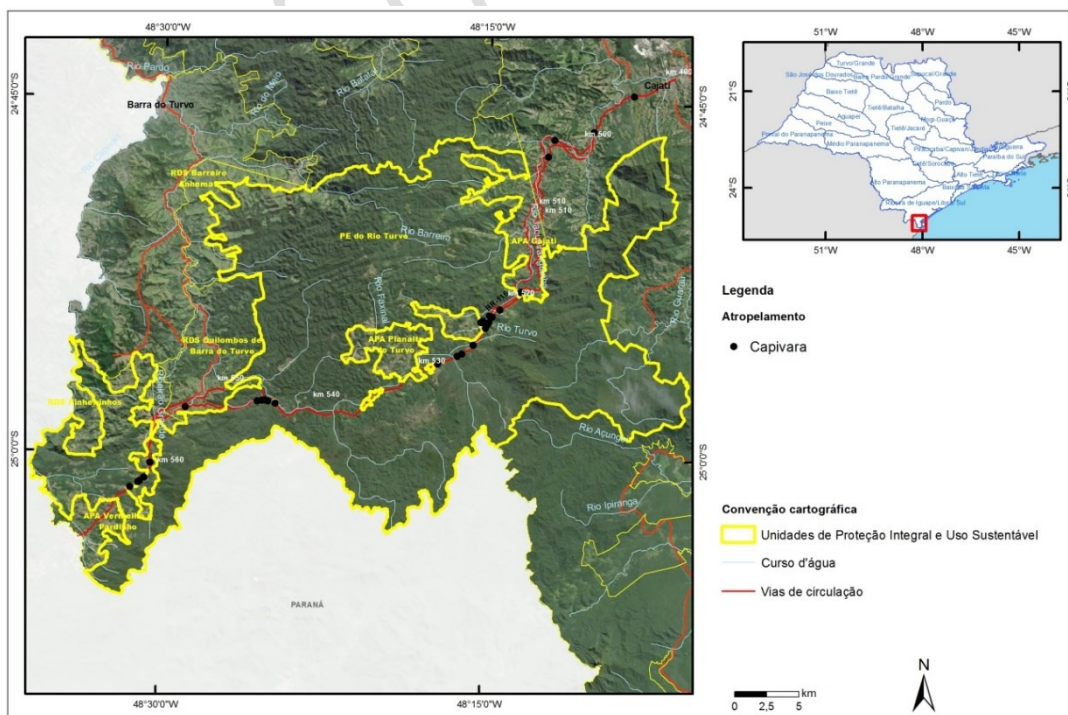
APÊNDICE 2.2.D Espécies de vertebrados ameaçadas de extinção registradas no Parque Estadual do Rio do Turvo e entorno. Categorias de ameaça: Criticamente em Perigo de Extinção (CR); Em Perigo (EN); Vulnerável (VU) e RE = Regionalmente Extinta.

Espécie	Nome Popular	São Paulo	Brasil	IUCN
<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	macuco	VU		
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	jaó-do-sul	EN		
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	jacutinga	CR	EN	EN
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	uiraçu	CR	VU	
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	RE	VU	VU
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato	EN		
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	tauató-pintado	VU		
<i>Amadonastur lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	VU	VU	VU
<i>Pseudastur polionotus</i> (Kaup, 1847)	gavião-pombo-grande	VU		
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	araçari-poca	VU		
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	araçari-banana	VU		
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	CR	VU	EN
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-de-cara-roxa	VU		
<i>Biatas nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	papo-branco	VU		VU
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	sabiá-pimenta	VU		VU
<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	tropeiro-da-serra	VU		
<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	maria-leque-do-sudeste	VU	VU	VU
<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	maria-da-restinga	VU		
<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	não-pode-parar	VU		
<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pixoxó	EN	VU	VU
<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	cigarrinha-do-sul	EN	VU	VU
<i>Alouatta guariba</i> (Humboldt, 1812)	bugio-ruivo	EN	VU	VU
<i>Brachyteles arachnoides</i> (É. Geoffroy St.-Hilaire, 1806)	muriqui-do-sul	EN	EN	CR
<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	lontra	VU		
<i>Herpailurus yagouaroundi</i> (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803)	gato-mourisco		VU	
<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	onça-parda	VU		
<i>Leopardus guttulus</i> (Hensel, 1872)	gato-do-mato	VU	VU	VU
<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	jaguaritica	VU		
<i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	gato-maracajá	EN	VU	
<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	onça-pintada	CR	VU	
<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	anta	EN	VU	VU
<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)	queixada	EN	VU	VU
<i>Mazama juncunda</i> Thomas, 1913	veado-mateiro-pequeno	VU		VU

APÊNDICE 2.2.H. Pontos de registros de atropelamentos de animais silvestres no Parque Estadual do Rio Turvo e seu entorno, no período de 2018 a 2020.



APÊNDICE 2.2.I Pontos de registros de atropelamentos de capivaras *Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766) no Parque Estadual do Rio Turvo e seu entorno, no período de 2018 a 2020.



ANEXO III – MEIO FÍSICO

3.1. Geologia

Em elaboração

3.2. Geomorfologia

Apêndice 3.2.A Materiais e métodos

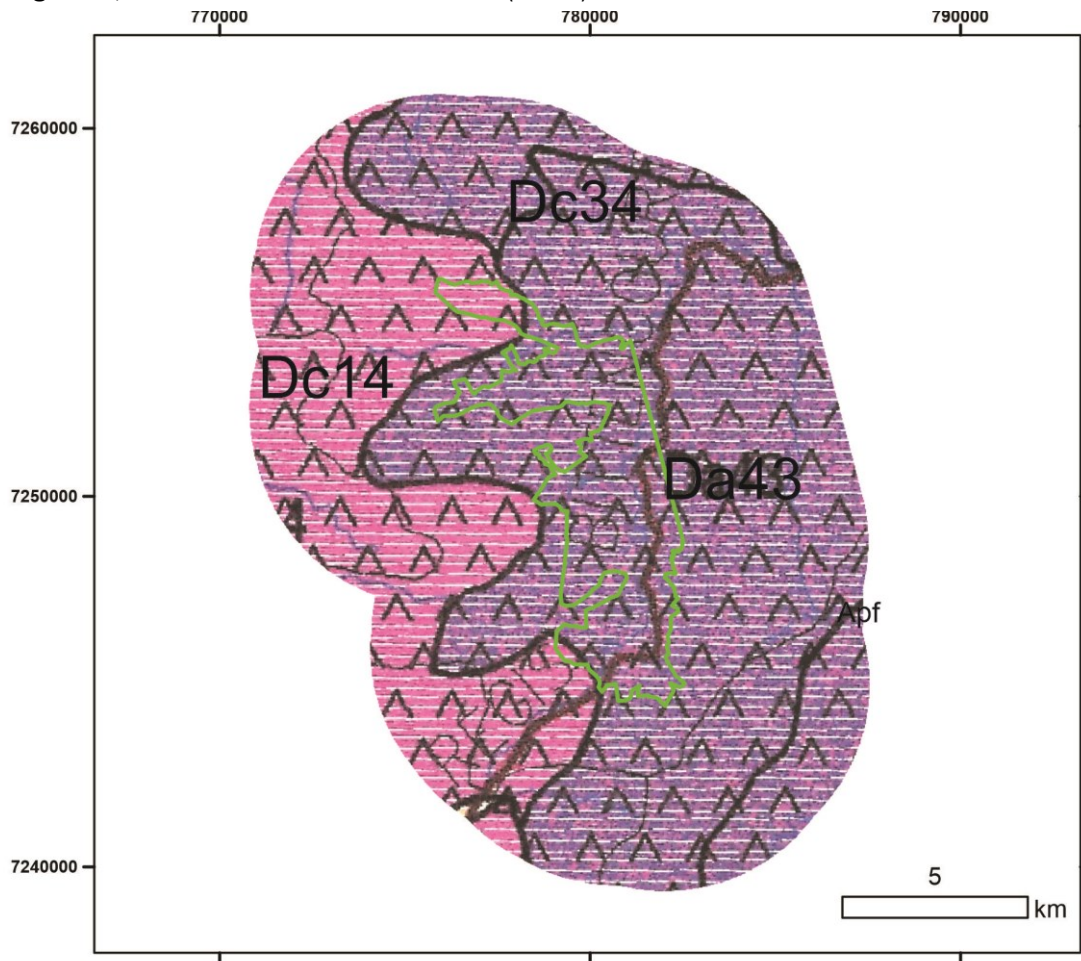
Com o objetivo de obter informações sobre a geomorfologia da APA Cajati, foi realizado um controle cartográfico das unidades e estruturas através de interpretação, estudos anteriores e imagens de satélite. O estudo envolveu o levantamento baseado na bibliografia existente, técnicas de geoprocessamento, uso de imagens de satélite e de folhas topográficas.

Na área de estudo existem mapas em escala de 1:500.000 (ROSS & MOROZ 1997; ROSS 2002) e 1:50.000 (RAMALHO & HAUSEN 1974). Todas as bases disponíveis foram compiladas para compor um mapa regional.

Foram utilizados produtos de sensoriamento remoto e geradas cartas temáticas utilizando Sistema de Informação Geográfica (SIG). Foram utilizados Modelos Digitais de Terreno (MDTs) confeccionados à partir de dados brutos das imagens de radar, de resolução de aproximadamente 90 m, do projeto SRTM (2004; em inglês Shuttle Radar Topographic Mission).

O projeto SRTM foi realizado pelas agências americanas NIMA (National Imagery and Mapping Agency), NASA (National Aeronautics and Space Administration), DOD (Departamento de Defesa) dos Estados Unidos e das agências espaciais da Alemanha e da Itália, disponíveis no sítio <http://srtm.usgs.gov>. Para o geoprocessamento das imagens foi utilizado o datum e o elipsóide de referência SAD69, com dados de altitude em metros inteiros, e nenhuma edição foi aplicada sobre os dados. Os MDTs foram gerados com todos os pontos obtidos utilizando o método TIN (triangular irregular network) (PEUKER et al. 1978; BURROUGH & MCDONNELL 2000). Também se utilizaram cartas topográficas do IBGE em escala 1:250.000.

APÊNDICE 3.2.B – Unidades geomorfológicas que ocorrem na APA Cajati e sua área de abrangência, baseado em ROSS & MOROZ (1997).



Legenda

Cinturão Orogênico do Atlântico

Planalto Atlântico

9- Planalto do Ribeira/Turvo - Morros Altos



Da43 - formas muito dissecadas, com vales entalhados associados a vales pouco entalhados, com alta densidade de drenagem. Áreas sujeitas a processos erosivos agressivos e probabilidade de ocorrência de movimentos de massa e erosão linear com voçorocas.



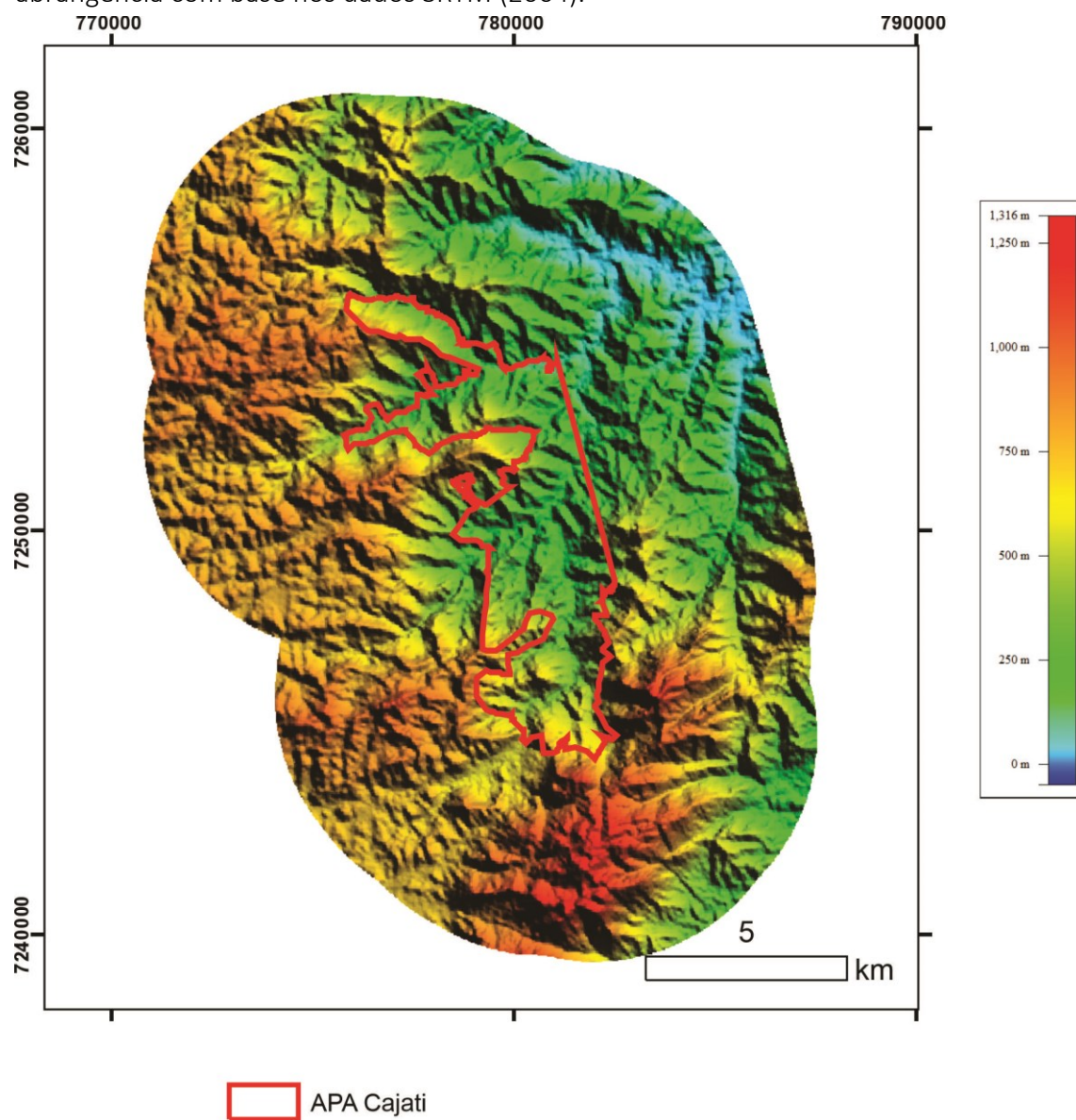
800-900m

Dc14- formas muito dissecadas, com vales entalhados associados a vales pouco entalhados, com alta densidade de drenagem. Áreas sujeitas a processos erosivos agressivos, com probabilidade de ocorrência de movimentos de massa e erosão linear com voçorocas.

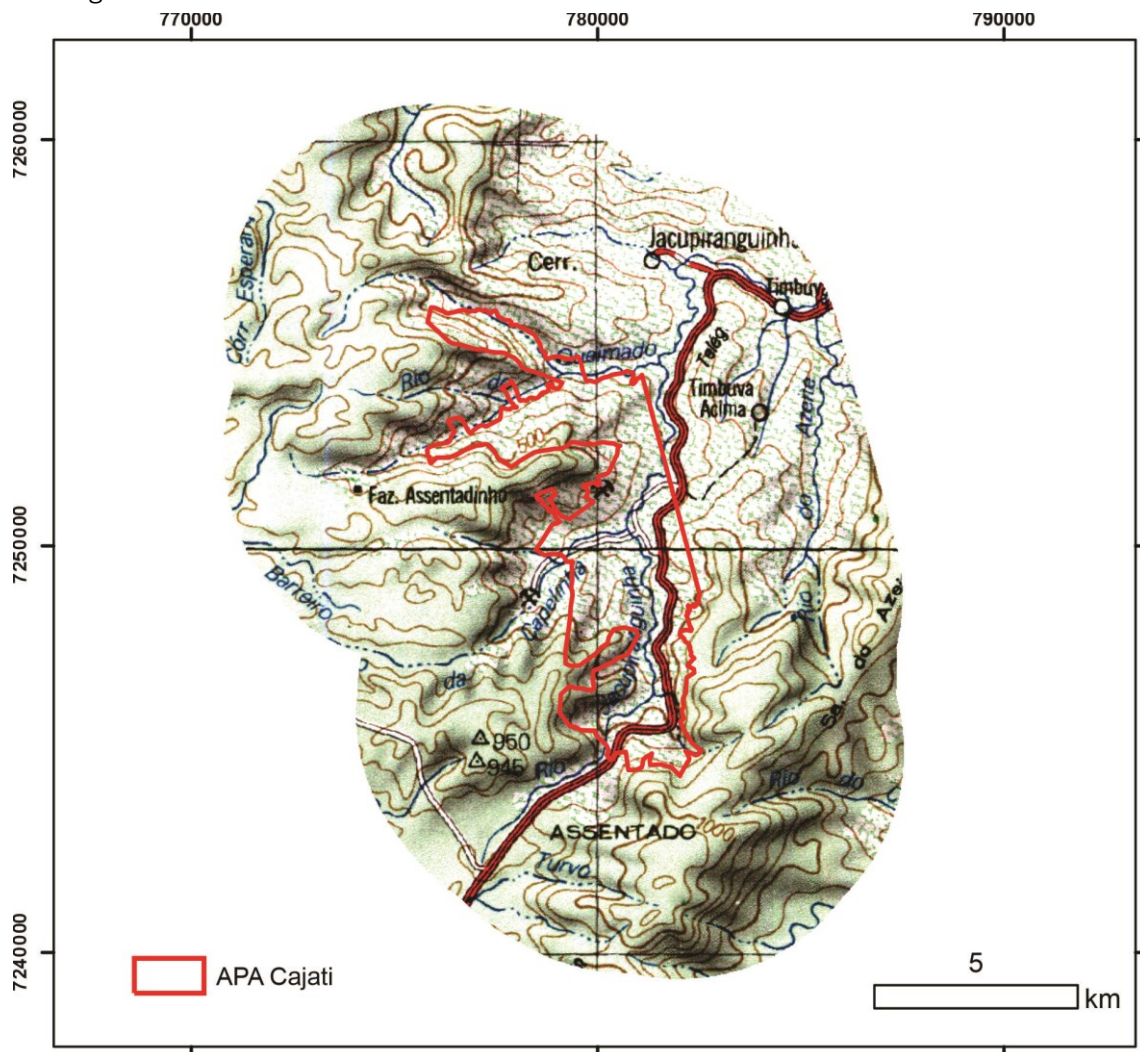
Da - Formas de topos aguçados
Dc - Formas de topos convexos

 APA Cajati

APÊNDICE 3.2.C – Modelo Digital de Terreno (MDTs) da APA Cajati e sua área de abrangência com base nos dados SRTM (2004).



APÊNDICE 3.2.D – Mapa topográfico (IBGE – 1:250.000) área da APA Cajati e sua área de abrangência.



3.5. Recursos Hídricos Subterrâneos

APÊNDICE 3.4.A. Metodologia

A caracterização dos recursos hídricos subterrâneos foi realizada a partir de levantamento bibliográfico e consulta a bancos de dados com livre acesso, disponíveis nos sites de órgãos de governo ou instituições de pesquisa. O levantamento de dados de poços foi realizado pela empresa AmbGis, contratada pela Fundação Florestal para dar apoio na elaboração do plano de manejo, que se baseou em informações obtidas no DAEE, em seu escritório em São Paulo, na CPRM/Siagas, na SABESP, nas prefeituras de Iporanga, Eldorado, Barra do Turvo e Cajati, em empresas de perfuração que atuam na região, complementado com levantamento de campo.

Baseado na compilação desses dados, o diagnóstico permitiu identificar os principais aquíferos explorados e realizar uma análise regional da situação em relação à qualidade, quantidade e principais usos da água subterrânea na região onde se localiza a Unidade de Conservação (UC).

Os principais trabalhos e bancos de dados de referência consultados e os parâmetros e indicadores ambientais utilizados para caracterização das águas subterrâneas estão relacionados a seguir.

Descrição dos Aquíferos

Primeiramente foi realizada a identificação e caracterização dos principais aquíferos que ocorrem na região onde se insere a UC. Dentre as referências bibliográficas consultadas destacam-se: i) Mapa de Águas Subterrâneas do Estado de São Paulo (DAEE/IPT/IG/CPRM 2005); ii) Águas Subterrâneas no Estado de São Paulo – Diretrizes de utilização e proteção (DAEE/UNESP, 2013); iii) Resultados parciais de projeto de pesquisa (IG, 2004); iv) Mapa de zoneamento da vulnerabilidade natural dos aquíferos da UGRHI-11 (SIG-RB, 2016); v) trabalhos técnico-científicos específicos. Quando disponíveis informações construtivas/litológicas dos poços, avaliou-se a forma de ocorrência, composição litológica e espessura dos aquíferos.

Aspectos Quantitativos

A informação sobre a potencialidade hídrica foi extraída de DAEE/IG/IPT/CPRM (2005), que estabeleceu as vazões exploráveis recomendadas dos aquíferos sedimentares como “aquela que pode ser extraída de forma sustentável por longos períodos e com rebaixamentos moderados da espessura saturada”. Para os aquíferos fraturados, a vazão explorável corresponde à vazão provável calculada a partir da correlação entre dados de vazão e de capacidade específica de poços existentes, com teste de vazão com duração maior que 20hs. Cabe ressaltar que esse estudo foi realizado

na escala 1:1.000.000 e que sua informação é um indicativo regional da potencialidade dos aquíferos.

A reserva explotável de água subterrânea, calculada pela diferença entre Q95% e Q7,10, é a estimativa do volume de água disponível para consumo sem comprometimento das reservas totais, considerando somente aquíferos livres. Os valores de reserva explotável, vazão outorgada e balanço hídrico subterrâneo referem-se a área da UGRHI 11 e foram obtidos no Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 11 (CBH-RB, 2021).

Para identificar os aquíferos mais explotados, os principais usos da água subterrânea e a distribuição dos poços existentes na região onde se localiza a UC foram utilizadas as informações levantadas pela empresa AmbGis (AmbGis, 2022). Os poços com informações foram plotados em mapa com identificação do aquífero explorado e os principais usos da água.

A Rede Integrada de Monitoramento das Águas Subterrâneas (RIMAS), operada pela CPRM, e a Rede Integrada de Monitoramento da Quantidade e Qualidade operada pelo DAEE e CETESB, foram consultadas em 24/05/2022, porém não há piezômetros na região, não sendo possível avaliar a variação sazonal do nível da água subterrânea dos aquíferos livres.

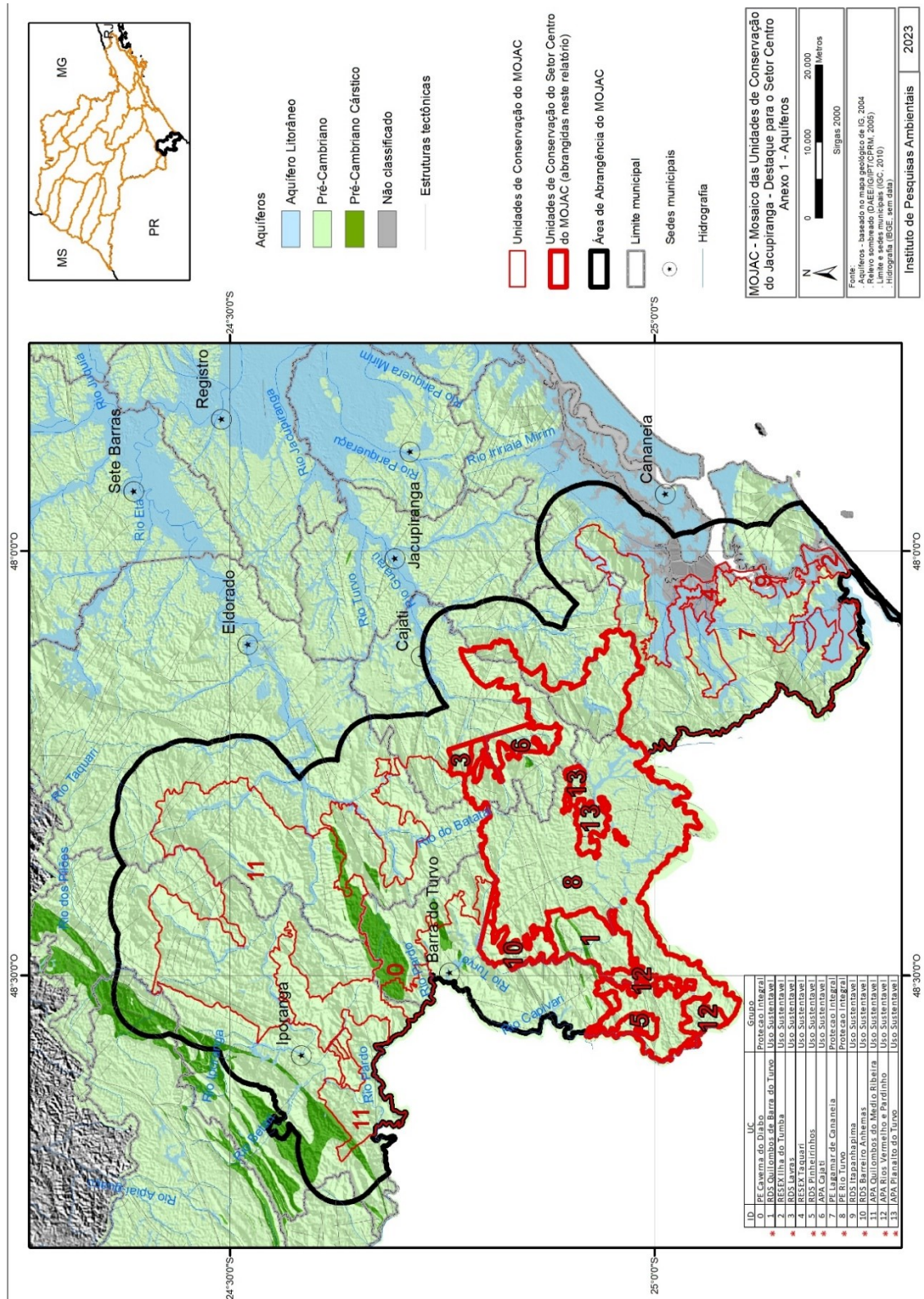
Aspectos Qualitativos

Para a caracterização da qualidade da água subterrânea foram utilizados os dados da rede de monitoramento operada pela CETESB, disponibilizados no sistema DATAGEO e em relatório digital publicado (CETESB, 2022) e em trabalhos técnico-científicos.

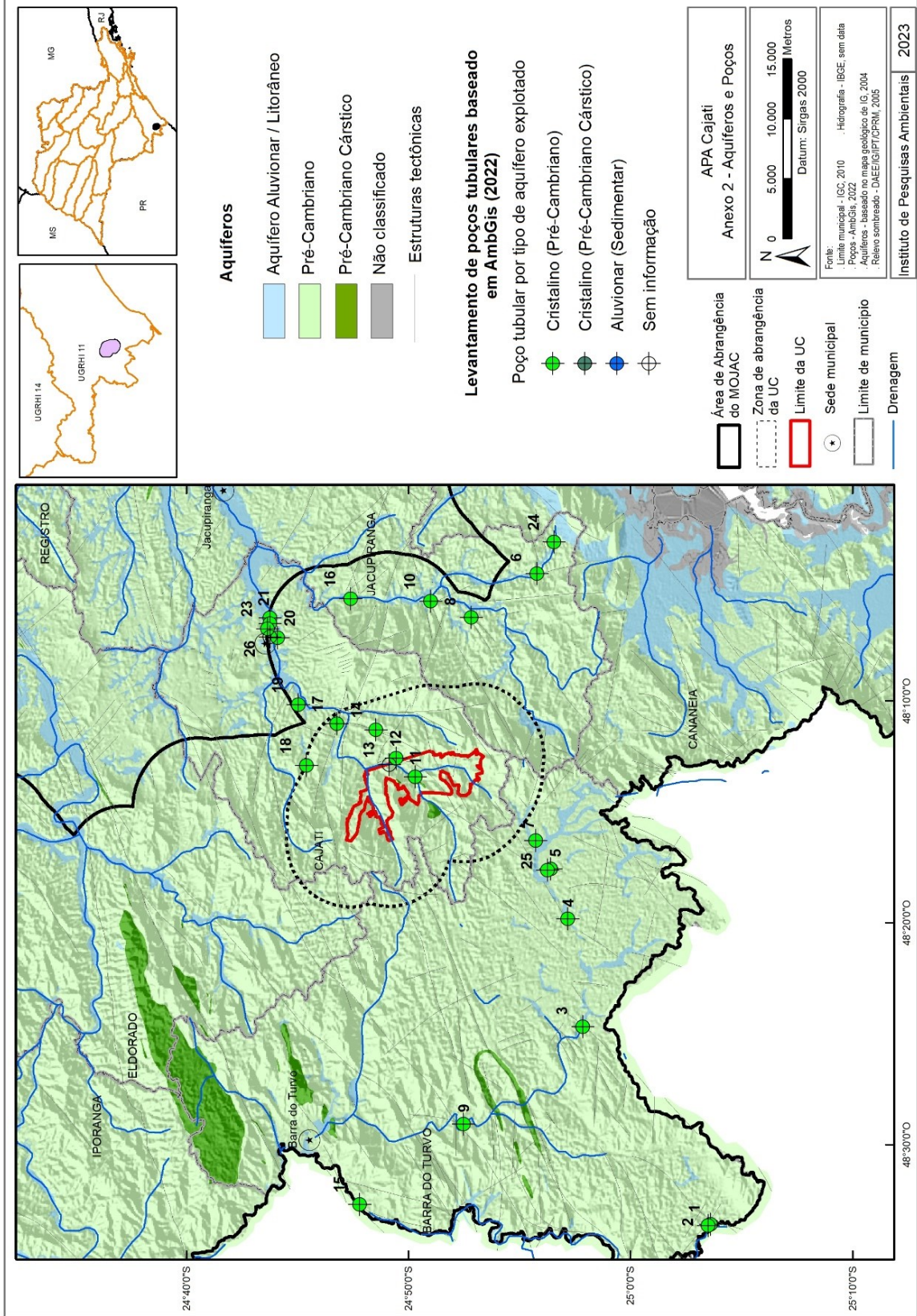
Aspectos referentes à vulnerabilidade do aquífero à contaminação foram comentados com base no estudo de DAEE/UNESP (2013) e SIG-RB (2016).

O levantamento de informações foi fundamentado em pesquisa bibliográfica e em levantamento de poços realizado pela empresa AmbGis (Ambgis, 2022). Dado o reduzido número de poços na região com informações construtivas/litológicas, o diagnóstico baseou-se fundamentalmente em informações bibliográficas constantes em estudos regionais. Caso seja de interesse, o leitor pode consultar as fontes originais de informações, citadas no item Bibliografia.

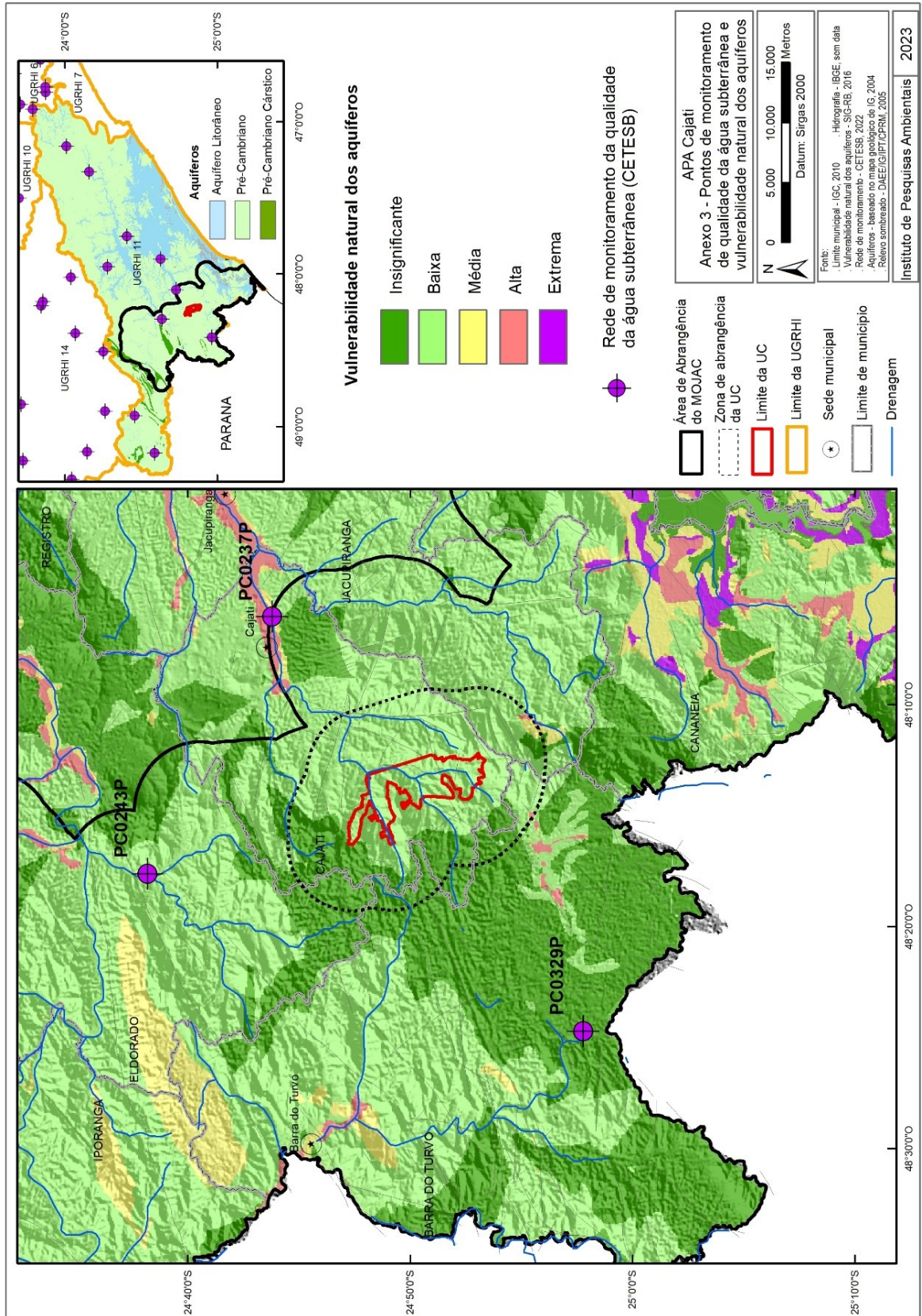
APÊNDICE 3.4.B Aquíferos



APÊNDICE 3.4.C Aquíferos e Poços



APÊNDICE 3.4.D Pontos de monitoramento de qualidade de água subterrânea e vulnerabilidade natural dos aquíferos



3.6. Pedologia

APÊNDICE 3.5.A Introdução e material e métodos

O Parque Estadual do Jacupiranga foi criado pelo Decreto-lei nº 145, de 8 de agosto de 1969, conectando as Unidades de Conservação (UCs) do Vale do Ribeira e do Litoral Sul. Abrange os municípios Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iporanga e Jacupiranga.

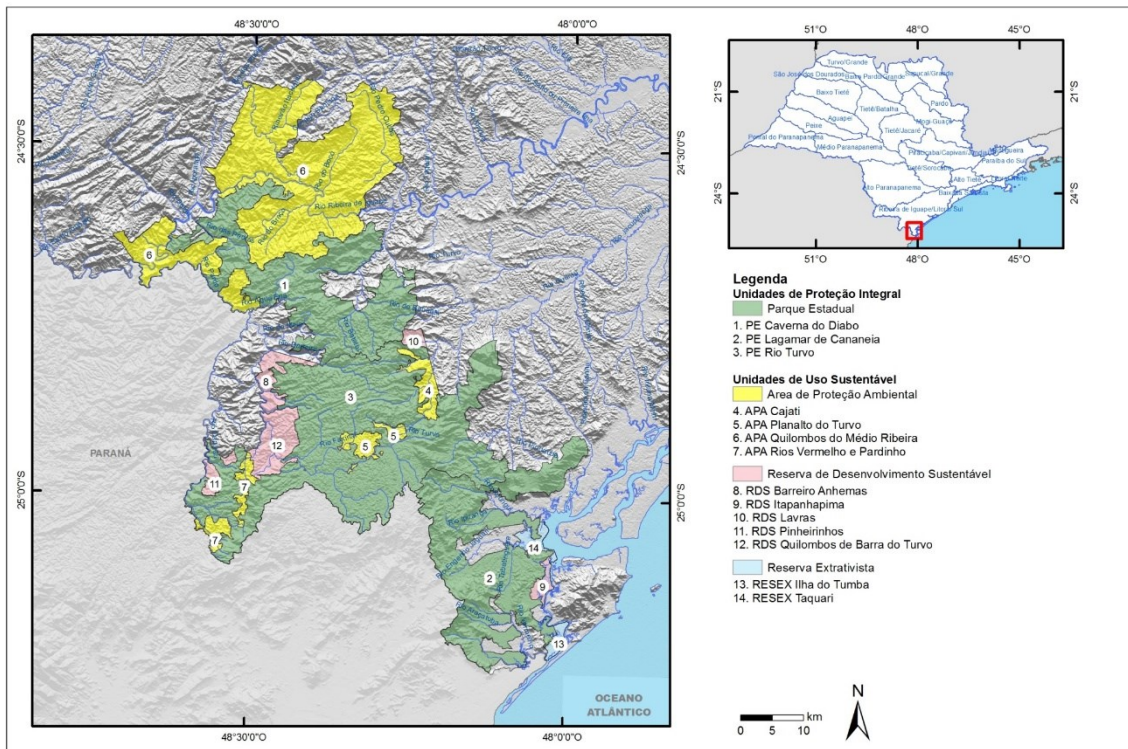
A passagem da rodovia Regis Bittencourt (BR 116) pela área do parque, contudo, favoreceu a ocorrência de diversas ocupações ao longo da via, ocasionando conflitos entre moradores da região e a legislação restritiva ao uso relativo aos parques. Desta forma, a área é fruto de diversos conflitos fundiários e socioambientais.

Em 21 de fevereiro de 2008 foi sancionada a lei nº 12.810 que alterou os limites do Parque Estadual do Jacupiranga, reclassificando, excluindo e incluindo áreas específicas e criando o Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (MOJAC) composto por 14 (quatorze) Unidades de Conservação, conforme **Tabela 1** e **Figura 1**.

Tabela 1: Composição do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga

Categoria	Unidade de Conservação	Área (ha)	Municípios
Parque Estadual	Caverna do Diabo	40.219,66	Barra do Turvo, Cajati, Eldorado e Iporanga
	Rio Turvo	73.893,87	Barra do Turvo, Cajati e Jacupiranga
	Lagamar de Cananéia	40.758,64	Cananéia e Jacupiranga
Área de Proteção Ambiental	Planalto do Turvo	2.721,87	Cajati e Barra do Turvo
	Rio Pardinho e Rio Vermelho	3.235,47	Barra do Turvo
	Cajati	2.975,71	Cajati
	Quilombos do Médio Ribeira	64.625,04	Barra do Turvo, Eldorado e Iporanga
Reserva de Desenvolvimento Sustentável	Lavras	889,74	Cajati
	Itapanhapima	1.242,70	Cananéia
	Pinheirinhos	1.531,09	Barra do Turvo
	Barreiro-Anhemas	3.175,07	Barra do Turvo
	Quilombos de Barra do Turvo	5.826,46	Barra do Turvo
Reserva Extrativista	Ilha do Tumba	1.128,26	Cananéia
	Taquari	1.662,20	Cananéia

Figura 1: Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga



A área está localizada no Vale do Ribeira, na porção sul do estado de São Paulo, conhecida por conter importantes remanescentes primários de Mata Atlântica no estado, sendo banhada pela bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape.

Além do próprio MOJAC, a região conta com diversas Unidades de Conservação já implementadas em áreas próximas: Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Reserva Extrativista do Mandira, APA da Serra do Mar, APA Cananeia-Iguape-Peruíbe e Estação Ecológica Xitúé.

O trabalho foi baseado em revisão bibliográfica e cartográfica, fotointerpretação e trabalhos de campo, compilando-se os trabalhos existentes para a caracterização do meio físico. Utilizou-se os trabalhos de Oliveira et al. (1999) compreendido por mapeamento generalizado em escala de 1:500.000 e Lepsch et al. (1999) em escala de maior detalhe (1:250.000) da região do Rio Ribeira do Iguape no Estado de São Paulo. Além disso, utilizou-se o trabalho de Pires Neto e Rossi (2007) que também enfoca a região do Rio Ribeira de Iguape, mas baseado em outra metodologia, realizando a análise de diversos fatores do meio físico a partir do conceito de terrenos.

Ainda, em trabalho mais recente de mapeamento, utilizou-se o mapa de Rossi (2017) cujo trabalho propõe o mapeamento do estado de São Paulo a partir da compilação de diversos trabalhos já existentes.

Por fim, foram utilizados trabalhos específicos de algumas áreas próximas, principalmente de planos de manejo de Unidades de Conservação existentes na região, Plano de Manejo da Ilha do Cardoso (Oliva et al., 2001), Estudo geoambiental do Parque Estadual da Ilha do Cardoso (Pires Neto, Rossi e Kanashiro, 2012), Plano de Manejo da

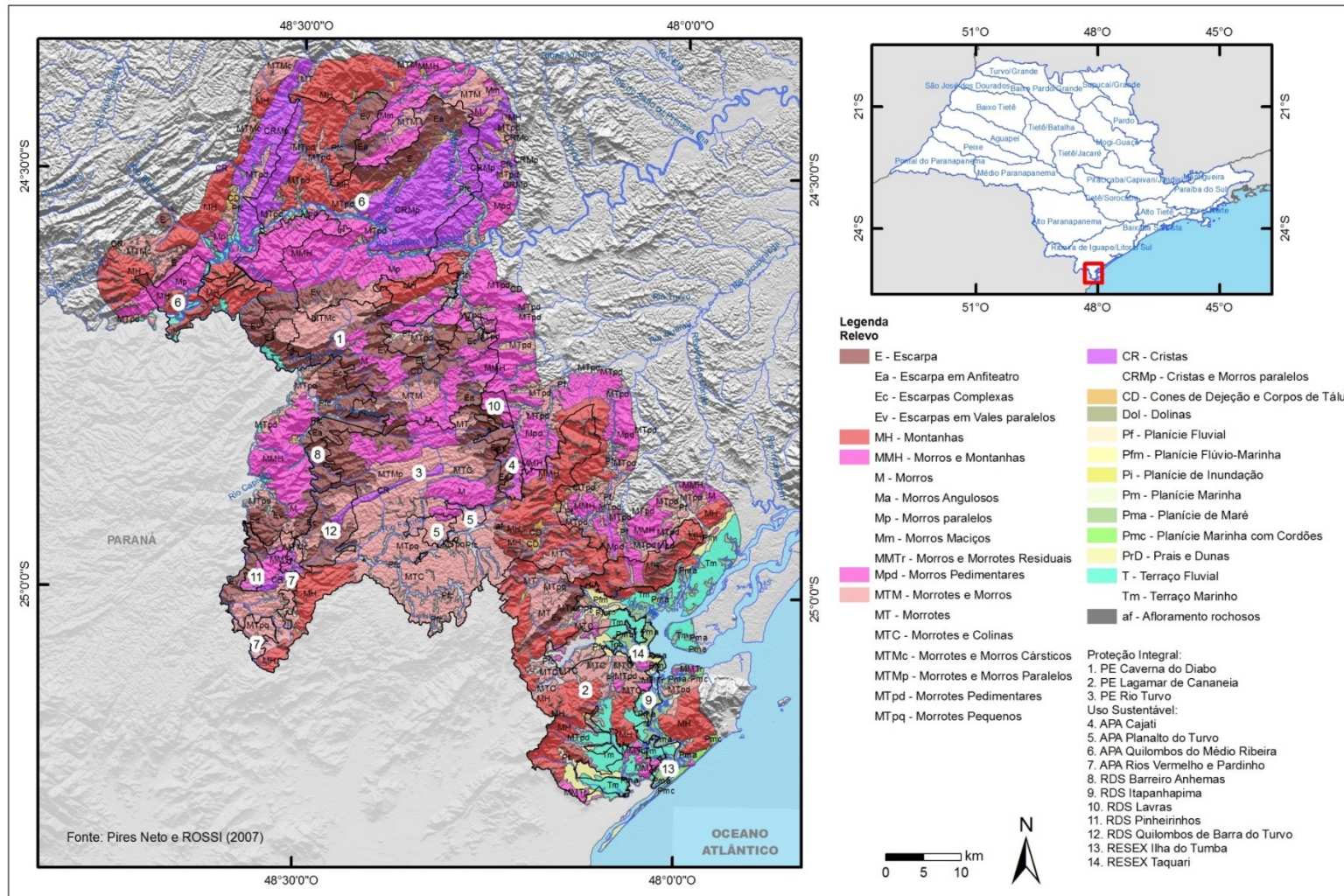
APA Cananéia-Iguape-Peruíbe (Moraes et al., 2015) e Plano de Manejo da Reserva Extrativista do Mandira (Silva et al., 2010).

Como resultado, é apresentado um mapa pedológico modificado de Rossi (2017), trabalhado em escala 100.000 e 250.000.

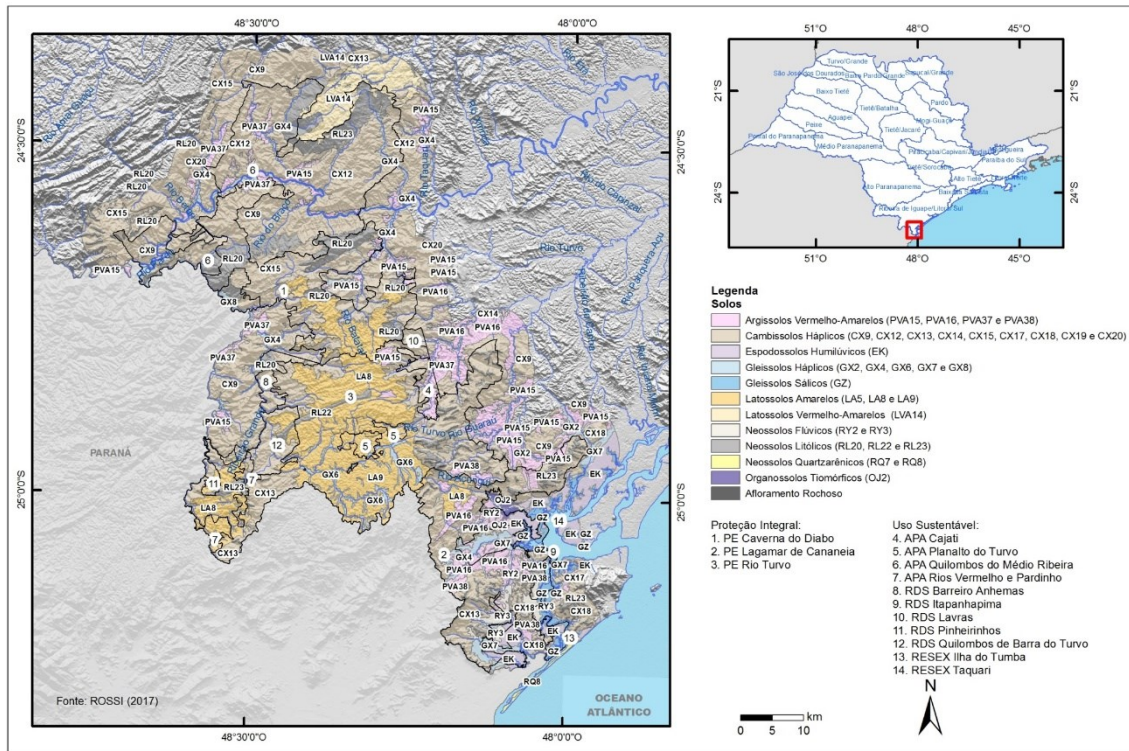
Além disso, elaborou-se um mapa de fragilidade e uma tabela sinótica a partir de uma análise integrada de diversos atributos geomorfológicos e pedológicos seguindo Ross (1990) e Mattos et al. (1996).

Versão Preliminar

APÊNDICE 3.5.B Mapa dos tipos de terreno do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (Pires Neto e Rossi, 2007).



APÊNDICE 3.5.C Mapa pedológico do Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (Rossi, 2017).



APÊNDICE 3.5.D Análise geral por tipos de terrenos, com as unidades de solos predominantes e secundárias, a dinâmica e a fragilidade potencial dos Solos em relação aos Terrenos (adaptado de Pires Neto e Rossi, 2007 e Rossi, 2017).

Relevo/ Terrenos	Solos		Dinâmica Pires Neto e Rossi (2007)	Fragilidade potencial
	> Ocorrência	2 ^{ários}		
AF	AF		Movimentos de massa	Alta 1
CD	CX20	CX9	Erosão laminar, em sulco (ravinas) localizado e de baixa intensidade. Entalhe remontante das torrentes fluviais e escorregamentos planares pequenos são frequentes de média a alta intensidade. Erosão vertical e lateral de canais e rastejo é frequente e de média a alta intensidade. Aporte de detritos finos e grossos localizados e de média intensidade. Ocorrência de <i>piping</i> e sumidouros.	Alta 1
E	RL23		Erosão laminar e em sulcos, erosão e deposição fluvial e escorregamento planar são localizados e de média a intensidade. Movimentos de massa, do tipo rastejo e queda de blocos, são frequentes e de alta intensidade.	Alta 1
Ec	CX9	RL20	Erosão laminar e em sulcos localizadas e de moderada intensidade. Entalhe, erosão e deposição fluvial, e movimentos de massa do tipo escorregamento planar e rastejo são frequentes e de alta intensidade.	Alta 1
Ev	CX9	RL20		Alta 1
MH	CX9	CX12 e 13	Erosão laminar e em sulcos, e movimentos de massa: rastejo, escorregamento planar e rotacional e queda de blocos são frequentes de média a alta intensidade. Entalhe fluvial é generalizado e de alta intensidade.	Alta 1
MMH	CX9			Alta 1
Ma	CX20		Erosão laminar e em sulcos, e movimentos de massa: rastejo, escorregamento planar e rotacional e queda de blocos são frequentes de média a alta intensidade. Boçorocas ocasionais e de alta intensidade. Entalhe fluvial é generalizado e de média a alta intensidade.	Alta 1
DOL	CX19		Erosão laminar e em sulcos e movimentos de massa: rastejo, escorregamentos planar e abatimentos são frequentes de média intensidade. Intemperismo	Alta 1
MTMc	CX15	CX9		Alta 1

			bioquímico, dissolução e carbonatação são processos generalizados e de alta intensidade.	
MTpd	PVA15	PVA16 e 37	Erosão laminar, em sulcos ocasionais e de baixa intensidade. Entalhe de canal, rastejo, escorregamentos planares e rotacionais são frequentes e de média intensidade.	Alta 1
CR	RL22	RL23	Erosão laminar e em sulcos, e movimentos de massa: rastejo, escorregamentos planar e rotacional e queda de blocos são frequentes de média a alta intensidade. Boçorocas ocasionais e de alta intensidade. Entalhe fluvial é generalizado e de média a alta intensidade.	Alta 1
CRMp	CX12			Alta 1
Mp	CX12	CX9		Alta 1
Mpd	PVA37			Alta 1
		PVA16		Média
M	LA8	LVA14		Baixa
MMTr	LA8	CX18	Erosão laminar, em sulcos ocasionais e de média intensidade. Rastejo e escorregamentos frequentes e de média a alta intensidade.	Baixa
MTC	LA9	PVA16	Erosão laminar, em sulcos (ravinas) frequentes, Rastejo e escorregamentos pequenos ocasionais todos e de baixa intensidade. Entalhe de canal ocasional e de média intensidade e com deposição fluvial nas planícies.	Baixa
MTM	LVA14	LA8	Erosão laminar, em sulcos (ravinas), rastejo, pequenos escorregamentos e entalhe fluvial são frequentes e de média a alta intensidade.	Média
MTMp	LA8			Baixa
MT	PVA38		Erosão laminar, em sulcos, rastejo e entalhe de canal são frequentes e de média intensidade. Escorregamentos planares e rotacionais ocasionais e de baixa intensidade. Predomina transporte fluvial de finos.	Alta 1
		PVA16 e 15		Média
MTpq	LA9	LA8		Baixa
Pf	GX2	RY2	Freático elevado. Enchentes sazonais. Erosão laminar e em sulcos localizadas e de baixa intensidade. Erosão lateral e vertical do canal, deposição de finos durante as enchentes por decantação e de areias e seixos por acréscimo lateral.	Alta 2
Pfc	GX4	GX6		Alta 2
Pi	GX2		Freático elevado. Erosão lateral e vertical do canal, intersecção de meandros, deposição de finos durante as enchentes por decantação e de areias e seixos por acréscimo lateral. Enchentes anuais.	Alta 2
Pm	GZ	GX7	Inundações localizadas são frequentes devido ao freático elevado. Erosão fluvial, erosão e deposição por ação das ondas são ocasionais e de baixa intensidade. Podendo ocorrer formação de dunas.	Alta 2
Pmc	EK	RQ7		Média
Pma	GZ	EK	Inundações diárias com intensa deposição de finos.	Alta 2
PrD	RQ8	RQ7	Movimentação lateral e vertical de sedimentos, condicionados pela energia e direção das ondas, correntes litorâneas e ventos.	Alta 1
T	GX8	CX20	Erosão laminar, em sulcos e entalhe fluvial ocasional e de baixa intensidade, solos sujeitos a encharcamento.	Alta 2
Tm	EK	GX7 e RY3	Erosão fluvial na margem dos rios. Alagamento nas depressões inter-cordões.	Média

APÊNDICE 3.5.F Demonstrativo de área das unidades mapeadas.

TIPOS DE SOLO		ÁREA DOS SOLOS	
Símbolo/ composição	Descrição (ROSSI e KANASHIRO, 2022)	ha	%
CAMBISSOLOS			
CXd1 (CX20=CX+PA/PVA)	Associação de CAMBISSOLO HÁPLICO típico, textura argilosa e média, A moderado e proeminente + ARGISSOLO AMARELO/VERMELHO-AMARELO textura média/argilosa e argilosa, não rochoso e rochoso, ambos Distróficos, fase relevo forte ondulado	38,80	1,31
CXbd/e (CX9=CX+PA/PVA)	Associação de CAMBISSOLO HÁPLICO Distrófico/Eutrófico, típico ou latossólico text. argilosa e média, A moderado e proeminente + ARGISSOLO AMARELO/VERMELHO-AMARELO Distrófico textura média/argilosa e argilosa, não rochoso e rochoso, ambos fase relevo forte ondulado	1.678,07	56,46
GLEISSOLOS			
GX1 (GX2=GX/GM+O)	Complexo Indiscriminado de GLEISSOLO HÁPLICO ou MELÂNICO com ou sem ocorrência de ORGANOSSOLO, fase relevo plano	13,95	0,47
GXbd2 (GX4=GX/GM+CX)	Grupamento indiscriminado de GLEISSOLO HÁPLICO ou MELÂNICO e CAMBISSOLO HÁPLICO Tb Distrófico A moderado ou proeminente, textura indiscriminada, bem a imperfeitamente drenado, todos fase relevo plano	33,08	1,11
ARGISSOLOS			
PVAd3 (PVA16=PVA)	ARGISSOLO VERMELHO-AMARELO/AMARELO Distrófico latossólico, A moderado textura argilosa ou argilosa/muito argilosa, fase relevo forte ondulado e ondulado	57,56	1,94
PVAd15 (PVA37=PVA+CX)	Associação de ARGISSOLO VERMELHO-AMARELO Distrófico típico, textura argilosa/muito argilosa + CAMBISSOLO HÁPLICO, textura argilosa, ambos A moderado, fase relevo forte ondulado	1.138,19	38,29
NEOSSOLO LITÓLICO			
RLd3 (RL23=RL+AF)	Associação de NEOSSOLO LITÓLICO Distrófico típico textura média ou argilosa, com ou sem cascalho, fase substrato granitóides, relevo montanhoso e escarpado + Afloramento Rochoso	0,20	0,01
	Massa d'água	1,51	0,05
	Área urbana	11,02	0,37
	Total	2.975,71	100

3.6. Fragilidade dos solos à erosão

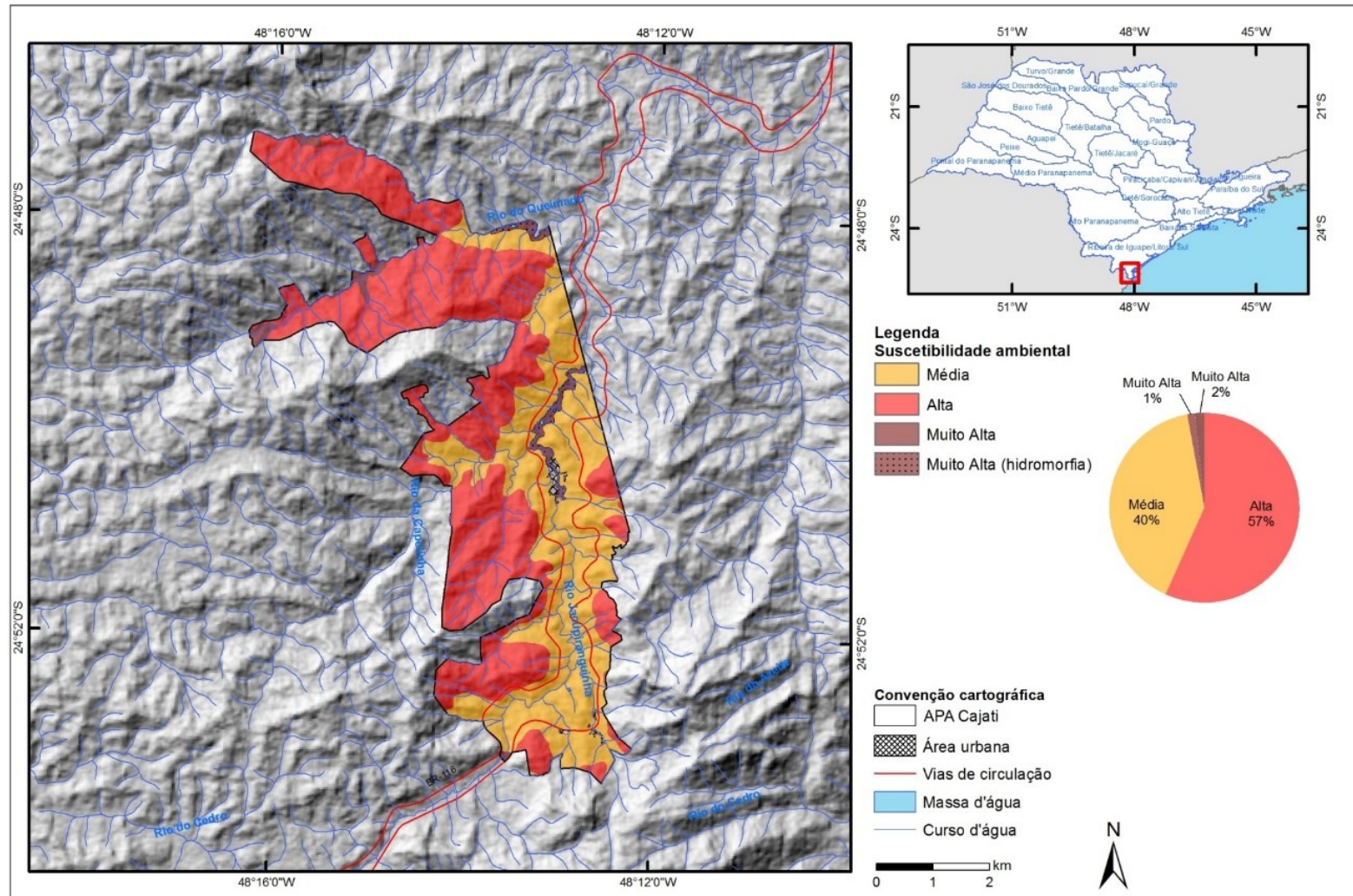
APÊNDICE 3.6.A Fragilidade dos solos da APA Cajati.

Solo*	Textura	Profundidade	Trofismo	Substrato Rochoso (Perrota et al., 2005)	Relevo	Declive (%)	Dinâmica (Pires Neto e Rossi, 2007)	Restrições	Fragilidade
Rossi e Kanashiro (2022) / Rossi (2017)					(Pires Neto e Rossi, 2007)				
CXd1 (CX20)	Argilosa e média, Média/Argilosa e Argilosa	Pouco profundo e profundo	Distrófico	Matacões, blocos e seixos polimíticos	Cones de dejeção e corpos de tálus	2 - 15	Erosão laminar, em sulco (ravinas) localizado e de baixa intensidade. Entalhe remontante das torrentes fluviais e escorregamentos planares pequenos são frequentes de média a alta intensidade. Erosão vertical e lateral de canais e rastejo é frequente e de média a alta intensidade. Aporte de detritos finos e grossos localizados e de média intensidade. Ocorrência de <i>piping</i> e sumidouros.	Solos ácidos e pobres em nutrientes, com severas restrições para o uso devido a sua elevada capacidade de degradação e elevada erodibilidade. Dificuldades de escavação e de cravação de estacas, possibilidade de recalques diferenciais em fundações estruturais devido à presença de matacões no solo. Problemas localizados de instabilidade devido à presença de blocos, matacões, processos de rastejo e pequenos escorregamentos. Risco de intensificação de processos erosivos devido à inclinação acentuada de suas encostas e a heterogeneidade do material. Risco de assoreamento dos canais fluviais próximos às áreas.	Muito Alta
CXbd/e (CX9)	Argilosa e Média, média/argilosa e argilosa	Pouco profundo e profundo	Distrófico	Granitos e filitos	Escarpas em anfiteatro	> 15	Erosão laminar e em sulcos, e movimentos de massa: rastejo, escorregamento planar e rotacional e queda de blocos são frequentes de média a alta intensidade. Entalhe fluvial é generalizado e de alta intensidade.	Solos pouco profundos a rasos, ácidos e pobres em nutrientes, com severas restrições para o uso devido a sua elevada capacidade de degradação, a elevada erodibilidade. Forte a muito forte limitação à trafegabilidade. Dificuldades de escavação e de cravação de estacas, possibilidade de recalques diferenciais em fundações estruturais devido à presença de matacões no solo. Risco de escorregamentos e queda de blocos, devido à exposição do contato solo/rocha, em áreas saturadas ou com surgência d'água e ao	Alta
RLd3 (RL23)	Média e argilosa	Raso	Distrófico	Granito, migmatito e mármore	Montanhas	> 30	Erosão laminar e em sulcos, erosão e deposição fluvial e escorregamento planar são localizados e de média a intensidade. Movimentos de massa,		Muito Alta

Solo*	Textura	Profundidade	Trofismo	Substrato Rochoso (Perrota et al., 2005)	Relevo	Declive (%)	Dinâmica	Restrições	Fragilidade
Rossi e Kanashiro (2022) / Rossi (2017)					(Pires Neto e Rossi, 2007)				
							do tipo rastejo e queda de blocos, são frequentes e de alta intensidade.	descalçamento em taludes de corte ou superfície de encosta.	
GX1 (GX2)	Indiscriminado	Pouco profundo	Indiscriminado	Sedimentos aluviais	Planície fluvial	0 - 2	Freático elevado. Enchentes sazonais. Erosão laminar e em sulcos localizadas e de baixa intensidade.	Solos ácidos e pobres em nutrientes, com severas restrições para o uso devido a sua elevada capacidade de degradação, a elevada erodibilidade, a forte a muito forte limitação à trafegabilidade. Dificuldades de escavação e de cravação de estacas, possibilidade de recalques diferenciais em fundações estruturais. Risco de processos erosivos e de assoreamento dos canais fluviais devido à ação de torrentes.	Muito Alta
GXbd2 (GX4)	Indiscriminado	Pouco profundo	Distrófico			0 - 2	Erosão lateral e vertical do canal, deposição de finos durante as enchentes por decantação e de areias e seixos por acréscimo lateral.	Freático elevado, enchentes periódicas e anuais, alagadiços e solos moles, erosão lateral e vertical do canal e das margens, deposição de finos durante as enchentes, estabilidade precária das paredes de escavação, recalque de fundações, danificação das redes subterrâneas por recalque. Áreas favoráveis ao assoreamento. Pouco adequados à disposição de efluentes, aterros sanitários e lagoas de decantação devido à alta permeabilidade e a pouca profundidade do lençol freático.	Muito Alta

Solo*	Textura	Profundidade	Trofismo	Substrato Rochoso (Perrota et al., 2005)	Relevo	Declive (%)	Dinâmica	Restrições	Fragilidade	
Rossi e Kanashiro (2022) / Rossi (2017)					(Pires Neto e Rossi, 2007)					
PVAd3 (PVA16)	Argilosa e Argilosa/Muito Argilosa	Profundo e muito profundo	Distrófico	Granitos	Morros pedimentares	2 - 30	Erosão laminar, em sulcos (ravinas) frequentes, Rastejo e escorregamentos pequenos ocasionais todos e de baixa intensidade. Entalhe de canal ocasional e de média intensidade e com deposição fluvial nas planícies.	Solos profundos a pouco profundos, podem favorecer a contaminação de aquíferos devido à permeabilidade. Baixa disponibilidade de nutrientes e toxicidade por Al ³⁺ . Susceptibilidade a erosão laminar, em sulcos e a pequenos escorregamentos, quando da remoção do solo superficial que provocam a concentração do escoamento superficial, principalmente nos granitos. Alguns solos com maior tendência a erosão linear devido à textura binária.	Pouco profundos a profundos, argilosos, pouco declivosos	Média
PVAd15 (PVA37)	Argilosa/ Muito Argilosa, Argilosa	Profundo e pouco profundo	Distrófico			> 15	Erosão laminar, em sulcos, rastejo e entalhe de canal são frequentes e de média intensidade. Escorregamentos planares e rotacionais ocasionais e de baixa intensidade. Predomina transporte fluvial de finos.	Solos profundos a pouco profundos, com baixa fertilidade, normalmente com relação textural, sujeitos à erosão superficial linear e pequenos escorregamentos.		Média

APÊNDICE 3.6.B Mapa de Fragilidade da APA Cajati (ROSSI, NALON e KANASHIRO, 2022).



3.7. Perigo, Vulnerabilidade e Risco a Escorregamento e Inundação

Apêndice 3.7.A Metodologia

O presente capítulo tem como objetivo apresentar informações sobre perigos geodinâmicos, vulnerabilidade e riscos de áreas residenciais/comerciais/serviços que compõem o tema Diagnóstico do Meio Físico, da etapa de Diagnóstico e Prognóstico de elaboração do plano de manejo da Área de Proteção Ambiental Cajati.

As análises foram realizadas com base no estudo “*Unidades Territoriais Básicas do Estado de São Paulo*” que traz o mapeamento e análise de risco de ocorrência de processos de escorregamento planar e de inundação em escala de abordagem regional para o estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2014, 2016, 2017; FERREIRA & ROSSINI-PENTEADO, 2011; FERREIRA et al., 2013; VEDOVELLO et al., 2015; ROSSINI-PENTEADO & FERREIRA, 2015) e outras informações do meio físico de interesse, tais como modelo digital de superfície (EMPLASA, 2011), mapas geológico (PERROTA et al., 2005) e geomorfológico (ROSS e MOROZ, 2011), curva de nível e linhas de drenagem.

A gestão de risco aos processos geodinâmicos vem sendo cada vez mais aplicada em diversos instrumentos de gestão territorial, em consonância com as diretrizes para priorizar ações preventivas relacionadas à minimização de desastres (SÃO PAULO, 2011; BRASIL, 2012; ONU, 2015). A análise de risco tem potencial aplicação na elaboração do zoneamento territorial e no entendimento das pressões existentes em torno de unidades de conservação.

Para a análise de risco relacionada aos processos de escorregamento planar e inundação gradual, foram adotados os seguintes conceitos:

- Risco:
 - Medida de danos ou prejuízos potenciais, expressa em termos de probabilidade estatística de ocorrência e de intensidade ou grandeza das consequências previsíveis (BRASIL, 1995); ou
 - Probabilidade de consequências prejudiciais, ou perdas esperadas, resultantes de interações entre perigos (naturais, ou induzidos pelo homem) e condições vulneráveis numa determinada área e período de tempo (ONU, 2009).
- Perigo: processo, fenômeno ou atividade humana que pode causar a perda de vida, ferimentos ou outros impactos à saúde, danos à propriedade, distúrbios sociais e econômicos ou a degradação ambiental (ONU, 2016).
- Vulnerabilidade: condições determinadas por fatores ou processos físicos, sociais, econômicos e ambientais que aumentam a predisposição de um indivíduo, uma comunidade, bens ou sistemas serem afetados pelos impactos dos perigos (ONU, 2016).

- Dano Potencial:
 - Medida que define a intensidade ou severidade da lesão resultante de um acidente ou evento adverso; ou
 - Perda humana, material ou ambiental, física ou funcional, que pode resultar, caso seja perdido o controle sobre o risco; ou c) intensidade das perdas humanas, materiais ou ambientais, induzidas às pessoas, comunidades, instituições, instalações e/ou ecossistemas, como consequência de um desastre (BRASIL, 1995).

- Escorregamento planar ou translacional: processo onde o material mobilizado desloca-se ao longo de uma superfície, grosso modo, planar com pouca ou nenhuma rotação ou curvamento, geralmente associado a encostas muito íngremes (VARNES, 1978).

Inundação gradual: processo de extravasamento lento e previsível das águas de um curso d'água para suas áreas marginais (planícies de inundação), onde se mantêm em situação de cheia durante algum tempo e, a seguir, escoam-se gradualmente (CASTRO *et al.*, 2003).

Para os mapeamentos de risco com abordagem regional foi aplicada a metodologia descrita em FERREIRA & ROSSINI-PENTEADO (2011), a qual utiliza as Unidades Territoriais Básicas (UTB) para análises compatíveis com a escala 1:50.000. Foi realizada a análise de riscos relacionados aos processos de escorregamento planar e de inundação.

O método de análise de riscos aos processos geodinâmicos envolve, inicialmente, a identificação e caracterização das variáveis que compõem a equação do risco, que são: perigo, vulnerabilidade e dano potencial. Entre as etapas metodológicas (Figura 1), destacam-se:

- a) Delimitação das unidades espaciais de análise: Unidades Territoriais Básicas (UTB);
- b) Seleção e obtenção dos atributos que caracterizam os processos perigosos, a vulnerabilidade e o dano potencial;
- c) Modelo e cálculo das variáveis que compõem a equação de risco (Perigo; Vulnerabilidade e Dano Potencial);
- d) Elaboração dos produtos cartográficos.

A Unidade Territorial Básica - UTB (SÃO PAULO, 2017) compreende um sistema de classificação hierarquizado e multinível que abrange todo o território do estado de São Paulo, resultante da intersecção dos planos de informação das Unidades Básicas de Compartimentação - UBC (SÃO PAULO, 2014, VEDOVELLO *et al.*, 2015) e das Unidades Homogêneas de Cobertura e Uso da Terra e do Padrão da Ocupação Urbana - UHCT (SÃO PAULO, 2016). As unidades territoriais, associadas a um banco de dados relacional,

integram informações do substrato geológico-geomorfológico-pedológico, da cobertura da terra, do uso do solo e do padrão da ocupação urbana.

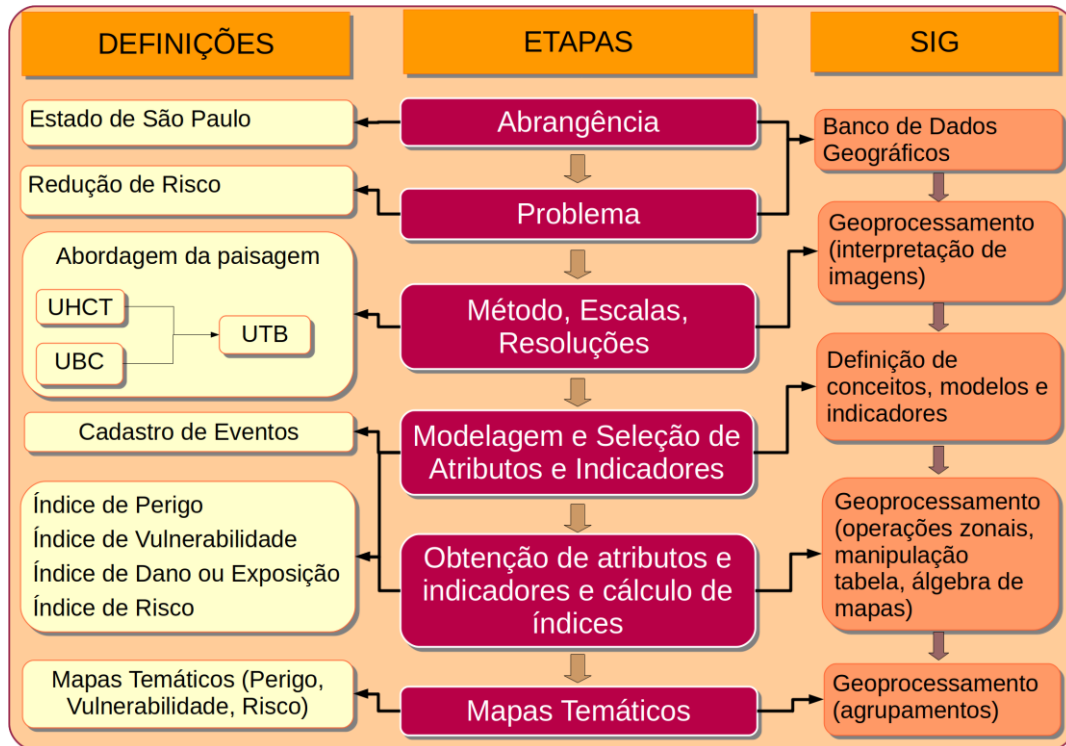


Figura 1. Método geral de obtenção de mapas temáticos a partir das Unidades Territoriais Básicas - UTB do Estado de São Paulo (ROSSINI-PENTEADO & FERREIRA, 2017; SÃO PAULO, 2017). Fonte: autores.

O método das UTBs possibilita a espacialização de diferentes atributos do território, favorecendo a análise das inter-relações espaciais entre os sistemas ambientais, socioeconômicos e culturais. Além disso, permite a identificação das limitações, vulnerabilidades e fragilidades naturais, bem como dos riscos e potencialidades de uso de uma determinada área.

As unidades de análise UTBs foram obtidas a partir da classificação e interpretação de produtos de sensoriamento remoto de média e alta resolução espacial do ano de 2010, apresentando polígonos com expressão espacial na escala adotada.

Com base nas UTBs, foram obtidos e associados os atributos do meio físico; da cobertura, uso do solo e do padrão da ocupação urbana; além de atributos socioeconômicos; de infraestrutura sanitária e de excedente hídrico. Nesta etapa foram utilizadas ferramentas de geoprocessamento e operações de análise espacial em Sistemas de Informação Geográfica para a espacialização de dados, geração de grades numéricas, consultas espaciais, cálculo dos atributos e atualização automática do banco de dados alfanumérico (FERREIRA & ROSSINI-PENTEADO, 2011; FERREIRA *et al.*, 2013).

Inicialmente, a modelagem envolveu a seleção dos fatores de análise que interferem ou têm influência direta no desencadeamento dos processos e, posteriormente, a aplicação de fórmulas, regras e pesos aos fatores de análise para a estimativa dos índices simples e compostos de cada variável da equação de risco. Nesta

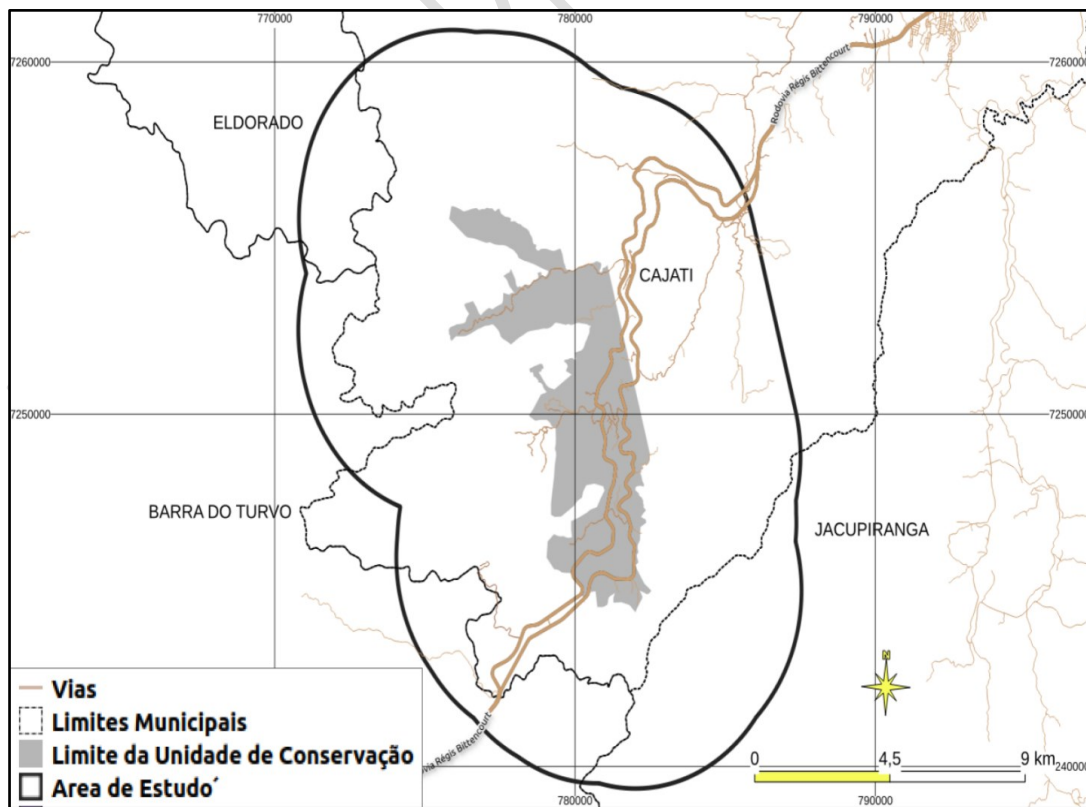
etapa foram obtidas as variáveis: perigo de escorregamento e inundação (P_{ESC} , P_{INU}), vulnerabilidade de áreas de uso do tipo Residencial/Comercial/Serviços (V_{RCS}), dano potencial (DAP) e risco de áreas de uso do tipo Residencial/Comercial/Serviços aos processos de escorregamento e inundação (R_{ESC} e R_{INU}).

Os índices de perigo para os processos de escorregamento e inundação (P_{ESC} , P_{INU}) foram calculados considerando-se os fatores do meio físico que interferem na suscetibilidade natural do terreno, bem como os fatores relacionados ao padrão de uso e cobertura da terra que potencializam a ocorrência do processo perigoso.

O índice de vulnerabilidade (V_{RCS}) foi obtido a partir de fatores físicos relacionados à ocupação urbana e de fatores socioeconômicos e de infraestrutura sanitária, obtidos dos dados censitários do IBGE. O índice de Dano Potencial (DAP) foi calculado a partir da inferência da população residente com base nos atributos físicos de uso e padrão da ocupação urbana, ponderada pela área de cada unidade de análise. Os índices compostos de risco (R_{ESC} e R_{INU}) foram calculados como uma função do índice de perigo, do índice de vulnerabilidade e do índice de dano potencial. Estas análises foram realizadas apenas nas áreas de uso urbano ou edificado do tipo Residencial/Comercial/Serviços que apresentaram dados do IBGE disponíveis.

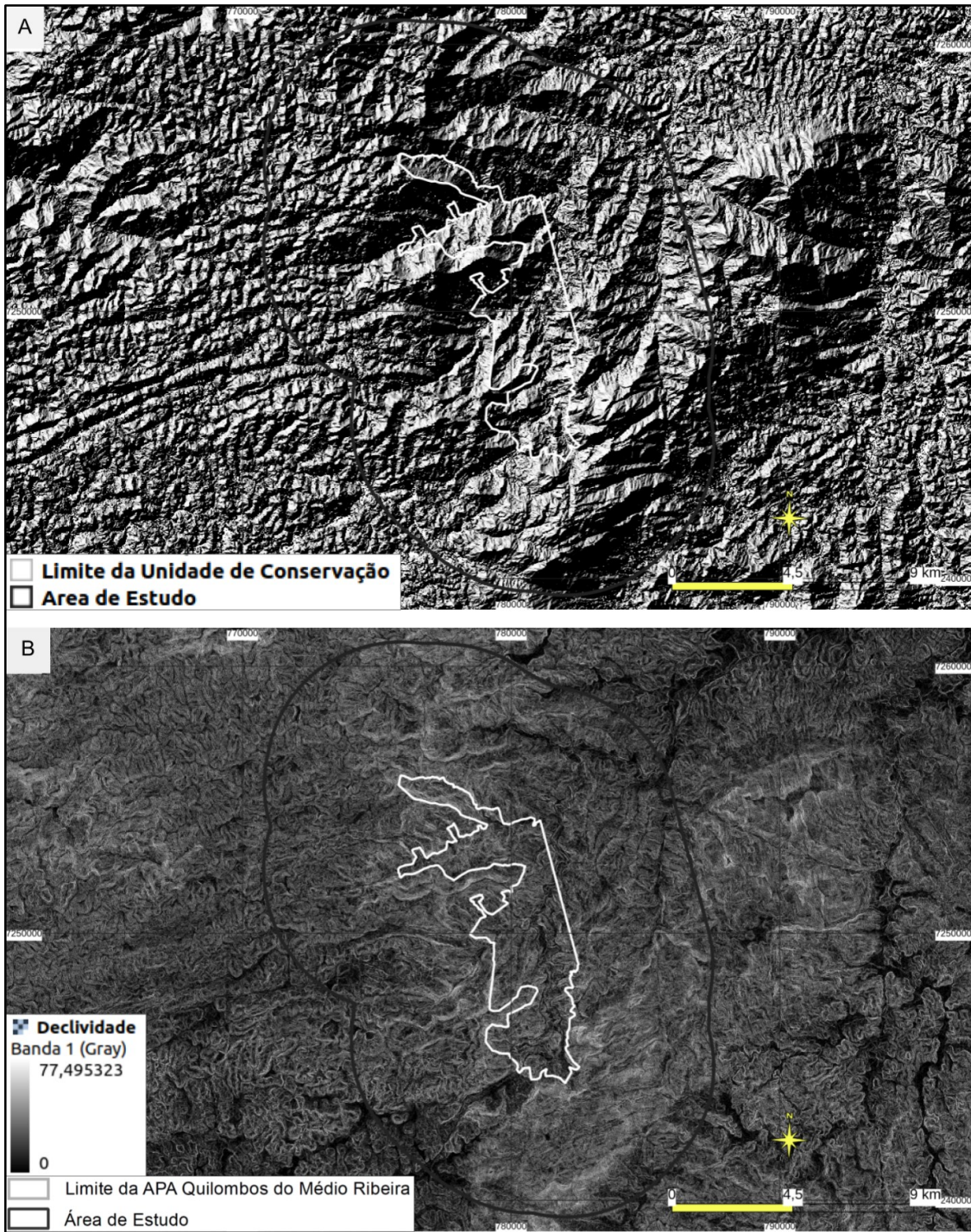
A descrição detalhada das variáveis e equações utilizadas estão disponíveis em (ROSSINI-PENTEADO & FERREIRA, 2017; SÃO PAULO, 2017).

Apêndice 3.7.B Localização da UC em estudo



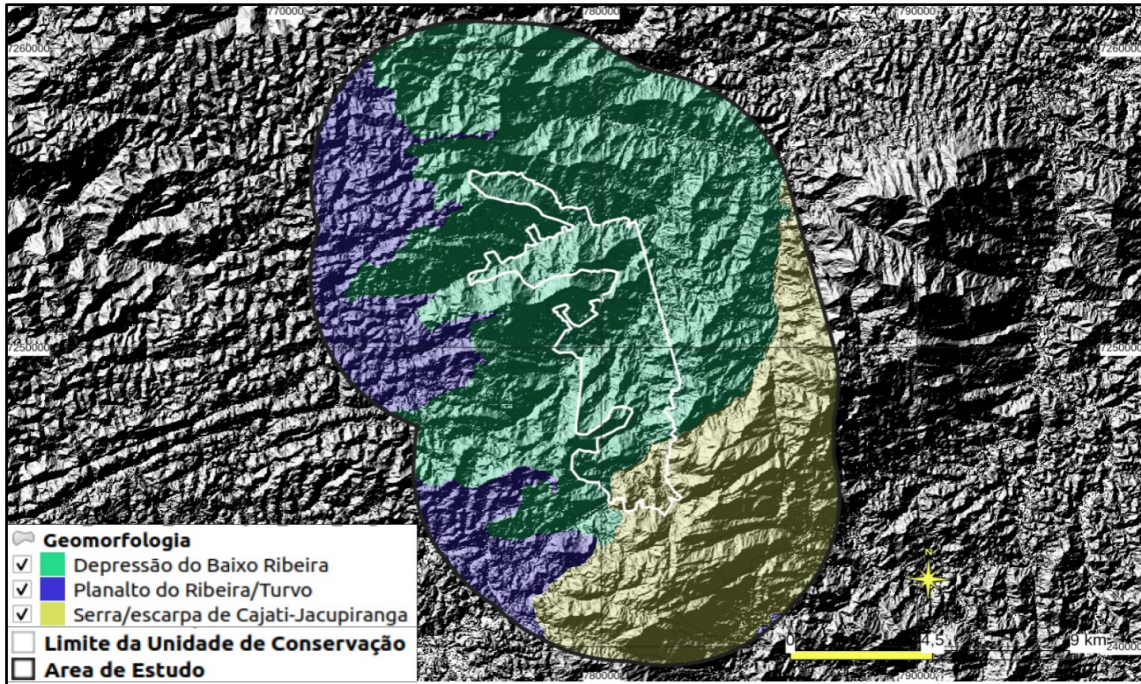
Fonte: autores.

Apêndice 3.7.C Relevo sombreado (A) e Declividade (B) da área estudada.



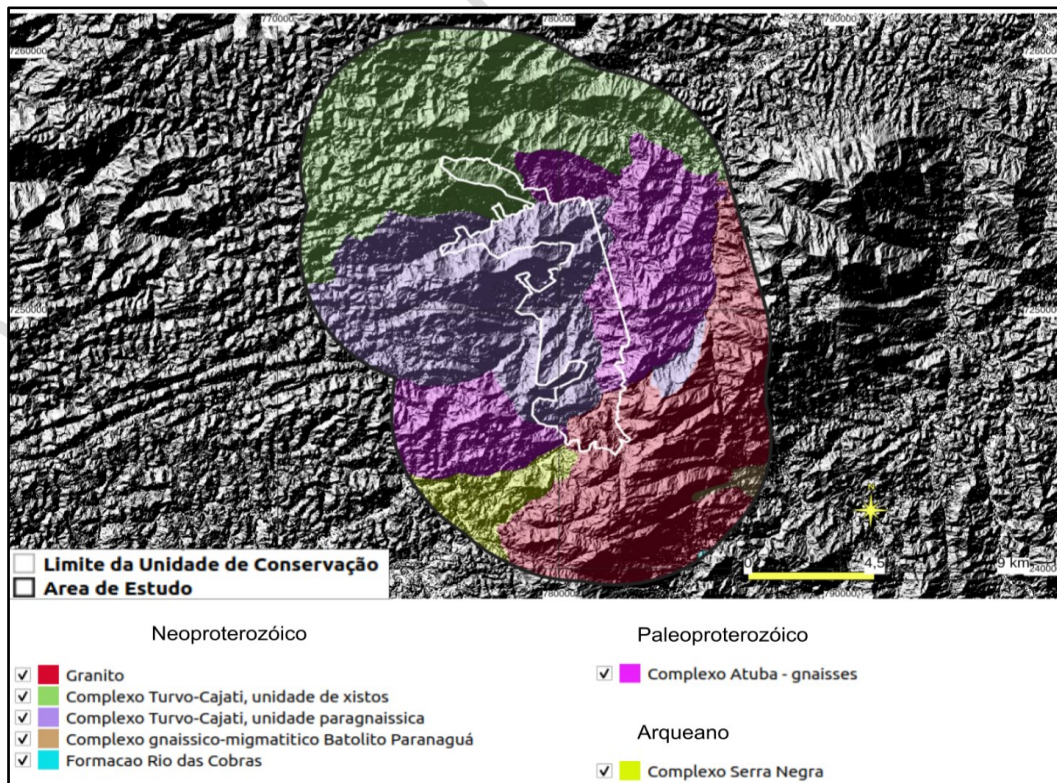
Fonte: autores. Dados obtidos a partir de Modelo Digital de Superfície -Emlasa.

Apêndice 3.7.D Unidades geomorfológicas obtidas das Unidades Territoriais Básicas - UTB do estado de São Paulo (ROSSINI-PENTEADO & FERREIRA, 2017; SÃO PAULO, 2017).



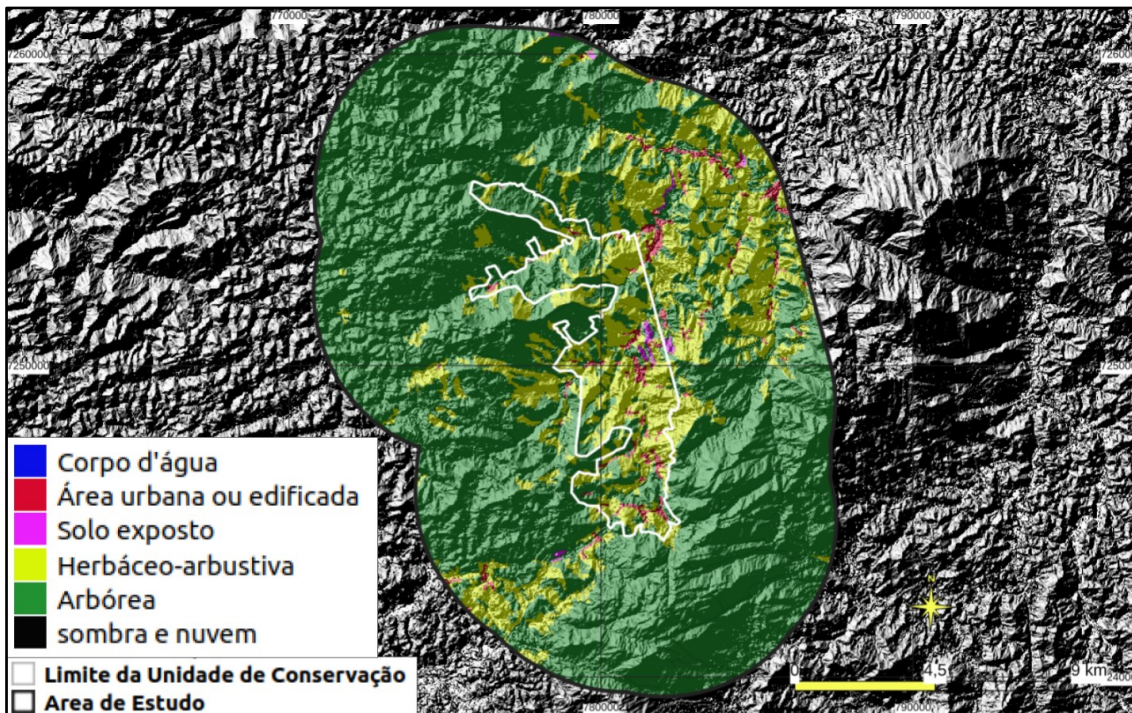
Fonte: autores. Modificado de ROSS & MOROZ (2011).

Apêndice 3.8.E Unidades geológicas obtidas das Unidades Territoriais Básicas - UTB do estado de São Paulo (ROSSINI-PENTEADO & FERREIRA, 2017; SÃO PAULO, 2017).



Fonte: autores. Modificado de PERROTTA et al., (2005).

Apêndice 3.8.F Unidades de Cobertura da Terra obtidas das Unidades Territoriais Básicas - UTB do estado de São Paulo (ROSSINI-PENTEADO & FERREIRA, 2017; SÃO PAULO, 2017).



Fonte: autores.

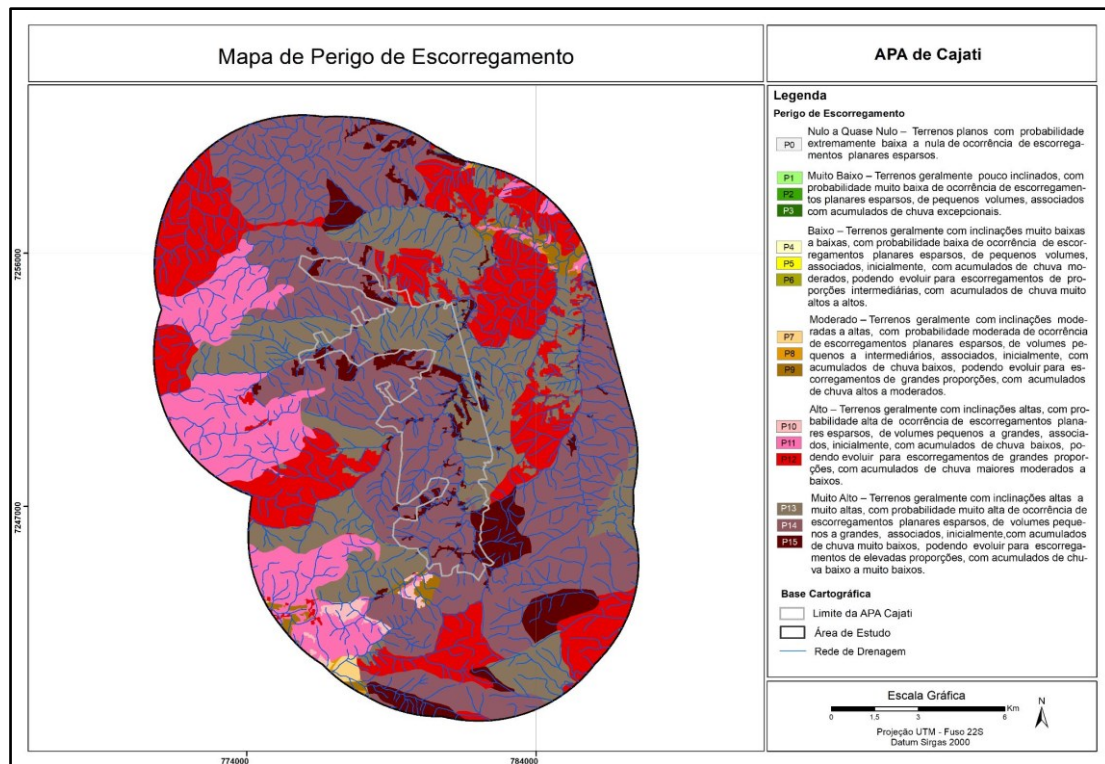
Apêndice 3.8.G. Distribuição em cinco classes de influência/probabilidade de ocorrência dos atributos e índices analisados para o estado de São Paulo e para a área de estudo.

	Classes de Criticidade para o Estado de São Paulo						Área de Estudo
	Nula	Muito Baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito Alta	
AMP	-	2 - 142	142 - 237	237 - 407	407 - 728	728 - 1997	57,5-884
DECESC	0 -3	3-7	7-17	17-25	25-37	37-85	8-56
DECINU	-	40 - 15	15 - 10	10 - 7	7 - 5	5 - 1	0
DEDESC	-	0,00 - 0,66	0,66 - 1,03	1,03 - 1,54	1,54 - 2,65	2,65 - 11,12	0,46-3,8
DEDINU		0,00 -0,96	0,96 - 1,70	1,70 - 2,60	2,60 - 3,60	3,60 - 8,20	0
EXHESC	-	80 - 331	331 - 529	529 - 782	782 - 1266	1266 - 2444	668-1155

EXHINU	-	68 - 251	251 - 426	426 - 681	681 - 1180	1180 - 2154	0
ERO	-	0 - 0,015		0,015 - 0,0301	0,0301 - 0,0610		0,35-0,99
FOL	-	0 - 0,2	0,2-0,4	0,4-0,6	0,6-0,8	0,8-1,0	0,5-0,9
POIESC	-	0 - 0,2	0,2-0,4	0,4-0,6	0,6-0,8	0,8-1,0	0,1-0,9
POIINU	-	0 - 0,2	0,2-0,4	0,4-0,6	0,6-0,8	0,8-1,0	0
ORU	-	0,8-1,0	0,6-0,8	0,4-0,6	0,2-0,4	0 - 0,2	0,1-0,7
AGU	-	0 -16	16 - 33	33 - 49	49 - 66	66 - 82	36,-82,5
ESG	-	0-17	17-35	35-52	52-70	70-87	48-68
LIX	-	0 - 16	16 - 33	33 - 49	49 - 66	66 - 82	16,5-35,6
ALF	-	0 - 12	12 - 25	25 - 36	36 -42	42 - 62	5,4-21
REN		12,9 - 18,5	11,1 - 12,9	9,2 - 11,1	3,7 - 9,2	0 - 3,7	2,05-2,6
PESC	-	0 - 0,16	0,16 - 0,28	0,28 - 0,43	0,43 - 0,60	0,60 - 0,90	0,4-0,95
PINU	-	0,15 - 0,37	0,37 - 0,47	0,47 - 0,56	0,56 - 0,67	0,67 - 0,91	0
VUL	-	0,08 - 0,22	0,22 - 0,35	0,35 - 0,48	0,48 - 0,62	0,62 - 0,75	0,46-0,60
DAP	-	16 - 12764	12764 - 47412	47412 - 134859	134859 - 317410	317410 - 1222946	37,4-33768
RESC	-	0 - 0,05	0,05 - 0,10	0,10 - 0,14	0,14 - 0,18	0,18 - 0,37	0,13-0,26
RINU	-	0 - 0,02	0,02 - 0,06	0,06 - 0,12	0,12 - 0,21	0,21 - 0,42	0

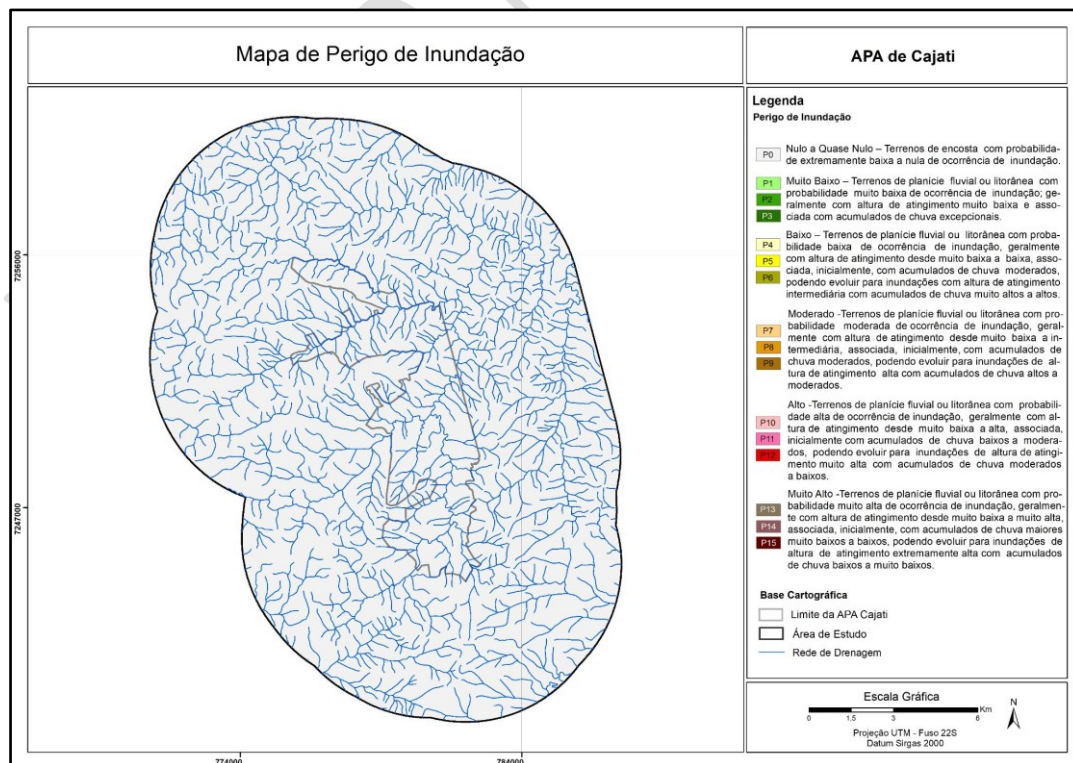
Sendo: DEDESC- declividade para escorregamento (°), DECINU- declividade para inundação (°), AMP - amplitude altimétrica (m), EXHESC- excedente hídrico para escorregamento (mm), EXHINU- excedente hídrico para inundação (mm), DEDESC- densidade de drenagem para escorregamento(m/m²), DEDINU- densidade de drenagem para inundação (m/m²), ERO- erodibilidade (t.ha-1.MJ-1.mm-1), FOL- índice de foliação (adimensional), POIESC- potencial de indução para escorregamento (adimensional), POIINU- potencial de indução para inundação (adimensional), ORU- ordenamento urbano, AGU- abastecimento de água, ESG- coleta e destinação de esgoto, LIX - coleta e destinação de lixo, ALF- índice de alfabetização, REN- renda, PESC - perigo de escorregamento, PINU- perigo de inundação, VUL - vulnerabilidade, DAP - dano potencial, RESC- risco de escorregamento e RINU- risco de inundação. Intervalos obtidos pelo método de quebras naturais, exceto para declividade, erodibilidade, abastecimento de água, coleta de esgoto, coleta de lixo, alfabetização e renda (índices adimensionais).

Apêndice 3.8.H Mapa de Perigo de Escorregamento Planar da área de estudo.



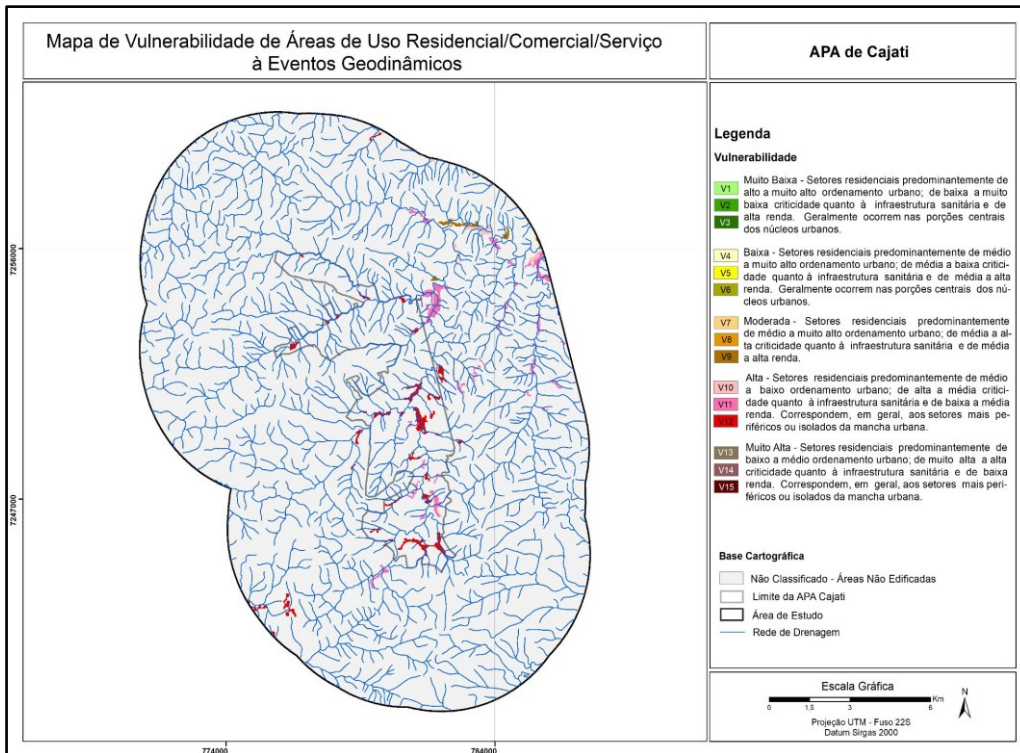
Fonte: autores.

Apêndice 3.8.I Mapa de Perigo de Inundação da Área de Estudo.



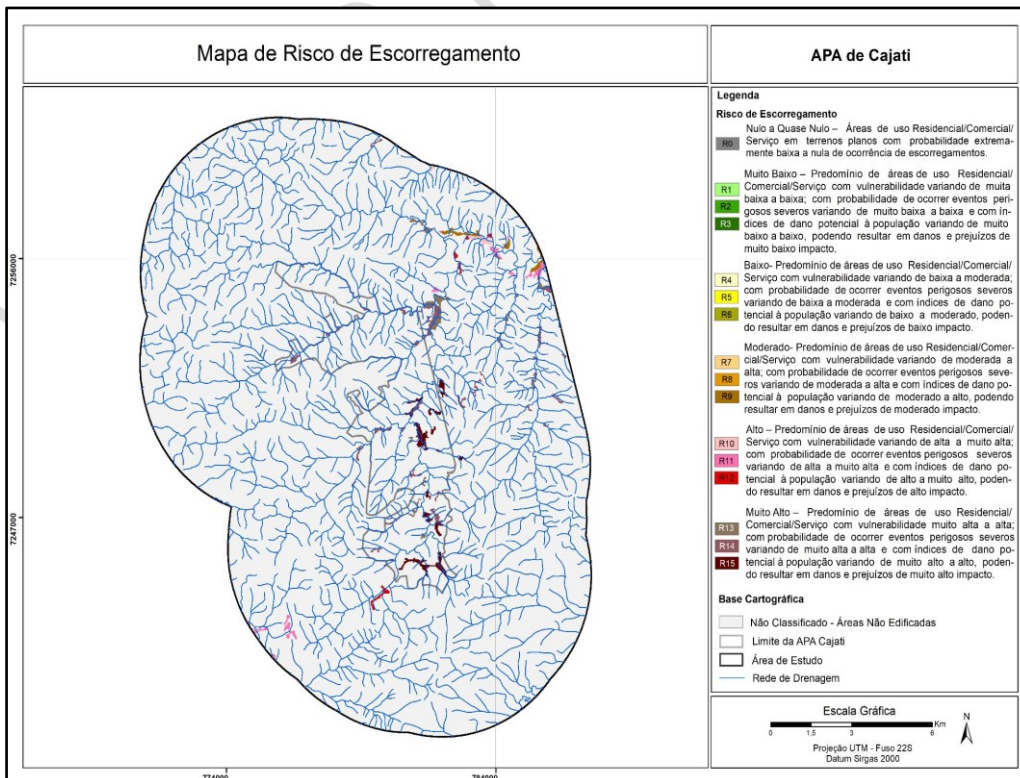
Fonte: autores.

Apêndice 3.8.J Mapa de Vulnerabilidade de áreas uso do tipo Residencial/Comercial/Serviços da área de estudo.



Fonte: autores.

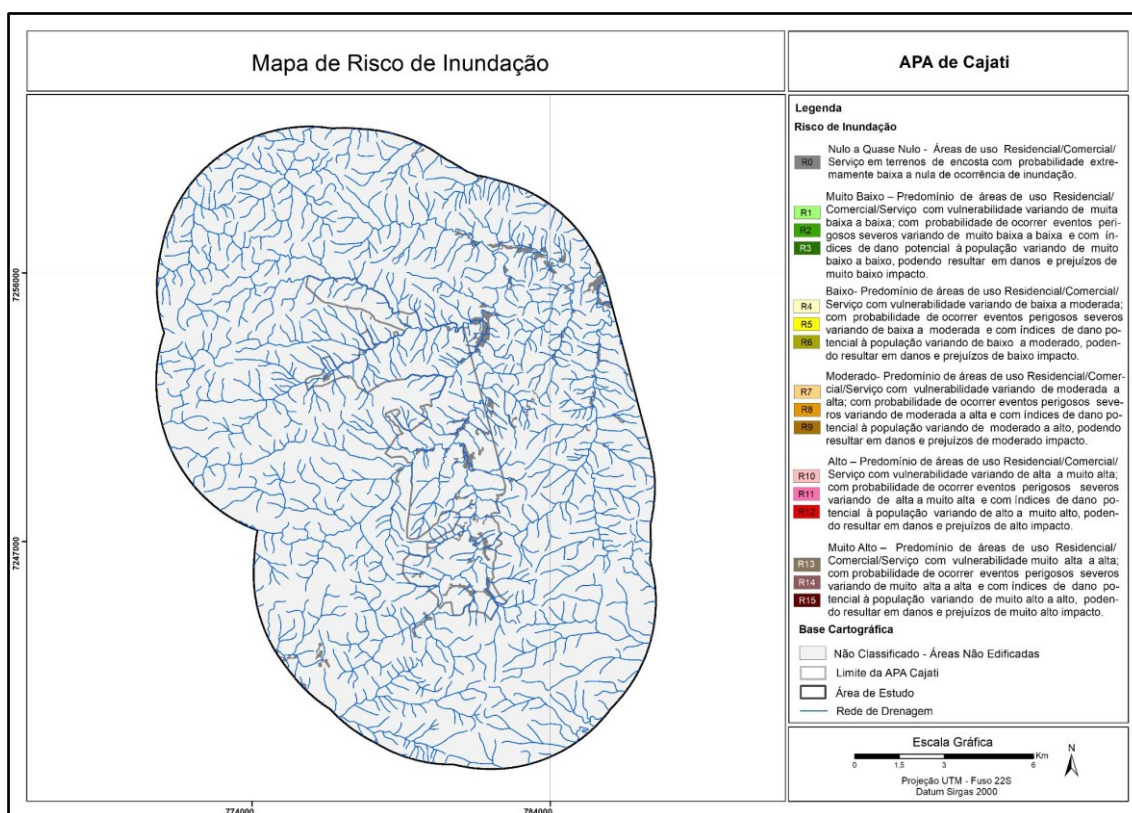
Apêndice 3.8.K Mapa de Risco de Escorregamento das áreas de uso Residencial/Comercial/Serviços da área de estudo.



Fonte: autores.

Área de Proteção Ambiental de Cajati

Apêndice 3.8.L Mapa de Risco de Inundação das áreas de uso Residencial/Comercial/Serviços da área de estudo.



Fonte: autores.

ANEXO IV – MEIO ANTRÓPICO

APÊNDICE 4.A Metodologia

A caracterização do meio antrópico foi elaborada por meio de pesquisa e análise de dados secundários produzidos pelos órgãos municipais, estaduais e federais oficiais listados abaixo, e seguiu os critérios definidos no “Roteiro Metodológico – Planos de Manejo das Unidades de Conservação do Estado de São Paulo” (disponível em <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/planos-de-manejo/roteiro-metodologico/>):

- 1) Patrimônios histórico, cultural, artístico e arqueológico tombados: portais do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT, 2022a, 2022b) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2022a, 2022b, 2022c, 2022d), e complementações com informações dos portais das prefeituras e de outros estudos realizados na região.

- 2) Dados demográficos e socioeconômicos para os anos de 2010 e 2019/2020/2021 (ano mais recente, dependendo do indicador): portal da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, em Produtos (SEADE, 2022a, 2022b); portal do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil para consulta do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (PNUD, 2013); portal da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Previdência para o levantamento do número de empregos formais (BRASIL, 2022); Relatório de Qualidade das Águas Superficiais no Estado de São Paulo – 2010 e 2020 (CETESB, 2011a, 2021a); Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Urbanos – 2010 e 2020 (CETESB, 2011b, 2021b); dados do Censo IBGE 2010 (IBGE, 2010) de infraestrutura de saneamento dos domicílios e de número de moradores, dos setores censitários que compõem a Unidade de Conservação e seu entorno; dados da Agência Nacional de Mineração (ANM) referentes à arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração dos Recursos Minerais em 2010 e 2021 (ANM, 2022).
- 3) Dados agrossilvipastoris: portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Banco de Tabelas Estatísticas SIDRA, onde são apresentados os dados da Produção Agrícola Municipal (PAM), da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) e da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) para os anos de 2010 e 2020 (IBGE, 2022a, 2022b, 2022c); Projeto LUPA (Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo), edições de 2007/08 e de 2016/17, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SÃO PAULO, 2009a, 2019).

Os dados passíveis de serem especializados foram analisados com o auxílio do software de Sistema de Informação Geográfica (GIS) ArcGIS Desktop e Quantum GIS, utilizado para criação de mapas, compilação de dados geográficos, análise de informações mapeadas e gestão de informações geográficas em bancos de dados.

O mapeamento de cobertura e uso do solo foi executado com base em revisão bibliográfica e cartográfica e interpretação de imagens orbitais digitais Geoeye 1 e World View de diferentes datas. Foram utilizadas as bases da vegetação nativa contidas no Inventário da Cobertura Vegetal Nativa do Estado de São Paulo (2021), sendo as áreas não vegetadas, mapeadas como uso.

A classificação da Cobertura e Uso do Solo utilizou, conforme Jensen (2009), os seguintes elementos de interpretação de imagem: localização; tonalidade e cor; tamanho; forma; textura; padrão; sombra; altura e profundidade; sítio, situação e associação.

Conforme Anderson et al. (1979), Florenzano (2002), IBGE (2013) e São Paulo (2022f) e conforme os objetivos do trabalho foram definidas as seguintes categorias que serviram de base para a interpretação das imagens orbitais digitais:

- Superfícies Naturais: mata; restauração florestal e área úmida;
- Superfícies Artificiais: área edificada
- Corpos D'água: curso d'água; Lagos, lagoas, represas
- Áreas Agrosilvopastoris: cultura permanente; cultura temporária; reflorestamento; pastagem e piscicultura.
- Espaços Abertos com Pouca ou Nenhuma Cobertura Vegetal: afloramento rochoso, solo exposto e área antrópica.

O software ArcGIS 10.5 foi utilizado no processo de interpretação e análise visual das imagens orbitais digitais. Foi elaborado layout contendo o mapa de uso e ocupação da da Unidade de Conservação e seu entorno (5 km). Após esta etapa, efetuou-se a quantificação das categorias de uso e ocupação da terra, sendo possível obter a área ocupada por cada categoria.

O levantamento das infraestruturas lineares presentes nos limites da área de estudo das UCs fundamentou-se nas informações geográficas que compõem o Banco de Dados do Geoportal e-Cenários (CETESB, 2022) e da Infraestrutura de Dados Espaciais Ambientais DataGEO da CPLA/SIMA.

O levantamento das infraestruturas de saneamento ambiental presentes nos limites da área de estudo das UCs fundamentou-se nas seguintes fontes: Planos Municipais de Saneamento Básico dos municípios Cajati (CAJATI, 2010) e Jacupiranga (JACUPIRANGA, 2010); Relatórios Analíticos de Saneamento Básico, elaborados pela ARSESP (Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo), dos municípios de Cajati (ARSESP, 2020b) e Jacupiranga (ARSESP, 2020c); Portal Cidades do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), dos municípios de Cajati (IBGE, c2017b) e Jacupiranga (IBGE, c2017c).

O levantamento das áreas contaminadas e reabilitadas presentes nos limites da área de estudo das UCs fundamentou-se na Relação de Áreas Contaminadas e Reabilitadas no Estado de São Paulo, elaborada pela CETESB (CETESB, 2020).

O levantamento dos empreendimentos com avaliação de impacto ambiental localizados nos limites da área de estudo das UCs fundamentou-se nas informações geográficas que compõem o Banco de Dados do Geoportal e-Cenários (CETESB, 2022a).

O levantamento das autorizações de supressão de vegetação localizadas nos limites da área de estudo das UCs fundamentou-se na base de dados do Sistema Integrado de Gestão Ambiental – SIGAM/SIGAMGEO (SÃO PAULO, 2022d).

4.1. História e Patrimônio

APÊNDICE 4.1.A Crânio do fóssil conhecido como Luzio, encontrado em sambaqui no Núcleo Capelinha do Parque Estadual do Rio Turvo (foto: Eduardo Cesar).



Fonte: PIVETTA, 2011

APÊNDICE 4.1.B Lista dos Sítios Arqueológicos do município de Cajati

Município	CNSA* e SICG**	Nome do sítio	Descrição sumária do sítio	Ano de cadastro	
Cajati ***	SP00312	Sambaqui Capelinha	Bairro Capelinha Ponto central (772852, 7248958)	Sambaqui fluvial; multicomponencial.	1982
	SP00313	Sambaqui Timbuva	Bairro Barra do Azeite (ponto central 783563, 7251878)	Sambaqui	1996
		Azeite 1****	(ponto central 785695,7253903)	sítio lítico	
		Capelinha 2****	(ponto central 781267,7249603)	Sambaqui	
		Capelinha 3****	(ponto central 778730, 7249201)	Sambaqui	
		Batatal 1****	(ponto central 769428,7263414)	Sambaqui	
		Batatal 2****	(ponto central 769063, 7263987)	Sambaqui	
		Sambaqui Jaraçatiá****		Sambaqui – cadastrado por MAE-USP	Cadastrou do por MAE-USP (Paulo de Blasis/ Erika Gonzalez)

Fonte: IPHAN (2022c, 2022d), Figutti et al (2004) elaborado por SIMA/CPLA (2022).

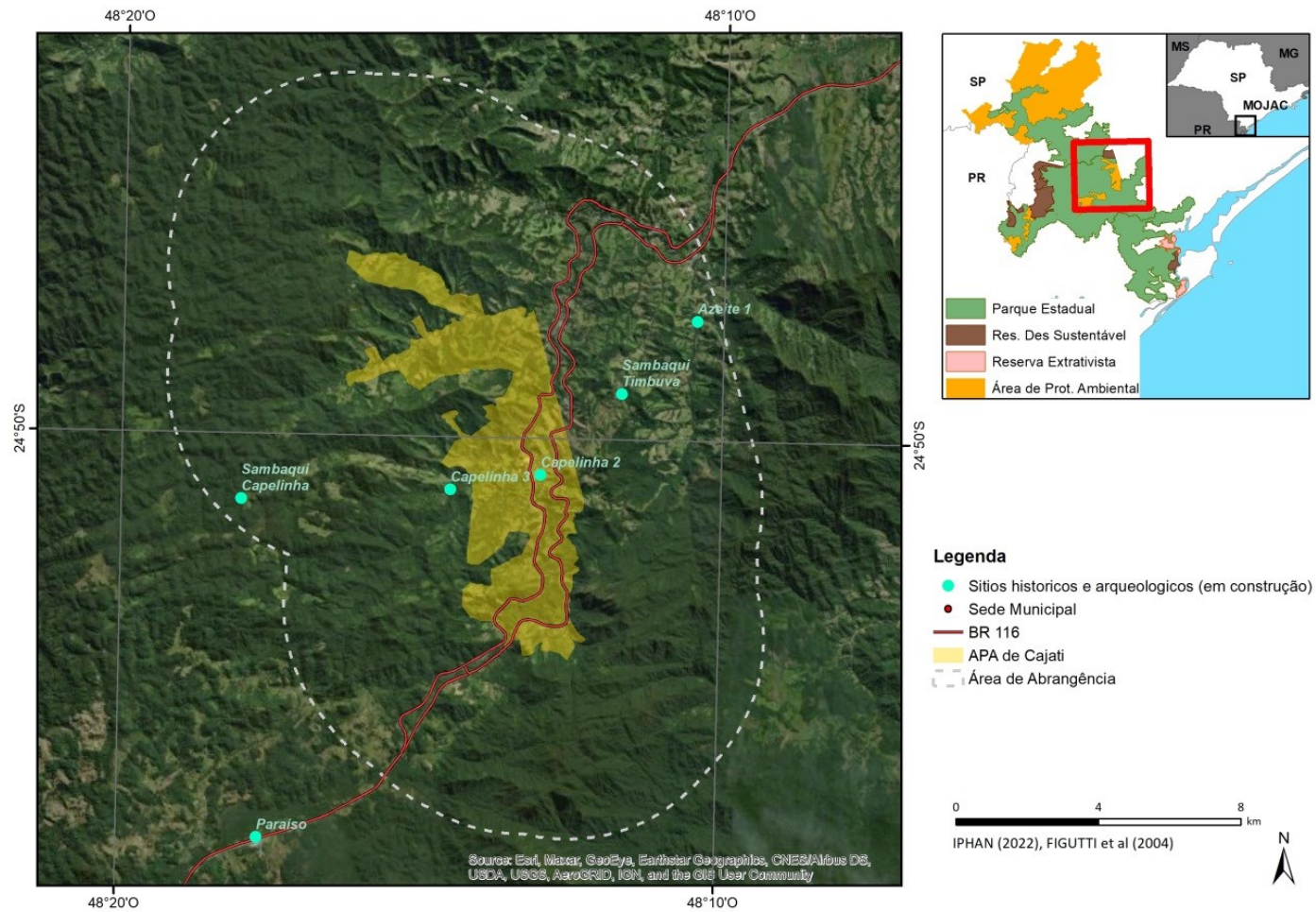
*Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA).

**Sítios homologados no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG).

*** Originalmente os sítios foram cadastrados no município de Jacupiranga, pois o cadastro foi antes da emancipação do município de Cajati, mas eles se localizam onde hoje é o município de Cajati.

****Figuti, L. (coord.) et al., 2004

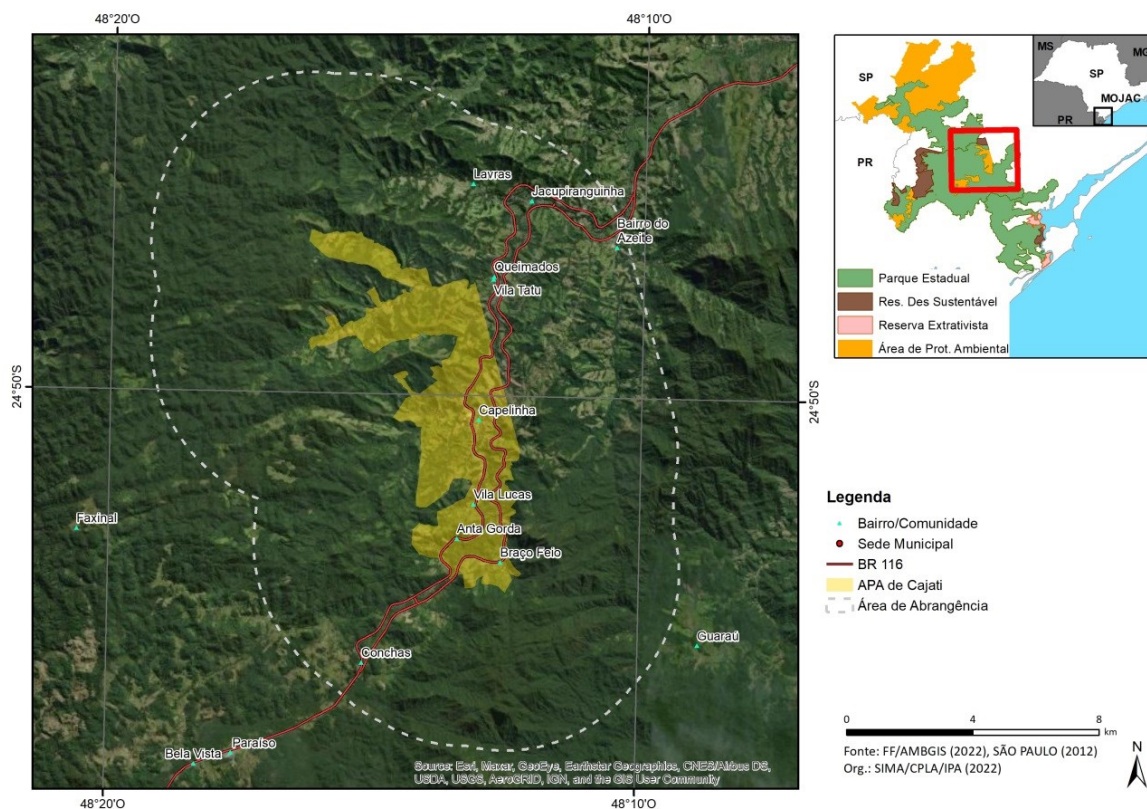
APÊNDICE 4.1.C. Localização dos sambaquis cadastrados na área de abrangência da APA de Cajati (mapa preliminar).



Fonte: IPHAN (2022c, 2022d), Figutti et al (2004) elaborado por SIMA/CPLA (2022).

4.2. Ocupação humana

APÊNDICE 4.2.A Mapa de localização de bairros e comunidades na área de abrangência da APA de Cajati.



Fonte: FF/AMBGIS (2022) elaborado por SIMA/CPLA (2022).

4.3. Dinâmica demográfica

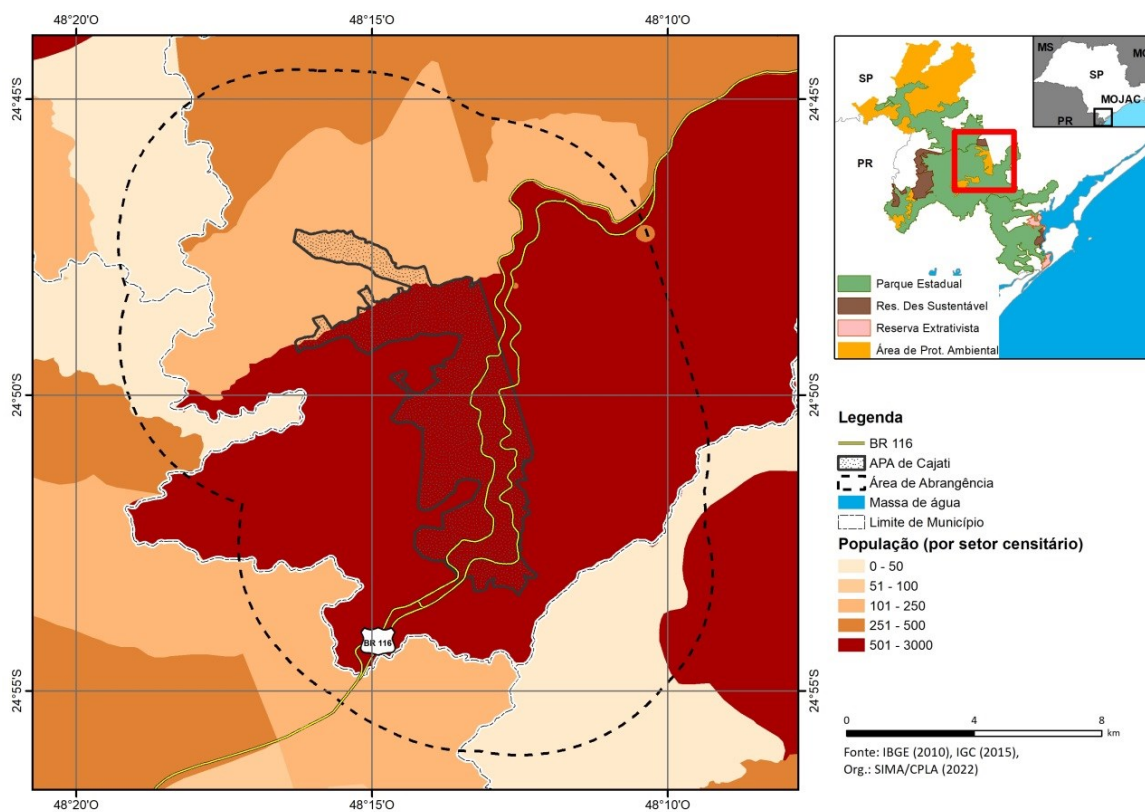
APÊNDICE 4.3.A Caracterização dos setores censitários que compõem a área de abrangência da APA de Cajati (Censo IBGE 2010).

Município	Nº Setor	Tipo de setor	Situação do Setor	Moradores	Domicílios	Domicílios particulares permanentes (PP)	Área	Densidade demográfica (hab/km ²)
Cajati	350925405000026	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	805	241	240	53,50	15,05
Cajati	350925405000027	RURAL	Agglomerado rural isolado - povoado	377	107	105	0,22	1,713,64
Cajati	350925405000028	RURAL	Agglomerado rural isolado - povoado	266	79	79	0,03	8,866,67
Cajati	350925405000029	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	673	189	189	51,14	13,16
Cajati	350925405000030	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	636	201	201	69,68	9,13
Cajati	350925405000031	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	103	31	31	46,42	2,22

Município	Nº Setor	Tipo de setor	Situação do Setor	Moradores	Domicílios	Domicílios particulares permanentes (PP)	Área	Densidade demográfica (hab/km²)
Cajati	350925405000033	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	373	115	115	56,30	6,63
Cajati	350925405000037	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	221	69	67	12,93	17,09
Cajati	350925405000038	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	830	256	256	3,17	261,83
Jacupiranga	352460005000022	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	1	275	275	82,09	0,01
Jacupiranga	352460005000019	RURAL	Zona rural, exclusive aglomerado rural	573	177	177	53,41	10,73

Fonte: IBGE (2010, 2011), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.3.B Distribuição da população por setor censitário na a área de abrangência da APA de Cajati (Censo IBGE 2010).



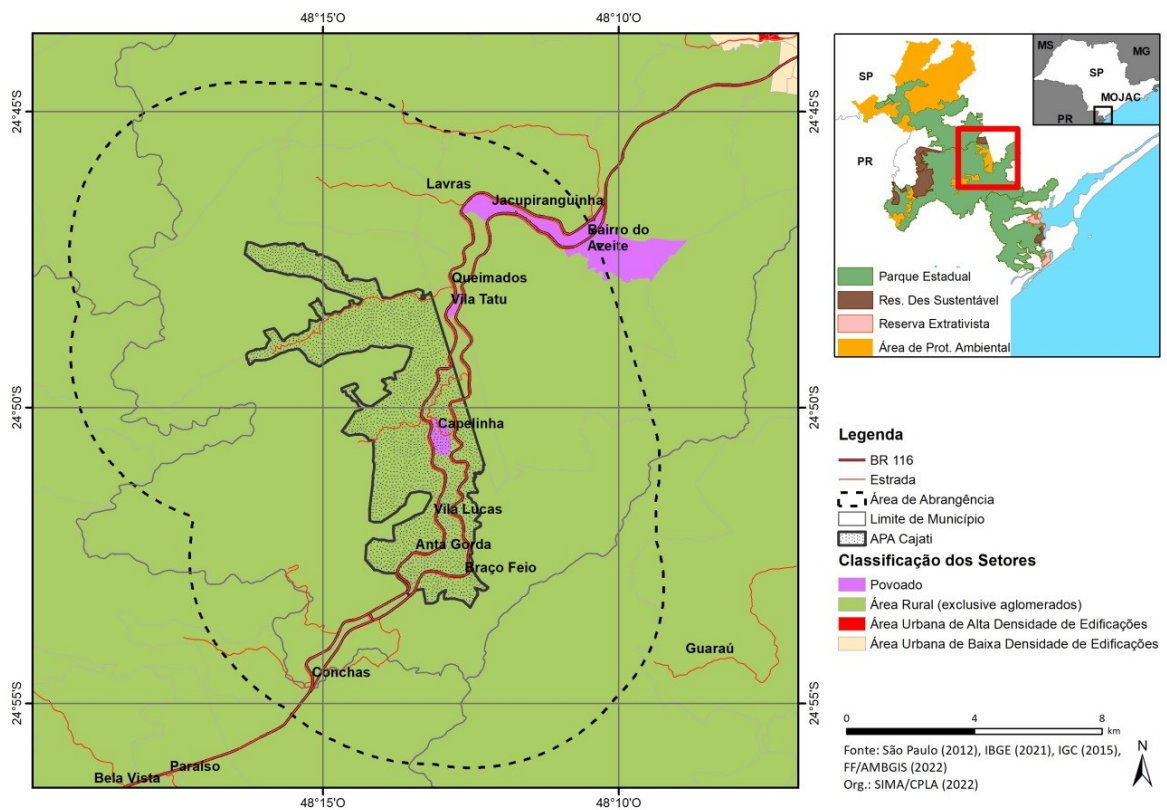
Fonte: IBGE (2010), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.3.C Populações urbana e rural e grau de urbanização nos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati e no estado de São Paulo em 2010 e 2021.

Localidade	2010				2021			
	Urbana	Rural	Total	Grau de urbanização (%)	Urbana	Rural	Total	Grau de urbanização (%)
Cajati	20.725	7.654	28.379	73,03	21.623	7.493	29.116	74,27
Jacupiranga	9.368	7.839	17.207	54,44	9.385	7.852	17.237	54,45
Estado de São Paulo	39.548.206	1.675.477	41.223.683	95,94	43.348.195	1.544.717	44.892.912	96,56

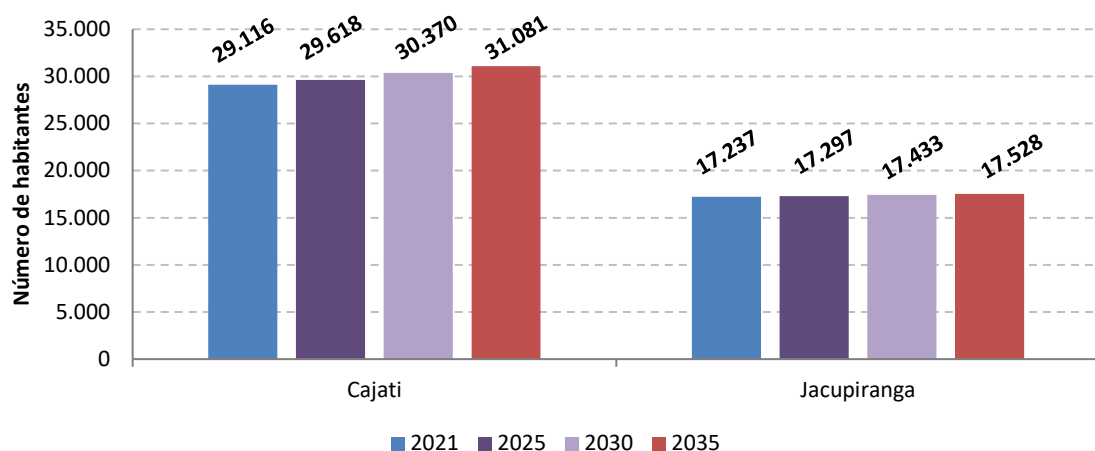
Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.3.D Tipificação dos setores censitários que compõem a área de abrangência da APA de Cajati com base na Malha Setorial Intermediária 2021.



Fonte: IBGE (2021), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.3.E Projeções populacionais nos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati (anos 2021, 2025, 2030 e 2035).



Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

4.4. Dinâmica econômica

APÊNDICE 4.4.A Empregos formais, por setores, em 2010 e 2019, nos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati e no estado de São Paulo.

LOCALIDADE	Cajati		Jacupiranga		Estado de São Paulo	
	2010	2019	2010	2019	2010	2019
Indústria	558	1.234	270	429	2.757.559	2.349.176
Comércio	922	826	678	670	2.484.504	2.705.059
Serviços	2.165	2.874	1.309	1.188	6.635.718	7.713.247
Construção	679	955	10	15	666.425	573.228
Agropecuária	749	801	783	951	329.399	316.421
Emprego formal total	5.073	6.690	3.050	3.253	12.873.605	13.657.131

Fonte: Brasil (2022), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.4.B Atrativos e Infraestrutura Turística dos municípios da área de abrangência da APA de Cajati, segundo os planos diretores de Turismo e as páginas da internet das prefeituras.

MUNICÍPIO	JACUPIRANGA	CAJATI
HOTÉIS RESTAURANTES	Hotel e Lanchonete Suzyellem; Hotel Morada do Sol; Hotel Edumar;	Hotel e Restaurante Luar de Agosto; Hotel Cordeiro; Sueber Hotel; Lanchonete e Hotel Cortesia;
ATRATIVOS NATURAIS	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica; Mosaico de Unidade de Conservação Jacupiranga; Parque Estadual do Lagamar de Cananéia; Serra do Mandira; Trilha do Pé da Serra; Parque Estadual do Rio Turvo; Serra do Cadeado; Mirante do Guaraú; Rio Guaraú; Corredeira do Salto; Cachoeira do Guaraú; Cachoeira do Desemboque; Rio Canha; Caminho do Peabirú;	Parque Estadual do Rio Turvo – Núcleo Capelinha; Sambaquis de água doce; O segundo fóssil mais antigo do Brasil, o Luzio; Cachoeira da capelinha; Mirante da capelinha; O Guararema (árvore multicentenária); Cachoeira do Azeite; Quedas d'água do Rio do azeite; Cachoeira do Braço Feio; Cachoeira do Umuarama; Morro do Guaraú; Cachoeira da RDS de Lavras; Cachoeira do Lamarca; Caverna do Lamarca
ATRATIVOS CULTURAIS/ OUTROS ATRATIVOS	Quilombo do Poça; Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição; Rodízio 477 – O primeiro Rodízio do Brasil; Cemitério; Banda Municipal Maestro Áureo José de Lima; Biblioteca Municipal Eunice Carneiro de Paula; Monumento 100 anos da Imigração Japonesa; Casa do Artesão; Artigos de Selaria – Selaria do Adilson; Rabecas – Fernando Moledo Garcia	Museu da capelinha; RDS de Lavras; Comunidades rurais e tradição rural;
EVENTOS	EXPOJAC; Feira da Lua; Feira do Produtor Rural; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição;	Festa do Padroeiro de Cajati (Santo Antonio – 13 de junho); Macacolama – encontro de trilheiros; Festa do Peão/rodeio

Fontes: Cajati (2022) e Jacupiranga (2017), elaborado por SIMA/CPLA (2022)

APÊNDICE 4.4.C Dados agropecuários, de silvicultura e das principais culturas e rebanhos dos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati em 2010 e 2020 e o total do estado de São Paulo.

	Cajati		Jacupiranga		Estado de São Paulo		
	2010	2020	2010	2020	2010	2020	
Lavoura temporária (área plantada - ha)	Arroz (em casca)	-	-	55	20	20.622	11.307
	Feijão (em grão)	30	5	120	-	128.579	90.144
	Mandioca	23	26	80	15	53.300	65.264
	Milho (em grão)	-	25	35	40	774.864	810.287
	Outras	-	3	-	1	5.813.032	7.091.260
	<i>Área total de lavouras temporárias</i>	<i>53</i>	<i>59</i>	<i>290</i>	<i>76</i>	<i>6.790.397</i>	<i>8.068.262</i>
Lavoura permanente (área destinada a colheita - ha)	Banana (cacho)	4.500	4.500	3.000	3.000	57.052	49.093
	Maracujá	35	24	30	6	2.077	1.862
	Palmito	400	880	80	220	3.134	10.719
	Outras	20	20	86	71	958.448	733.392
	<i>Área total de lavouras permanentes</i>	<i>4.955</i>	<i>5.424</i>	<i>3.196</i>	<i>3.297</i>	<i>1.020.711</i>	<i>795.066</i>
Silvicultura	<i>Área total de eucalipto em 31/12 (ha)</i>	-	150	-	1.650	-	980.167
	<i>Área total de pinus em 31/12 (ha)</i>	-	170	-	450	-	220.612
Aquicultura (kg)	Carpa	-	-	-	4.000	-	115.470
	Pacu e Patinga	-	1.000	-	3.000	-	2.983.883
	Tambaqui	-	-	-	3.000	-	99.520
	Tilápia	-	2.500	-	10.000	-	50.209.683
	Outros peixes	-	45.000	-	-	-	420.030
Pecuária (cabeças)	Bovinos	4.900	7.200	9.000	7.200	11.197.697	10.563.637
	Bubalinos	125	450	100	1.600	71.994	114.523
	Suínos (total)	1.900	1.000	-	700	1.693.632	1.516.636
	Galináceos (total)	-	-	-	6.000	221.449.140	200.612.008
	Outros rebanhos	300	1.350	217	400	7.272.725	4.440.104
	<i>Total de cabeças</i>	<i>7.225</i>	<i>10.000</i>	<i>9.317</i>	<i>15.900</i>	<i>241.685.188</i>	<i>217.246.908</i>

Fontes: IBGE (2022a, 2022b, 2022c), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.4.D Dados consolidados das áreas destinadas a culturas temporárias e perenes, reflorestamento e pastagem dos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati nas duas últimas edições do Projeto LUPA (2007/08 e 2016/17).

Tipo de atividade	Áreas totais (em ha)					
	Cajati		Jacupiranga		Estado de SP	
	2007/08	2016/17	2007/08	2016/17	2007/08	2016/17
Cultura permanente	5.070,9	3.776,9	3.813,4	4.690,2	1.225.035,2	1.003.465,2
Cultura temporária	362,5	14,5	654,7	522,3	6.737.699,2	7.928.685,9
Pastagem	9.898,9	5.869,6	12.700,0	13.439,2	8.072.848,9	6.379.331,2
Reflorestamento	1.393,7	211,0	2.638,2	2.621,2	1.023.157,8	1.170.972,0

Fonte: São Paulo (2009, 2019), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.4.E. Produtos agrícolas declarados em oficina participativa

Denominação popular	Capelinha	Guaraú	Queimados	Anta Gorda
Abacate	X	X	X	X
Abacaxi	X		X	X
Abóbora	X	X	X	X
Acelga	X	X	X	
Acerola	X	X	X	X
Alface	X	X	X	X
Almeirão	X	X	X	X
Ameixa	X		X	
Amora		X	X	
Araçá	X		X	X
Araticum	X			
Açafrão	X	X	X	X
Ata	X		X	
Banana	X	X	X	X
Batata	X		X	X
Beterraba	X	X		
Brócolis	X			
Cacau	X		X	
Café	X		X	X
Caju	X			
Cana	X	X	X	X
Caqui	X	X	X	
Cará				X
Carambola			X	X
Castanha	X			
Cebola	X	X	X	
Cebolinha	X		X	X

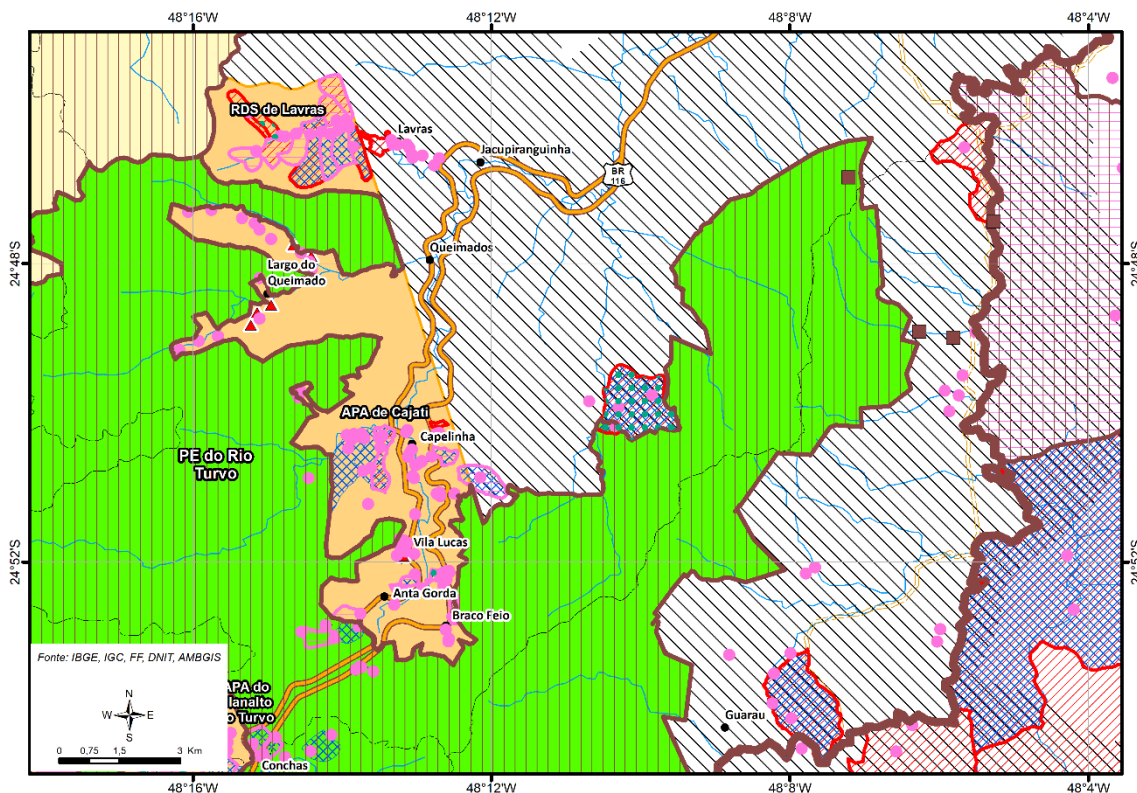
Denominação popular	Capelinha	Guaraú	Queimados	Anta Gorda
Cenoura	X	X	X	
Cheiro Gordo	X			
Cheiro Verde	X	X	X	X
Chicória	X			
Chuchu	X	X	X	X
Coco	X			X
Coentro	X	X	X	
Couve	X	X	X	
Escarola	X	X	X	X
Espinafre	X			
Feijão	X	X	X	X
Feijão Andu				X
Gengibre	X			X
Goiaba	X	X	X	X
Graviola	X			
Hortelã Gordo	X		X	
Inhame				X
Jabuticaba	X		X	X
Jaca	X	X	X	X
Jambo	X		X	
Jambolão	X		X	
Jiló	X	X	X	X
Laranja	X		X	X
Lima	X		X	
Limão	X	X	X	X
Mamão	X		X	X
Mandioca	X	X	X	X
Manga	X		X	
Manjerona	X			
Maracujá	X	X	X	X
Melancia	X			
Mexerica	X	X	X	
Milho	X	X	X	X
Moranga	X		X	
Pepino	X		X	
Pimenta	X	X		
Pimentão	X			
Pitanga	X	X	X	
Quiabo	X	X	X	X
Rabanete	X			
Rúcula	X	X		
Salsinha	X	X	X	X
Tomate	X	X		

Denominação popular	Capelinha	Guaraú	Queimados	Anta Gorda
Uva	X			
Vagem	X	X	X	X
Pitaya	X			

APÊNDICE 4.4.F. Infraestrutura para produção agrícola e criação de animais

Infraestrutura	Capelinha	Guaraú	Queimados	Anta Gorda
Barraca de banana				
Barracão/galpão	X	X	X	
Casa de farinha	X	X		
Câmara fria	X	X		
Cerca de choque	X			
Curral/mangueirão	X	X	X	X
Despolpadeira	X			
Estufa		X	X	
Forno	X			
Freezer	X	X		
Frigofrigo		X		
Maquinário	X			
Microtrator	X	X	X	
Mni trator Tobata	X	X		
Motosserra	X	X	X	
Residência/moradia	X	X		X
Roçadeira	X	X	X	
Tirolesa		X	X	
Trator	X	X		
Triturador	X	X		

APÊNDICE 4.4.G. Mapeamento participativo das áreas de produção e de área de interesse



- Legenda**
- Sede municipal
 - ⊙ Sede distrital
 - Aglomerado rural isolado (localizações estimadas)
 - Corpo d'água
 - Curso d'água
 - Via pavimentada
 - Via não pavimentada
 - Limite municipal
 - Limite estadual
 - MOJAC CENTRO**
 - Uso sustentável
 - Proteção integral
 - Mojac - Outras regiões
 - Zona de amortecimento MOJAC (5 km)
 - Locais de ocorrência de cultivos diversos
 - ▲ Locais de ocorrência de atividades de agrosilvicultura
 - ◆ Locais de ocorrência de atividade pecuária e de criação de animais
 - Locais de ocorrência de atividade turística
 - Locais de ocorrência de atividade extrativista
 - Áreas de ocorrência de cultivos diversos
 - Áreas de ocorrência de atividades de agrosilvicultura
 - Atividade pecuária e criação de animais
 - Áreas de ocorrência de atividade turística
 - Áreas de ocorrência de atividade extrativista

APÊNDICE 4.4.H. Ervas medicinais de uso próprio listadas em oficina participativa

Nome popular	Capelinha	Guaraú	Queimados	Anta Gorda
Alecrim	X	X	X	X
Ampicilina	X		X	X
Anador	X			
Arruda	X		X	X
Atroveram		X		
Babosa	X	X	X	X
Boldo	X	X	X	X
Camomila	X	X	X	X
Cânfora	X		X	
Capichu	X		X	X
Capim-santo	X		X	
Cavalinha	X	X	X	X
Chapéu de Couro	X		X	X

Nome popular	Capelinha	Guaraú	Queimados	Anta Gorda
Cidró	X	X	X	X
Cipó Baiano			X	
Confrei	X		X	
Doril	X			
Erva de Bicho	X		X	X
Erva de macuco	X			
Erva-cidreira	X	X	X	
Erva-doce	X		X	X
Espinheira Santa	X		X	X
Estomalina	X		X	
Fava	X	X	X	X
Fidego	X			
Flor da Amazônia	X			
Folha da Amazonia	X			
Folha Santa	X	X		
Guaco	X	X	X	X
Guiné	X		X	
Hortelã	X	X	X	X
Hortelã Pimenta	X	X	X	X
Jarbão	X		X	
Losna	X	X	X	X
Melissa	X	X	X	X
Milome	X		X	X
Novalgina	X		X	
Penicilina	X	X	X	
Picão	X		X	X
Poejo	X	X	X	X
Quina Branca	X		X	X
Rosa Branca	X		X	X
Sabugueiro	X	X		X
Salva Vidas	X			
Santa Maria	X			X
Tanchais	X		X	X
Unha de Gato	X		X	X
Vermelhão	X			
Vick	X		X	X
Caninha do brejo	X			

4.5. Dinâmica social

APÊNDICE 4.5.A Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) nos anos de 1991, 2000 e 2010 para os municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati e para o estado de São Paulo e detalhamento dos indicadores do IDHM 2010.

Localidade	IDHM 1991	IDHM 2000	IDHM 2010	Dimensões do IDHM 2010			Ranking no estado
				IDHM Educação	IDHM Longevidade	IDHM Renda	
Cajati	0,434 (muito baixo)	0,579 (baixo)	0,694 (médio)	0,611	0,832	0,658	601
Jacupiranga	0,477 (muito baixo)	0,618 (médio)	0,717 (alto)	0,644	0,832	0,687	494
Estado de São Paulo	0,578 (baixo)	0,702 (alto)	0,783 (alto)	0,719	0,845	0,789	

Fonte: PNUD (2013), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.5.B Indicadores sintéticos do Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS) nos municípios que compõem a área de abrangência da APA de Cajati e no estado de São Paulo em 2014, 2016 e 2018.

Localidade	2014				2016				2018			
	R	L	E	Grupo	R	L	E	Grupo	R	L	E	Grupo
Cajati	baixa	baixa	baixa	Vulneráveis	baixa	baixa	baixa	Vulneráveis	baixa	alta	baixa	Em Transição
Jacupiranga	baixa	média	média	Equitativos	baixa	baixa	alta	Em Transição	baixa	baixa	média	Em Transição
Estado de São Paulo	alta	alta	média		alta	alta	média		alta	alta	média	

Fonte: Seade (2022a), elaborado por SIMA/CPLA (2022). R: dimensão riqueza. L: dimensão longevidade. E: dimensão escolaridade.

Nota:

Os parâmetros para classificação dos grupos de IPRS são:

Dinâmicos: níveis altos de riqueza e níveis altos e/ou médios de longevidade e escolaridade;

Desiguais: níveis altos de riqueza, mas com nível baixo de longevidade e/ou de escolaridade;

Equitativos: níveis baixos de riqueza e níveis altos e/ou médios de longevidade e escolaridade;

Em Transição: níveis baixos de riqueza e nível baixo de longevidade ou de escolaridade;

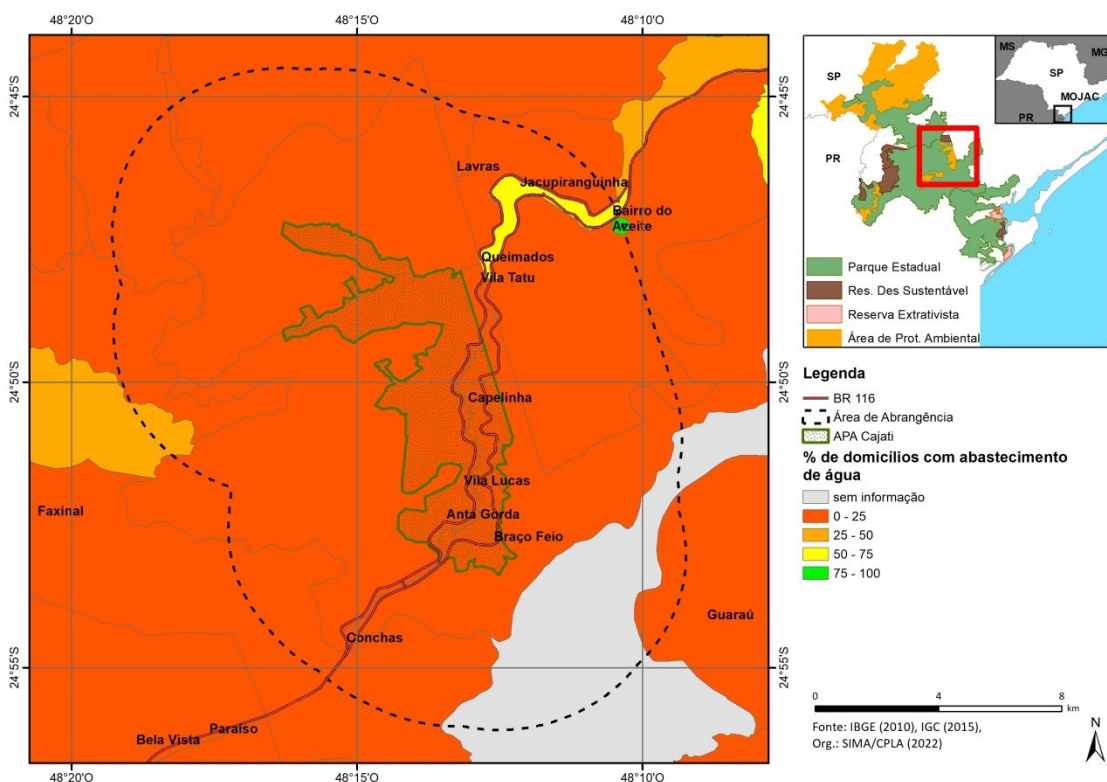
Vulneráveis: níveis baixos de riqueza, de longevidade e de escolaridade.

Apêndice 4.5.C. Indicador de Coleta e Tratabilidade de Esgoto da População Urbana de Município (ICTEM) nos municípios que compõem a APA de Cajati e comparação com o estado em 2010 e 2020.

Localidade	2010				2020				Corpo Receptor
	Atendimento (%)		Eficiência do processo de tratamento de esgoto (%)	ICTEM	Atendimento (%)		Eficiência do processo de tratamento de esgoto (%)	ICTEM	
	Coleta	Tratamento			Coleta	Tratamento			
Cajati	59	99	80	5,90	81,2	100	82	7,56	R. Jacupiranguinha (98%); Ribeirão do Braz (2%)
Jacupiranga	80	92	81	7,00	100	92	79	8,09	R. Jacupiranga (90%); Rio Pindaúba (2%)
Estado de São Paulo	87	51	79	5,00	89,00	65	87	7,74	

Fonte: CETESB (2011a, 2021a), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

Apêndice 4.5.D Mapa com a distribuição percentual dos domicílios com abastecimento de água via rede na área de abrangência da APA de Cajati.



Fonte: IBGE (2010), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

Apêndice 4.5.E Índice de Qualidade de Aterros de Resíduos (IQR) nos municípios de Cajati e Jacupiranga e comparação com o IQR estadual em 2010 e 2020.

Localidade	2010			2020			Observações
	RSU (t/dia)	IQR	Enquadramento	RSU (t/dia)	IQR	Enquadramento	
Cajati	8,30	8,40	Condição Adequada	14,57	7,40	Condição Adequada	Disponha em aterro municipal.
Jacupiranga	3,70	9,00	Condição Adequada	6,82	8,20	Condição Adequada	Disponha em aterro municipal.
Estado de São Paulo	26.340,50	8,40	Condição Adequada	40.826,40	8,70	Condição Adequada	

Fonte: CETESB (2011b, 2021b), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

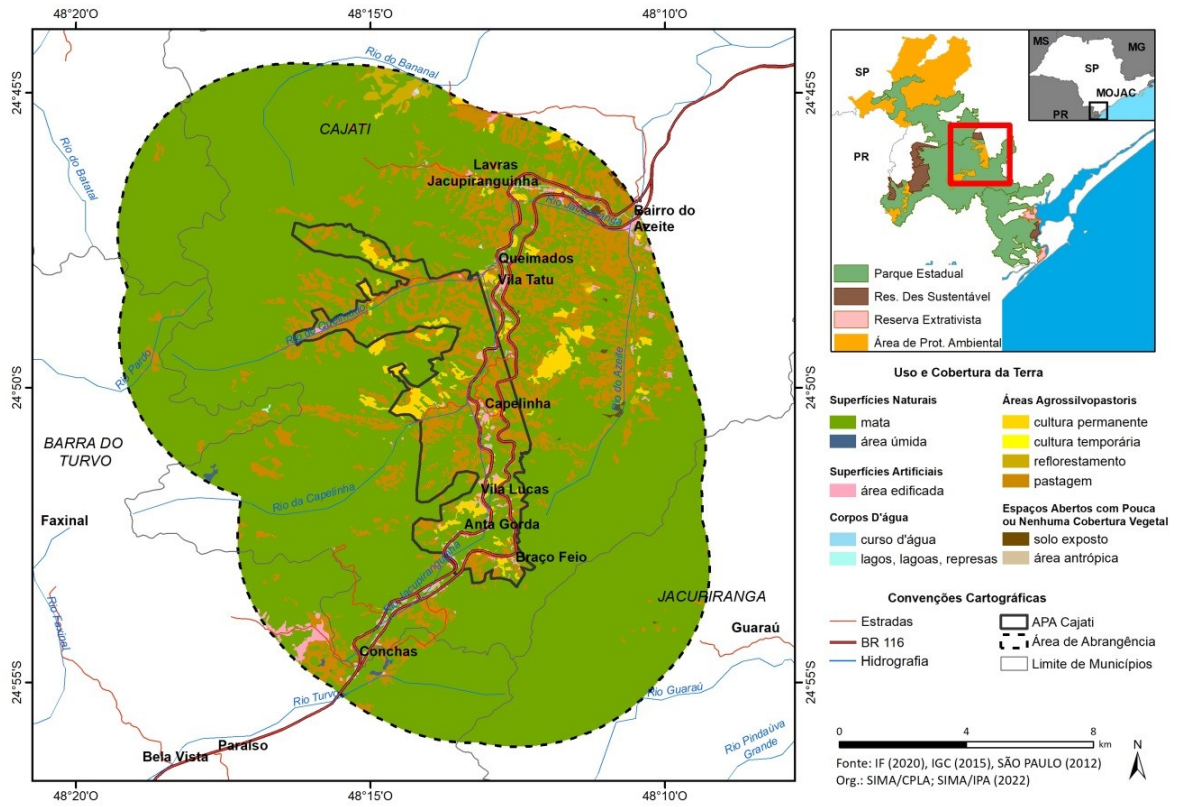
Nota: na metodologia do cálculo do IQR anterior a 2012, as instalações eram enquadradas como inadequadas (de 0 a 6,0), controladas (de 6,1 a 8,0) e adequadas (de 8,1 a 10,0). Na metodologia atual, há apenas dois enquadramentos, inadequado (de 0 a 7,0) e adequado (de 7,1 a 10,0).

APÊNDICE 4.5.F. Mapeamento dos atores sociais, sua proximidade e relação com o território da APA Cajati



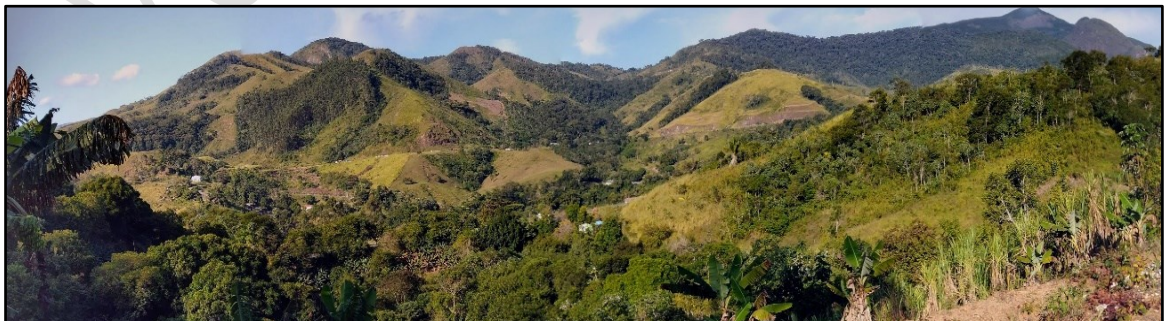
4.6 Dinâmica territorial

APÊNDICE 4.6.A Mapa de uso e cobertura da terra na área de abrangência da APA de Cajati



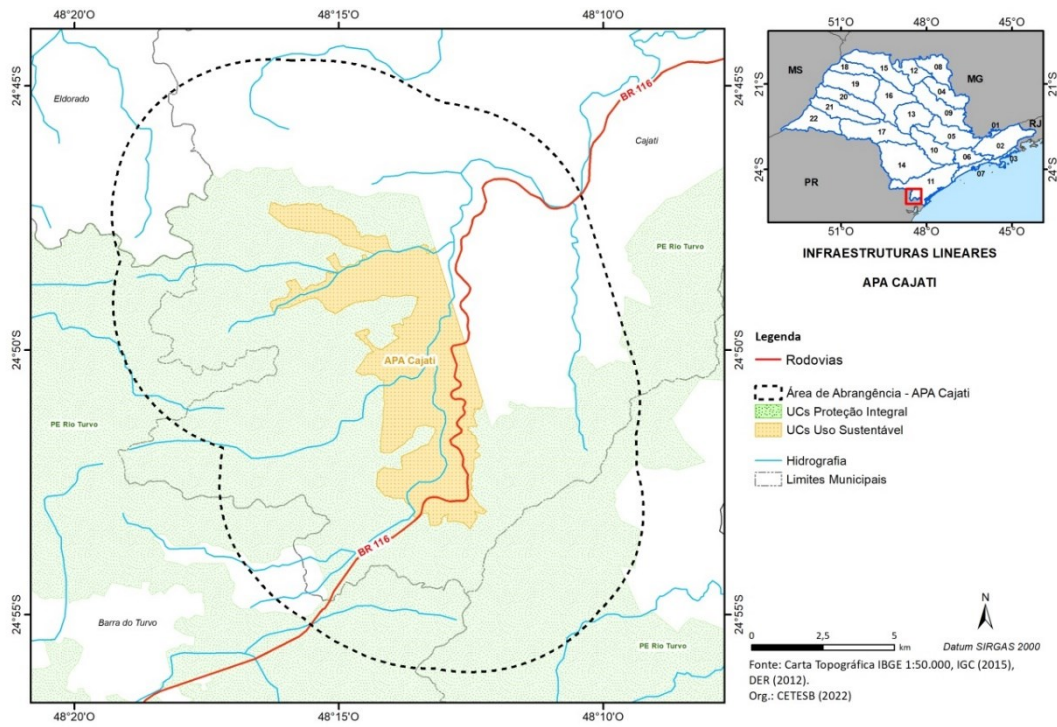
Fonte: IF (2020), elaborado por SIMA/CPLA (2022) e SIMA/IPA (2022).

APÊNDICE 4.6.B Paisagem típica da APA de Cajati com áreas de reflorestamento de eucalipto, pastagens e manchas de vegetação nativa. Ao centro nota-se o traçado da Rodovia Régis Bittencourt (BR-116).



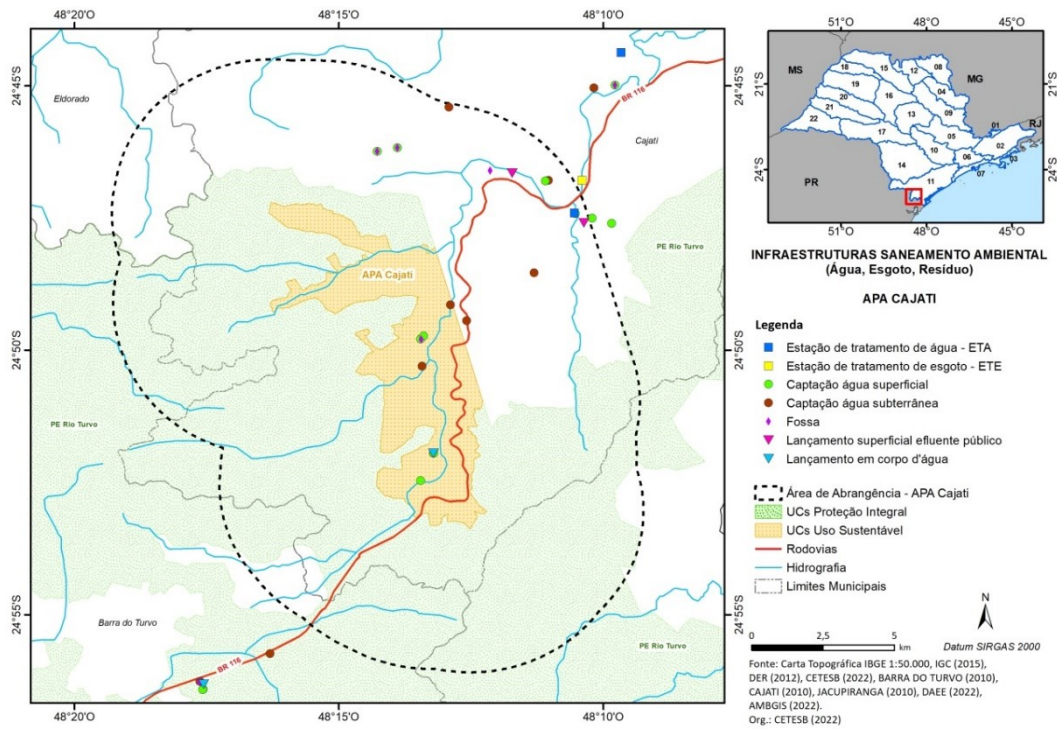
Fonte: IPA

APÊNDICE 4.6.C Mapa de infraestruturas lineares na área de abrangência da APA de Cajati



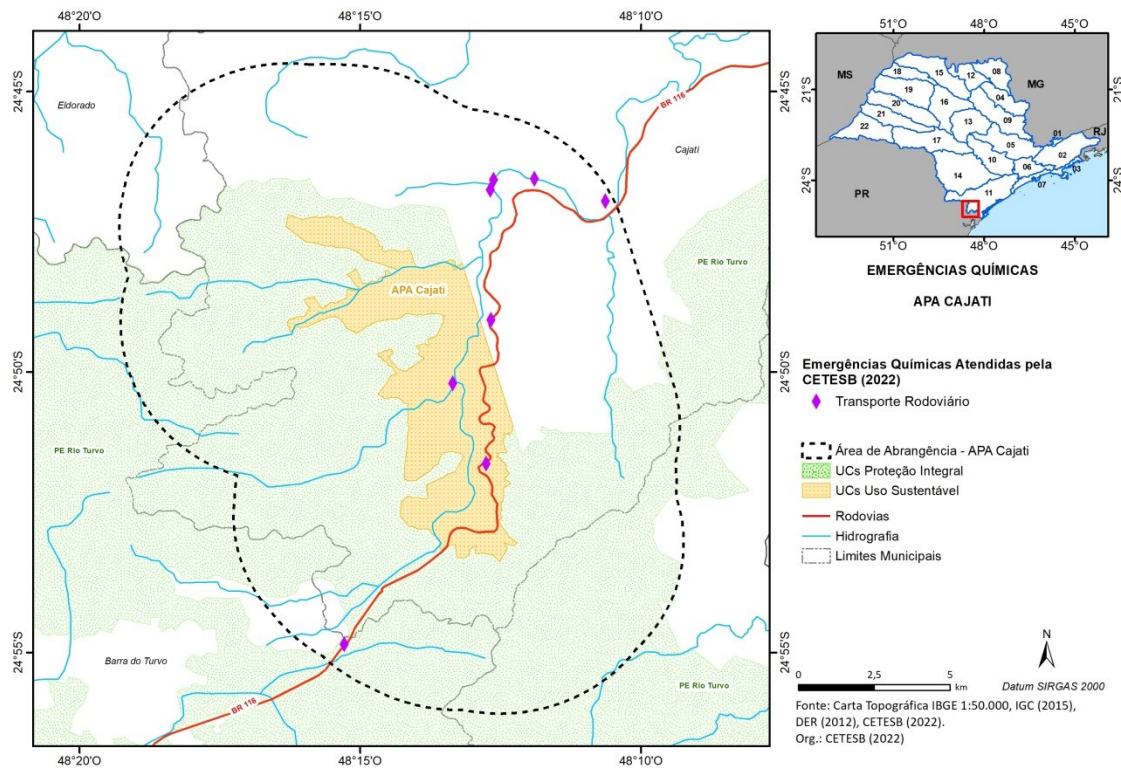
Fonte: CETESB (2022a), elaborado por CETESB (2022).

APÊNDICE 4.6.D Infraestrutura de saneamento (água, esgoto e resíduos) na área de abrangência da APA de Cajati.



Fontes: Barra do Turvo (2010), Cajati (2010), Jacupiranga (2010), FF/AMBGIS (2022) e CETESB (2022a) elaborado por CETESB (2022)

APÊNDICES 4.6.E Emergências químicas na área de abrangência da APA de Cajati



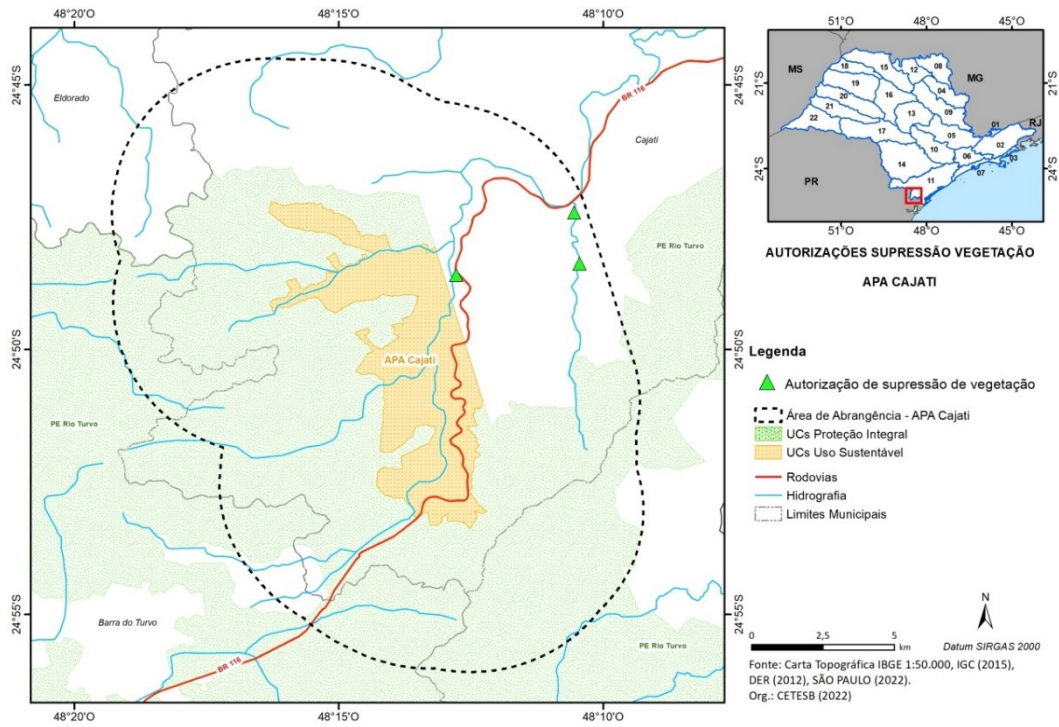
Fontes: CETESB (2020) e CETESB (2022b); elaborado por CETESB (2022).

APÊNDICE 4.6.F. Consumo de energia elétrica nos municípios que compõem a APA de Cajati e no estado de São Paulo em 2010 e 2020.

Localidade	Comércio e serviços		Industrial		Residencial		Rural		Iluminação, serviços públicos e outros		Total	
	2010	2020	2010	2020	2010	2020	2010	2020	2010	2020	2010	2020
Cajati	4.432	6.027	232.791	201.799	13.701	19.534	1.739	1.865	3.967	5.943	256.631	235.169
Jacupiranga	3.251	5.139	2.805	1.987	7.988	11.112	2.123	2.073	2.439	2.769	18.606	23.080
Estado de São Paulo	22.869.695	26.187.882	54.466.229	42.461.893	34.220.748	42.047.251	2.790.429	3.314.167	10.679.546	11.197.362	125.033.891	125.208.555

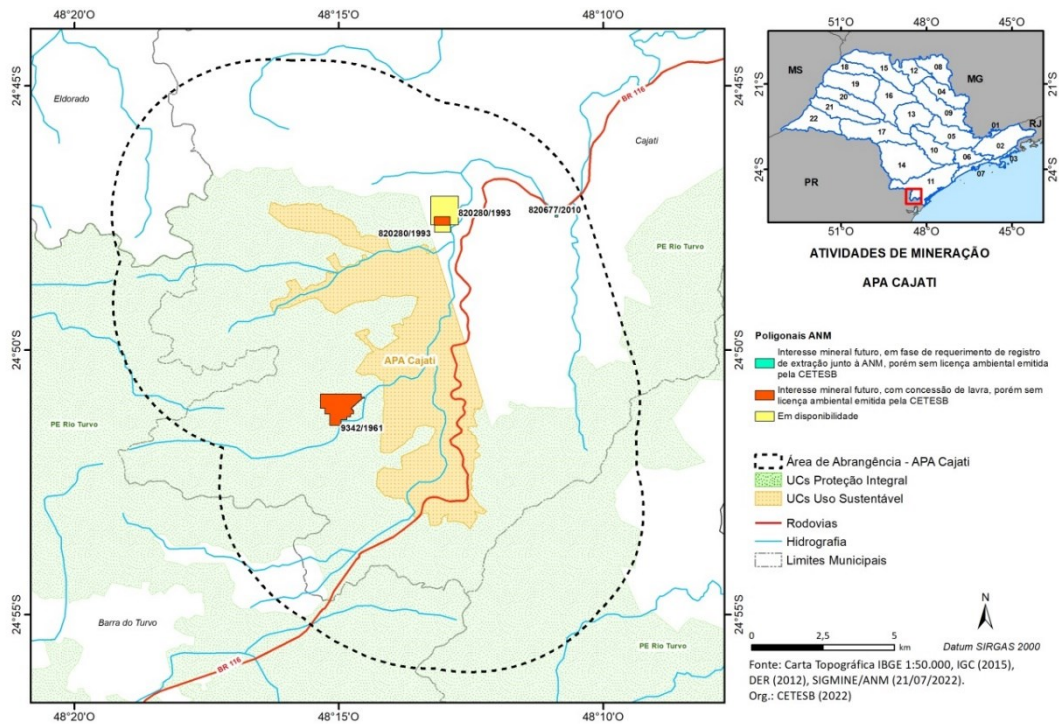
Fontes: São Paulo (2022c) e Seade (2022b), elaborado por SIMA/CPLA (2022).

APÊNDICE 4.6.G. Autorizações para supressão de vegetação na área de abrangência da APA de Cajati



Fonte: CETESB (2020a), elaborado por CETESB (2022).

APÊNDICE 4.6.H. Mapa dos processos minerários existentes área de abrangência da APA de Cajati



Fonte: ANM (2022), elaborado por CETESB (2022).

APÊNDICE 4.6.L Lista dos Processos Minerários existentes área de abrangência da APA de Cajati

	PROCESSO	AREA (ha)	NOME	SUBSTÂNCIA	USO	Fase ANM/CETESB
1	820677/2010	0,6	Prefeitura Municipal de Cajati	QUARTZITO	Brita	Interesse mineral futuro, em fase de requerimento de registro de extração junto à ANM
2	820280/1993	14,98	EPCCO ENGENHARIA DE PROJETOS CONSULTORIA E CONSTR LTDA	GNAISSE	Não informado	Interesse mineral futuro, com concessão de lavra, porém sem licença ambiental emitida pela CETESB
3	9342/1961	97,18	Anaconda Mineração e Empreendimentos Ltda	CALCÁRIO DOLOMÍTICO	Não informado	Interesse mineral futuro, com concessão de lavra, porém sem licença ambiental emitida pela CETESB
4	820280/1993	85,01	EPCCO ENGENHARIA DE PROJETOS CONSULTORIA E CONSTR LTDA	GNAISSE	Não informado	Em disponibilidade

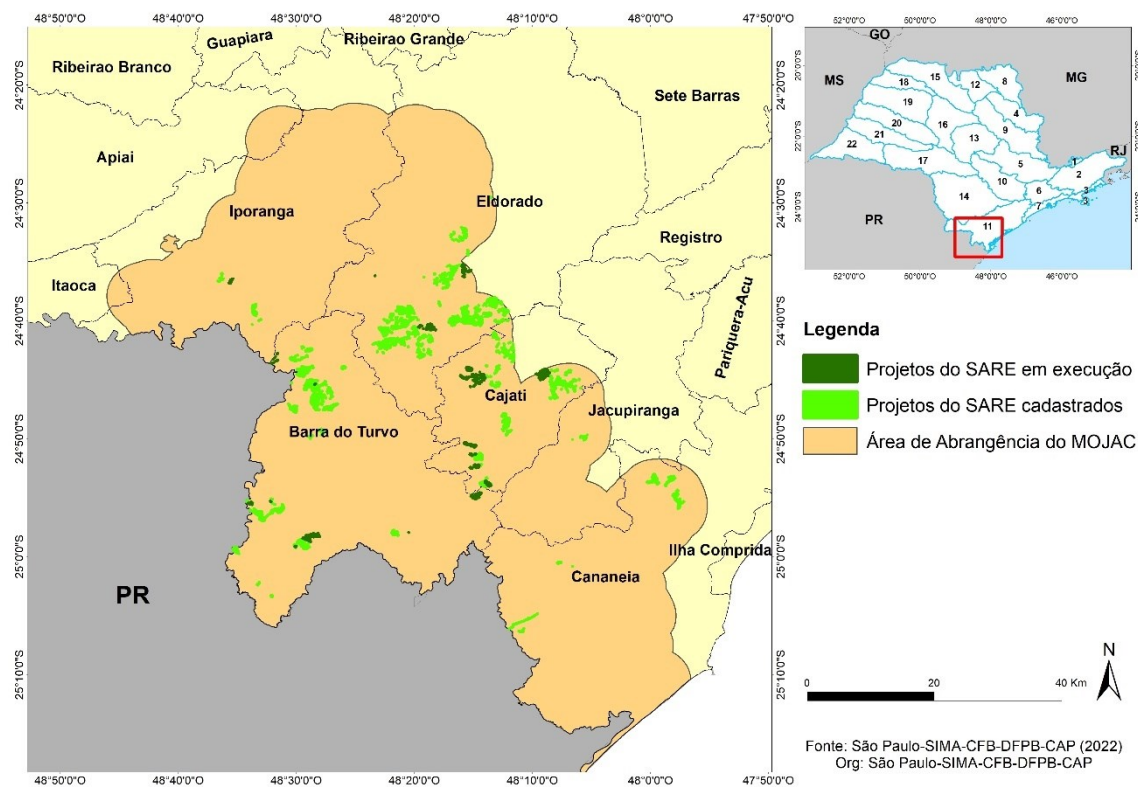
Fonte: ANM (2022), elaborado por CETESB (2022).

APÊNDICE 4.6.M. Número de projetos de restauração cadastrados, e em execução, localizados no Mosaico Jacupiranga (MOJAC)

Totais nas Unidades de Conservação	EM EXECUÇÃO		CADASTRADOS	
	Projetos	Área (ha)	Projetos	Área (ha)
Projetos SARE				
Decisão Judicial	1	0,15	4	23,49
Exigência da CETESB	39	246,13	90	34,68
Exigência CFB - Conversão de multas	6	2,03	6	2,13
Projeto voluntário	6	90,55	14	55,89
TOTAL	52	338,86	114	116,19

Fonte e elaboração: SIMA/Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade, 2022.

APÊNDICE 4.6.N Localização dos projetos de restauração cadastrados, e em execução, localizados no Mosaico Jacupiranga (MOJAC)



Fonte e elaboração: SIMA/Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade, 2022.

APÊNDICE 4.6.O. Autos de Infração Ambiental lavrados na área da APA de Cajati entre 2014 e 2021

Tipos de infração	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total	%
FAUNA	0	0	0	0	2	0	5	0	7	17,5
FLORA	2	0	2	2	4	0	12	4	26	65,0
FOGO	0	0	0	0	1	0	0	1	2	5,0
OUTRAS INFRAÇÕES	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2,5
PRODUTOS FLORESTAIS	0	0	0	0	0	1	1	1	3	7,5
UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2,5
Total Geral	2	0	4	2	7	1	18	6	40	100

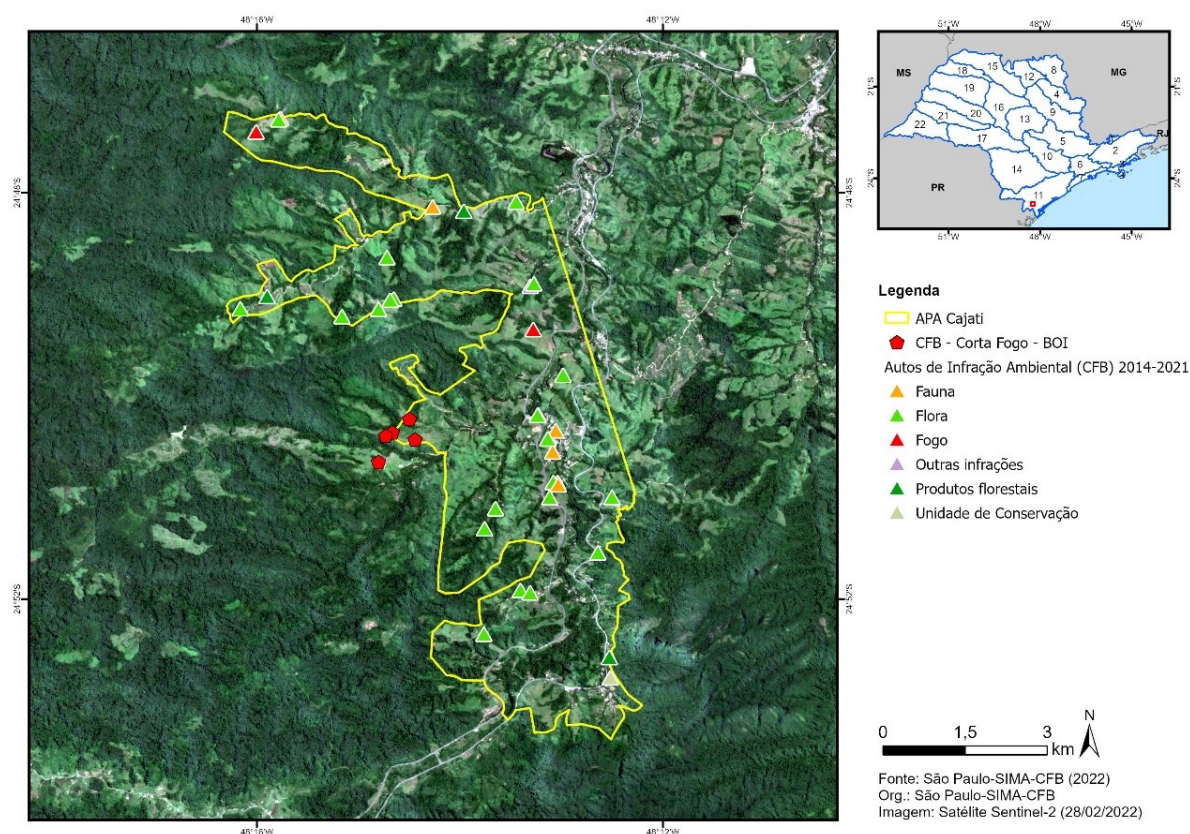
Fonte: São Paulo (2021c, 2021e), elaborado por SIMA/Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade, 2022.

APÊNDICE 4.6.P. Dimensão das áreas com intervenção na cobertura vegetal na APA de Cajati entre 2017 e 2021

Características da área	2017	2018	2019	2020	2021	Total
Inserida na UC	1,20 ha	0,52 ha	0,00 ha	4,66 ha	0,64 ha	7,19 ha

Fonte: São Paulo (2021d), elaborado por SIMA/Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade, 2022.

APÊNDICE 4.6.Q. Ocorrências e Infrações Ambientais na APA de Cajati



Fonte: São Paulo (2021c, 2021e), elaborado por SIMA/Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade, 2022.

ANEXO V – JURÍDICO INSTITUCIONAL

Metodologia

O diagnóstico jurídico-institucional da APA de Cajati foi elaborado por meio de pesquisa e análise de dados secundários produzidos por fontes diversas, dentre as quais, órgãos estaduais e federais. Os dados passíveis de espacialização foram analisados com o auxílio do software de Sistema de Informação Geográfica (SIG) ArcGIS 10.3, utilizado para criação de mapas temáticos. Com o uso desta ferramenta, dados político-administrativos e legais puderam ser inter-relacionados, subsidiando a elaboração do diagnóstico jurídico-institucional.

APÊNDICES 5.1.A. Mapa das Áreas Protegidas na área de abrangência da APA de Cajati

